

# RAY BRADBURY

# LICOR DE

# DENTE-DE-LEÃO

*“O maior autor de ficção  
científica do século XX.”*  
*The Guardian*



**BB**  
BERTRAND BRASIL

# DADOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## **Sobre nós:**

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Do Autor:

**Algo Sinistro Vem por Aí**

**Licor de Dente-de-Leão**

Ray Bradbury

LICOR DE  
DENTE-DE-LEÃO

*Tradução*  
Ryta Vinagre

**B**  
BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2013

Copyright © 1957, renovado em 1985 by Ray Bradbury  
Copyright © da tradução, 2013, by Editora Bertrand Brasil Ltda.

Título original: Dandelion Wine

Capa: Wendell Penedo

Editoração da versão impressa: DFL

Texto revisado segundo o novo  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2013

Produzido no Brasil  
*Produced in Brazil*

CIP-Brasil. Catalogação na fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B819L Bradbury, Ray, 1920-2012  
Licor de dente-de-leão [recurso eletrônico] / Ray Bradbury; tradução Ryta  
Vinagre. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.  
recurso digital

Tradução de: Dandelion wine  
Formato: ePub  
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions  
Modo de acesso: World Wide Web  
ISBN 9788528617917 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Vinagre, Ryta. II. Título.

13-01938

CDD: 813  
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados pela:  
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.  
Rua Argentina, 171 – 2º. andar – São Cristóvão  
20921-380 – Rio de Janeiro – RJ  
Tel.: (0xx21) 2585-2070 – Fax: (0xx21) 2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direta ao leitor:  
mdireto@record.com.br ou (0xx21) 2585-2002

*Para*  
*Walter I. Bradbury,*  
*nem tio nem primo,*  
*mas, inegavelmente,*  
*editor e amigo.*

# DESTE LADO DE BIZÂNCIO

## Uma Introdução



ESTE livro, como a maioria de meus livros e histórias, foi uma surpresa. Comecei a conhecer a natureza dessas surpresas, graças a Deus, quando era ainda jovem como escritor. Antes disso, como todo iniciante, achava que podíamos trazer uma ideia à existência batendo nela, esmurrando-a, espancando-a. Com tal tratamento, é claro que qualquer ideia decente retirava suas peças do tabuleiro, dava as costas, fixava os olhos na eternidade e morria.

Assim, foi com grande alívio que, no início dos meus 20 anos, me envolvi em um processo de associação de palavras através do qual eu simplesmente saía da cama toda manhã, ia até minha escrivaninha e despejava qualquer palavra ou série de palavras que por acaso passasse por minha cabeça.

Depois, eu começava minha luta contra a palavra, ou a favor dela, e criava uma variedade de personagens para lhe dar peso e me mostrar o significado dela em minha própria vida. Uma ou duas horas depois, para meu encantamento, uma nova história estava pronta e acabada. A surpresa era total e agradável. Logo descobri que teria de trabalhar dessa forma pelo resto de minha vida.

Primeiro, eu vasculhava minha mente em busca das palavras que poderiam descrever meus pesadelos pessoais, meus medos noturnos e infantis, e criava histórias a partir daí.

Depois, eu observava longamente as macieiras verdes e a velha casa em que nasci e a casa vizinha, onde moravam meus avós, e todos os gramados dos anos em que cresci, e comecei a procurar palavras para tudo aquilo.

O que você tem neste livro é uma colheita dos dentes-de-leão de todos aqueles anos. A metáfora do licor, que aparece repetidas vezes nestas páginas, é maravilhosamente apropriada. Eu estava reunindo imagens de toda a minha vida, armazenando-as e me esquecendo delas. De certo modo, tive de retornar, tendo as palavras como catalisadoras, para abrir as lembranças e ver o que tinham a oferecer.

Assim, dos 24 aos 36 anos, dificilmente se passava um dia sem que eu perambulasse por alguma lembrança que tinha do gramado de meus avós no norte de Illinois, na esperança de deparar com restos meio queimados de uma bombinha, um brinquedo enferrujado ou um fragmento de carta escrita para mim mesmo em algum ano de minha juventude, esperando entrar em contato com a pessoa mais velha que me tornei para lembrá-la do passado, de sua vida, seu povo, suas alegrias e tristezas encharcadas.

Isso se tornou um jogo em que eu me envolvia com enorme prazer; ver o quanto conseguia me lembrar a respeito dos próprios dentes-de-leão ou de colher uvas-silvestres com meu irmão e meu pai, redescobrir o criadouro de mosquitos no barril de água da chuva ao lado da janela ogival, ou de procurar o cheiro das abelhas que pareciam flocos dourados e adejavam em volta da videira de nossa varanda dos fundos. As abelhas têm mesmo um cheiro, sabia? Mas, se não têm, deveriam ter, porque seus pés são polvilhados da fragrância de um milhão de flores.

E, então, eu queria recordar como era a ravina, em especial naquelas noites em que eu ia a pé para casa depois de ver a deliciosa figura horripilante de Lon Chaney em *O fantasma da ópera*, e meu irmão, Skip, corria na frente e se escondia sob a ponte que passava sobre a enseada da ravina, como o Solitário, dava um salto e me agarrava, com um berro, e, então, eu corria, caía e voltava a correr, tagarelando por todo o caminho para casa. Era ótimo.

Ao longo do caminho, topei e me choquei, por associação de palavras, com amizades antigas e verdadeiras. Tomei emprestado meu amigo John Huff, de minha infância no Arizona, e o embarquei para o leste, até Green Town, para que eu pudesse me despedir dele de forma adequada.

Ao longo do caminho, sentei-me para cafés da manhã, almoços e jantares com os muito amados e aqueles que há muito se foram. Pois eu era um menino que amava verdadeiramente os pais e os avós e o irmão, mesmo quando esse irmão o “rejeitava”.

Ao longo do caminho, descobri-me no porão, trabalhando no lagar para meu pai, ou na varanda da frente, na noite do feriado do Dia da Independência, ajudando meu tio Bion a carregar e disparar seu canhão de bronze caseiro.

Assim, eu me surpreendi. Ninguém me disse para me surpreender, devo acrescentar. Cheguei às velhas e melhores maneiras de escrever por intermédio da ignorância e da experimentação, e foi um susto quando as verdades saltaram dos arbustos como codornizes antes do tiro de espingarda. Andei pela criatividade tão às cegas quanto qualquer criança que aprende a andar e a ver. Aprendi a deixar que meus sentidos e meu Passado me dissessem tudo o que era, de certo modo, verdadeiro.

Então, transformei-me em um menino que corria para pegar uma concha de água limpa da chuva no barril ao lado de casa. E é claro que, quanto mais água você tira, mais flui para dentro. O fluxo nunca cessou. Depois que aprendi a voltar repetidas vezes àquela época, eu tinha muitas lembranças e impressões com que brincar, não para trabalhá-las, não, para brincar. *Licor de Dente-de-Leão* não passa do menino-escondido-no-homem, brincando nos campos do Senhor, no gramado verde de outros agostos, começando a crescer, a envelhecer, e a sentir a escuridão à espreita sob as árvores para semear o sangue.

Diverti-me e, de certa forma, fiquei atordoado com um crítico, alguns anos atrás, que escrevera uma resenha sobre *Licor de Dente-de-Leão* e as obras mais realistas de Sinclair Lewis, perguntando-se como eu poderia ter nascido e sido

criado em Waukegan, que batizei de Green Town em meu romance, e não ter percebido quão feio era o porto e como eram deprimentes as docas de carvão e a malha ferroviária da cidade.

Mas, evidentemente, eu os percebi e, feiticeiro inato que era, fiquei fascinado com a beleza deles. Os trens e vagões de carga e o cheiro de carvão e fogo não são feios para uma criança. A feiura é um conceito com o qual deparamos mais tarde e do qual tomamos consciência. Contar vagões de carga é uma atividade primordial para os garotos. Os mais velhos se aborrecem, enfurecem-se e escarnecem do trem que os aguenta, mas os meninos contam e gritam alegremente os nomes dos vagões enquanto eles passam, vindos de lugares distantes.

E era dessa ferrovia supostamente feia que chegavam os parques de diversões e os circos, com elefantes que lavavam o calçamento de paralelepípedos com água quente e poderosamente ácida no escuro das cinco horas da manhã.

Quanto ao carvão das docas, eu descia a meu porão a cada outono para esperar a chegada do caminhão e de sua caçamba de metal, que pendia com um clangor e liberava uma tonelada de belos meteoros caídos do espaço longínquo em minha adega e ameaçava me sepultar sob tesouros negros.

Em outras palavras, se seu menino é um poeta, esterco de cavalo pode apenas significar flores para ele; é por elas, é claro, que o esterco de cavalo existe, afinal.

Talvez um novo poema meu explique melhor do que esta introdução o nascimento de toda a minha vida em um só livro.

Aqui está o começo dele:

*Bizâncio, de onde não venho,  
Mas venho de outra época e lugar  
Cuja raça era simples, experimentada e verdadeira;  
Como menino  
Caí em Illinois.*

*Um nome sem amor nem graça  
Era Waukegan, de lá eu vim  
E não, meus bons amigos, de Bizâncio.*

O poema continua, descrevendo minha relação de toda a vida com minha cidade natal:

*E, ainda assim, ao olhar para trás,  
Vejo, da copa da mais distante árvore,  
Uma terra tão cintilante, amada e azul  
Quanto qualquer Yeats considerou verdadeira.*

Waukegan, visitada por mim de vez em quando, não é nem mais feia nem mais bonita do que qualquer outra cidadezinha do meio-oeste. Grande parte dela é verde. As árvores *realmente* se tocam no meio das ruas. A rua diante de minha velha casa ainda é pavimentada com paralelepípedos vermelhos. De que maneira, então, a cidade foi especial? Porque nasci ali. Foi lá minha vida. Tive de escrever sobre isso quando achei apropriado:

*Assim, crescemos com os míticos mortos  
Pegando com a colher o pão do meio-oeste  
E espalhando a marmelada brilhante dos velhos deuses  
Para então extinguir-se nas sombras da manteiga de amendoim,  
Fingindo que ali, sob nosso céu,  
Estava a coxa de Afrodite...  
Enquanto, na varanda calma e destacada,  
Suas palavras de pura sabedoria, seu olhar de puro ouro,  
Meu avô, ele próprio um mito,  
Suplantava Platão  
Enquanto minha avó, na cadeira de balanço,  
Costurava a manga puída do carinho,*

*Tricotava serenos flocos de neve, raros e brilhantes,  
Para nos hibernar na noite de verão.  
E os tios, reunidos com seus fumos,  
Emitiam uma sabedoria mascarada de piada,  
E as tias, sábias como donzelas de Delfos,  
Distribuíam limonadas proféticas  
A meninos ajoelhados como acólitos  
À varanda grega nas noites de verão;  
Depois, iam para a cama, para ali arrepender-se  
Dos males da inocência;  
Os menores pecados crepitando em seus ouvidos  
Diziam, através das noites e dos anos,  
Não Illinois nem Waukegan,  
Mas o céu e o sol mais jubilosos.  
Ainda que mediócras sejam nossos Destinos  
E Mayor não seja tão brilhante quanto Yeats,  
Mesmo assim, ainda nos conhecíamos. Em suma?  
Bizâncio.  
Bizâncio.*

Waukegan/Green Town/Bizâncio.

Green Town existia *mesmo*, então?

Sim, e repito, sim.

Havia um menino real chamado John Huff?

Havia. E esse era seu verdadeiro nome. Mas ele não se afastou de mim; eu é que me afastei dele. Mas, que final feliz!, ele ainda está vivo, 42 anos depois, e se lembra de nosso amor.

Havia um Solitário?

Havia. E esse era o nome *dele*. E, à noite, ele andava por minha cidade natal, quando eu tinha 6 anos, apavorando a todos e nunca sendo capturado.

Mais importante: a grande casa em si, com vovô, vovó, os pensionistas, tios e tias, ela existia? Já respondi a isso.

A ravina é real, profunda e escura à noite? Era, é. Levei minhas filhas lá, alguns anos atrás, temeroso de que, com o tempo, a ravina pudesse ter ficado rasa. É um alívio e uma felicidade poder contar que ela está mais profunda, mais escura e mais misteriosa do que nunca. Mesmo agora, eu não passaria por ali, a caminho de casa, depois de ver *O fantasma da ópera*.

Então, aí está. Waukegan era Green Town que era Bizâncio, com toda a felicidade que isso significa, com toda a tristeza que esses nomes sugerem. As pessoas de lá eram deuses e anões e se sabiam mortais, e assim os anões andavam de cabeça erguida para não constranger os deuses, e os deuses se curvavam em sinal de reverência para que os pequenos se sentissem à vontade. E, afinal, não é disso que trata a vida, da capacidade de voltar e entrar na mente de outras pessoas para ver o milagre louco e dizer: ah, então é assim que você vê!? Bem, agora, preciso me lembrar disso.

Aqui está minha celebração, então, da morte e da vida, da sombra e da luz, do idoso e do jovem, do inteligente e do burro combinados, da súbita alegria e do completo terror escritos por um menino que um dia se pendurou de cabeça para baixo em árvores, vestido com sua fantasia de morcego e carregando presas de bala na boca, o menino que finalmente caiu das árvores quando tinha 12 anos, descobriu uma máquina de escrever de brinquedo e escreveu seu primeiro “romance”.

Uma última lembrança.

Os balões.

Raras vezes os vemos hoje em dia, embora, em alguns países, pelo que soube, ainda sejam feitos e cheios com o ar quente de uma pequena bucha de palha acesa e pendurada embaixo deles.

Mas, na Illinois de 1925, ainda os tínhamos, e uma das últimas lembranças que tenho de meu avô é a última hora da noite de 4 de julho, 48 anos atrás, quando ele e eu fomos para o gramado, acendemos uma fogueirinha e enchemos com ar quente o balão de papel listrado de vermelho, branco e azul,

em formato de pera, e seguramos o anjo resplandecente e tremulante um último momento, diante da varanda, cercados de tios e tias e primos e mães e pais, e então, com muita delicadeza, deixamos a coisa que era vida, luz e mistério sair de nossos dedos para o ar de verão, sobrevoando as casas que começavam a dormir, em meio às estrelas, tão frágil, tão maravilhoso, tão vulnerável, tão adorável como a própria vida.

Vejo meu avô ali, olhando para cima, para aquela estranha luz à deriva, absorto em seus calmos pensamentos. Vejo a mim mesmo, meus olhos cheios de lágrimas, porque tudo havia acabado, a noite se fora, e eu sabia que nunca haveria outra noite como aquela.

Ninguém disse nada. Todos nós apenas olhamos para o céu e expiramos e inspiramos, e todos nós pensamos as mesmas coisas, mas ninguém falou. Entretanto, alguém, enfim, tem de falar, não tem? E esse alguém sou eu.

O licor ainda espera lá embaixo, na adega.

Minha amada família ainda se senta na varanda, no escuro.

O balão ainda vaga e arde no céu noturno de um verão até agora insepulto.

Por que e como?

Porque eu digo que é assim.

Ray Bradbury  
*Verão de 1974*



ERA uma manhã tranquila, a cidade sob o manto da escuridão e sossegada na cama. O clima do verão se inflamava, o vento tinha o toque certo, o hálito do mundo era longo, quente e lento. Só era preciso se levantar, inclinar-se na janela e saber que esta era a primeira hora genuína de liberdade e vida, esta era a primeira manhã do verão.

Douglas Spaulding, 12 anos, recém-desperto, deixou que a preguiça o invadisse em sua torrente de início do dia. Deitado no quarto da Cúpula do terceiro andar, sentiu o elevado poder que lhe dava, altaneira no vento de junho, a maior torre da cidade. À noite, quando as árvores desbotavam, ele faiscava seu olhar como a luz de um farol para todo lado, por sobre os mares fervilhantes de olmos, carvalhos e bordos. Agora...

— Rapaz — sussurrou Douglas.

Todo um verão à frente no calendário, dia após dia. Como a deusa Shiva nos livros de viagem, ele viu suas mãos pularem para toda parte, arrancarem maçãs verdes, peras e ameixas escuras. Ele se abasteceria em árvores e arbustos e rios. Congelaria, satisfeito, na porta do frigorífico com sua camada de gelo. Ele assaria, feliz, com dez mil frangos na cozinha da avó.

Mas agora — uma tarefa familiar esperava por ele.

Uma noite por semana, Douglas tinha permissão para deixar o pai, a mãe e o irmão mais novo, Tom, dormindo na pequena casa vizinha e correr até ali. Ele subia a escada caracol para a cúpula dos avós e, em sua torre de bruxo, dormia com trovoadas e visões, e acordava antes do tilintar de cristal das garrafas de leite para cumprir seu ritual.

Ele ficou de pé junto à janela aberta no escuro, respirou fundo e expirou.

As luzes da rua, como velas em um bolo preto, apagaram-se. Ele expirou repetidas vezes, e as estrelas começaram a desaparecer.

Douglas sorriu. Apontou um dedo.

Ali e lá. Agora mais para cá, e para lá...

Quadrados amarelos foram recortados na terra indistinta da manhã enquanto as luzes das casas piscavam lentamente. De súbito, um chuvisco de janelas se acendeu aos milhares no amanhecer da região.

— Todo mundo bocejando. Todo mundo de pé.

A grande casa se agitou lá embaixo.

— Vovô, tire sua dentadura do copo d'água! — Ele esperou um intervalo de tempo razoável. — Vovó e bisavó, fritem bolinhos!

O cheiro quente de massa frita subiu pelos corredores ventosos e agitou em seus quartos os pensionistas, as tias, os tios, os primos de visita.

— Rua em que moram todos os Velhos, acorde! Srta. Helen Loomis, coronel Freeleigh, srta. Bentley! Tussam, levantem-se, tomem comprimidos, mexam-se! Sr. Jonas, puxe seu cavalo, tire a carroça de sucata e mexa-se!

As mansões tristes do outro lado da ravina abriram os olhos maléficos de um dragão. Logo, nas avenidas matinais abaixo, duas velhas deslizariam sua Máquina Verde elétrica, enxotando todos os cães.

— Sr. Tridden, corra para a garagem do bonde! — Logo um azul vivo e disperso cintilou embaixo dela, e o bonde da cidade navegaria pelas ruas de tijolos à margem do rio.

— Prontos, John Huff, Charlie Woodman? — sussurrou Douglas para a Rua das Crianças. — Prontos! — para as bolas de beisebol afundadas nos gramados molhados, para cordas balançando vazias nas árvores.

— Mãe, pai, Tom, acordem.

Despertadores tocaram fraquinho. O relógio do tribunal ribombou. Passarinhos pularam das árvores como se sua mão atirasse uma rede, cantando. Douglas, regendo uma orquestra, apontou o céu a leste.

O sol começou a nascer.

Ele cruzou os braços e deu um sorriso de mágico. Sim, senhor, pensou ele, todo mundo pulando, todo mundo correndo quando eu mandar. Será uma boa estação.

Ele deu um último estalar de dedos para a cidade.

Portas se abriram; pessoas saíram.

O verão de 1928 havia começado.



ATRAVESSANDO o gramado naquela manhã, Douglas Spaulding rompeu uma teia de aranha com o rosto. Um único fio invisível no ar tocou sua testa e se partiu sem som algum.

Assim, com o mais sutil dos incidentes, ele sabia que aquele dia ia ser diferente. Ia ser diferente também porque, como explicou seu pai, levando de carro Douglas e o irmão, Tom, de 10 anos, da cidade para o campo, havia alguns dias compostos inteiramente de cheiros, nada a não ser o mundo entrando por uma narina e saindo pela outra. E alguns dias, continuou ele, eram para ouvir cada som de trombeta e trinado do universo. Alguns dias eram bons para o paladar, outros para o tato. E alguns dias eram bons para todos os sentidos ao mesmo tempo. Aquele dia, assentiu o pai, tinha cheiro, como se um pomar grande e inominável tivesse crescido da noite para o dia além das colinas e enchesse toda a terra visível com seu frescor caloroso. O ar tinha cheiro de chuva, mas não havia nuvens. Por um momento, um estranho podia rir no bosque, mas havia silêncio...

Douglas olhou a terra que se movia à medida que o carro passava. Não sentiu cheiro de pomares nem de chuva, porque, sem macieiras nem nuvens, ele sabia que nenhuma das duas coisas podia existir. E o estranho rindo no fundo do bosque...?

Entretanto, o fato continuava sendo que (Douglas estremeceu) aquele, sem motivo nenhum, era um dia especial.

O carro parou bem no meio da floresta silenciosa.

— Muito bem, meninos, comportem-se.

Eles trocaram cotoveladas.

— Sim, senhor.

Saíram carregando os baldes de estanho azul da estrada de terra solitária para o cheiro da chuva que caía.

— Cuidado com as abelhas — disse o pai. — As abelhas voam em volta das uvas, como meninos nas cozinhas. Doug?

Douglas olhou para cima de repente.

— Você está a quilômetros de distância. Mexa-se. Acompanhe a gente.

— Sim, senhor.

E eles atravessaram a floresta, o pai muito alto, Douglas movendo-se em sua sombra, e Tom, muito menor, trotando na sombra do irmão. Chegaram a uma pequena elevação e olharam à frente. Ali, ali, estavam vendo?, apontou o pai. Era ali que os grandes ventos do silêncio do verão moravam e cruzavam as grandes profundezas, como baleias fantasmas, sem ser vistos.

Douglas olhou rapidamente, não viu nada e sentiu-se incitado pelo pai, que, como o avô, vivia falando por enigmas. Mas... Mas, ainda assim... Douglas parou e escutou.

Sim, alguma coisa ia acontecer, pensou ele. Eu sei disso!

— Aqui está a avenca. — O pai andava, o balde de estanho bojudado em seu pulso. — Sentiram isso? — Ele arranhou a terra. — Um milhão de anos do bom e rico húmus depositado aqui. Pensem nos outonos que se passaram para produzir isso.

— Cara, eu ando feito um índio — disse Tom. — Não faço nenhum barulho.

Douglas sentiu e não sentiu a terra preta e funda, escutando, atento. Estamos cercados!, pensou ele. Vai acontecer! O quê? Ele parou. Saia, de onde você estiver, o que quer que seja!, gritou ele em silêncio.

Tom e o pai vagavam na frente, na terra silenciosa.

— A mais linda renda que há — disse baixinho o pai.

E ele gesticulava para as árvores no alto, mostrando-lhes como eram tecidas no céu ou como o céu era tecido nas árvores, não sabia ao certo. Mas ali estava, Douglas sorriu, e a renda continuava, verde e azul, se você olhasse e visse a floresta mudar sua vigorosa tecelagem. O pai dizia confortavelmente isso e aquilo, as palavras fáceis em sua boca. Ele facilitava tudo, rindo de suas próprias declarações com demasiada frequência. Gostava de ouvir o silêncio, disse o pai, se naquele silêncio podia ser ouvido, porque, continuou, naquele silêncio era possível ouvir o pólen de flores silvestres se acomodando no ar empestado de abelhas, por Deus, o ar empestado de abelhas! Ouçam! A cascata de canto de pássaros depois daquelas árvores!

Agora, pensou Douglas, lá vem! Correndo! Não estou vendo! Correndo! Está quase em mim!

— Uvas Cataúba! — disse o pai. — Estamos com sorte, olhem aqui!

Não! Douglas arfou.

Mas Tom e o pai curvaram-se para enfiar as mãos bem fundo no arbusto agitado. O feitiço se desfez. O espreitador terrível, o corredor magnífico, o saltador, o agitador de almas, desapareceu.

Douglas, perdido e vazio, caiu de joelhos. Viu seus dedos afundarem na sombra verde e saírem manchados de tal cor que ele parecia ter cortado a floresta e penetrado a mão na ferida aberta.

— Hora do almoço, meninos!

Com baldes cheios até a metade de uvas e morangos silvestres, seguidos por abelhas que eram, nem mais nem menos, disse o pai, o mundo zumbindo sob seu hálito, eles se sentaram no tronco coberto de musgo, comendo sanduíches e tentando ouvir a floresta da mesma maneira que o pai. Douglas sentiu que o pai o observava, divertindo-se em silêncio. O pai ia dizer alguma coisa que passara por sua cabeça, mas, em vez disso, deu outra mordida no sanduíche e refletiu sobre ele.

— Um sanduíche ao ar livre já não é mais um sanduíche. Tem um gosto diferente do que tem dentro de casa, perceberam? Fica mais temperado. Tem gosto de hortelã e seiva de pinheiro. Não surpreende esse apetite todo.

A língua de Douglas hesitou na textura do pão e do presunto condimentado. Não... Não... Era só um sanduíche.

Tom mastigou e assentiu.

— Entendi o que você disse, pai!

Quase aconteceu, pensou Douglas. O que quer que fosse, era Grande, Deus, era Grande! Algo o assustou. Onde está agora? Voltou para o arbusto! Não, atrás de mim! Aqui não... Quase *aqui*... Douglas massageou a barriga às escondidas.

Se eu esperar, vai voltar. Não ia doer; de certo modo, sei que não está aqui para me machucar. O quê, então? O quê? O quê?

— Sabe quantas partidas de beisebol jogamos este ano, no ano passado, no ano retrasado? — disse Tom, a respeito de nada.

Douglas observou o rápido movimento dos lábios de Tom.

— Pode escrever! Mil quinhentos e sessenta e oito partidas! Quantas vezes escovei meus dentes em dez anos? Seis mil! Lavei minhas mãos: 15 mil. Dormi: 4 mil e tantas vezes, sem contar os cochilos. Comi: seiscentos pêssegos, oitocentas maçãs. Peras: duzentas. Não gosto muito de peras. Diga qualquer coisa, eu tenho a estatística! Vai até milhões de bilhões, as coisas que eu fiz em dez anos, somadas.

Agora, pensou Douglas, está chegando perto de novo. Por quê? Tom falando? Mas por que Tom? Tom tagarelando, a boca cheia de sanduíche, papai ali, alerta como um felino montanhês no tronco e Tom deixando as palavras subirem como bolhas de refrigerante em sua boca.

— Livros que li: quatrocentos. Matinês que vi: quarenta do Buck Jones, trinta do Jack Hoxy, 45 do Tom Mix, 39 do Hoot Gibson, 192 desenhos animados do Gato Félix separados, dez do Douglas Fairbanks, oito reprises do Lon Chaney no *Fantasma da Ópera*, quatro do Milton Sills e uma coisa de Adolph Menjou sobre o amor que passei noventa horas no banheiro do cinema

esperando a bobeira acabar e eu poder ver *O Gato e o Canário* ou *O Morcego*, quando todo mundo segurou todo mundo e gritou por duas horas sem parar. Durante esse tempo, contei quatrocentos pirulitos, trezentos bolinhos Tootsie Rolls, setecentos sorvetes de casquinha...

Tom continuou tranquilamente por mais cinco minutos, e depois papai disse:

— Quantas cerejas pegou até agora, Tom?

— Exatamente 256! — disse Tom de imediato.

O pai riu, e o almoço terminou, e eles andaram novamente nas sombras para encontrar uvas Cataúba e os minúsculos morangos silvestres, abaixaram-se, os três, as mãos indo e vindo, os baldes ficando pesados e Douglas prendendo a respiração, pensando, sim, sim, está perto de novo! Respirando na minha nuca, quase! Não olhe! Trabalhe. Apenas pegue, encha o balde. Se olhar, vai morrer com o susto. Não perca seu tempo! Mas como você trouxe a Coisa até aqui, onde pôde vê-la, olhar direto em seus olhos? Como? Como?

— Peguei um floco de neve em uma caixa de fósforos — disse Tom, sorrindo para a luva de colheita na mão.

Cala a boca! Douglas queria gritar. Mas não, o grito assustaria os ecos e afugentaria a Coisa!

Mas espere aí... Quanto mais Tom falava, mais perto a grande Coisa chegava. Ela não estava com medo de Tom, ele a atraía com seu hálito. Tom fazia parte dela!

— Em fevereiro — disse Tom, e riu. — Estendi uma caixa de fósforos em uma nevasca, deixei um floco de neve cair, fechei a caixa, corri para dentro de casa e a coloquei na geladeira!

Perto, muito perto, Douglas fitou os lábios palpitantes de Tom. Queria pular dali, porque sentia a vasta onda da maré erguendo-se na floresta. Em um minuto quebraria, esmagaria os três para sempre...

— Sim, senhor — refletiu Tom, pegando uvas. — Sou o único garoto em toda Illinois que tem um floco de neve no verão. Precioso como diamante, juro por Deus. Amanhã vou abrir. Doug, você também pode olhar...

Em qualquer outro dia, Douglas teria bufado, atacado, negado tudo. Mas agora, com a grande Coisa correndo por perto, despencando no ar puro acima dele, ele só conseguiu assentir, olhos fechados.

Tom, confuso, parou de pegar as frutinhas e se virou para olhar o irmão por sobre o ombro.

Douglas, recurvado, era um alvo ideal. Tom pulou, gritando, e pousou. Eles caíram, debateram-se e rolaram.

Não! Douglas forçou sua mente a se fechar. Não! Mas de repente... Sim, é isso mesmo! Sim! O emaranhado, o contato dos corpos, o tombo não assustaram a maré que agora quebrava, inundando e levando-os pela margem relvada bem no fundo da floresta. Nós de dedos prenderam sua boca. Ele sentiu o gosto bolorento de sangue quente, agarrou Tom com força, segurou-o firmemente e assim, no silêncio, eles ficaram deitados, os corações agitados, as narinas sibilando. E, por fim, devagar, com medo de nada encontrar, Douglas abriu um olho.

E tudo, absolutamente tudo, estava ali.

O mundo, como uma grande íris de um olho ainda mais gigantesco que também acabara de se abrir e que se estendia, a tudo abrangendo, e olhava para ele.

E ele sabia que a Coisa pulara nele para ficar e não fugiria mais.

*Estou vivo*, pensou ele.

Seu dedos tremiam, brilhando de sangue, como farrapos de uma bandeira desconhecida, agora descoberta e jamais vista, e ele se perguntou de que país e de que soberano ela seria. Segurando Tom, mas sem saber que ele estava ali, Douglas levou a mão livre àquele sangue como se pudesse ser descascado, segurado, virado. Depois soltou Tom e ficou deitado de costas com os olhos perscrutando o céu. Ele era uma cabeça cujos olhos espiavam como sentinelas pela grade levadiça de um castelo estranho ao longo de uma ponte, seu braço, até aqueles dedos onde o galhardete reluzente de sangue tremulava na luz.

— Você está bem, Doug? — perguntou Tom.

A voz do irmão vinha do fundo de um lodo verde bem debaixo da água, secreta, longínqua.

A relva sussurrou sob o corpo de Douglas. Baixou o braço, sentindo nele o manto de penugem e, longe, embaixo, os dedos dos pés rangendo nos sapatos. O vento suspirou sobre suas orelhas descamadas. O mundo deslizou luminoso sobre a esfera vítrea de seus globos oculares como imagens luzidias em uma bola de cristal. Flores eram sóis, e pontos ígneos do céu espalhavam-se pelo bosque. Pássaros palpitavam como pedras que pulam no vasto lago invertido do céu. Sua respiração revolveu-se em seus dentes, entrava gelo, saía fogo. Insetos se chocavam no ar com uma nitidez elétrica. Dez mil fios de cabelo cresciam um milionésimo de centímetro em sua cabeça. Ele ouviu dois corações batendo, um em cada orelha, os dois corações pulsando, o verdadeiro coração martelando no peito. Os poros de seu corpo, o milhão deles, se abriram.

Eu estou vivo *mesmo!*, pensou ele. Eu nunca soube disso antes ou, se soubesse, não ia me lembrar!

Ele gritou isso bem alto, mas em silêncio, umas dez vezes! Pense nisso, pense nisso! Doze anos de idade e só agora! Só agora descobrindo esse cronômetro raro, esse relógio que brilha feito ouro com a garantia de funcionar por setenta anos, deixado sob uma árvore e descoberto enquanto lutava.

— Doug, está tudo bem?

Douglas gritou, agarrou Tom e rolou.

— Doug, você está louco!

— Louco!

Eles caíram morro abaixo, o sol na boca, nos olhos de vidro estilhaçado, arfando como um peixe subindo o rio, rindo de chorar.

— Doug, você não está chateado?

— Não, não, não, não, não!

Douglas, de olhos fechados, viu pegadas de leopardo no escuro.

— Tom! — Depois mais baixo: — Tom... Será que todo mundo no planeta... sabe que está vivo?

— Claro. Ora essa, sim!

Os leopardos trotaram em silêncio para terras mais escuras, onde os globos oculares não podem se virar para seguir.

— Espero que sim — sussurrou Douglas. — Ah, espero mesmo que saibam.

Douglas abriu os olhos. O pai assomava de pé acima dele, ali no céu de folhas verdes, rindo, as mãos na cintura. Seus olhos se encontraram. Douglas recobrou o ânimo. Papai sabe, pensou ele. Foi tudo planejado. Ele nos trouxe aqui de propósito para que isso acontecesse comigo! Ele está envolvido, ele sabe de tudo. E, agora, ele sabe que eu sei.

Uma mão desceu e o ergueu no ar. Balançando de pé com Tom e o pai, ainda contundido e amarrotado, confuso e pasmado, Douglas segurou ternamente os cotovelos de ossos estranhos e lambeu o corte fino com satisfação. Depois olhou o pai e Tom.

— Vou levar todos os baldes — disse ele. — Desta vez, me deixe carregar tudo.

Eles lhe entregaram os baldes com um sorriso irônico.

Ele vacilou um pouco de pé, a floresta imperturbável, totalmente pesada, pesada de xarope, agarrada firme nas mãos do menino, jogadas para baixo. Quero sentir tudo que há para sentir, pensou ele. Deixem-me sentir cansaço, agora, deixem que eu sinta o cansaço. Não posso esquecer, estou vivo, sei que estou vivo, não posso esquecer isso essa noite, nem amanhã, nem depois de amanhã.

As abelhas iam seguindo, e o cheiro de uvas Cataúba e o verão amarelo acompanharam o andar sobrecarregado e meio trôpego de Douglas, os dedos maravilhosamente calejados, os braços entorpecidos, os pés tropeçando tanto que o pai o pegou pelo ombro.

— Não — murmurou Douglas —, está tudo bem. Eu estou bem...

Levou meia hora para que a sensação da relva, das raízes, das pedras, da casca do tronco musgoso desaparecesse de onde eles tinham formado padrões em seus braços e nas pernas e costas. Enquanto ponderava sobre isso, ele

deixava que escorregasse, deslizesse, se dissolvesse. O irmão e o pai, em silêncio, seguiam atrás, permitindo que ele desbravasse a floresta sozinho para aquela incrível estrada que os levaria de volta à cidade...



A CIDADE, naquele mesmo dia.

E ainda outra colheita.

O avô de pé na ampla varanda da frente, como um capitão supervisionando a vasta calmaria imóvel de uma estação inerte à frente. Ele interrogava o vento, o céu intocável e o gramado onde Douglas e Tom estavam esperando para interrogá-lo.

— Vovô, estão prontas? Agora?

O avô beliscou o queixo.

— Quinhentos, mil, 2 mil, tranquilamente. Sim, sim, um bom suprimento. Peguem, peguem todas. Dez centavos para cada saco levado até a prensa!

— Oba!

Os meninos se abaixaram, sorrindo. Pegaram as flores douradas. As flores que inundavam o mundo, gotejavam de gramados em ruas de tijolos, batiam delicadamente nas janelas do porão de cristal e se agitavam tanto que, por todos os lados, havia o deslumbramento e o resplendor do sol liquefeito.

— Todo ano — disse o avô. — Elas atacam às cegas. Eu deixo. Orgulho de leões no quintal. Olhe, e elas queimam um buraco na sua retina. Uma flor

comum, um mato que ninguém vê, isso sim. Mas, para nós, uma coisa nobre, o dente-de-leão.

Assim, apanhados com cuidado, em sacos, os dentes-de-leão eram carregados para baixo. O porão escuro brilhava com sua chegada. O lagar estava aberto, frio. Um afluxo de flores o aqueceu. O lagar reposicionado, sua tarraxa girando, torcida pelo avô, espremendo gentilmente a safra.

— Aqui... Assim...

A maré dourada, a essência daquela linda chuva do mês, depois vertida do bico abaixo para ser alquebrada, escumada de fermento e engarrafada em vidros de ketchup limpos, depois alinhados em filas cintilantes no escuro do porão.

Licor de dente-de-leão.

As palavras eram como o verão na língua. O licor era o verão colhido e imobilizado. E, agora que Douglas sabia, de fato sabia, que estava vivo e girava pelo mundo para tudo tocar e ver, era bem adequado que parte daquele novo conhecimento, parte de seu dia de safra especial, fosse selada e aberta em um dia de janeiro, com a neve caindo célere e o sol invisível por semanas ou meses, e talvez parte do milagre fosse então esquecido e precisasse ser renovado. Como aquele ia ser um verão de maravilhas incalculáveis, Douglas queria que tudo fosse recuperado e rotulado para que, sempre que quisesse, pudesse descer na ponta dos pés àquele crepúsculo úmido e estender a ponta dos dedos.

E ali, fila após fila, com o brilho suave de flores abertas de manhã, com a luz de seu sol de junho reluzindo através de uma camada fraca de poeira, ficaria o licor de dente-de-leão. Olhe através dele em um dia de inverno. A neve se derretia na relva, as árvores eram reabitadas de passarinhos, folhas e botões, como um continente de borboletas respirando no vento. E, entremostrando-se, o céu colorido do férreo ao azul.

Segure o verão em sua mão, despeje o verão em um copo, um copo minúsculo, é claro, o menor gole ardido para as crianças. Mude a estação em suas veias só de erguer o copo aos lábios e jogar o verão para dentro.

— Pronto, agora, o barril de água da chuva!

Nada mais no mundo serviria além das águas puras que foram coletadas dos lagos muito distantes e campos doces de orvalho relvoso no início da manhã, elevadas a céu aberto, roçadas pelo vento, eletrificadas com alta voltagem e condensadas sob o ar frio. Essa água, caindo com a chuva, reunida mais uma vez dos céus em seus cristais. Trazendo algo do vento leste e do vento oeste e do vento norte e do sul, a água se tornava chuva, e a chuva, naquela hora de rituais, estava prestes a se tornar licor.

Douglas correu com a concha. Mergulhou-a fundo no barril de água da chuva.

— Lá vamos nós!

A água era sedosa na concha. Clara, uma seda azul tênue. Suavizava o lábio e a garganta e o coração se ingerida. Aquela água devia ser levada em concha e balde até o porão, para ali, em corredeiras, os regatos de montanha, fermentar na colheita de dentes-de-leão.

Até a avó, quando a neve rodopiava rápida, aturdindo o mundo, cerrando as janelas, roubando o hálito de bocas que arfavam, até a avó, em um dia em fevereiro, desapareceria no porão.

Acima, na ampla casa, haveria tosses, espirros, chiados e gemidos, febres infantis, gargantas ásperas como carne de açougue, narizes feito cerejas engarrafadas, o micróbio furtivo em toda parte.

Depois, subindo do porão como uma deusa de junho, a avó apareceria, algo escondido, mas óbvio, sob o xale tricotado. Aquilo, carregado a cada quarto infeliz nos dois andares, seria dispensado com aroma e pureza em requintadas taças, para ser bebido de um só gole, com elegância. O remédio de outra época, o bálsamo de sol e tardes indolentes de agosto, os sons nem bem ouvidos de carroças de gelo passando nas ruas de tijolos, o disparar de foguetes prateados e a fonte de aparadores de grama movendo-se pelas terras das formigas, tudo isso, tudo isso em uma taça.

Sim, até a avó, atraída ao porão de inverno para uma aventura de junho, podia ficar ali, sozinha e em silêncio, em conclave secreto com sua alma e seu espírito, como faziam o avô, o pai e o tio Bert, ou alguns dos pensionistas, em

comunhão com o último toque de um calendário que partira havia muito tempo, com os piqueniques e as chuvas quentes e o cheiro dos campos de trigo e a pipoca recente e o feno recurvo. Até a avó, repetindo sem parar as palavras bonitas e douradas, mesmo quando eram ditas agora, naquele momento em que as flores eram colocadas no lugar, como elas seriam repetidas todo o inverno por todos os invernos brancos da eternidade. Dizê-las repetidas vezes nos lábios, como um sorriso, como um trecho repentino de luz do sol na escuridão.

Licor de dente-de-leão. Licor de dente-de-leão. Licor de dente-de-leão.



VOCÊ não os ouviu chegando. Mal os ouviu partir. A relva se curva e se ergue outra vez. Eles passaram como sombras de nuvem morro abaixo... Os meninos do verão, correndo.

Douglas, que ficara para trás, estava perdido. Ofegante, parou na beira da ravina, na margem do abismo que soprava suavemente. Ali, de orelhas eriçadas como um cervo, sentiu o cheiro de um perigo de mais de 1 bilhão de anos atrás. Ali a cidade, dividida, separava-se ao meio. Ali, a civilização cessava. Ali, só havia a terra em crescimento e 1 milhão de mortes e renascimentos a cada hora.

E ali os caminhos, feitos ou ainda desfeitos, que falavam da necessidade de os meninos andarem, sempre andarem, para se tornarem homens.

Douglas se virou. Aquele caminho, em uma grande serpente poeirenta, levava ao frigorífico onde o inverno vivia nos dias traiçoeiros. Aquela trilha corria para as areias de alto-forno da margem do lago em julho. Aquela, para as árvores onde os meninos podiam crescer como maçãs ácidas e silvestres ainda verdes, escondendo-se entre as folhas. Aquela outra, para o pomar de pêsegos, a pérgula de videiras, melancias no chão como gatos com pelo de tartaruga adormecidos ao sol. Aquele caminho, abandonado, mas que girava loucamente, ia para a escola! Aquele outro, reto como uma flecha, para as matinês de

caubóis nos sábados. E aquele, pelas águas do regato, para a selva depois da cidade...

Douglas piscou.

Quem poderia dizer onde começavam a cidade ou a mata? Quem poderia dizer o que era dono do quê? Para todo o sempre, houve aquele lugar indefinível onde as duas lutavam, e uma delas vencia por uma estação e tomava posse de uma determinada avenida, um pequeno vale, uma ravina, uma árvore, um arbusto. O tênue marulhar do grande mar continental de relva e flores, começando longe, nos campos solitários, entrando com o empuxo das estações. A cada noite, a mata, os prados, o campo distante fluíam regato abaixo pela ravina e jorravam na cidade, com um cheiro de mato e água, e a cidade era desabitada e morta e voltava à terra. E, a cada manhã, um pouco mais da ravina avançava para a cidade, ameaçando submergir garagens como botes furados, devorar antigos carros que foram deixados descascando à mercê da chuva e da ferrugem.

— Ei! Ei! — John Huff e Charlie Woodman correram pelo mistério da ravina, da cidade e do tempo. — Ei!

Douglas desceu a trilha lentamente. A ravina era, na verdade, o lugar onde você ia olhar as duas coisas da vida, as leis do homem e as do mundo natural. Afinal, a cidade era apenas um grande barco cheio de sobreviventes em movimento constante, saltando na relva, raspando a ferrugem. De vez em quando, um bote salva-vidas, uma choupana, um parente do barco-mãe, perdido na tempestade silenciosa das estações, afundava nas ondas silenciosas de cupins e formigas que devoravam a ravina, para sentir o adejar de gafanhotos agitando-se como papel seco no mato quente, tornar-se à prova de som e, finalmente, na avalanche de telhas e alcatrão, desabar como santuários feitos de gravetos em uma fogueira, que tempestades acendiam com o relâmpago azul, enquanto disparavam *flashes* fotográficos no triunfo da vastidão.

Então era isso, o mistério do homem apoderando-se da terra, e a terra retomando o que lhe pertencia, ano após ano, que atraía Douglas. Sabendo que

as cidades nunca venciam realmente, apenas existiam em um perigo sossegado, plenamente equipadas com cortadores de grama, *spray* contra insetos e aparadores de sebes, nadando constantemente como a civilização disse para nadar, mas cada casa pronta para afundar em marés verdes, sepultadas para sempre, quando o último homem cessasse e seus cortadores e tesouras de jardineiro se despedaçassem em flocos de ferrugem, como cereais.

A cidade. A mata. As casas. A ravina. Douglas piscou de um lado para outro. Mas como relacionar as duas, encontrar sentido na troca quando...

Seus olhos desceram ao chão.

O primeiro rito do verão, a colheita do dente-de-leão, o início do licor, acabara. Agora, o segundo rito esperava que ele fizesse os movimentos, mas ele ficou ali, imóvel.

— Doug... Vem... Doug...! — Os meninos que corriam desapareceram.

— Estou vivo — disse Douglas. — Mas com que fim? Eles estão mais vivos que eu. Como pode ser? Como pode?

E, parado ali, sozinho, ele sabia a resposta, fitando os pés imóveis...



NO FINAL daquela noite, indo para casa com a mãe e o pai e o irmão, Tom, depois de irem ao cinema, Douglas viu os tênis na vitrine iluminada da loja. Ele desviou os olhos rapidamente, depois se apressou. A terra girou. Os toldos da loja bateram suas asas de lona no alto, com o impulso de seu corpo correndo. A mãe e o pai e o irmão andavam rapidamente dos dois lados dele. Douglas andou de costas, olhando os tênis na vitrine da meia-noite, que ficara para trás.

— Foi um bom filme — disse a mãe.

Douglas murmurou:

— Foi...

Era junho, e já passara havia muito tempo a hora de comprar os sapatos especiais que eram silenciosos como a chuva de verão batendo nas calçadas. Junho, e a terra cheia de pó bruto e tudo em movimento em toda parte. A relva ainda se derramava do campo, cercando as calçadas, encalhando nas casas. A qualquer momento, a cidade capotaria, cairia e não restaria sequer um movimento no trevo e no mato. E ali Douglas parou, preso no cimento morto e nas ruas de tijolos vermelhos, incapaz de se mover.

— Pai! — disse, de repente. — Volte ali naquela vitrine, aqueles tênis Cream-Sponge Para Litefoot...

O pai nem sequer se virou.

— Imagino que vá me dizer por que precisa de um novo par de tênis. Pode fazer isso?

— Bem...

Era porque eles pareciam ter o jeito de todo verão quando você tira os sapatos pela primeira vez e corre na relva. Pareciam o jeito como esticamos os pés para fora dos cobertores quentes no inverno e deixamos o vento frio da janela aberta soprar neles, e você deixa que fiquem ali por um bom tempo até os puxar de volta para as cobertas para senti-los, como neve embalada. Os tênis pareciam sempre a primeira vez de todo ano vagando pelas águas lentas do regato e vendo seus pés, 1 centímetro correnteza abaixo, com a refração, em vez de ver a parte real de você acima da água.

— Pai — disse Douglas —, é difícil explicar.

De certo modo, as pessoas que fabricavam tênis sabiam do que os meninos precisavam e o que queriam. Eles colocavam marshmallows e molas nas solas e teciam o restante em mato alvejado e queimado na selva. Em algum lugar no fundo da marga macia dos tênis, escondiam-se os tendões finos e duros do cervo. As pessoas que fabricavam os tênis deviam ter visto muitos ventos soprando nas árvores e muitos rios descendo para os lagos. O que quer que fosse, estava nos sapatos, e era verão.

Douglas tentou colocar tudo isso em palavras.

— Sim — disse o pai —, mas qual é o problema dos tênis do ano passado? Por que não pode tirar *aqueles tênis* do armário?

Bem, ele lamentava pelos meninos que moravam na Califórnia, onde se usavam tênis o ano todo e nunca se sabia como era tirar o inverno dos pés, retirar os sapatos de couro duro cheios de neve e chuva e correr descalço o dia todo, depois amarrar os primeiros tênis novos da estação, que eram melhores que ficar descalço. A magia sempre estava no novo par de sapatos. A noite mágica podia morrer em 1º de setembro, mas agora, no final de junho, ainda havia muita magia, e sapatos assim podiam fazer você pular nas árvores, nos

rios e nas casas. E, se você quisesse, podiam fazer você pular cercas e calçadas e cães.

— Não entende? — disse Douglas. — Eu simplesmente *não posso* usar o par do ano passado.

Porque o par do ano passado estava morto por dentro. Era ótimo quando Douglas começou a usá-lo, no ano anterior. Mas, no final do verão, todo ano, você sempre descobria, sabia que não podia realmente pular rios e árvores e casas com aquele par, ele estava morto. Mas aquele era um novo ano, e Douglas sentia que, daquela vez, com o novo par de tênis, podia fazer qualquer coisa, absolutamente qualquer coisa.

Eles subiram a escada da casa.

— Economize seu dinheiro — disse o pai. — Daqui a cinco ou seis semanas...

— O verão terá acabado!

As luzes apagadas, com Tom dormindo, Douglas deitado vendo os pés, muito longe, ali na ponta da cama, à luz da lua, livres dos pesados sapatos de ferro, os grandes nacos do inverno desprendidos deles.

— Motivos. Tenho que pensar em motivos para os tênis.

Bem, como qualquer um sabia, as colinas em volta da cidade estavam turbulentas, com amigos provocando tumulto no gado, bancando o barômetro para as mudanças atmosféricas, tomando sol, soltando suas folhas como calendários a cada dia para tomar mais sol. Para acompanhar esses amigos, era preciso correr mais rápido que raposas ou esquilos. A cidade, ela fumegava de inimigos que ficavam irritadiços com o calor, lembrando-se de cada discussão e insulto do inverno. *Encontre amigos, livre-se dos inimigos!* Esse era o lema do Cream-Sponge Para Litefoot. *O mundo corre rápido demais? Quer acompanhá-lo? Quer ficar atento, permanecer alerta? Litefoot, então! Litefoot!*

Ele ergueu o cofrinho de moedas e ouviu o leve tilintar, o peso etéreo do dinheiro que continha.

O que quer que você queira, pensou ele, tem que conseguir sozinho. Agora, durante a noite, encontre esse caminho pela floresta...

No centro da cidade, as luzes da loja se apagaram, uma por uma. Um vento soprava na janela. Era como um rio descendo a correnteza e seus pés querendo ir com ele.

Em seus sonhos, ele ouviu um coelho correndo correndo correndo na relva quente e funda.

O velho sr. Sanderson andava pela sapataria como o proprietário de um *pet shop* andava por sua loja, onde há animais de toda parte do mundo, tocando cada um brevemente pelo caminho. O sr. Sanderson passou as mãos nos sapatos da vitrine, que, para ele, eram como gatos, outros como cães. Ele tocava cada par com preocupação, ajeitando cadarços, consertando línguas. Depois parou exatamente no meio do tapete e olhou em volta, assentindo.

Houve um som de trovão crescente.

Em um momento, a porta do Empório dos Sapatos de Sanderson estava vazia. No momento seguinte, Douglas Spaulding estava ali, desajeitado, olhando seus sapatos de couro como se essas coisas pesadas não pudessem ser arrancadas do cimento. O trovão parou quando os sapatos pararam. Agora, com uma lentidão dolorosa, atrevendo-se a olhar somente o dinheiro na mão em concha, Douglas saiu da luz do sol de meio-dia de sábado. Formou cuidadosas pilhas de moedas de 5, 10 e 25 centavos no balcão, como alguém jogando xadrez, preocupado que o movimento seguinte o empurrasse para o sol ou o mergulhasse na sombra.

— Não diga uma palavra! — disse o sr. Sanderson.

Douglas ficou paralisado.

— Primeiro, sei exatamente o que quer comprar — disse o vendedor. — Segundo, vejo você toda tarde na minha vitrine. Acha que não vejo? Você está enganado. Terceiro, para usar o nome completo, você quer o tênis Royal Crown Cream-Sponge Para Litefoot: COMO MENTA EM SEUS PÉS! Quarto, você quer crédito.

— Não! — gritou Douglas, respirando com dificuldade, como se tivesse corrido a noite toda em seus sonhos. — Tenho uma coisa melhor a oferecer do

que crédito! — disse, ofegante. — Antes de eu dizer, sr. Sanderson, precisa me fazer um favorzinho. Pode se lembrar de quando foi a última vez que o senhor usou um par de tênis Litefoot?

A expressão do sr. Sanderson se anuviou.

— Ah, dez, vinte, eu diria, trinta anos atrás. Por quê...?

— Sr. Sanderson, não acha que deve isso a seus fregueses, pelo menos experimentar os tênis que vende, só por um minuto, para o senhor saber como são? As pessoas esquecem se não continuam experimentando as coisas. O homem da Charutaria União fuma charutos, não fuma? O homem da loja de balas prova seus produtos, acho. Então...

— Você deve ter percebido — disse o velho — que estou de sapatos.

— Mas não são tênis, senhor! Como vai vender tênis se não puder se entusiasmar com eles? E como vai se entusiasmar com eles se não os conhecer?

O sr. Sanderson recuou a pouca distância da exaltação do menino, a mão no queixo.

— Bem...

— Sr. Sanderson — disse Douglas —, o senhor me vende uma coisa, e vou lhe vender uma coisa de mesmo valor.

— É absolutamente necessário para a venda que eu calce um par dos tênis, rapaz? — disse o velho.

— Gostaria muito que calçasse, senhor!

O velho suspirou. Um minuto depois, sentado e ofegando baixinho, ele amarrou os tênis em seus pés longos e estreitos. Pareciam deslocados e estranhos ali embaixo, ao lado da bainha escura de seu terno de trabalho. O sr. Sanderson se levantou.

— Que tal? — perguntou o menino.

— Que tal, ele pergunta. São ótimos. — Ele começou a se sentar.

— Por favor! — Douglas estendeu a mão. — Sr. Sanderson, agora pode se balançar um pouco de um lado para outro, arrastar os pés, pular um pouco, enquanto eu lhe conto o resto? É isso: eu lhe dou meu dinheiro, o senhor me

dá os tênis, eu lhe devo 1 dólar. Mas, sr. Sanderson, *mas...* Assim que eu estiver usando esses sapatos, sabe o que *acontece*?

— O quê?

— Bang! Eu vou entregar suas encomendas, pegar encomendas, trazer seu café, queimar seu lixo, correr até o correio, o telégrafo, a biblioteca! O senhor verá doze de mim entrando e saindo, entrando e saindo, a cada minuto. Sente esses tênis, sr. Sanderson, *sente* como eles me tornarão rápido? Todas aquelas molas por dentro? Está sentindo todo o funcionamento dentro deles? Sente que eles se agarram e não podem lhe deixar só e não gostam que o senhor *fique parado* aí? Sente a rapidez com que estarei fazendo coisas com que o senhor não precisará mais se incomodar? O senhor fica em uma loja linda e fresca enquanto eu estou pulando por toda a cidade! Mas, na verdade, não sou eu, são os tênis. Eles descem pelas ruas como loucos, atravessam as esquinas e voltam! E lá vão eles!

O sr. Sanderson ficou parado, maravilhado com a torrente de palavras. Quando as palavras partiram, o fluxo o carregou. Ele começou a afundar nos tênis, a flexionar os dedos, a aquecer a curva dos pés, a testar os tornozelos. Ele balançou suavemente, secretamente, de um lado para outro, com uma leve brisa que soprava da porta aberta. Os tênis se calaram no carpete, afundaram como que no mato da selva, em barro e argila resistente. Ele deu um pulo solene nos calcanhares na massa fermentada, na terra dócil e bem-vinda. Emoções percorreram seu rosto como se muitas luzes coloridas tivessem se acendido e apagado. A boca se abriu um pouco. Devagar, ele suavizou e se balançou até parar. E a voz do menino desapareceu, e os dois ficaram ali se olhando, em um silêncio tremendo e natural.

Algumas pessoas andavam pela calçada, no sol quente.

Parados, homem e menino ficaram ali, o menino radiante, o homem com a revelação no rosto.

— Rapaz — disse o velho, por fim —, daqui a cinco anos, gostaria de um emprego de vendedor de sapatos aqui no empório?

— Meu Deus, obrigado, sr. Sanderson, mas ainda não sei o que vou ser.

— O que você quiser, filho — disse o velho —, você será. Ninguém o impedirá.

O velho andou delicadamente pela loja até a parede de 10 mil caixas, voltou com alguns calçados para o menino e escreveu uma lista em uma folha de papel, enquanto Douglas amarrava os tênis nos pés e depois se levantava, esperando.

O velho lhe estendeu a lista.

— Uma dezena de coisas que precisa fazer para mim esta tarde. Quando terminar, estaremos quites, e você estará despedido.

— Obrigado, sr. Sanderson! — Douglas saltou para fora.

— Pare! — gritou o velho.

Douglas estacou e se virou.

O sr. Sanderson inclinou-se para frente.

— Que tal?

O menino olhou os pés mergulhados no rio, nos campos de trigo, no vento que já o empurrava para fora da cidade. Olhou o velho, seus olhos ardendo, a boca se movendo, mas não saiu nenhum som.

— São como antílopes? — disse o velho, olhando do rosto do menino para os tênis. — Gazelas?

O menino pensou no assunto, hesitou e assentiu rapidamente. Quase de imediato, desapareceu. Simplesmente girou com um murmúrio e partiu. A porta ficou vazia. O som dos tênis diminuía no calor de selva.

O sr. Sanderson ficou parado na porta banhada de sol, ouvindo. De uma época muito remota, quando ele sonhava como um menino, ele se lembrou do som. Lindas criaturas pulando sob o céu, atravessando arbustos, sob as árvores, longe, e só o eco suave de seus passos ficando para trás.

— Antílopes — disse o sr. Sanderson. — Gazelas.

Ele se curvou para pegar os sapatos de inverno abandonados pelo menino, pesados de chuvas esquecidas e neves havia muito derretidas. Saindo para o sol escaldante, andando delicadamente, de leve, devagar, ele voltou à civilização...



ELE comprou um bloco amarelo de 5 centavos. Comprou um lápis Ticonderoga amarelo. Abriu o bloco. Lambeu o lápis.

— Tom — disse ele —, você e suas estatísticas me deram uma ideia. Vou fazer o mesmo, registrar as coisas. Por exemplo: percebeu que todo verão fazemos as mesmas coisas, sem parar, que fizemos em todo o verão anterior?

— Como o quê, Doug?

— Como preparar licor de dente-de-leão, como comprar esses tênis novos, como lançar o primeiro busca-pé do ano, como fazer limonada, como ficar com rachaduras nos pés, como pegar uvas silvestres. Todo ano as mesmas coisas, do mesmo jeito, sem diferença. E isso só na metade do verão, Tom.

— E a outra metade?

— As coisas que fazemos pela primeira vez na vida.

— Como comer azeitonas?

— Mais do que isso. Como descobrir que talvez o vovô e o papai não saibam tudo no mundo.

— Eles sabem tudo que há para se saber, e não se esqueça disso!

— Tom, não brigue, já escrevi aqui em Descobertas e Revelações. Eles não sabem tudo. Mas isso não é crime. Descobri isso também.

— Que outras novas maluquices você tem aí?

— Eu estou vivo.

— Droga, essa é velha!

— *Pensando* nisso, *percebendo* isso, é nova. Você faz as coisas e não presta atenção. Depois, de repente, você olha e vê o que está fazendo e na verdade é a primeira vez. Vou dividir o verão em duas partes. A primeira parte deste bloco tem o título RITOS E CERIMÔNIAS. O primeiro estouro de refrigerante do ano. A primeira vez no ano que corremos descalços no mato. A primeira vez no ano que quase nos afogamos no lago. A primeira melancia. O primeiro mosquito. A primeira colheita de dente-de-leão. Estas são as coisas que fazemos sem parar e nunca pensamos nelas. Agora, aqui atrás, com eu disse, estão as DESCOBERTAS E REVELAÇÕES, ou talvez ILUMINAÇÕES, esta é uma palavra elegante, ou INTUIÇÕES, está bem? Em outras palavras, você faz uma coisa que conhece há muito tempo, como engarrafar licor de dente-de-leão, e a coloca em RITOS E CERIMÔNIAS. E depois você pensa no assunto, e o que pensa, mesmo que seja maluco, coloca em DESCOBERTAS E REVELAÇÕES. Aqui está o que eu digo sobre o licor: *Toda vez que você o engarrafa, guarda todo um naco de 1928, são e salvo.* O que acha disso, Tom?

— Fiquei perdido em algum lugar a 1 quilômetro.

— Vou mostrar outra. Em CERIMÔNIAS, tenho: *A primeira briga e a primeira surra de papai do verão de 1928, manhã de 24 de junho.* Em REVELAÇÕES, tenho: *Os adultos e as crianças brigam porque pertencem a raças separadas. Olhe para eles, diferentes de nós. Olhe para nós, diferentes deles. Raças separadas, e “as duas nunca vão se unir”.*\* Você vai ter que engolir essa, Tom!

— Doug, você acertou, acertou mesmo! É verdade! É exatamente por isso que não nos entendemos com a mamãe e o papai. Problemas, problemas, do nascer do sol até o jantar! Rapaz, você é um gênio!

— Nos próximos três meses, sempre que você topa com alguma coisa que fez várias vezes, me conte. Pense e me conte. No Dia do Trabalho, vamos fazer a soma de todo o verão e ver o que temos!

— Tenho uma estatística para você agora mesmo. Pegue seu lápis, Doug. Existem cinco bilhões de árvores no mundo. Eu pesquisei. Debaixo de cada

árvore tem uma sombra, não é? Então, como a noite é feita? Eu vou lhe dizer: as sombras que saem debaixo de cinco bilhões de árvores! Pense nisso! Sombras correndo pelo ar, enlameando as águas, coisas assim. Se pelo menos pudéssemos encontrar um jeito de manter essas malditas cinco bilhões de sombras debaixo daquelas árvores, poderíamos ficar acordados até tarde da noite, Doug, porque não ia haver noite! Aí está; uma coisa velha, uma coisa nova.

— Isso é velho e novo, é verdade. — Douglas lambeu o lápis Ticonderoga amarelo, cujo nome ele adorava. — Diga isso de novo.

— *As sombras estão debaixo de cinco bilhões de árvores...*

## Nota

\* A frase entre aspas faz uma alusão ao poema “The Ballad of East and West”, de Rudyard Kipling. (N. T.)



SIM, o verão era feito de ritos, cada um com sua hora e seu lugar naturais. O rito da preparação da limonada ou do chá gelado, o do licor, o dos sapatos, ou o de não usar sapatos, e, por fim, seguindo-se prontamente aos outros, com uma dignidade tranquila, o do balanço na varanda da frente.

No terceiro dia de verão, ao fim da tarde, o avô reaparecia na porta da frente para olhar serenamente as duas argolas vazias no teto da varanda. Andando até o parapeito cheio de vasos de gerânio, como Ahab supervisionando o dia manso manso e o céu que parecia clemente, ele molhava o dedo para testar a aragem e tirava o casaco para ver como as mangas da camisa ficavam nas horas do vento oeste. Ele respondia às saudações de outros capitães em outras varandas floridas, eles mesmos do lado de fora para discernir o maremoto delicado do clima, distraídos de suas esposas, que falavam alegremente ou enxotavam os cães escondidos atrás das telas escuras da varanda.

— Tudo bem, Douglas, vamos montar.

Na garagem, eles encontraram, empoeirado, e carregaram para fora o *howdah*, por assim dizer, para os festivais das noites de verão, tranquilas, a cadeira de balanço que o avô acorrentara nas argolas do teto da varanda.

Douglas, por ser o mais leve, foi o primeiro a se sentar no balanço. Depois de um momento, o avô cuidadosamente acomodou seu peso pontifical ao lado do garoto. Assim, eles ficaram sentados, sorrindo um para o outro, assentindo, enquanto balançavam em silêncio para frente e para trás, para frente e para trás.

Dez minutos depois, a avó apareceu com baldes de água e esfregões para lavar e varrer a varanda. Outras cadeiras, de balanço e de espaldar reto, foram trazidas da casa.

— Sempre prefiro começar a sentar aqui no início da estação — disse o avô —, antes que os mosquitos aumentem.

Lá pelas sete horas, você podia ouvir as cadeiras afastando-se das mesas, alguém experimentando o piano de teclas amareladas, se você ficasse do lado de fora da janela da sala de jantar e ouvisse. Fósforos eram riscados, os primeiros pratos borbulhando na água com sabão e tilintando nas prateleiras de parede, em algum lugar, fraquinho, um fonógrafo tocando. E, então, à medida que o anoitecer alterava a hora, em casa após casa, nas ruas ao crepúsculo sob os imensos carvalhos, nas varandas sombreadas, as pessoas começavam a aparecer, como aquelas figuras que dizem tempo bom ou ruim em pontualíssimos relógios cuco.

O tio Bert, talvez, o vovô, depois o pai, e alguns primos. Todos os homens saíam primeiro para o anoitecer sentimental, fumando, deixando as vozes das mulheres para trás, na cozinha quente e refrigerada, para pôr em ordem seu universo. Depois, as primeiras vozes masculinas sob a varanda transbordavam, os pés para cima, os meninos guarneciam os degraus surrados ou o parapeito de madeira de onde, às vezes, em algum momento da noite, caía um menino ou um vaso de gerânio.

Por fim, como fantasmas pairando por um momento atrás da tela da porta, a avó, a bisavó e a mãe apareciam, e os homens se remexiam, andavam e ofereciam seus lugares. As mulheres portavam uma variedade de leques, jornais dobrados, espanadores de bambu ou lenços perfumados para fazer o ar se mover em seus rostos enquanto falavam.

Ninguém se lembrava no dia seguinte do que haviam conversado a noite toda. Não era importante para ninguém o que os adultos falavam. Só eram importantes os sons que iam e vinham sobre as samambaias delicadas que cercavam a varanda dos três lados. Só era importante que a escuridão enchesse a cidade como uma água negra sendo despejada nas casas, e que os charutos luzissem e as conversas continuassem, sem parar. A fofoca feminina girava, perturbando os primeiros mosquitos que dançavam em frenesi no ar. As vozes masculinas invadiam a madeira da velha casa. Se você fechasse os olhos e encostasse a cabeça nas tábuas do chão, poderia ouvir as vozes dos homens ressoando como um terremoto distante, constante, incessante, aumentando ou diminuindo.

Douglas esparramava-se de costas nas tábuas corridas da varanda, completamente satisfeito e tranquilizado por essas vozes, que falariam por toda a eternidade, fluindo em uma correnteza de murmúrios por seu corpo, por suas pálpebras fechadas, entrando por seus ouvidos sonolentos, o tempo todo. As cadeiras de balanço pareciam grilos, os grilos pareciam cadeiras de balanço, e o barril de água da chuva, coberto de musgo, ao lado da janela da sala de jantar, produzia mais uma geração de mosquitos para proporcionar um tema de conversa pelos verões intermináveis no futuro.

Sentar-se na varanda nas noites de verão era tão bom, tão sereno e calmante, que não dava para ficar sem. Havia rituais que eram certos e duradouros. O acender de cachimbos, as mãos pálidas que moviam agulhas de tricô a meia-luz, o devorar de picolés Eskimo Pies gelados e embrulhados em papel-alumínio, o vaivém de toda a gente. Porque, em algum momento da noite, todos se visitavam ali. Os vizinhos mais abaixo, as pessoas do outro lado da rua; a srta. Fern e a srta. Roberta zumbindo em sua baratinha elétrica, dando a Tom e Douglas uma carona pelo quarteirão e depois aparecendo para se sentar, abanar o calor de suas bochechas; ou o sr. Jonas, o sucateiro, tendo deixado seu cavalo e a carroça escondidos no beco e pronto para irromper com palavras, subiria os degraus parecendo tão original como se sua fala nunca tivesse sido dita antes, e de certo modo nunca fora. E, por fim, as crianças, que

havam ficado fora de casa, esgueirando-se para um último esconde-esconde ou pique-cola, ofegando, radiantes, giravam em silêncio como bumerangues pelo gramado silencioso para afundar sob o falar falar falar das vozes da varanda que iria acalmar e acalentá-las...

Oh, o luxo de deitar na noite de samambaias, na noite relvosa, na noite de vozes sussurrantes e serenas que teciam a escuridão. Os adultos chegavam a esquecer que ele estava ali, tão imóvel, tão quieto Douglas ficava, observando os planos que faziam para o futuro dele e de si próprios. E as vozes entoavam, vagavam, em nuvens enluzadas de fumaça de cigarro, enquanto as mariposas, como flores de macieira que brotam tardiamente, batiam de leve nas luzes distantes da rua, e as vozes continuaram pelos anos vindouros...



NA FRENTE da Charutaria União, naquele início de noite, os homens estavam reunidos para queimar dirigíveis, afundar navios de guerra, explodir dinamites e, no todo, saborear, em suas bocas de porcelana, a mesma bactéria que um dia acabaria com eles. Nuvens de aniquilação assomavam e sopravam para longe em sua fumaça de charuto sobre uma figura nervosa que podia ser vista ouvindo vagamente o som de pás e espadas e entoações de das cinzas às cinzas, do pó ao pó. Essa figura era a de Leo Auffmann, o joalheiro da cidade, que, arregalando os olhos escuros e grandes, por fim lançou ao alto as mãos infantis e gritou desanimado.

— Parem! Em nome de Deus, chega dessa matança.

— Leo, tem toda razão — disse vovô Spaulding, passando em sua caminhada noturna com os netos Douglas e Tom. — Mas, Leo, só você pode calar esses tagarelas da perdição. Invente alguma coisa que tornará o futuro mais brilhante, perfeito, infinitamente jubiloso. Você inventou bicicletas, consertou as máquinas de moeda da casa de jogos, foi nosso projetor de cinema, não é?

— Claro — disse Douglas. — Invente uma máquina da felicidade para nós!

Os homens riram.

— Não — disse Leo Auffmann. — Como usamos as máquinas até agora, para fazer as pessoas chorarem? Sim! Toda vez que o homem e a máquina parecem se entender perfeitamente... Bum! Alguém comete um erro, aviões largam bombas em nós, carros despencam de penhascos. Então, o menino está errado em pedir? Não! Não...

Sua voz falhou enquanto Leo Auffmann ia até o meio-fio para tocar sua bicicleta como a um animal.

— O que posso perder? — murmurou ele. — Um pouco da pele de meus dedos, alguns quilos de metal, algum sono? Vou fazer isso, então me ajudem!

— Leo — disse o avô —, não queríamos dizer...

Mas Leo Auffmann se fora, pedalando pela noite quente de verão, a voz vagando atrás.

— ... Eu vou fazer isso...

— Sabe de uma coisa — disse Tom, espantado —, aposto que ele *vai*.



VENDO-O pedalar pelas ruas de tijolos no início da noite, era possível perceber que Leo Auffmann era um homem que consegue tudo sem esforço, desfrutando o modo que os cardos palpitavam na relva quente quando o vento soprava como uma fornalha, o modo de os cabos de eletricidade chiarem nos postes molhados de chuva. Ele era um homem que não sofria nas noites insones. Tinha, em vez disso, prazer de meditar sobre o grande relógio do universo, rumando para o fim ou recomeçando sempre, quem podia saber? E, em muitas noites, enquanto escutava, ele concluía que era a primeira opção, depois, que era a segunda.

Os sobressaltos da vida, pensou ele pedalando, o que eram? Nascer, crescer, envelhecer, morrer. Não há muito a se fazer com relação ao primeiro. Mas... Os outros três?

As rodas de sua Máquina da Felicidade giravam lançando raios de luz dourada no teto de sua cabeça. Uma máquina, ora essa, para ajudar os meninos a mudar da penugem do pêsego para a da amora silvestre, as meninas de cogumelo a nectarina. E, nos anos em que sua sombra se estendesse mais clara pela terra, à medida que você se deita na cama à noite, com seu batimento cardíaco chegando aos milhões, a invenção dele devia deixar um homem cochilar facilmente nas folhas que caíam como os meninos no outono, que,

confortavelmente esparramados nos montes secos de feno, ficam satisfeitos em fazer parte da morte do mundo...

— Papai!

Seus seis filhos, Saul, Marshall, Joseph, Rebecca, Ruth e Naomi, as idades indo de 5 a 15, vieram correndo pelo gramado para pegar a bicicleta dele, tocando-a, um de cada vez.

— Nós esperamos. Temos sorvete!

Caminhando em direção à varanda, ele podia sentir o sorriso da esposa no escuro.

Cinco minutos se passaram, enquanto eles comiam em um silêncio agradável. Depois, segurando uma colher de sorvete da cor da lua, como se fosse o segredo total do universo a ser provado com cuidado, ele disse:

— Lena? O que acharia se eu tentasse inventar uma Máquina da Felicidade?

— Há algo errado? — perguntou ela, rapidamente.



O AVÔ levou Douglas e Tom para casa. No meio do caminho, Charlie Woodman, John Huff e alguns outros meninos passaram correndo como um enxame de meteoros, sua gravidade tão enorme que puxou Douglas para longe do avô e de Tom e o arrastou para a ravina.

— Não vá se perder, filho!

— Não vou... Não vou...

Os meninos mergulharam na escuridão.

Tom e o avô andaram em silêncio pelo restante do caminho, a não ser quando entraram na casa e Tom disse:

— Rapaz, uma Máquina da Felicidade... Minha nossa!

— Não desperdice seu fôlego — disse o avô.

O relógio do tribunal bateu oito horas.

O relógio do tribunal bateu nove horas e estava ficando tarde, e era mesmo noite naquela pequena rua de uma pequena cidade em um grande estado de um enorme continente em um planeta Terra despencando veloz pelo abismo do espaço para lugar nenhum ou para algum lugar, e Tom sentia cada quilômetro da longa queda. Ele se sentou diante da tela da porta da frente, olhando o negrume impetuoso que parecia muito inocente, como se estivesse

calada. Só quando você fecha os olhos e se deita é que pode sentir o mundo girando sob a cama e escavando suas orelhas como um mar negro que entra e quebra nos penhascos que não estão lá.

Havia um cheiro de chuva. A mãe estava passando roupa e espirrando água de um frasco arrolhado de ketchup nas roupas secas que estalavam atrás de Tom.

Uma loja ainda estava aberta a um quarteirão de distância — a da sra. Singer.

Por fim, pouco antes da hora de a sra. Singer fechar sua loja, a mãe cedeu e disse a Tom:

— Corra para comprar meio litro de sorvete e cuide para que ela embrulhe bem.

Ele perguntou se podia colocar uma colher de chocolate por cima, porque não gostava de baunilha, e a mãe concordou. Ele agarrou o dinheiro e correu descalço pela calçada de cimento na noite quente, sob as macieiras e os carvalhos, na direção da loja. A cidade estava em tal silêncio e tão remota que só se podia ouvir os grilos cricrilando nos espaços para além dos indigieiros que ocultavam as estrelas.

Seus pés descalços batiam na calçada. Ele atravessou a rua e encontrou a sra. Singer andando imponente pela loja, cantando melodias iídiches.

— Meio litro de sorvete? — disse ela. — Chocolate por cima? Sim!

Ele a viu abrir, de forma desajeitada, a tampa de metal do freezer onde ficavam os sorvetes e manusear a concha, embrulhando o meio litro em um recipiente de papelão, com o chocolate por cima, sim! Ele deu o dinheiro, recebeu o embrulho frio, gelado, e, esfregando-o na testa e na bochecha, rindo, bateu os pés descalços de volta para casa. Atrás dele, as luzes da lojinha solitária se apagaram, e só havia uma luz de rua tremeluzindo na esquina, e toda a cidade parecia ter ido dormir.

Abrindo a porta de tela, ele encontrou a mãe ainda passando roupa. Ela parecia com calor e irritada, mas sorriu mesmo assim.

— Quando é que o papai vai chegar da reunião da maçonaria? — perguntou ele.

— Lá pelas onze, onze e meia — respondeu a mãe. Ela levou o sorvete para a cozinha, dividindo-o. Dando a Tom sua porção especial de chocolate, ela se serviu de um pouco, e o restante foi guardado. — Para Douglas e seu pai, quando chegarem.

Eles se sentaram, desfrutando o sorvete, envoltos no cerne da noite de verão profundamente silenciosa. Sua mãe e ele e a noite em volta de sua pequena casa na pequena rua. Ele lambia completamente cada colherada de sorvete antes de pegar outra, e a mãe afastou a tábua de passar, pôs para esfriar o ferro quente e se sentou na poltrona ao lado do fonógrafo, comendo a sobremesa e dizendo:

— Meu Senhor, que dia quente fez hoje. A terra suga todo o calor e o solta à noite. Vou ficar ensopada dormindo.

Os dois ficaram sentados, ouvindo a noite, acossados por uma a uma das janelas e portas e pelo completo silêncio, porque o rádio precisava de uma pilha nova e eles tinham tocado à exaustão todos os discos do Knickerbocker Quartet, de Al Jolson e de Two Black Crows; então Tom simplesmente ficou sentado no chão de madeira de lei e olhava o escuro escuro escuro, apertando o nariz na tela até que a carne da ponta ficou moldada de quadradinhos escuros.

— Onde será que o Doug está? Já são quase nove e meia.

— Ele vai voltar — disse Tom, sabendo muito bem que Douglas voltaria.

Tom seguiu a mãe para lavar os pratos. Cada som, cada bater de colher ou prato eram ampliados no forno da noite. Silenciosamente, os dois foram para a sala de estar, retiraram as almofadas do sofá e, juntos, abriram-no para que se tornasse a cama dupla que ele secretamente era. A mãe arrumou a cama, socando os travesseiros caprichosamente a fim de prepará-los para as cabeças dos dois. Então, enquanto ele desabotoava a camisa, ela disse:

— Espere um pouco, Tom.

— Por quê?

— Porque estou dizendo.

A mãe se sentou um momento, depois se levantou, foi até a porta e chamou. Ele a ouviu chamando e chamando: Douglas, Douglas, oh, Doug! Douglassssssss!, sem parar. Seu chamado flutuou na escuridão quente do verão e jamais voltou. Os ecos não davam atenção.

Douglas. Douglas. Douglas.

*Douglas!*

Enquanto estava sentado no chão, Tom foi perpassado por uma frialdade que não era do sorvete nem do inverno, tampouco pertencia ao calor do verão. Ele percebeu os olhos da mãe girando, piscando; percebeu que ela estava indecisa e nervosa. Todas essas coisas.

Ela abriu a porta de tela. Saindo para a noite, ela desceu a escada e foi à calçada da frente, sob o arbusto de lilases. Ele escutou os pés dela se movendo.

Ela chamou de novo.

Silêncio.

Ela chamou mais duas vezes. Tom ficou sentado na sala. A qualquer momento, Douglas responderia da longa longa e estreita rua: Tudo bem, mamãe! Tudo bem, mãe! Ei!

Mas ele não respondeu. E, por dois minutos, Tom ficou sentado, olhando a cama arrumada, o rádio silencioso, o fonógrafo silencioso, o candelabro com as bobinas de cristal brilhando calmamente, o tapete com os arabescos vermelhos e roxos. Ele bateu de propósito o dedão do pé na cama para ver se doía. Doeu.

Gemendo, a porta de tela se abriu, e a mãe disse:

— Venha, Tom. Vamos dar um passeio.

— Para onde?

— Só pelo quarteirão. Vamos.

Ele pegou a mão dela. Juntos, eles andaram pela rua St. James. Sob os pés, o concreto ainda estava quente, e os grilos cricrilavam para a escuridão que se acentuava. Eles chegaram à esquina, viraram e andaram em direção à West Ravine.

Em algum lugar, um carro passou, piscando suas luzes ao longe. Havia uma completa falta de vida, luz e atividade. Aqui e ali, de onde eles vinham

andando, fracos quadrados de luz brilhavam onde as pessoas ainda estavam acordadas. Mas a maioria das casas, escurecidas, já estavam dormindo e havia alguns lugares sem luz, onde os moradores de uma residência sentaram-se para suas melancólicas conversas noturnas nas varandas da frente. Podia-se ouvir um balanço de varanda guinchando ao se passar perto dele.

— Eu queria que seu pai estivesse em casa — disse a mãe. Sua mão grande apertou a pequenina mão de Tom. — Espere só até eu pegar esse garoto. O Solitário está por aí de novo. Matando gente. Ninguém mais está seguro. Nunca se sabe quando o Solitário vai aparecer, nem onde. Então me ajude; quando Doug chegar em casa, vou quase matá-lo de tanta pancada.

Naquele momento, eles já haviam andado outro quarteirão e estavam parados perto da silhueta negra e vazia da Igreja Batista Alemã, na esquina da rua Chapel com a Glen Rock. Nos fundos da igreja, a uns 100 metros, começava a ravina. Tom podia sentir o cheiro dela. Tinha um odor de esgoto escuro, de folhagem podre, de um verde espesso. Era uma ravina larga, que atravessava e se retorcia pela cidade — uma selva de dia, um lugar do qual não se aproximar à noite, declarava a mãe com frequência.

Ele devia ter se animado com a proximidade da Igreja Batista Alemã, mas não ficou, porque o prédio não estava iluminado, mas frio e inútil como uma pilha de ruínas na beira da ravina.

Ele só tinha 10 anos. Pouco sabia da morte, do medo e do horror. A Morte era uma efígie de cera no caixão quando Tom tinha 6 anos e o bisavô faleceu, parecendo um vulto grande e decaído naquele esquife, silencioso, distante, sem dizer a ele como ser um bom menino, sem comentários sucintos sobre política. A Morte era sua irmã mais nova em uma manhã, quando ele acordou, aos 7 anos, olhou o berço dela e a viu encarando-o com um olhar cego, azul, fixo e paralisado até que os homens apareceram com um cestinho de vime para levá-la embora. A Morte foi quando ele parou perto da cadeirinha da irmã por quatro semanas e, de repente, percebeu que ela nunca mais sentaria ali de novo, rindo e chorando e deixando-o com ciúme porque ela havia nascido. Isso era a Morte. E a Morte era o Solitário, o não visto, andando e parando atrás das

árvores, esperando no campo para aparecer, uma ou duas vezes por ano, nesta cidade, nestas ruas, nestes muitos lugares onde havia pouca luz, para matar uma, duas, três mulheres nos últimos três anos. Isso era a Morte...

Mas isso era mais do que a Morte. Esta noite de verão imersa sob as estrelas era todas as coisas que você um dia iria sentir ou ver ou ouvir em sua vida, afogando você de repente.

Saindo da calçada, eles andaram por uma trilha pavimentada margeada de mato, enquanto os grilos se elevaram em um coro alto e retumbante. Tom seguiu, obediente, atrás da mãe corajosa, elegante e alta — a defensora do universo. Juntos, então, eles se aproximaram, chegaram e pararam na exata extremidade da civilização.

A Ravina.

Naquele momento, naquele lugar, no fundo daquele poço de escuridão selvática, estavam, de repente, todas as coisas que ele nunca conheceria nem entenderia; todas as coisas sem nome viviam na sombra amontoada da árvore, no cheiro de decomposição.

Ele percebeu que ele e a mãe estavam sós.

A mão dela *tremia*.

Ele sentiu o tremor... Por quê? Mas ela era maior, mais forte, mais inteligente do que ele, não era? Teria ela também sentido aquela ameaça intangível, aquele tatear da escuridão, a perversidade de tocaia lá embaixo? Então não haveria nenhuma força em crescer? Nenhum conforto em ser adulto? Nenhum refúgio na vida? Nenhuma fortificação carnal poderosa o suficiente para suportar o ataque desordenado das meias-noites? As dúvidas o inundavam. O sorvete reviveu em sua garganta, no estômago, na espinha e nos membros; o menino gelou na hora, como um vento vindo diretamente do inverno que já passou.

Ele percebeu que todos os homens eram assim; que cada pessoa era única para consigo própria. Uma unicidade, uma unidade em uma sociedade, mas sempre com medo. Como ali, parados. Se ele gritasse, se berrasse pedindo ajuda, que importaria?

A escuridão poderia vir rapidamente, devoradora; em um instante títanicamente enregelante, tudo estaria terminado. Muito antes do amanhecer, muito antes de a polícia com lanternas poder sondar a escura e perturbada trilha, muito antes de os homens com os cérebros trêmulos poderem revirar os seixos para o ajudarem. Mesmo que agora estivessem a 50 metros dele, e o socorro *certamente* estava, em três segundos uma maré escura se ergueria para lhe tirar todos os 10 anos e...

O impacto essencial da solidão da vida esmagou seu corpo, que começava a tremer. A mãe também estava sozinha. Ela não podia contar com a santidade do casamento, a proteção do amor de sua família, ela não podia contar com a Constituição dos Estados Unidos ou com a polícia, não podia olhar para lugar nenhum, naquele exato instante, salvo para dentro de seu coração, e ela nada encontraria a não ser a repugnância incontrolável e um desejo de temer. Naquele instante, era um problema individual procurando por uma solução individual. Ele devia aceitar ser sozinho e agir a partir daí.

Ele engoliu em seco, agarrando-se a ela. *Oh, Senhor, não deixe que ela morra, por favor*, pensou ele. *Não faça nada conosco. Papai vai chegar da reunião da maçonaria daqui a uma hora e, se a casa estiver vazia...*

A mãe avançou pela trilha para dentro da selva primeva. A voz dele tremia.

— Mãe, Doug está bem. Doug está bem. Ele está bem. Doug está bem!

A voz da mãe era tensa e aguda.

— Ele sempre vem aqui. Eu disse a ele para não vir, mas aqueles meninos desgraçados, eles vêm aqui de qualquer forma. Em uma noite dessas, ele virá e nunca mais vai sair..

*Nunca mais vai sair.* Isso podia significar qualquer coisa. Vagabundos. Criminosos. Escuridão. Acidente. E, sobretudo..., a morte!

Sozinho no universo.

Havia 1 milhão de cidadezinhas como esta em todo o mundo. Cada uma delas igualmente escura, igualmente solitária, cada uma delas igualmente longínqua, igualmente cheia de sobressalto e assombro. O som agudo de violinos em tom menor era a música das cidadezinhas, com nenhuma luz, mas

muitas sombras. Ah, a vasta e crescente solidão delas. Suas ravinas úmidas e secretas. A vida era um horror vivido nelas à noite, quando, de todos os lados, a sanidade, o casamento, os filhos, a felicidade eram ameaçados por um ogro chamado Morte.

A mãe elevou a voz no escuro.

— Doug! Douglas!

De repente, os dois perceberam que havia algo errado.

Os grilos haviam parado de cricilar.

O silêncio era completo.

Nunca na vida de Tom houve um silêncio como este. Tão inteiramente completo. Por que os grilos tinham de parar? Por quê? Por que motivo? Eles nunca haviam parado antes. Jamais.

A não ser. A não ser...

Algo estava para acontecer.

Era como se toda a ravina estivesse tensa, agrupando suas fibras negras, retirando poder dos campos adormecidos ao redor, por quilômetros e quilômetros. Da floresta ensopada de orvalho e dos vales e das colinas onduladas, onde os cães levantavam cabeças para luas, de toda parte o grande silêncio era sugado para um centro, e eles estavam no cerne dele. Em dez segundos, algo aconteceria, algo aconteceria. Os grilos continuaram sua trégua, as estrelas estavam tão baixas que Tom quase podia roçar o pequeno brilho. Havia um enxame delas, quentes e nítidas.

Crescia, crescia, o silêncio. Crescia, crescia, a tensão. Oh, estava tão escuro, tão longe de tudo. Oh, Deus!

E, então, lá, bem do outro lado da ravina:

— Tudo bem, mãe! Estou indo, mãe!

E de novo:

— Oi, mãe! Estou indo, mãe!

E, então, o precipitar rápido de tênis pisando pelo fundo da ravina, enquanto três crianças apareceram correndo, rindo. Seu irmão Douglas, Chuck Woodman e John Huff. Correndo, rindo...

As estrelas absortas como antenas pungentes de 10 milhões de lesmas.

Os grilos cantaram!

A escuridão recuou, sobressaltada, chocada, colérica. Recuou, perdendo o apetite ao ser tão abruptamente interrompida enquanto se preparava para alimentar-se. À medida que a escuridão se retirava, como uma onda na praia, três crianças se amontoavam, rindo.

— Oi, mãe! Oi, Tom! Ei!

Era o cheiro de Douglas, estava tudo bem. Suor e relva e o odor de árvores e galhos e a enseada estavam nele.

— Mocinho, vai levar uma surra — declarou a mãe. Ela afugentou o medo de imediato. Tom sabia que ela nunca falaria sobre isso a ninguém, jamais. O medo ficaria em seu coração, entretanto, o tempo todo, como ficaria no coração de Tom para todo o sempre.

Eles andaram para casa para dormir no final da noite de verão. Ele estava feliz por Douglas estar vivo. Muito feliz. Por um momento, ele chegara a pensar...

Longe, no campo banhado pela fraca luz da lua, sobre um viaduto e descendo um vale, um trem corria, sibilando, como uma coisa perdida de metal, sem nome e em disparada. Tom foi para a cama tremendo, ao lado do irmão, escutando o assovio do trem e pensando em um primo que morava no campo, onde o trem estava passando naquele momento; um primo que morrera de pneumonia tarde da noite anos e anos atrás...

Ele sentiu o cheiro de suor de Doug ao lado dele. Era mágico. Tom parou de tremer.

— Só tenho certeza de duas coisas, Doug — sussurrou ele.

— O quê?

— A noite é uma hora horrível... é uma.

— E a outra?

— A ravina à noite não cabe na Máquina da Felicidade do sr. Auffmann, se ele um dia a construir.

Douglas considerou isso por um tempo.

— Concordo plenamente.

Eles pararam de conversar. Escutando, subitamente ouviram passos vindo ao longo da rua, sob as árvores, na frente da casa, na calçada. Da cama, a mãe disse baixinho.

— É o seu pai.

E era.



NO FIM daquela noite, na varanda da frente, Leo Auffmann escreveu uma lista que ele não conseguia ver no escuro, exclamando Ah! ou Esse é outro!, quando lhe ocorria um bom componente. Depois, a tela da porta da frente fez um som de mariposa batendo.

— Lena? — sussurrou ele.

Ela se sentou ao lado dele no balanço, de camisola, não magra como as meninas ficam quando não são amadas aos 17 anos, nem gorda como as mulheres ficam quando não são amadas aos 50, mas absolutamente adequada, uma redondez, uma firmeza, como as mulheres são em qualquer idade, pensou ele, quando não há dúvida nenhuma.

Ela era miraculosa. Seu corpo, como o dele, estava sempre pensando por ela, mas de uma forma diferente, criando os filhos ou seguindo à frente dele a qualquer cômodo para mudar a atmosfera ali de modo a se adaptar a qualquer estado de espírito em que ele estivesse. Para ela, não parecia haver longos períodos de reflexão; pensar e agir passavam de sua cabeça para a mão e voltavam, em um circuito natural e suave que ele não podia e não ousava pôr no papel.

— Essa máquina — disse ela por fim — ... não precisamos dela.

— Não — disse ele —, mas às vezes é preciso construir para os outros. Andei pensando no que colocar. Filme? Rádios? Visores estereoscópicos? Tudo isso em um único lugar, de modo que qualquer homem possa passar a mão, sorrir e dizer: Sim, senhor, isto é a felicidade.

Sim, pensou ele, fazer uma engenhoca dessas, apesar dos pés úmidos, do problema no seio nasal, das camas amarfanhadas e daquelas horas às três da manhã em que os monstros devoram sua alma, seria fabricar a felicidade, como aquele moinho de sal mágico que, atirado ao mar, fez sal para sempre e transformou o mar em salmoura. Quem não transpiraria a alma pelo poros para inventar uma máquina dessas?, perguntou ele ao mundo, perguntou ele à cidade, perguntou ele à esposa!

No balanço da varanda ao lado dele, o silêncio inquieto de Lena era uma opinião.

Também em silêncio, a cabeça para trás, ele escutou as folhas do olmo no alto, sibilando ao vento.

Não se esqueça, disse ele a si mesmo, de que este som também deve estar na máquina.

Um minuto depois, o balanço da varanda e a varanda ficaram vazios no escuro.



O AVÔ sorriu dormindo.

Sentindo o sorriso e perguntando-se seus motivos, acordou. Ficou deitado em silêncio, ouvindo, e o sorriso foi explicado.

Porque ele ouviu um som que era muito mais importante do que os pássaros ou o farfalhar das folhas novas. Uma vez por ano, ele acordava daquele jeito e ficava deitado, esperando pelo som que significava o início oficial do verão. E o som começava em uma manhã como aquela, quando um pensionista, um sobrinho, um primo, um filho ou um neto saía para o gramado e movia-se em quadrados sucessivamente menores para norte e leste e sul e oeste com um matraquear de metal rotativo pela grama doce de verão. Brotos de trevo, as poucas flores de dente-de-leão que não haviam sido colhidas, formigas, gravetos, seixos, vestígios de busca-pés e iscas para atear fogo do 4 de julho do ano anterior, mas predominantemente o verde-claro, uma fonte levantada pelo cortador barulhento. Uma fonte fria e suave; o avô imaginou-a pinicando as pernas, esparramando-se em seu rosto quente, enchendo suas narinas com o aroma atemporal do começo de uma nova estação, com a promessa de que, sim, *todos* vamos viver mais doze meses.

Que Deus abençoe o cortador de grama, pensou ele. Quem foi o tolo que fez do 1º. de janeiro o dia do Ano-Novo? Não, eles deviam colocar um homem

para observar a grama nos milhões de gramados de Illinois, Ohio e Iowa e, na manhã em que estivessem altos o suficiente para serem cortados, em vez de catracas e trompas e gritos, deveria haver uma enorme e crescente sinfonia de cortadores de grama aparando gramados viçosos sobre as pradarias. Em vez de confete e serpentina, as pessoas deveriam atirar spray de grama nas outras naquele dia de cada ano que realmente representa o Começo!

Ele bufou para a longa discussão que estava tendo consigo mesmo, foi até a janela e inclinou-se para o sol suave, e, de fato, havia um pensionista, um jovem jornalista chamado Forrester, terminando uma fileira naquele momento.

— Bom-dia, sr. Spaulding!

— Dá-lhe, Bill! — gritou o avô com entusiasmo e logo estava descendo para tomar o café da manhã da avó, com a janela da sacada aberta para que o zumbido animado do cortador de grama servisse de refestelo para sua refeição.

— Isso dá confiança — disse o avô. — Esse cortador de grama. *Ouçá só!*

— Não vai usar o cortador de grama por muito mais tempo. — A avó serviu uma pilha de panquecas. — Compraram um novo tipo de grama, que Bill Forrester está plantando esta manhã, uma grama que nunca precisa de corte. Não sei como a chamam, mas ela simplesmente cresce até certo ponto e para.

O avô encarou a mulher.

— Você encontrou uma forma muito ruim de brincar comigo.

— Vá ver por si mesmo, em nome de Deus — disse a avó —. Foi ideia de Bill Forrester. A grama nova está esperando em pequenas placas ao lado da casa. Você só cava uns buraquinhos aqui e ali e coloca a grama nova nos lugares. No fim do ano, o gramado novo mata o antigo, e você vende seu cortador de grama.

O avô se levantou da cadeira, atravessou o corredor e saiu pela porta da frente em dez segundos.

Bill Forrester deixou a máquina e se aproximou, sorrindo, semicerrando os olhos para o sol.

— É isso mesmo — disse ele. — Comprei a grama ontem. Pensei: enquanto estou de férias, vou plantá-la para o senhor.

— Por que eu não fui consultado sobre isso? É o *meu* gramado! — gritou o avô.

— Pensei que fosse gostar, sr. Spaulding.

— Bem, não acho que goste disso. Vamos ver essa sua maldita grama.

Eles se postaram junto a pequenos quadrados de grama nova. O avô cutucou com a ponta do sapato, desconfiado.

— Parece a velha e simples grama para mim. Tem certeza de que algum negociante esperto não te engabelou de manhã cedo, quando você não estava totalmente acordado?

— Eu vi essa coisa crescendo na Califórnia. Cresce até certa altura e depois para. Se sobreviver a nosso clima, vai nos poupar vir aqui fora no ano que vem, uma vez por semana, para manter a coisa aparada.

— Esse é o problema de sua geração — disse o avô. — Bill, lamento por você, um jornalista. Todas as coisas na vida que foram postas aqui, para saborearmos, você elimina. Poupe tempo, poupe trabalho, diz você. — Ele cutucou as bandejas de grama sem nenhum respeito. — Bill, quando você tiver a minha idade, vai descobrir que os pequenos prazeres e as pequenas coisas contam mais que as grandes. Uma caminhada em uma manhã de primavera é melhor que uma corrida de 120 quilômetros em um carro de capota levantada, e sabe por quê? Porque é cheia de sabores, cheia de muitas coisas crescendo. Você teve tempo para procurar e encontrar. Eu sei... Você agora procura a realização maior, e acho que é justo e adequado. Mas, para um jovem que trabalha em um jornal, você tem que procurar as uvas e as melancias. Você admira muito esqueletos, e eu gosto de impressões digitais; tudo muito bem. Agora mesmo, essas coisas são um incômodo para você, e eu me pergunto se não é porque você nunca aprendeu a usá-las. Se você pudesse, aprovaria uma lei para abolir todas as pequenas tarefas, as pequenas coisas. Mas, então, não lhe restaria nada a fazer entre as grandes tarefas, e você passaria o diabo pensando no que fazer para não ficar louco. Em vez disso, por que não deixa a natureza

lhe mostrar algumas coisas? Cortar grama e arrancar mato pode ser um modo de vida, filho.

Bill Forrester estava sorrindo em silêncio para ele.

— Eu sei — disse o avô. — Eu falo demais.

— O senhor é a pessoa que eu mais gosto de ouvir.

— Continuando o sermão, então. Os lilases em um arbusto são melhores que as orquídeas. E dentes-de-leão e capim são melhores! Por quê? Porque eles fazem você se curvar e o afastam de todas as pessoas e da cidade por um tempo, e o fazem suar e o fazem se abaixar onde você se lembra de colocar o nariz de novo. E, quando você está totalmente sozinho desse jeito, você é realmente você mesmo por um tempo; você consegue pensar nas coisas por si só. A jardinagem é a desculpa que está mais à mão para ser um filósofo. Ninguém imagina, ninguém acusa, ninguém sabe, mas lá está você, um Platão nas peônias, um Sócrates desenvolvendo sua própria cicuta. Um homem que carrega um saco de esterco por este gramado é como Atlas deixando o mundo girar facilmente em seus ombros. Como disse uma vez o sr. Samuel Spaulding: Cave a terra, penetre na alma. Gire as lâminas deste cortador, Bill, e ande no vapor da Fonte da Juventude. Fim do sermão. Além disso, é bom comer uma porção de brotos de dente-de-leão de vez em quando.

— Há quantos anos o senhor come brotos de dente-de-leão no jantar, senhor?

— Não vamos começar com isso!

Bill chutou de leve uma das placas de grama e assentiu.

— Agora, sobre esta grama. Eu não terminei de falar. Ela cresce tão rente, que certamente mata o trevo e os dentes-de-leão...

— Meu Deus do céu! Isso significa não ter licor de dente-de-leão no ano que vem! Isso significa nada de abelhas atravessando nosso terreno! Você perdeu o juízo, filho! Olhe aqui: quanto tudo isso lhe custou?

— Um dólar por placa. Comprei dez placas para fazer uma surpresa.

O avô colocou a mão no bolso, tirou a carteira velha e surrada, abriu o fecho de prata e retirou três notas de 5 dólares.

— Bill, você acaba de ter um lucro de 5 dólares nesta transação. Quero que leve esta carga de grama nada romântica para a ravina, para o aterro sanitário... Para qualquer lugar... Mas eu lhe peço, em um tom civilizado e humilde, para não plantá-la em meu jardim. Seus motivos não podem ser reprovados, mas meus motivos, penso eu, porque estou me aproximando de meus mais frágeis anos, devem ser considerados primeiro.

— Sim, senhor. — Bill guardou com relutância as notas no bolso.

— Bill, pode plantar essa grama nova em outro ano. Depois que eu morrer, Bill, estará livre para arrancar todo o maldito gramado. Acha que pode esperar mais uns cinco anos até que um velho orador bata as botas?

— Sei muitíssimo bem que posso esperar — disse Bill.

— Há uma coisa sobre o cortador de grama que não consigo explicar, mas, para mim, é o som mais lindo do mundo, o som mais fresco da estação, o som do verão, e eu ia sentir uma falta danada dele se não estivesse aqui, ia sentir falta do cheiro de grama cortada.

Bill se curvou para pegar uma placa de grama.

— Lá vou eu para a ravina.

— Você é um jovem bom e compreensivo, e será um repórter brilhante e de grande sensibilidade — disse o avô, ajudando-o. — É o que eu prevejo!

A manhã passou, chegou o meio-dia, o avô se retirou depois do almoço, leu um pouco de Whittier e dormiu pelo restante do dia. Quando acordou, às três da tarde, o sol se derramava pelas janelas, brilhante e fresco. Ele ficou deitado na cama e se assustou ao ouvir o som antigo, familiar e memorável.

— Mas, ora essa — disse ele —, alguém está usando o cortador de grama! Mas o gramado foi cortado esta manhã!

Ele escutou novamente. E, sim, lá estava, o interminável ruído para cima e para baixo, para cima e para baixo.

Ele se inclinou para fora da janela e ficou pasmo.

— Ora essa, é o Bill. Bill Forrester, você aí! O sol derreteu seus miolos? Está cortando a grama *de novo*!

Bill olhou para cima, deu um sorriso reluzente e acenou.

— Eu sei! Acho que não havia cortado em alguns pontos!

E, enquanto o avô ficou deitado na cama pelos cinco minutos seguintes, sorrindo e à vontade, Bill Forrester cortou o gramado para o norte, depois para o oeste, depois para o sul e, por fim, em uma grande fonte verde de borrifos, para o leste.



NA MANHÃ de domingo, Leo Auffmann andava lentamente por sua garagem, esperando que alguma madeira, um rolo de fio, um martelo ou uma chave-inglesa saltasse aos berros: Comece por aqui! Mas nada saltou, nada apelou aos gritos por um início.

Deveria a Máquina da Felicidade, perguntou-se ele, ser algo que se possa levar no bolso?

Ou, continuou ele, você deveria ser carregado no bolso *dela*?

— De uma coisa estou absolutamente *certo* — disse ele em voz alta. — Ela deve *brilhar!*

Ele colocou uma lata de tinta laranja no meio da bancada de trabalho, pegou um dicionário e foi para casa.

— Lena? — Ele olhou o dicionário. — Você está satisfeita, contente, alegre, encantada? Sente-se com sorte, afortunada? As coisas são engenhosas e adequadas, bem-sucedidas e satisfatórias para você?

Lena parou de fatiar os legumes e fechou os olhos.

— Leia a lista para mim novamente, por favor — disse ela.

Ele fechou o livro.

— Mas o que foi que eu fiz? Você precisa parar e pensar por uma hora antes de poder me dizer? O que peço é apenas um simples sim ou não! Você

*não* está contente, encantada, alegre?

— As vacas são contentes, os bebês e os velhos na segunda infância são encantados. Deus os ajude — disse ela. — E quanto a “alegre”, Leo? Olha como estou rindo ao esfregar a pia...

Ele a olhou de perto, e seu rosto relaxou.

— Lena, é verdade. Um homem não gosta disso. No mês que vem, talvez, nós faremos um passeio.

— Eu não estou me queixando! — disse ela. — Não fui *eu* que apareci com uma lista dizendo Ponha a língua para fora. Leo, você se pergunta o que faz seu coração bater a noite toda? Não! Em seguida, você se pergunta: o que é o casamento? Quem sabe, Leo? Não pergunte. Um homem que pensa desse jeito, em como tudo funciona, cai do trapézio do circo e se sufoca perguntando-se como os músculos funcionam na garganta. Coma, durma, respire, Leo, e pare de me olhar como se eu fosse uma novidade na casa!

Lena Auffmann ficou paralisada. Ela cheirou o ar.

— Ah, meu Deus, olha o que você fez!

Ela abriu a porta do forno. Uma grande nuvem de fumaça se espalhou pela cozinha.

— Felicidade! — disse ela, gemendo. — E, pela primeira vez em seis meses, temos uma briga! Felicidade, e, pela primeira vez em vinte anos, não temos pão, mas carvão vegetal para o jantar!

Quando a fumaça se dissipou, Leo Auffmann tinha ido embora.

O estrondo temível, o choque entre homem e inspiração, o movimento frenético de metal, madeira, martelo, pregos, régua T e chave de fenda continuaram por muitos dias. De vez em quando, derrotado, Leo Auffmann vagava pelas ruas, nervoso, apreensivo, virando repentinamente a cabeça ao mais leve som de um riso distante, ouvindo as piadas das crianças, vendo o que as fazia sorrir. À noite, ele se sentava nas varandas lotadas dos vizinhos, escutando os velhos camaradas colocarem a vida na balança, e, a cada explosão de alegria, Leo Auffmann apressava-se como um general que tinha visto a

derrota das forças das trevas e cuja estratégia fora reafirmada. A caminho de casa, ele se sentia triunfante, até chegar à garagem, com as ferramentas mortas e a madeira inanimada. Depois, o brilho de seu rosto se convertia em um medo pálido, e, para encobrir o fracasso que sentia, ele martelava e quebrava as partes de sua máquina quase como se elas realmente fizessem sentido. Em fim, ela começava a tomar forma e, no final de dez dias e dez noites, tremendo de fadiga, dedicado, meio faminto, desajeitado e olhando como se tivesse sido atingido por um raio, Leo Auffmann entrou em casa.

Os filhos, que estavam gritando terrivelmente entre si, fizeram silêncio, como se a Peste Vermelha\* tivesse entrado no soar do relógio.

— A Máquina da Felicidade — disse Leo Auffmann, com a voz rouca — está pronta.

— Leo Auffmann — disse a esposa — perdeu 7 quilos. Ele não fala com os filhos há duas semanas, eles estão nervosos, brigam, ouça! Sua esposa está nervosa, ela engordou 5 quilos, vai precisar de roupas novas, veja! É claro... A máquina está pronta. Mas feliz? Quem pode dizer? Leo, pare com esse relógio que está construindo. Nunca vai encontrar um cuco grande o bastante para entrar nele! O homem não foi feito para mexer com essas coisas. Não é contra Deus, não, mas certamente parece ser contra Leo Auffmann. Mais uma semana disso, e vamos enterrá-lo em sua máquina!

Mas Leo Auffmann estava ocupado demais percebendo que a sala oscilava.

Que interessante, pensou ele, deitando-se no chão.

A escuridão fechou-se nele em um piscar de olhos, enquanto alguém gritava algo sobre a Máquina da Felicidade, três vezes.

A primeira coisa que ele percebeu na manhã seguinte foram dezenas de passarinhos tremulando pelo ar, agitando ondas como pedras coloridas lançadas em um regato incrivelmente claro, indo delicadamente ao telhado de folhas de flandres da garagem.

Uma matilha de cães de várias raças andou enfileirada no jardim para olhar e ganir delicadamente na porta da garagem; quatro garotos, duas meninas e

alguns homens hesitavam na entrada de carros e depois avançaram sob as cerejeiras.

Leo Auffmann, ouvindo, sabia o que havia alcançado e chamou a todos para o jardim.

O som da Máquina da Felicidade.

Era o tipo de som que poderia ser ouvido vindo da cozinha de um gigante em um dia de verão. Havia todo tipo de zumbidos, altos e baixos, constantes e que depois mudavam. Comidas incríveis estavam sendo preparadas ali por um exército de abelhas douradas e sussurrantes, grandes como xícaras de chá. A própria gigante, zumbindo baixo e satisfeita, podia deslizar para a porta, vasta como todo o verão, a cara uma lua imensa cor de pêssego olhando calmamente os cães sorridentes, os meninos de cabelos dourados e os velhos de cabelos polvilhados.

— Espere — disse Leo Auffmann, em voz alta. — Eu não liguei a máquina esta manhã! Saul!

Saul, parado no jardim embaixo, olhou para cima.

— Saul, você a ligou?

— O senhor me disse para aquecê-la meia hora atrás!

— Tudo bem, Saul, eu esqueci. Não estou acordado. — Ele caiu de volta na cama.

A esposa, levando o café da manhã, parou na janela, olhando a garagem.

— Diga-me uma coisa — disse ela em voz baixa. — Se essa máquina é como você diz, teria ela uma resposta para fazer bebês em algum lugar nela? Essa máquina pode fazer pessoas de 70 anos terem 20? Além disso, como fica a morte quando você se esconde ali com toda aquela felicidade?

— Esconder-se!

— Se você morrer de tanto trabalhar, o que eu devo fazer hoje, subir naquela caixa grande lá embaixo e ficar feliz? Diga-me também, Leo, como está nossa vida? Você sabe como nossa casa é. Sete da manhã, o café, as crianças; todos vocês saem às oito e meia, e fico sozinha, lavando, e sozinha, cozinhado, meias a serem remendadas, mato a arrancar, ou correr até a loja ou polir a

prataria. Quem está se queixando? Só estou lembrando a você como a casa é posta em ordem, Leo, o que tem nela! Então, agora responda: como você coloca todas as coisas que eu disse em uma máquina?

— Não é assim que é construída!

— Desculpe. Não tenho tempo para ver, então.

E ela lhe deu um beijo no rosto e saiu do quarto, e ele ficou deitado, sentindo o cheiro do vento que soprava da máquina oculta lá embaixo, cheio do odor daquelas castanhas torradas que são vendidas nas ruas de outono de uma Paris que ele jamais conhecera...

Um gato andou sem ser visto em meio aos cães hipnotizados e aos meninos para ronronar na porta da garagem, no som de ondas de neve se desintegrando em uma longínqua praia que respira ritmadamente.

Amanhã, pensou Leo Auffmann, vamos testar a máquina, todos nós, juntos.

Tarde da noite, ele acordou e soube que algo o havia despertado. De longe, em outro quarto, ele ouviu alguém gritar.

— Saul? — sussurrou ele, levantando-se da cama.

Em seu quarto, Saul chorava, a cabeça enterrada no travesseiro.

— Não... Não... — soluçava ele. — Chega... Chega...

— Saul, está tendo um pesadelo? Conte-me, filho.

Mas o menino apenas chorava.

E, sentando-se ali, na cama do menino, Leo Auffmann, de repente, pensou em olhar pela janela. Lá embaixo, as portas da garagem estavam abertas.

O homem ficou arrepiado.

Quando Saul dormiu novamente, inquieto, choramingando, o pai desceu e foi para a garagem, onde, prendendo a respiração, estendeu a mão.

Na noite fria, o metal da Máquina da Felicidade estava quente demais para ser tocado.

Então, pensou ele, Saul esteve aqui esta noite.

Por quê? Estaria Saul infeliz, precisando da máquina? Não, feliz, mas querendo manter a felicidade para sempre. Você poderia culpar um menino sensato o bastante para saber sua posição e tentar mantê-la assim? Não! E, no entanto...

No alto, subitamente, algo branco exalava da janela de Saul. O coração de Leo Auffmann martelou. Depois, ele percebeu que a cortina da janela soprara para a liberdade da noite. Mas parecia tão íntimo e tremeluzente como a alma do menino escapando do quarto. E Leo Auffmann lançou as mãos para o alto, como quem quer detê-la, empurrá-la de volta para a casa adormecida.

Com frio, tremendo, ele voltou para a casa e subiu ao quarto de Saul, onde prendeu a cortina esvoaçante e fechou bem a janela para que a coisa etérea não escapasse novamente. Depois, sentou-se na cama e pôs a mão nas costas de Saul.

— *Um conto de duas cidades?* Meu. *A velha loja de curiosidades?* Rá, este é de Leo Auffmann, sem dúvida! *Grandes expectativas?* Este era meu. Mas que *Grandes expectativas* seja dele agora!

— O que é isso? — perguntou Leo Auffmann, entrando.

— Isso — disse a esposa — é fortalecer a comunicação de forma adequada! Quando um pai assusta o filho à noite, está na hora de dividir tudo pela metade! Está acabado, sr. Casa Abandonada, Velha Loja de Curiosidades. Em todos esses livros, nenhum cientista louco vive como Leo Auffmann, nenhum!

— Você vai embora e nem experimentou a máquina! — protestou ele. — Experimente, você vai desfazer as malas, vai ficar!

— *Tom Swift e seu aniquilador elétrico...* De quem é isso? — perguntou ela. — Devo *adivinhar?*

Bufando, ela entregou *Tom Swift* a Leo Auffmann.

Bem no fim daquele dia, todos os livros, pratos, roupas, lençóis tinham sido empilhados um aqui, um ali, quatro aqui, quatro lá, dez aqui, dez acolá. Lena Auffmann, tonta com a contagem, precisou se sentar.

— Muito bem — disse ela, ofegante. — Antes que eu vá, Leo, prove que você não proporcionou pesadelos a seus filhos inocentes!

Em silêncio, Leo Auffmann levou a esposa para o crepúsculo. Ela parou diante da caixa alaranjada de 2 metros e meio de altura.

— Isso é a *felicidade*? — perguntou ela. — Que botão devo apertar para me encher de alegria, ficar satisfeita, contente e muito agradecida?

As crianças agora se reuniram ali.

— Mamãe — disse Saul —, não!

— Preciso saber por que estou gritando, Saul. — Ela entrou na máquina, sentou-se e olhou o marido, sacudindo a cabeça. — Não sou eu quem precisa disso, é você, um farrapo de nervos, gritando.

— Por favor — disse ele —, você verá!

Ele fechou a porta.

— Aperte o botão! — gritou ele para a esposa, que não podia ser vista.

Houve um estalo. A máquina tremeu em silêncio, como um cão imenso sonhando adormecido.

— Papai! — gritou Saul, preocupado.

— Ouça! — disse Leo Auffmann.

No início, não houve nada, exceto o tremor das engrenagens e rodas movendo-se em segredo na máquina.

— A mamãe está bem? — perguntou Naomi.

— Está tudo bem, ela está ótima! Olhe, agora... Olhe!

E, dentro da máquina, Lena Auffmann podia ser ouvida: Oh!, e, depois: Ah!, em uma voz sobressaltada.

— Veja só isso — disse a esposa oculta. — Paris! — E, depois: — Londres! Lá vem Roma! As Pirâmides! A Esfinge!

— A Esfinge, ouviram, crianças? — sussurrou Leo Auffmann, e riu.

— Perfume! — gritou Lena Auffmann, surpresa.

Em algum lugar, um fonógrafo tocava baixinho “O Danúbio azul”.

— Música! Estou dançando!

— Ela só *pensa* que está dançando — confidenciou o pai ao mundo.

— Maravilhoso! — disse a mulher, sem poder ser vista.

Leo Auffmann corou.

— Isso é que é esposa compreensiva.

E, depois, dentro da Máquina da Felicidade, Lena Auffmann começou a chorar.

O sorriso do inventor desapareceu.

— Ela está chorando — disse Naomi.

— Não pode ser!

— Está, sim — disse Saul.

— Ela simplesmente não pode estar chorando! — Leo Auffmann, piscando, encostou a orelha na máquina. — Mas... Sim... Como um bebê...

Ele podia apenas abrir a porta.

— Espere. — Lá estava a esposa sentada, as lágrimas rolando pelo rosto. — Deixe-me terminar. — Ela chorou um pouco mais.

Leo Auffmann desligou a máquina, perplexo.

— Oh, é a coisa mais triste do mundo! — gemeu ela. — Eu me sinto péssima, horrível. — Ela saiu pela porta. — Primeiro, havia Paris...

— O que há de errado com Paris?

— Eu jamais na vida *pensei* em estar em Paris. Mas, agora, você me fez pensar: Paris! Então, de repente, quero estar em Paris e sei que não estou!

— É quase tão bom, nesta máquina.

— Não. Sentada ali, eu sabia. E pensei, não é real!

— Pare de chorar, mamãe.

Ela olhou para ele com olhos grandes, escuros e molhados.

— Você me fez dançar. Nós não dançamos há vinte anos.

— Vou levar você para dançar amanhã à noite!

— Não, não! Não é importante, *não deveria* ser importante. Mas sua máquina diz que é importante! Então eu acredito! Vai ficar tudo bem, Leo, depois de eu chorar um pouco mais.

— O que mais?

— O que mais? A máquina diz: Você é jovem. Eu não sou. Ela mente, essa Máquina da Tristeza!

— Tristeza de que maneira?

A esposa estava mais tranquila.

— Leo, seu erro foi ter se esquecido de que, certa hora, certo dia, todos vamos sair dessa coisa e voltar aos pratos sujos e às camas desfeitas. Enquanto você está dentro dessa coisa, é claro que um pôr do sol dura quase para sempre, o ar cheira bem, a temperatura é ótima. Todas as coisas que você quer que durem, duram. Mas, do lado de fora, as crianças esperam para almoçar, as roupas precisam de botões. E, depois, sejamos francos, Leo, quanto tempo você consegue *olhar* um pôr do sol? Quem *quer* que um pôr do sol dure tanto? Quem quer uma temperatura perfeita? Quem quer um ar sempre tão perfumado? Então, depois de algum tempo, quem iria perceber? Melhor ainda, por um ou dois minutos, um pôr do sol. Depois disso, vamos fazer outra coisa. As pessoas são assim, Leo. Como você pôde se esquecer disso?

— Eu me esqueci?

— Cada pôr do sol é amado, porque acontece apenas uma vez e vai embora.

— Mas, Lena, isso é triste.

— Não, se o pôr do sol continuasse e nós ficássemos entediados, isso sim seria uma tristeza de verdade. Então, você fez duas coisas que nunca deveria ter feito. Você fez as coisas rápidas ficarem lentas e permanecerem. Você trouxe coisas distantes para nosso quintal, ao qual não pertencem e onde elas simplesmente dizem a você: Não, você nunca vai viajar, Lena Auffmann, Paris você nunca verá! Roma você *jamais* visitará. Mas eu *sempre* soube disso. Então, por que me dizer? É melhor esquecer e viver com o que se tem, Leo, com o que se tem, sabe?

Leo Auffmann encostou-se à máquina para se apoiar. Ele puxou a mão queimada, surpreso.

— E agora, Lena? — disse ele.

— Não sou eu quem deve dizer. Sei apenas que, enquanto esta coisa estiver aqui, eu vou querer sair, ou Saul vai querer sair, como fez ontem à noite, e, insensatamente, nos sentarmos nela e olharmos todos aqueles lugares, tão distantes, e toda vez vamos chorar e não seremos uma boa família para você.

— Não entendo — disse ele — como posso ter me enganado tanto. Deixe-me verificar se o que você disse é verdade. — Ele se sentou dentro da máquina. — Vocês não vão embora?

A esposa assentiu.

— Vamos esperar, Leo.

Ele fechou a porta. Na escuridão quente, ele hesitou, apertou o botão e estava começando a relaxar em cor e música quando ouviu alguém gritar.

— Fogo, papai! A máquina está pegando fogo!

Alguém socou a porta. Ele pulou, bateu a cabeça e caiu, enquanto a porta cedia e os meninos o arrastavam para fora. Atrás de si, Leo Auffmann ouviu uma explosão abafada. Toda a família havia começado a correr. Leo Auffmann virou-se e ofegou.

— Saul, chame os bombeiros!

Lena Auffmann pegou Saul enquanto ele corria.

— Saul — disse ela. — Espere.

Houve uma erupção de chamas, outra explosão abafada. Quando a máquina estava realmente queimando bastante, Lena Auffmann assentiu.

— Tudo bem, Saul — disse ela. — Corra para chamar os bombeiros.

Todos que tinham importância foram ver o incêndio. Lá estavam o avô Spaulding e Douglas e Tom e a maioria dos pensionistas e alguns dos velhos homens do outro lado da ravina e todas as crianças dos seis quarteirões em volta. E os filhos de Leo Auffmann ficaram em frente, orgulhosos de como as chamas saltavam bem do telhado da garagem.

O avô Spaulding examinou a bola de fumaça no céu e disse, baixinho:

— Leo, o que foi isso? Sua Máquina da Felicidade?

— Um dia, em algum ano — disse Leo Auffmann —, vou entender e conto a você.

Lena Auffmann, parada no escuro, observava enquanto os bombeiros corriam para dentro e para fora do quintal. A garagem, rugindo, enfim sossegou.

— Leo — disse ela —, não será preciso um ano para entender. Olhe à sua volta. Pense. Fique um pouco em silêncio. Depois venha me dizer. Estarei em casa, devolvendo os livros às estantes, e as roupas aos armários, preparando o jantar, o jantar está atrasado, olhe como está escuro. Venham, crianças, ajudem a mamãe.

Quando os bombeiros e os vizinhos foram embora, Leo Auffmann ficou com o avô Spaulding e Douglas e Tom, meditando sobre a ruína. Ele mexeu os pés nas cinzas molhadas e disse lentamente o que tinha a dizer.

— A primeira coisa que você aprende na vida é que é um tolo. A última coisa que você aprende na vida é que é o mesmo tolo. Daqui a uma hora, terei pensado muito. Terei pensado: Leo Auffmann é cego!... Você quer ver a *verdadeira* Máquina da Felicidade? Aquela que patentearam alguns milhares de anos atrás ainda funciona. Não é sempre que funciona bem, não!, mas funciona. Estava aqui o tempo todo.

— Mas o fogo... — disse Douglas.

— Claro, o fogo, a garagem! Mas, como disse Lena, não é preciso um ano para entender. O que queimou na garagem não conta!

Eles seguiram Leo até a escada da varanda da frente.

— Aqui — sussurrou Leo Auffmann —, a janela da frente. Façam silêncio e vocês verão.

Hesitantes, o avô, Douglas e Tom espiaram pela ampla vidraça.

E, ali, nas pequenas poças quentes de luz, podia-se ver o que Leo Auffmann queria que fosse visto. Ali estavam sentados Saul e Marshall, jogando xadrez à mesa de centro. Na sala de jantar, Rebecca preparava a mesa. Naomi cortava vestidos de papel para bonecas. Ruth pintava aquarelas. Joseph brincava com o trenzinho elétrico. Pela porta da cozinha, via-se Lena Auffmann retirando um assado fumegante do forno. Cada mão, cada cabeça, cada boca

fazia movimentos grandes ou pequenos. Você poderia ouvir suas vozes distantes sob o vidro. Você poderia ouvir alguém cantando com uma voz aguda e doce. Você poderia sentir o cheiro de pão assando também, e você saberia que era pão de verdade, que logo estaria coberto de manteiga de verdade. Tudo estava lá, e tudo funcionava.

O avô, Douglas e Tom viraram-se para fitar Leo Auffmann, que olhava serenamente pela janela, com uma luz rosada nas bochechas.

— Claro — murmurou ele. — Aí está. — E ele observava, com uma tristeza agora suave e um prazer agora rápido e, por fim, uma aceitação silenciosa, enquanto todas as peças de sua casa se misturavam, agitavam-se, acomodavam-se, estabilizavam-se e funcionavam novamente com constância. — A Máquina da Felicidade — disse ele. — A Máquina da Felicidade.

Um momento depois, ele tinha ido embora.

Dentro de casa, o avô, Douglas e Tom o viram consertando coisas, fazendo um pequeno ajuste aqui, eliminando um atrito ali, ocupado em meio a todas aquelas peças quentes, maravilhosas, infinitamente delicadas, para sempre misteriosas e continuamente móveis.

Depois, sorrindo, avô e netos desceram a escada e penetraram na noite fresca de verão.

## Nota

\* O autor faz uma alusão à doença que é o *leitmotiv* do conto “A máscara da morte vermelha”, de Edgar Allan Poe. (N. T.)



DUAS vezes por ano, eles levavam os grandes tapetes para o jardim e os dispunham onde ficavam deslocados e desabitados, na grama. Depois, a avó e a mãe vinham da casa com o que parecia ser os encostos daquelas lindas cadeiras de arame curvadas da lanchonete do centro. Essas grandes varas de arame eram passadas em volta, de modo que todos, Douglas, Tom, a avó, a bisavó e a mãe, posicionavam-se como um grupo de bruxas e seus familiares em cima dos motivos empoeirados da velha Armênia. Depois, a um sinal da bisavó, um piscar de olhos ou uma mexida dos lábios, os manguais eram erguidos, e os arames batiam repetidas vezes nos tapetes.

— Tome isso! E isso! — dizia a bisavó. — Peguem as moscas, meninos, matem os piolhos!

— Ah, a senhora! — disse a avó para a sua mãe.

Então, todos riam. A tempestade de pó subia em volta deles. Seu riso sufocava.

Banhos de fiapos, marés de areia, flocos dourados de tabaco de cachimbo fluuavam, tremiam no ar que explodia e voltava a explodir. Parando, os meninos viam a trilha das pegadas de seus calçados e dos calçados dos mais velhos pressionados um bilhão de vezes nas dobras e tramas daquele tapete,

alisado e limpo, enquanto a maré da surra que davam varria vezes sem conta a praia oriental.

— Foi aqui que seu marido derramou aquele café! — A avó deu um golpe no tapete.

— Foi aqui que você deixou cair o creme! — A bisavó levantou um grande redemoinho de poeira.

— Olhe as marcas de desgaste. Meninos, meninos!

— Bisavó, aqui está a tinta de sua caneta!

— Arre! A minha era de tinta roxa. Isso é azul comum!

Bang!

— Olhe o trecho surrado da porta do corredor aqui até a porta da cozinha. Comida. É isso que leva o leão ao lugar onde bebe água. Vamos mudar de lugar, colocar ao contrário.

— Melhor ainda, deixe os homens do lado de fora da casa.

— Eles que deixem os sapatos do lado de fora da porta.

Bang, bang!

Eles penduraram os tapetes no varal para terminar o serviço. Tom olhou os arabescos e curvas intrincados, as flores, as figuras misteriosas, os motivos em vaivém.

— Tom, não fique parado aí. Bata, menino!

— É divertido ver as coisas — disse Tom.

Douglas olhou desconfiado para cima.

— O que está vendo?

— Toda a maldita cidade, as pessoas, as casas, aqui está nossa casa! —

Bang! — Nossa rua! — Bang! — Essa parte preta aqui é a ravina! — Bang! —

Ali é a escola! — Bang! — Esse desenho engraçado aqui é você, Doug! —

Bang! — Aqui, a bisavó, a vovó, a mamãe. — Bang! — Quantos anos tem esse

tapete?

— Quinze.

— Quinze anos de gente pisando nele; estou vendo cada marca de sapato — disse Tom, com a voz ofegante.

— Por Deus, menino, você fala demais — disse a bisavó.

— Estou vendo todas as coisas que aconteceram nesta casa em todos esses anos, bem aqui! — Bang! — Todo o passado, é claro, mas posso ver o futuro também. É só apertar meus olhos e espiar os motivos, ali, para ver onde vamos andar, correr, amanhã.

Douglas parou de brandir o batedor.

— O que mais você está vendo no tapete?

— Principalmente fios — disse a bisavó. — Não sobrou muita coisa além do fundo. Vê-se como o fabricante teceu essa coisa.

— É mesmo! — disse Tom, misteriosamente. — Fios de um lado, fios do outro. Posso ver todos. Demônios terríveis. Pecadores fatais. Ali, um tempo ruim; aqui, um bom. Piqueniques. Banquetes. Festas do morango. — Ele golpeava o batedor de um lugar para outro portentosamente.

— É um pensionato que você me vê administrando — disse a avó, fulgurando de esforço.

— Está tudo ali, meio vago. Fique com a cabeça de lado, Doug, deixe um olho quase fechado. É melhor à noite, é claro, lá dentro, com o tapete no chão, as luzes e tudo o mais. Depois, você vê sombras de todas as formas, a luz e a escuridão, e vê os fios saindo, sente a penugem, passa a mão no pelo. Tem o cheiro do deserto, posso apostar. Todo quente e cheio de areia, como dentro de um sarcófago, talvez. Olhe essa mancha vermelha: é a Máquina da Felicidade pegando fogo!

— Ketchup do sanduíche de alguém, sem dúvida — disse a mãe.

— Não, a Máquina da Felicidade — disse Douglas, e era triste vê-la queimando ali. Ele contava com que Leo Auffmann manteria as coisas em ordem, manteria todos sorrindo, manteria o pequeno giroscópio que Douglas sempre sentia dentro de si balançando para o sol toda vez que a terra oscilasse para o espaço sideral e a escuridão. Mas, não, havia a loucura de Auffmann, cinzas e brasas. Bang! Bang! Douglas golpeou.

— Olha, aqui tem uma baratinha elétrica verde! A srta. Fern! A srta. Roberta! — disse Tom. — Fon, fon! — Bang!

Todos riram.

— Aqui está sua linha da vida, Doug, passando ao longo dos nós. Muitas maçãs ácidas. Pickles na hora de dormir!

— Qual, onde? — gritou Douglas, olhando.

— Esta, daqui a um ano; esta, daqui a dois anos; e esta, daqui a três, quatro, cinco anos!

Bang! O batedor de arame sibilava como uma serpente no céu encoberto.

— E uma para crescer! — disse Tom.

Ele bateu no tapete com tanta força que toda a poeira de 5 mil séculos pulou da textura abalada, parou no ar por um momento terrível, e, enquanto Douglas ficava parado, os olhos semicerrados para ver as dobras, a trama, o motivo trêmulo, a avalanche armênia de pó rugiu sem som acima, abaixo e em volta, enterrando-o para sempre diante dos olhos deles...



COMO aquilo começou com as crianças a velha sra. Bentley nunca soube. Ela sempre as via, como mariposas e macacos, em meio aos repolhos e às bananas penduradas do armazém, e a velha sorria para as crianças, e elas lhe retribuíam o sorriso. A sra. Bentley as observava deixando pegadas na neve, enchendo os pulmões com a fumaça de outono, sacudindo tempestades de flores de macieira, mas não sentia medo delas. Sua casa estava em extrema ordem, tudo no lugar, o chão rapidamente varrido, os alimentos bem-guardados em latas, os alfinetes de chapéu enfiados em almofadas e as gavetas da cômoda do quarto da velha claramente cheias da parafernália dos anos.

A sra. Bentley gostava de guardar. Ela guardava ingressos, antigos programas de teatro, peças de renda, cachecóis, passagens de baldeações de trem; todas as etiquetas e comprovantes da existência.

— Tenho uma pilha de discos — dizia ela com frequência. — Aqui está Caruso. Este foi em 1916, em Nova York; eu tinha 60 anos, e John ainda estava vivo. Aqui está June Moon, em 1924, acredito, logo depois da morte de John.

Esse era o grande pesar de sua vida, de certa forma. O que ela mais gostava de tocar e ouvir e olhar ela não guardara. John estava longe, na campina, datado e encaixotado e oculto sob a relva, e nada restara dele exceto a cartola, a

bengala e o bom terno no armário. Quase todo o restante tinha sido devorado por traças.

Mas o que a velha mulher podia guardar ela guardava. Os vestidos de flores cor-de-rosa espremidos em meio a bolinhas de naftalina, em grandes malas pretas, e os pratos de vidro lascado de sua infância — ela trouxera todos quando se mudara para aquela cidade, havia cinco anos. O marido possuía propriedades alugadas em várias cidades e, como uma peça de xadrez de marfim amarelado, a velha se mudara e vendera uma após outra, até que fora para lá, uma cidade estranha, e lhe restaram apenas as malas e a mobília, escura e feia, curvada em torno dela como as criaturas de um zoológico primitivo.

A história das crianças aconteceu no meio do verão. A sra. Bentley, saindo para regar a hera sob a varanda da frente, viu duas meninas rosadas que se espreguiçavam e um menino pequeno, os três deitados na grama, desfrutando o imenso pinicar da relva.

No exato momento em que a sra. Bentley sorriu para eles, com sua cara de máscara amarelada, virou a esquina, como um grupo de elfos, uma carroça de sorvete. Tocava melodias monótonas, tão claras e orladas como taças de cristal manuseadas por um especialista, e vinha convocando a todos. As crianças se sentaram e viraram a cabeça, como girassóis para o sol.

A sra. Bentley disse:

— Querem um? Tomem! — A carroça de sorvete parou, e a velha trocou dinheiro por pedaços originais da Era Glacial. As crianças agradeceram com neve na boca, os olhos disparando de seus sapatos abotoados até o cabelo branco.

— Quer um pouco? — disse o menino.

— Não, criança. Sou velha demais e já sou gelada o bastante; o dia mais quente não é capaz de me descongelar — disse a sra. Bentley, entre risos.

Eles levaram as pequenas geleiras e se sentaram em fila no balanço sombreado da varanda.

— Eu sou Alice, ela é Jane, e esse é Tom Spaulding.

— Que bonito. E eu sou a sra. Bentley. Meu nome é Helen.

Eles a olharam.

— Não acreditam que me chamo Helen? — disse a velha mulher.

— Eu não sabia que as idosas tinham prenome — disse Tom, piscando.

A sra. Bentley deu um riso discreto.

— Nunca se ouve as pessoas usarem, foi o que ele quis dizer — disse Jane.

— Minha querida, quando você tiver a minha idade, também não vão lhe chamar de Jane. A velhice é pavorosamente formal. Sempre é senhora. Os jovens não gostam de chamar você de Helen. Parece insolente demais.

— Quantos anos a senhora tem? — perguntou Alice.

— Eu me lembro do pterodátilo. — A sra. Bentley sorriu.

— Não, mas quantos anos?

— Setenta e dois.

Eles deram uma longuíssima lambida em seus doces gelados, pensando.

— Isso é *velho* à beça — disse Tom.

— Não sinto agora nada diferente do que eu sentia na época em que tinha a idade de vocês — disse a idosa.

— A *nossa* idade?

— Sim. Já fui uma linda menina como você, Jane, e você, Alice.

Eles não falaram nada.

— O que foi?

— Nada. — Jane se levantou.

— Ah, não precisam ir embora tão cedo, espero. Vocês nem terminaram de comer... Há algum problema?

— Minha mãe diz que é falta de educação contar lorotas — disse Jane.

— É claro que sim. É muito ruim — concordou a sra. Bentley.

— E é falta de educação *ouvir* lorotas.

— Quem estava contando lorotas a você, Jane?

Jane olhou para ela e depois desviou os olhos, nervosa.

— A senhora.

— Eu? — A sra. Bentley riu e pôs a mão murcha no pequeno busto. —  
Sobre o quê?

— Sobre sua idade. Sobre ser uma garotinha.

A sra. Bentley se empertigou.

— Mas eu *fui*, muitos anos atrás, uma garotinha exatamente como você.

— Vamos, Alice, Tom.

— Esperem um instante — disse a sra. Bentley. — Não acreditam em mim?

— Não sei — disse Jane. — Não.

— Mas que ridículo! É perfeitamente óbvio. Todo mundo um dia foi jovem!

— Não a senhora — sussurrou Jane, os olhos baixos, quase consigo mesma. Seu palito de sorvete vazio caiu na poça de baunilha no chão da varanda.

— Mas é claro que tive 8, 9, 10 anos, como todos vocês.

As duas meninas soltaram uma risada curta que encerrava rapidamente o assunto.

Os olhos da sra. Bentley cintilaram.

— Bem, não posso perder uma manhã discutindo com crianças de 10 anos. Nem preciso dizer que, quando eu mesma tinha 10 anos, era igualmente tola.

As duas meninas riram. Tom ficou constrangido.

— Está brincando com a gente — disse Jane, rindo. — A senhora não teve realmente 10 anos, não é, sra. Bentley?

— Vão para casa! — gritou a mulher de repente, porque não pôde suportar os olhos deles. — No lugar de vocês, eu não estaria rindo.

— E seu nome não é realmente Helen?

— É claro que é Helen!

— Adeus — disseram as duas meninas, rindo pelo gramado sob os mares de sombra, Tom atrás delas devagar. — Obrigada pelo sorvete!

— Antigamente, eu brincava de amarelinha! — gritou a sra. Bentley para eles, mas os três haviam partido.

A sra. Bentley passou o restante do dia batendo as chaleiras, preparando ruidosamente um leve lanche, e, de tempos em tempos, ia à porta da frente, na esperança de pegar aqueles diabinhos insolentes em suas excursões risonhas no fim do dia. Mas, se eles tivessem aparecido, o que ela poderia lhes dizer, por que deveria se preocupar com eles?

— Que ideia! — disse a sra. Bentley para sua xícara de chá delicada e cheia de rosas. — Ninguém jamais duvidou de que eu fui uma menina. Que coisa tola e horrível de se fazer. Não me importo de ser velha... Não mesmo... Mas *realmente* me ressinto de ter minha infância tirada de mim.

Ela podia ver as crianças correndo sob as árvores cavernosas com a juventude dela nos dedos gelados, invisível como o ar.

Depois do jantar, por motivo nenhum, com uma insensata certeza de movimentos, a velha olhou as próprias mãos, como um par de luvas espectrais em uma sessão espírita, juntando certos objetos em um lenço perfumado. Depois, foi para a varanda da frente e ficou ali, rígida, por meia hora.

De repente, como aves noturnas, as crianças voaram por lá, e a voz da sra. Bentley os fez parar palpitantes.

— Sim, *sra.* Bentley?

— Venham até a varanda! — ordenou ela, e as meninas subiram os degraus, com Tom caminhando atrás.

— Sim, *sra.* Bentley? — Eles enfatizaram o *senhora*. Como as notas graves de um piano, intensamente, como se fosse o prenome da mulher.

— Tenho alguns tesouros para mostrar a vocês. — Ela abriu o lenço perfumado e o olhou, como se ela mesma pudesse se surpreender. Retirou uma travessa, muito pequena e delicada, a borda cintilando de falsos diamantes.

— Eu usava isso quanto tinha 9 anos — disse ela.

Jane virou a travessa na mão e disse:

— Que bonita.

— Deixa eu ver! — gritou Alice.

— E aqui tenho um anelzinho que eu usava quando tinha 8 anos — disse a sra. Bentley. — Não cabe no meu dedo agora. Você olha através dele e vê a

Torre de Pisa preparando-se para cair.

— Deixa eu ver a torre inclinada! — As meninas passaram o anel entre elas até que Jane o acomodou na mão. — Mas como pode, é do *meu* tamanho! — exclamou ela.

— E a travessa cabe na *minha* cabeça! — suspirou Alice.

A sra. Bentley pegou umas pedrinhas de três-marias.

— Olhem — disse ela. — Antigamente, eu brincava com isto.

Ela as atirou. Elas formaram uma constelação na varanda.

— E olhem aqui! — Triunfante, ela sacou seu trunfo, uma foto em postal de si mesma com 7 anos, usando um vestido que parecia uma borboleta amarela e cachos dourados, com olhos de vidro azul e lábios angelicais fazendo bico.

— Quem é essa menininha? — perguntou Jane.

— Sou *eu!*

As duas meninas agarraram a foto.

— Mas não parece a senhora — disse Jane simplesmente. — Qualquer um podia conseguir uma foto assim, em algum lugar.

Elas a olharam por um longo momento.

— Tem mais alguma fotografia, sra. Bentley? — perguntou Alice. — Da senhora, depois? Tem uma foto da senhora aos 15 anos, e uma aos 20, e uma aos 45?

As meninas riram.

— Não tenho de lhes mostrar nada! — disse a sra. Bentley.

— Então, não temos que acreditar na senhora — respondeu Jane.

— Mas esta foto prova que eu fui jovem!

— É de outra menina qualquer, como a gente. A senhora pegou emprestada.

— Eu fui casada!

— E cadê o *sr.* Bentley?

— Ele se foi há muito tempo. Se ele estivesse aqui, diria a vocês como eu era jovem e bonita quando tinha 22 anos.

— Mas ele não está aqui e não pode falar; então que prova a senhora tem?

— Tenho uma certidão de casamento.

— Pode ter pegado emprestada também. Só vou acreditar que a senhora um dia foi jovem — Jane fechou os olhos para enfatizar a certeza que tinha de si mesma — se tiver alguém que diga que viu a senhora quando tinha 10 anos.

— Milhares de pessoas me viram, mas elas morreram, sua tolinha... Ou estão doentes, em outras cidades. Não conheço viva alma aqui, me mudei para cá há apenas alguns anos, então ninguém me viu jovem.

— Bom, aí *está!* — Jane piscou para os companheiros. — Ninguém a *viu!*

— Olhe aqui! — A sra. Bentley pegou a menina pelo pulso. — Você deve botar fé nessas coisas. Um dia, você será tão velha quanto eu. As pessoas vão dizer o mesmo. Ah, não, elas dirão, aqueles abutres nunca foram colibris, aquelas corujas nunca foram papa-figos, aqueles papagaios nunca foram azulões! Um dia vocês serão como eu!

— Não vamos, não! — disseram as meninas. — Vamos? — perguntaram uma à outra.

— Esperem e verão! — disse a sra. Bentley.

E, consigo mesma, ela pensou: Oh, Deus, crianças são crianças, idosas são idosas, e não há nada entre uma coisa e outra. Elas não podem imaginar uma mudança que não conseguem ver.

— Sua mãe — disse ela a Jane. — Não percebeu, com o passar dos anos, a mudança?

— Não — disse Jane. — Ela é sempre a mesma.

E era verdade. Você mora com as pessoas diariamente, e elas nunca se alteram. É apenas quando as pessoas partem em uma longa viagem, durante anos, que elas chocam você. E a velha se sentia como uma mulher que estivera em um trem escuro que rugira por 72 anos e, enfim, parava na plataforma ferroviária, onde todos gritavam: Helen Bentley, é *você?*

— Acho melhor irmos embora — disse Jane. — Obrigada pelo anel. Cabe direitinho em mim.

— Obrigada pela travessa. É bonita.

— Obrigada pela fotografia da garotinha.

— Voltem aqui... Não podem ficar com isso! — gritou a sra. Bentley, enquanto as garotas desciam a escada correndo. — São *meus*!

— Não! — disse Tom, seguindo as meninas. — Devolvam a ela!

— Não, ela os roubou! Eram de outra garotinha. Ela os roubou. Obrigada! — gritou Alice.

Então, não importando o quanto a velha gritasse, as meninas se foram, como mariposas na escuridão.

— Desculpe — disse Tom, no gramado, olhando a sra. Bentley. Ele se afastou.

Elas levaram meu anel, minha travessa e minha fotografia, pensou a sra. Bentley, tremendo na escada. Oh, estou oca, oca; é parte de minha vida.

Ela ficou acordada na cama por muitas horas noite adentro, em meio a suas malas e quinquilharias. Olhou as pilhas organizadas de material, brinquedos e plumas de ópera e disse, em voz alta:

— Isso realmente me pertence?

Ou era um truque elaborado de uma velha convencendo-se de que tinha um passado? Afinal, depois que o tempo passava, estava tudo acabado. Estamos sempre no presente. Antigamente, ela pode ter sido uma menina, mas já não era. Sua infância se fora, e nada podia trazê-la de volta.

Um vento noturno soprou no quarto. A cortina branca ondulou contra uma bengala escura, que estava encostada na parede havia muitos anos, perto de outro bricabraque. A bengala tremeu e caiu sobre um pedaço de luar, com um baque suave. Sua ponteira de ouro cintilou. Era a bengala de ópera do marido. Parecia que ele estava apontando a bengala para ela, como às vezes fazia, usando sua voz suave, triste e sensata quando eles, em raras ocasiões, discordavam.

Aquelas crianças têm razão, teria dito ele. Elas não lhe roubaram nada, minha querida. Essas coisas não pertencem a você *aqui*, a você *agora*. Pertenceram a ela, àquela outra você, muito tempo atrás.

Oh, pensou a sra. Bentley. E, então, como se um disco fonográfico antigo tivesse sido colocado sibilando sob uma agulha de aço, ela se lembrou de uma conversa que tivera um dia com o sr. Bentley — o sr. Bentley, tão empertigado, um cravo cor-de-rosa na lapela escovada, dizendo: Minha querida, você nunca entenderá o tempo, não é? Sempre está tentando ser aquilo que se foi em vez de ser a pessoa você que é esta noite. Por que guarda esses ingressos e programas de teatro? Vão apenas magoá-la no futuro. Jogue-os fora, minha querida.

Mas a sra. Bentley, teimosamente, os guardara.

Não vai dar certo, continuou o sr. Bentley, bebendo chá. Por mais que você tente ser o que foi, você somente pode ser o que é aqui e agora. O tempo hipnotiza. Quando você tem 9 anos, pensa que sempre teve 9 anos e sempre terá. Quando tem 30, parece que sempre esteve equilibrada ali, na beira luminosa da meia-idade. E, depois, quando faz 70, sempre tem e sempre terá 70. Você está no presente, está presa a um agora jovem ou a um agora velho, mas não há outro agora a ser visto.

Fora uma das poucas discussões, embora amena, de seu tranquilo casamento. O marido nunca aprovou a mania dela de guardar quinquilharias. Seja o que você é, enterre o que não é, dissera-lhe ele. Ingressos são um embuste. Guardar coisas é um truque de mágica com espelhos.

Se ele estivesse vivo esta noite, o que teria dito?

Você está guardando casulos. Seria isso o que ele diria. Um tipo de espartilho em que você jamais caberá novamente. Então, por que guardá-los? Você não pode provar realmente que um dia foi jovem. Fotografias? Não, elas mentem. Você não é a fotografia.

Depoimentos?

Não, minha cara, você não é as datas, nem a tinta, nem o papel. Você não é essas malas de lixo e pó. Você é apenas você, aqui, agora... O você do presente.

A sra. Bentley assentiu para a lembrança, respirando com mais facilidade.

— Sim, entendo. Entendo.

A bengala de ponteira de ouro postava-se em silêncio no tapete enluarado.

— De manhã — disse ela à bengala —, farei algo definitivo com relação a isso e passarei a ser somente eu, e ninguém mais de outras épocas. Sim, é o que farei.

Ela dormiu...

A manhã estava luminosa e verdejante, e, ali, à sua porta, batendo delicadamente na tela, estavam as duas meninas.

— Tem mais alguma coisa para nos dar, sra. Bentley? Mais daquelas coisas de garotinha?

Ela as levou pelo corredor até a biblioteca.

— Pegue isso. — Ela deu a Jane o vestido com que representara a filha do mandarim aos 15 anos. — E isso, e isso. — Um caleidoscópio, uma lupa. — Peguem o que quiserem — disse a sra. Bentley. — Livros, patins, bonecas, tudo... É tudo de vocês.

— Nosso?

— Somente de vocês. E vocês podem me ajudar com uma tarefa na próxima hora? Vou fazer uma grande fogueira no quintal. Vou esvaziar as malas e jogar todo esse lixo para o lixeiro. Não pertence a mim. Nada, jamais, pertence a alguém.

— Vamos ajudar — disseram elas.

A sra. Bentley liderou a procissão até o quintal, os braços cheios, uma caixa de fósforos na mão.

Assim, pelo restante do verão, podiam-se ver as duas meninas e Tom, como cambaxirras em um fio, na varanda da sra. Bentley, esperando. E, quando os inconfundíveis sinos do sorveteiro eram ouvidos, a porta da frente se abria, a sra. Bentley adejava para fora com a mão imersa na goela de sua bolsa prateada, e, por meia hora, podiam-se ver os quatro na varanda, as crianças e a idosa, colocando frialdade no calor, tomando pingentes de gelo de chocolate, rindo. Enfim, eram bons amigos.

— Quantos anos a senhora tem, sra. Bentley?

— Setenta e dois.

— Quantos anos tinha há cinquenta anos?

— Setenta e dois.

— A senhora nunca foi jovem, não é? E nunca usou fitas ou vestidos assim?

— Não.

— A senhora tem um prenome?

— Meu nome é sra. Bentley.

— E sempre morou nesta casa?

— Sempre.

— E nunca foi bonita?

— Nunca.

— Nunca, nem em 1 milhão de trilhão de anos? — As duas meninas se curvaram para a idosa e esperaram no silêncio opressivo das quatro horas de uma tarde de verão.

— Nunca — disse a sra. Bentley —, nem em 1 milhão de trilhão de anos.



— Já preparou o bloco de 5 centavos, Doug?

— Claro. — Doug lambeu o lápis bom.

— O que tem aí até agora?

— Todas as cerimônias.

— O 4 de julho e tudo, a preparação do licor de dente-de-leão e o dia de trazer para fora o balanço da varanda, hein?

— Diz aqui, eu comi o primeiro Eskimo Pie do verão em 1º. de junho de 1928.

— Não era verão, ainda era primavera.

— Era um primeiro de qualquer forma; então, coloquei isso. Comprei aqueles tênis novos em 25 de junho. Fui descalço para a grama em 26 de junho. Ocupado, ocupado, ocupado, droga! Bem, o que você tem a contar desta vez, Tom? Um novo primeiro, algum tipo de cerimônia extravagante para fazer nas férias, como pegar um caranguejo de rio ou uma aranha que anda na água?

— Ninguém, nunca na vida, pegou uma aranha que anda na água. Já *conheceu* alguém que tenha pegado uma aranha que anda na água? Vamos, pense!

— Estou pensando.

— E então?

— Tem razão. Ninguém nunca fez isso. Ninguém nunca fará, eu acho. Elas são rápidas demais.

— Não é porque são rápidas. Elas simplesmente não existem — disse Tom. Ele pensou nisso e assentiu. — É isso mesmo, elas nunca existiram, de jeito nenhum. Bem, o que tenho a contar é isso.

Ele se inclinou e sussurrou no ouvido do irmão.

Douglas escreveu.

Os dois olharam para o bloco.

— Maldição! — disse Douglas. — Nunca pensei nisso. É brilhante! É verdade. Os velhos nunca *foram* crianças!

— E isso é meio triste — disse Tom, sentando-se imóvel. — Não podemos fazer nada para ajudá-los.



— PARECE que a cidade está cheia de máquinas — disse Douglas, correndo. — O sr. Auffmann e sua Máquina da Felicidade, a srta. Fern e a srta. Roberta e a Máquina Verde delas. Agora, Charlie, para onde está me levando?

— Para uma Máquina do Tempo! — disse, ofegante, Charlie Woodman, acompanhando-o. — Juro pela minha mãe, palavra de escoteiro, palavra de honra!

— Viaja para o passado e o futuro? — perguntou John Huff, contornando-os facilmente.

— Somente para o passado, mas não se pode ter tudo. Chegamos.

Charlie Woodman pulou a sebe.

Douglas espiou a velha casa.

— Droga, é a casa do coronel Freeleigh. Não pode ter Máquina do Tempo aqui. Ele não é inventor e, se fosse, saberíamos há anos de uma coisa importante como uma Máquina do Tempo.

Charlie e John foram na ponta dos pés até a escada da varanda da frente. Douglas bufou e sacudiu a cabeça, parando ao pé da escada.

— Tudo bem, Douglas — disse Charlie. — Seja um cabeça-dura. É claro que o coronel Freeleigh não *inventou* essa Máquina do Tempo. Mas ele tem

interesse nela, e ela estava aqui o tempo todo. Fomos burros demais para não perceber! Ainda mais você, Douglas Spaulding!

Charlie pegou o cotovelo de John como se estivesse acompanhando uma dama, abriu a tela da varanda, e entraram. A porta de tela não bateu.

Douglas aparou a tela e os seguiu em silêncio.

Charlie atravessou a varanda cercada, bateu e abriu a porta interna. Todos olharam um longo corredor escuro que dava para uma sala iluminada como uma gruta submarina, de um verde suave, escura e úmida.

— Coronel Freeleigh?

Silêncio.

— Ele não ouve muito bem — sussurrou Charlie. — Mas ele me disse para entrar e gritar. *Coronel!*

A única resposta foi a poeira girando na escada caracol no alto. Depois, houve um agitar fraco naquela câmara subaquática do outro lado do corredor.

Eles seguiram com cuidado e espiaram a sala, que continha apenas dois móveis — um velho homem e uma cadeira. Eles se pareciam, ambos tão magros que era possível ver que tinham sido colocados juntos, olhos e cavidades, nervos e juntas. O restante da sala era feito de tábuas corridas toscas, paredes e teto nus e uma grande quantidade de ar silencioso.

— Ele parece morto — sussurrou Douglas.

— Não, ele está apenas pensando em lugares novos para viajar — disse Charlie, muito orgulhoso e tranquilo. — Coronel?

Um dos móveis marrons se mexeu, e era o coronel, piscando, focalizando e abrindo um sorriso desvairado e sem dentes.

— Charlie!

— Coronel, Doug e John vieram aqui para...

— Bem-vindos, meninos; sentem-se, sentem-se!

Os meninos se sentaram, apreensivos, no chão.

— Mas onde está a... — disse Douglas. Charlie socou logo as costelas do outro.

— Onde está o quê? — perguntou o coronel Freeleigh.

— Onde está o sentido de *nós* falarmos, ele quis dizer. — Charlie fez uma careta para Douglas, depois sorriu para o velho. — Não temos nada a dizer. Coronel, diga o *senhor* alguma coisa.

— Cuidado, Charlie, homens velhos ficam apenas esperando que as pessoas lhes peçam para falar. Depois, eles matraqueiam feito um elevador enferrujado, chiando ao se mover poço acima.

— Ching Ling Soo — sugeriu Charlie, casualmente.

— Hein? — disse o coronel.

— Boston — propôs Charlie —, 1910.

— Boston, 1910... — O coronel franziu a testa. — Sim, Ching Ling Soo, é claro!

— Sim, senhor, coronel.

— Vejamos agora... — A voz do coronel murmurou, vagou nas águas serenas do lago. — Deixe-me ver...

Os meninos esperaram.

O coronel Freeleigh fechou os olhos.

— Em 1º. de outubro de 1910, uma agradável noite calma e fria de outono, o Teatro de Variedades de Boston, sim, *lá* está. A casa cheia, todos esperando. Orquestra, fanfarra, cortina! Ching Ling Soo, o grande Mágico Oriental! Lá está ele, no palco! E lá estou eu, na fila da frente, no meio! O Truque da Bala!, ele grita. Voluntários! O homem ao meu lado se levanta. Examine o rifle!, diz Ching. Marque a bala!, diz ele. Agora, dispare a bala marcada deste rifle, usando meu rosto como alvo, e, diz Ching, na outra ponta do palco, vou pegar a bala com meus *dentes*!

O coronel Freeleigh respirou fundo e fez uma pausa.

Douglas o encarava, meio confuso, meio maravilhado. John Huff e Charlie estavam completamente perplexos. Então, o velho continuou, a cabeça e o corpo paralisados, apenas os lábios se movendo.

— Preparar, apontar, fogo!, grita Ching Ling Soo. Bang! O rifle disparou. Bang! Ching Ling Soo grita, cambaleia, cai, o rosto todo vermelho. Pandemônio. A plateia fica de pé. Alguma coisa errada com o rifle. Morto, diz

alguém. E tinha razão. Morto. Horrível, horrível... Sempre vou me lembrar... Seu rosto, uma máscara de vermelho, a cortina descendo rápido, e as mulheres chorando... 1910... Boston... Teatro de Variedades... Pobre homem... Pobre homem...

— Puxa, coronel — disse Charlie —, essa foi ótima. Agora que tal Pawnee Bill?

— Pawnee Bill...?

— E a vez em que o senhor estava na pradaria, em 1875.

— Pawnee Bill... — O coronel moveu-se para dentro da escuridão. — Mil oitocentos e setenta e cinco... Sim, eu e Pawnee Bill em uma pequena elevação no meio da pradaria, esperando. Psiu!, diz Pawnee Bill. Ouça. A pradaria, como um grande palco, todo preparado para a tempestade que viria. Trovão. Suave. Trovão de novo. Não tão suave. E, do outro lado dessa pradaria, longe, onde a vista pode alcançar, aquela agourenta nuvem amarelo-escura, cheia de relâmpagos pretos, meio afundada na terra, com 80 quilômetros de largura, 80 quilômetros de extensão, 1 quilômetro e meio de altura e não mais de 3 centímetros acima da terra. Meu Deus!, grito eu, Meu Deus!... Do alto da colina... Meu Deus! A terra martela como um coração louco, meninos, um coração que entrou em pânico. Meus ossos tremem tanto que é como se fossem quebrar. A terra sacode: rá-ta-tá, rá-ta-tá, bum! Estrondo. Esta é uma palavra de primeira: estrondo. Ah, como aquela tempestade poderosa era estrondosa para todo lado, e sobre os morros, e tudo que se podia ver era a nuvem e nada dentro dela. São eles!, gritou Pawnee Bill. E a nuvem era de pó! Não de vapor nem de chuva, não, mas de poeira da pradaria, lançando-se da relva seca feito pavio, como uma papa de milho, como pólen brilhando ao sol, porque o sol havia surgido. Gritei de novo! Por quê? Porque, em toda aquela poeira se infiltrando do fogo do inferno, agora um véu se abria de lado, e eu os vi, juro por Deus! O grande Exército da antiga pradaria: o bisão, o búfalo!

O coronel deixou que o silêncio crescesse, depois o interrompeu novamente.

— Cabeças como punhos gigantes de negros, corpos como locomotivas! Vinte, cinquenta, 200 mil mísseis de ferro atirados do oeste, saindo da trilha e agitando brasas, os olhos como carvão incandescente, estrondando em direção ao esquecimento!

“Vi a poeira se erguer e, por certo tempo, me mostrar um mar de corcovas, de crinas crescentes, ondas negras felpudas se elevando, caindo... ‘Atire!’, diz Pawnee Bill. ‘Atire!’ E eu engatilho e miro. ‘Atire!’, diz ele. E eu fico ali, sentindo-me como a mão direita de Deus, olhando a grande visão de força e violência passando, passando, o meio-dia transformado em meia-noite, como um claro cortejo fúnebre todo preto e longo e triste e eterno, e não se deve atirar em um cortejo fúnebre, não é? Fariam isso, meninos? *Fariam?* Tudo que eu queria era que a poeira baixasse de novo e cobrisse as formas escuras da danação que socavam e empurravam com uma comoção grande e opressiva. E, meninos, a poeira baixou. A nuvem escondeu os milhões de patas que estavam convocando o trovão a toque de tambor e dissipando a tempestade. Ouvi Pawnee Bill xingar e bater em meu braço. Mas fiquei feliz por não ter tocado aquela nuvem ou o poder dentro dela, como uma bala de chumbo. Eu queria apenas ficar parado ali, vendo o tempo entrouxado em grandes giros, totalmente oculto pela tempestade que o bisão criara e carregara, com aqueles giros, rumo à eternidade.

“Uma hora, três horas, seis, esse foi o tempo que levou para a tempestade passar e desaparecer no horizonte, na direção de homens menos gentis que eu. Pawnee Bill se fora, fiquei ali sozinho, completamente surdo. Andei, em um torpor, para uma cidade 150 quilômetros ao sul e não ouvi as vozes dos homens e fiquei satisfeito por não ouvir. Por algum tempo, quis relembrar o trovão. Eu ainda o ouço, em tardes de verão como esta, quando a chuva amolda o lago; um som temível, maravilhoso... Um som que eu gostaria de que vocês pudessem ouvir...”

A penumbra se infiltrava pelo nariz do coronel Freeleigh, que era grande e parecia uma porcelana branca contendo, na certa, chá de laranja ralo e tépido.

— Ele está dormindo? — perguntou Douglas, por fim.

— Não — disse Charlie. — Apenas repondo as energias.

O coronel Freeleigh respirou rápida e suavemente, como se tivesse corrido por um longo caminho. Por fim, abriu os olhos.

— Sim, *senhor!* — disse Charlie, admirado.

— Olá, Charlie. — O coronel sorriu, meio desnordeado, para os meninos.

— Esse é o Doug, e esse é o John — disse Charlie.

— Como vão, meninos?

Os meninos o cumprimentaram.

— Mas... — disse Douglas. — Onde está a...?

— Meu Deus do céu, você é um burro! — Charlie deu um soco no braço de Douglas e se virou para o coronel. — O senhor estava dizendo, senhor...?

— Eu *estava?* — murmurou o velho.

— A Guerra de Secessão — sugeriu John Huff, em voz baixa. — Lembra-se disso?

— Se me lembro? — disse o coronel. — Ah, eu me lembro, eu me lembro!

— Sua voz tremeu enquanto ele fechava de novo os olhos. — De tudo! Menos... de que lado combati...

— A *cor* de seu uniforme... — começou Charlie.

— As cores começaram a me escapar — sussurrou o coronel. — Ficaram nevoentas. Vejo soldados junto comigo, mas, há muito tempo, parei de ver a cor de seus casacos ou quepes. Eu nasci em Illinois, fui criado na Virgínia, me casei em Nova York, construí uma casa no Tennessee e, agora, muito tarde, aqui estou eu, bom Deus, de volta a Green Town. Então, vejam vocês por que as cores me fogem e se misturam...

— Mas o senhor se lembra em que lado das colinas combateu? — Charlie não levantou a voz. — O sol nascia à sua esquerda ou à sua direita? O senhor marchou na direção do Canadá ou do México?

— Parece que, em algumas manhãs, o sol nascia na minha boa mão direita; em algumas manhãs, no meu ombro esquerdo. Marchamos em todas as direções. Já faz mais de setenta anos. Você se esquece dos sóis e das manhãs de muito tempo atrás.

— Lembra-se de vencer, não lembra? Uma batalha vencida, em algum lugar?

— Não — disse o velho, imerso em pensamentos. — Não me lembro de ninguém vencer em lugar algum, em tempo algum. Uma guerra jamais se vence, Charlie. Somente se perde, o tempo todo, e aquele que perde por último pergunta quais são as condições do lado vencedor. Lembro-me apenas de muita perda e tristeza e nada de bom, exceto o fim. O fim da guerra, Charlie, foi a vitória em si, e não teve nada a ver com armas. Mas não acho que seja desse tipo de vitória que vocês querem que eu fale.

— Antietam — disse John Huff. — Pergunte sobre Antietam.

— Eu estava lá.

Os olhos dos meninos brilharam.

— Bull Run, pergunte a ele sobre Bull Run...

— Eu estava lá. — Suavemente.

— E Shiloh?

— Nunca houve um ano em minha vida em que eu não pensasse: que lindo nome e que pena vê-lo somente nas histórias de batalhas.

— Shiloh, então. Fort Sumter?

— Eu vi os primeiros sopros da fumaça de pólvora. — Uma voz sonhadora. — Tantas coisas voltam, ah, tantas coisas. Lembro-me de canções: Tudo calmo no Potomac esta noite, onde os soldados se deitam e sonham em paz; suas barracas nos raios da lua clara de outono, ou a luz da fogueira de sentinela, cintilam. Lembro-me, lembro-me... Tudo calmo no Potomac esta noite; nenhum som exceto o fluxo do rio; enquanto, suavemente, o orvalho desce pela face da morte..., o piquete está para sempre livre!... Depois da rendição, o sr. Lincoln, na sacada da Casa Branca, pediu à banda para tocar: Veja, veja, veja, terra de Dixie\*... E depois houve a senhora de Boston, que, em uma noite, compôs uma música que vai durar mil anos: Meus olhos viram a glória da chegada do Senhor; Ele esmaga a safra onde as vinhas da ira são guardadas. Nas madrugadas, eu sentia minha boca se mexer cantando a música outra vez: Vocês, Cavaleiros de Dixie! Que guardam as praias do sul... Quando

os rapazes voltam triunfantes para casa, irmão, com os louros que conquistaram... Tantas canções, entoadas dos dois lados, soprando para o norte, soprando para o sul nos ventos da noite. Estamos chegando, pai Abraham, mais 300 mil... Acampando esta noite, acampando esta noite, acampando no velho acampamento. Urra, urra, trouxe o jubileu, urra, urra, a bandeira que nos liberta...

A voz do homem sumiu.

Os meninos ficaram sentados por um bom tempo sem se mexer. Depois, Charlie virou-se e olhou para Douglas e disse:

— Bem, ele é ou não é?

Douglas respirou duas vezes e disse:

— Ele sem dúvida é.

O coronel abriu os olhos.

— Sem dúvida sou *o quê?* — perguntou o velho.

— Uma Máquina do Tempo — murmurou Douglas. — Uma Máquina do Tempo.

O coronel fitou os meninos por uns bons cinco segundos. Sua voz se encheu de deslumbramento.

— É disso que vocês me chamam, meninos?

— Sim, senhor, coronel.

— Sim, senhor.

O coronel se recostou devagar na cadeira e olhou os meninos e olhou as próprias mãos e depois olhou para a parede nua além deles.

Charlie se levantou.

— Bem, acho melhor irmos. Até logo e obrigado, coronel.

— O quê? Ah, até logo, meninos.

Douglas e John e Charlie foram na ponta dos pés até a porta.

O coronel Freeleigh, embora eles atravessassem sua linha de visão, não os viu partir.

Na rua, os meninos ficaram assustados quando alguém gritou de uma janela no segundo andar: Ei!

Eles olharam para cima.

— Sim, senhor, coronel?

O coronel se inclinou para fora, agitando um braço.

— Pensei no que vocês disseram, meninos!

— Sim, senhor?

— E... têm razão! Por que não *pensei* nisso antes! Uma Máquina do Tempo, por Deus, uma Máquina do Tempo!

— Sim, senhor.

— Até logo, meninos. Subam a bordo a qualquer hora!

No fim da rua, eles se viraram novamente, e o coronel ainda estava acenando. Eles acenaram também, sentindo-se cordiais e bons, depois se foram.

— Vrom, vrom — disse John. — Posso viajar doze anos no passado. Vrom, vrom, vrom!

— É — disse Charlie, olhando a casa silenciosa que ficava para trás —, mas não pode ir a cem anos atrás.

— Não — refletiu John —, não posso ir a cem anos atrás. Isso é que é viajar. Isso, sim, é uma máquina.

Eles andaram em silêncio durante um minuto inteiro, olhando os próprios pés. Chegaram a uma cerca.

— O último a pular essa cerca — disse Douglas — é uma mulherzinha.

Ao longo de todo o caminho para casa, eles chamaram Douglas de Dora.

## Nota

\* Dixie: estados do sul dos Estados Unidos, especialmente aqueles que formaram a Confederação entre 1860 e 1861. (N. T.)



BEM depois da meia-noite, Tom acordou e encontrou Douglas escrevendo rapidamente no bloco de 5 centavos, à luz da lanterna.

— Doug, o que foi?

— O que foi? Tudo! Estou contando minhas bênçãos, Tom! Olhe aqui; a Máquina da Felicidade não funcionou, não foi? Mas quem se importa? Tenho o ano todo organizado. Precisando correr a qualquer lugar pelas ruas principais, tenho o bonde de Green Town para olhar e espiar o mundo por ele. Precisando correr a qualquer lugar *fora* das ruas principais, bato à porta da srta. Fern e da srta. Roberta, e elas carregaram a bateria da baratinha elétrica, e saíamos navegando pelas calçadas. Precisando correr pelos becos e pular as cercas, para ver aquela parte de Green Town que você apenas vê por trás e nos assusta, tenho meus tênis novinhos. Tênis, baratinha, bonde! Estou feito! Mas, melhor ainda, Tom, melhor ainda, escute! Se eu fosse aonde as outras pessoas não vão, porque elas não são inteligentes o bastante nem para pensar nisso, se eu quiser voltar a 1890 e depois me transferir para 1875 e me transferir novamente ao longo da cidade para 1860, basta pular no velho Expresso Coronel Freeleigh! Estou escrevendo isso aqui assim: Talvez os velhos nunca tenham sido crianças, como dissemos sobre a sra. Bentley, mas, grandes ou pequenos, alguns deles

estavam no Appomattox no verão de 1865. Eles têm visão de índio e podem ver o passado mais que você e eu um dia veremos o futuro.

— Isso parece legal, Doug; o que significa?

Douglas continuou a escrever.

— Significa que você e eu não temos nem a metade da chance que eles têm de serem viajantes de longe. Se tivermos sorte, vamos chegar aos 40, 45, 50. Para eles, isso é apenas uma corrida pelo quarteirão. Somente quando você chega aos 90, 95, 100, você está viajando de longe como o diabo.

A lanterna se apagou.

Eles ficaram deitados à luz da lua.

— Tom — sussurrou Douglas. — Tenho que viajar a todos esses lugares. Ver o que posso ver. Mas, acima de tudo, tenho que visitar o coronel Freeleigh uma, duas, três vezes por semana. Ele é melhor que todas as outras máquinas. Ele fala, você ouve. E, quanto mais ele fala, mais faz você olhar em volta e perceber as coisas. Ele lhe diz que você está viajando em um trem muito especial, por Deus, e é verdade mesmo. Ele está bem nos trilhos e sabe disso. E agora lá vamos nós, você e eu, ao longo dos mesmos trilhos, mas, adiante, e com tanta coisa para procurar e fuçar e fazer, é preciso ver o coronel Freeleigh para ele dar um empurrão e dizer que nos apressemos para lembrarmos cada segundo! Cada coisa está aí para ser lembrada! Então, quando as crianças aparecerem na época em que você for bem velho, você pode fazer por elas o que o coronel um dia fez por você. É assim que é, Tom, tenho que passar muito tempo visitando o coronel e o ouvindo para poder viajar de longe com ele sempre que ele puder.

Tom ficou em silêncio por um momento. Depois, olhou para Douglas ali no escuro.

— Viajar de longe. Você inventou isso?

— Talvez sim, talvez não.

— Viajar de longe — sussurrou Tom.

— Tenho certeza apenas de uma coisa — disse Douglas, fechando os olhos.

— Parece bem solitário.



BANG!

Uma porta bateu. Em um sótão, a poeira saltou de escrivaninhas e estantes. Duas velhas se atiraram contra a porta do sótão, cada uma delas se esforçando para trancá-la firme, firme. Mil pombos pareciam ter alçado voo do telhado bem acima das cabeças das mulheres. Elas se abaixaram como que oprimidas, mergulharam sob o tambor das asas batendo. Depois, pararam, as bocas surpresas. O que elas ouviram foi apenas o puro som do pânico, seus corações no peito... Por cima do alvoroço, tentaram ouvir a si mesmas.

— O que foi que fizemos! Coitado do sr. Quartermain!

— Talvez o tenhamos matado. E alguém deve ter visto e nos seguido. Olhe...

A srta. Fern e a srta. Roberta espiaram da janela coberta de teias de aranha do sótão. Abaixo, como se nenhuma grande tragédia tivesse acontecido, os carvalhos e olmos continuavam a crescer à recente luz do sol. Um menino andou pela calçada, virou-se, andou de novo, olhando para cima.

No sótão, as velhas se entreolharam, como se tentassem ver seus rostos na corredeira de um rio.

— A polícia!

Mas ninguém bateu na porta do primeiro andar e gritou: Em nome da lei!

— Quem é aquele menino lá embaixo?

— Douglas, Douglas Spaulding! Meu Deus, ele veio pedir uma carona em nossa Máquina Verde. Ele não sabe. Nosso orgulho nos arruinou. Orgulho e aquela engenhoca elétrica!

— Aquele vendedor horrível de Gumport Falls. É culpa dele, dele e das coisas que ele falou.

Falou, falou, como chuva suave em um telhado de verão.

De repente, era outro dia, outro meio-dia. Elas estavam sentadas com leques brancos e pratos de gelatina de lima, gelada e trêmula, na varanda arborizada.

No brilho ofuscante, no sol amarelo, cintilando, esplêndida como a carruagem de um príncipe...

A MÁQUINA VERDE!

Ela deslizava. Sussurrava, uma brisa no mar. Delicada como folhas de bordo, mais fresca que as águas da enseada, ela ronronava com a majestade de gatos perambulando na maré do meio-dia. Na máquina, com o chapéu-panamá boiando em vaselina acima das orelhas, o vendedor de Gumport Falls! A máquina, com um movimento elástico, suave, astuto, disparou calçada branca e escaldante acima, zumbiu para o primeiro degrau da varanda, girou, parou. O vendedor saltou, bloqueando o sol com seu chapéu-panamá. Na pequena sombra, seu sorriso faiscava.

— O nome é William Tara! E isto... — Ele apertou um bulbo de borracha. Um sinete latiu. — ... É a buzina! — Ele levantou almofadas de cetim preto. — Acumuladores! — Um cheiro de relâmpago soprou no ar quente. — Alavanca de direção! Apoio para os pés! Para-sol no alto! Eis, *in toto*, a Máquina Verde!

No sótão escuro, as senhoras tremiam, lembrando, de olhos fechados.

— Por que não o esfaqueamos com nossas malditas agulhas de tricô!

— Psiu! Ouça.

Alguém bateu à porta da frente. Depois de um tempo, as batidas pararam. As duas viram uma mulher atravessar o jardim e entrar na casa ao lado.

— É apenas Lavinia Nebbs vindo com uma xícara vazia para pedir açúcar emprestado, imagino.

— Abrace-me, estou com medo.

Elas fecharam os olhos. O filme da lembrança voltou a passar. Um velho chapéu de palha, de repente, floresceu em uma mala de carro, ao que parecia, graças ao homem de Gumport Falls.

— Obrigado, *vou* aceitar um pouco de chá gelado. — Podia-se ouvir o líquido frio bater no estômago do homem, no silêncio. Depois, ele voltou o olhar para as senhoras, como um médico com uma luzinha, examinando olhos e narinas e bocas. — Senhoras, sei que as duas são vigorosas. *Parecem* ser assim. Oitenta anos... — ele estalou os dedos — ... nada significam para as senhoras! Mas, há ocasiões, imaginem, em que ficamos tão ocupados, tão ocupados, que precisamos de um amigo de verdade, um amigo para as horas de necessidade, e *esse amigo* é a Máquina Verde de dois lugares.

Ele fixou seus brilhantes olhos verdes vítreos de raposa empalhada naquela mercadoria maravilhosa. Ela estava ali, cheirando a nova, no sol quente, esperando por elas, uma cadeira de salão confortavelmente assentada sobre rodas.

— Silenciosa como a pena de um cisne. — Elas o sentiram respirar suavemente em seus rostos. — Ouçam. — Elas ouviram. — Os acumuladores estão totalmente carregados e prontos agora! Ouçam! Nem um tremor, nem um som. Elétrica, senhoras. Podem recarregar todas as noites na garagem.

— Ela não pode..., isto é... — A irmã mais nova tomou um pouco de chá gelado. — Não pode nos eletrocutar por acidente?

— Mas nem pensar!

Ele saltou para a máquina de novo, os dentes como aqueles que se viam em vitrines de dentista, sozinhos, sorrindo para você, enquanto você passava por eles tarde da noite.

— Reuniões sociais! — Ele valsou a baratinha em círculo. — Clubes de bridge. *Soirées*. Noites de gala. Almoços. Festas de aniversário! Cafés da manhã das filhas da Revolução Americana. — O vendedor fez o motor roncar para

longe, como se pudesse continuar aquele caminho para sempre. Voltou no silêncio de seus pneus de borracha. — Jantares da Gold Star Mother. — Ele se sentou empertigado, espartilhado por sua convincente caracterização de uma mulher. — Fácil de dirigir. Chegadas e partidas silenciosas e elegantes. Não precisa de carteira de motorista. Nos dias quentes... sintam a brisa. Ah... — Ele se movimentou pela varanda, a cabeça para trás, os olhos fechados deliciosamente, o cabelo, até então penteado com esmero, desgrenhando-se ao vento.

Ele subiu com reverência a escada da varanda, o chapéu na mão, voltando o olhar para o protótipo como se olhasse para o altar de uma igreja familiar.

— Senhoras — disse ele, delicadamente —, 25 dólares de entrada. Dez dólares por mês, durante dois anos.

Fern foi a primeira a descer a escada e se sentar no assento duplo. Sentou-se apreensiva. Sua mão coçou. Ela a ergueu. Ousou apertar o bulbo de borracha da buzina.

Um sinete latiu.

Roberta, na varanda, gritou alegremente e inclinou-se na grade.

O vendedor juntou-se à alegria das duas. Ele acompanhou a irmã mais velha pela escada, gargalhando, ao mesmo tempo pegando a caneta e procurando em seu chapéu de palha por um ou outro pedaço de papel.

— E, então, compramos! — lembrou a srta. Roberta, no sótão, completamente apavorada. — Devíamos ter sido avisadas! Sempre *pensei* nela como um carrinho retirado da montanha-russa do parque de diversões!

— Bem — disse Fern, na defensiva —, meus quadris me incomodam há anos, e você sempre fica cansada de andar. A máquina parecia tão requintada, tão régia. Como nos velhos tempos, quando as mulheres vestiam saias com armação. Elas *velejavam*! A Máquina Verde velejava com *tanto* silêncio.

Como um barco de cruzeiro, maravilhosamente fácil de pilotar, um punho que se torcia em sua mão, assim.

Ah, aquela primeira semana gloriosa e encantada — as tardes mágicas de luz dourada, zumbindo pela sombreada cidade, em um rio atemporal de sonho, e as irmãs, sentadas, empertigadas, sorrindo para os conhecidos que passavam, tranquilamente erguendo suas mãos enrugadas em cada esquina, extraindo um relincho da buzina de borracha preta nos cruzamentos, às vezes deixando Douglas ou Tom Spaulding ou qualquer um dos outros meninos correr tagarelando ao lado, pegar uma pequena carona. Vinte e cinco quilômetros lentos e agradáveis por hora de velocidade máxima. As irmãs iam e vinham pela luz solar e pela sombra do verão, seus rostos sardentos e manchados pelas árvores que passavam, indo e voltando como uma antiga visão sobre rodas.

— E, então — sussurrou Fern —, esta tarde! Ah, esta tarde!

— Foi um acidente.

— Mas nós fugimos, e isso é um crime!

Neste meio-dia. O cheiro das almofadas de couro sob seus corpos, o perfume crescente de seus próprios sachês em um rastro, enquanto elas se moviam na Máquina Verde silenciosa pela cidade pequena e lânguida.

Aconteceu rapidamente. Rolando suave pela calçada ao meio-dia, porque as ruas eram escaldantes e a única sombra estava sob as árvores dos gramados, as duas se dirigiram para um beco sem saída, tocando a buzina rouca. De repente, como uma caixa de surpresa, o sr. Quartermain apareceu do nada!

— Cuidado! — gritou a srta. Fern.

— Cuidado! — gritou a srta. Roberta.

— Cuidado! — gritou o sr. Quartermain.

As duas mulheres se agarraram em vez de segurar a direção.

Houve um baque horrível. A Máquina Verde navegou na luz quente do dia, sob as sombras das castanheiras, passando pelas macieiras que amadureciam. Voltando-se para trás somente uma vez, os olhos das duas senhoras se encheram de um pavor desvanecido.

O velho estava deitado na calçada, em silêncio.

— E aqui estamos nós — lamentou a srta. Fern no sótão que escurecia. — Ah, por que não paramos? Por que fugimos?

— Psiu! — As duas escutaram.

A batida no primeiro andar recomeçou.

Quando parou, elas viram um menino atravessar o gramado na luz fraca.

— É apenas Douglas Spaulding vindo dar um passeio de novo. — As duas suspiraram.

As horas passaram; o sol estava se pondo.

— Ficamos aqui em cima a tarde toda — disse Roberta, cansada. — Não podemos ficar escondidas no sótão durante três semanas, até que todo mundo esqueça.

— Morreríamos de fome.

— O que vamos fazer, então? Acha que alguém viu e nos seguiu? — Elas se entreolharam.

— Não. Ninguém viu.

A cidade estava em silêncio, todas as pequeninas casas acendendo as luzes. Havia um cheiro de grama molhada e de jantares no fogo vindo lá de baixo.

— Hora de preparar a carne — disse a srta. Fern. — Frank vai chegar em casa daqui a dez minutos.

— Ousaremos descer?

— Frank chamaria a polícia se encontrasse a casa vazia. Isso pioraria as coisas.

O sol caía rapidamente. Agora, elas eram apenas duas coisas em movimento na escuridão apática.

— Você acha — perguntou a srta. Fern — que ele morreu?

— O sr. Quartermain?

Uma pausa.

— Sim.

Roberta hesitou.

— Vamos checar no jornal vespertino.

Elas abriram a porta do sótão e olharam com cuidado os degraus que levavam para baixo.

— Oh, se Frank souber disso, vai nos tirar nossa Máquina Verde, e é *tão* adorável e elegante guiar e sentir o vento fresco e ver a cidade.

— Não vamos contar a ele.

— Não vamos?

Elas se ajudaram a descer a escada rangente até o segundo andar, parando para escutar... Na cozinha, hesitaram na despensa, espiaram pelas janelas com olhos assustados e, finalmente, começaram a fritar hambúrgueres no fogão. Depois de cinco minutos de trabalho silencioso, Fern olhou tristemente para Roberta e disse:

— Eu andei pensando. Somos velhas e fracas e não gostamos de admitir isso. Somos um perigo. Temos uma dívida para com a sociedade por fugir...

— E...? — Uma espécie de silêncio recaiu sobre a fritura da cozinha enquanto as duas irmãs se fitavam, sem nada nas mãos.

— Eu penso que... — Fern olhou a parede por um longo tempo — ... não deveríamos dirigir a Máquina Verde nunca mais.

Roberta pegou um prato e ficou a segurá-lo na mão magra.

— Nunca... mais? — disse ela.

— Jamais.

— Mas — disse Roberta — não temos que... que nos livrar dela, não é? *Podemos* ficar com ela, não podemos?

Fern pensou nisso.

— Sim, acho que podemos ficar com ela.

— Pelo menos já é alguma coisa. Vou sair agora e desconectar as baterias.

Roberta estava saindo no momento em que entrava Frank, o irmão mais novo, de apenas 56 anos.

— Oi, irmãs! — gritou ele.

Roberta disparou por ele sem dizer nada e saiu para o lusco-fusco do verão. Frank carregava um jornal, que Fern imediatamente arrancou dele. Tremendo, ela passou os olhos em todo o jornal e, suspirando, devolveu-o ao irmão.

— Vi Doug Spaulding lá fora agora mesmo. Ele disse que tinha um recado para você. Disse para não ficar preocupada... Ele viu tudo, e está tudo bem. O que ele quis dizer com isso?

— Não sei mesmo. — Fern deu as costas para ele e procurou seu lenço.

— Ah, ora, essas crianças. — Frank olhou as costas da irmã por um longo tempo e depois deu de ombros. — O jantar está quase pronto? — perguntou ele, de um jeito simpático.

— Sim. — Fern sentou-se à mesa da cozinha.

Houve um som de bulbo do lado de fora. Uma, duas, três vezes — a distância.

— O que é isso? — Frank olhou pela janela da cozinha para o lusco-fusco. — O que Roberta está aprontando? Olhe lá fora; ela está sentada na Máquina Verde, tocando a buzina de borracha!

Uma, mais duas vezes, no lusco-fusco, delicadamente, como um animal triste, o som do bulbo atormentava.

— O que há com *ela*? — perguntou Frank.

— Deixe-a em paz! — gritou Fern.

Frank ficou surpreso.

Um minuto depois, Roberta entrou em silêncio, sem olhar para ninguém, e todos se sentaram para jantar.



A PRIMEIRA luz lá fora, no telhado; de manhã bem cedo. As folhas em todas as árvores tremem com um despertar suave a qualquer brisa que o amanhecer ofereça. E, então, longe, depois de uma curva prateada de trilho, vem chegando o bonde, equilibrado sobre quatro pequenas rodas de um azul metálico, e pintado na cor de tangerinas. Dragonas de bronze cintilante o cobrem, e tachas de ouro; e os sinos cromados soam como se o antigo motorneiro batesse neles com um sapato vincado. Os números na frente e nas laterais do bonde brilham como limões. Dentro dele, os assentos espetam com um musgo frio e verde. Algo como antenas de inseto sai do topo do bonde para roçar o fio de aranha alto nas árvores que passam, de onde o bonde retira sua corrente elétrica. De cada janela, sopra um incenso, o azul totalmente penetrante e o cheiro secreto de tempestades e relâmpagos de verão.

Ao longo das ruas sombreadas por olmos, o bonde se move, a mão na luva cinza do motorneiro tocando gentil e eternamente as alavancas de controle.

Ao meio-dia, o motorneiro parou seu carro no meio do quarteirão e se inclinou para fora.

— Ei!

E Douglas e Charlie e Tom e todos os meninos e meninas no quarteirão viram a luva cinza acenando, e desceram das árvores e deixaram as cordas de pular como serpentes brancas nos gramados para correr e se sentar nos bancos verdes e felpudos, sem que lhes cobrassem passagem. O sr. Tridden, o motorneiro, guardou a luva sobre a caixa de dinheiro enquanto movia o bonde pelo quarteirão sombreado, chamando.

— Ei! — disse Charlie. — Aonde vamos?

— Última viagem — disse o sr. Tridden, os olhos no cabo elétrico no alto. — Acabou-se o bonde. Os ônibus começam a circular amanhã. Vão me aposentar com uma pensão, é o que vão fazer. Portanto... Uma viagem grátis para todos! Preste atenção!

Ele bateu na manivela de controle de bronze, o bonde gemeu e balançou em uma interminável curva verde, e todo o tempo no mundo parou, como se apenas as crianças, o sr. Tridden e sua máquina miraculosa percorressem um rio infinito, para longe.

— Último dia? — perguntou Douglas, pasmado. — Não podem *fazer* isso! Já é bem ruim não ter mais a Máquina Verde, trancada na garagem, e não se fala mais no assunto. E já é bem ruim que meus tênis novos estejam ficando velhos e mais lentos! Como vou andar por aí? Mas... Mas... Eles *não* podem tirar o bonde! Por quê? — disse Douglas. — Não importa como se olhe, um ônibus não é um bonde. Não faz o mesmo barulho. Não tem trilhos ou fios, não lança faíscas, não despeja areia nos trilhos, não tem as mesmas cores, não tem um sino, não desce uma escada, como o bonde faz!

— Ei, é isso mesmo — disse Charlie. — Eu sempre fico surpreso vendo um bonde descer a escada, como um acordeão.

— Claro — disse Douglas.

E, então, eles estavam no fim da linha, os trilhos prateados, abandonados por dezoito anos, entrando pelo campo ondulado. Em 1910, as pessoas tomavam o bonde para o Parque Chessman, com grandes cestas de piquenique. O trilho, jamais arrancado, ainda estava enferrujando em meio às colinas.

— É aqui que viramos — disse Charlie.

— É aí que você se engana! — o sr. Tridden apertou o comutador de emergência. — Agora!

O bonde, com um solavanco e deslizando como um barco, passou dos limites da cidade, saiu da rua e precipitou-se morro abaixo, pelos intervalos de perfumada luz do sol e das vastas extensões de sombra que tinham cheiro de cogumelo. Aqui e ali, enseadas enxaguavam os trilhos, e o sol se infiltrava pelas árvores como vidro verde. Eles se movimentaram aos sussurros ao longo de campinas banhadas por girassóis silvestres, passaram por estações intermediárias abandonadas, sem nada, exceto resquícios de bilhetes de baldeação perfurados, e seguiram um riacho de floresta para os campos de verão. Enquanto isso, Douglas falava.

— Ora essa, simplesmente o *cheiro* de um bonde é diferente. Andei em ônibus em Chicago; eles têm um cheiro estranho.

— Os bondes são lentos demais — disse o sr. Tridden. — Vão colocar os ônibus. Ônibus para as pessoas e ônibus escolares.

O bonde gemeu e parou. De cima, o sr. Tridden pegou cestas imensas de piquenique. Gritando, as crianças ajudaram a levar as cestas até a margem de uma enseada que desembocava em um lago silencioso, onde um antigo coreto esfarelava-se em pó de cupim.

Eles ficaram sentados, comendo sanduíches de presunto, morangos frescos e laranjas macias, e o sr. Tridden lhes contou como era aquele lugar vinte anos antes, a banda tocando naquele coreto ornamentado à noite, os homens bombeando ar em suas trompas de bronze, o regente gorducho lançando suor por sua batuta, as crianças e vaga-lumes se movendo pela relva funda, as senhoras com vestidos longos e penteados altos andando pelos passeios, que pareciam feitos de xilofones de madeira, com homens de colarinhos sufocantes. Agora, havia o passeio, todo atenuado pelo musgo com o passar dos anos. O lago era silencioso e azul e sereno, e os peixes enfiavam-se tranquilamente pelos juncos cintilantes, e o motorneiro murmurava sem parar, e as crianças sentiam-se em outro ano, com o sr. Tridden parecendo maravilhosamente jovem, seus olhos acesos como pequenas lâmpadas, azuis e elétricos. Foram tempos que

vagueavam e eram tranquilos, ninguém corria, e a floresta estava em toda parte, o sol em uma posição apenas, enquanto a voz do sr. Tridden subia e descia, e uma agulha cosia pelo ar, costurando, recosturando desenhos ao mesmo tempo dourados e invisíveis. Uma abelha parou em uma flor, zumbindo e zumbindo. O bonde parecia um aerofone encantado, chiando onde o sol lhe batia. O bonde estava nas mãos deles, um cheiro de bronze, enquanto eles comiam cerejas maduras. O cheiro luminoso do bonde soprava de suas roupas no vento de verão.

Um mergulhão voou para o céu, gritando.

Alguém tremeu.

O sr. Tridden colocou as luvas.

— Bem, hora de ir. Seus pais vão pensar que roubei vocês para sempre.

O bonde era silencioso e escuro e frio, como o interior de uma sorveteria. Com um farfalhar verde e suave de couro aveludado, os assentos foram virados pelas crianças caladas para que se sentassem de costas para o lago silencioso, o coreto deserto e as pranchas de madeira que faziam uma espécie de música se você andasse ao longo da margem para outras terras.

Bing!, fez o sino suave sob o pé do sr. Tridden, e eles voltaram a pairar por campinas de flores murchas abandonadas ao sol. Pairavam pelas árvores, em direção a uma cidade que parecia esmagar as laterais do bonde com tijolos, asfalto e madeira quando o sr. Tridden parou para que as crianças saíssem para as ruas sombreadas.

Charlie e Douglas foram os últimos a ficar perto da língua aberta do bonde, a escada dobrável, respirando eletricidade, olhando as luvas do sr. Tridden nos controles de bronze.

Douglas passou os dedos no musgo verde da enseada, olhou o prateado, o bronze, a cor de vinho do teto.

— Bem... Mais uma vez, até logo, sr. Tridden.

— Adeus, meninos.

— Nós nos vemos por aí, Sr. Tridden.

— Nós nos vemos por aí.

Houve um suspiro suave no ar; a porta se fechou delicadamente, recolhendo sua língua enrugada. O bonde navegou lentamente pelo fim de tarde, mais brilhante que o sol, todo tangerina, todo ouro faiscante e limão, virou uma esquina distante, mudando de direção, e desapareceu, se foi.

— Ônibus escolares! — Charlie andou para o meio-fio. — Nem nos darão a chance de chegarmos atrasados à escola. Eles vêm pegar a gente na porta de casa. Nunca mais chegaremos atrasados a vida toda. Pense só nesse pesadelo, Doug, pense bem nisso.

Mas Douglas, parado no gramado, estava vendo como seria amanhã, quando os homens despejariam piche quente nos trilhos prateados para que nunca mais se soubesse que um bonde passara por aquele caminho. Ele sabia que levaria todos os anos do mundo para se esquecer dos trilhos, por mais sepultados que estivessem. Em alguma manhã de outono, primavera ou inverno, ele sabia que estaria acordado e, se não chegasse perto da janela, se apenas ficasse deitado, afundado e aconchegado e aquecido em sua cama, ele ouviria o bonde, fraco e distante.

E, fazendo a curva da rua matinal, subindo a avenida, entre as fileiras uniformes de plátanos, olmos e bordos, na quietude que antecede o começo da vida, passando por sua casa, Douglas ouviria os sons familiares. Como o bater de um relógio, o estrondo de uma dezena de tonéis de metal rolando, o zumbido de uma única e imensa libélula no alvorecer. Como um carrossel, como uma pequena tempestade elétrica, a cor de um relâmpago azul, vindo, aqui, e indo embora. O sino do bonde! O silvo como de uma torneira de sorvete da lanchonete enquanto descia e subia a escada, e o recomeço do sonho, enquanto ele navegava por seu caminho, viajando por um trilho oculto e enterrado rumo a algum oculto e enterrado destino...

— Chute-na-lata depois do jantar? — perguntou Charlie.

— Claro — disse Douglas. — Chute-na-lata.



A VERDADE sobre John Huff, de 12 anos, é simples e será revelada a seguir. Ele podia desbravar mais trilhas que qualquer choctaw ou cherokee desde o início dos tempos, podia saltar do céu como um chimpanzé de uma parreira, podia ficar dois minutos submerso e deslizar 45 metros correnteza abaixo. As bolas de beisebol que você lançava para ele, ele atirava em macieiras, derrubando seus frutos. Ele podia pular muros de pomar de quase 2 metros, balançar-se nos galhos mais rápido e descer, cheio de pêssegos, mais ligeiro que qualquer um na turma. Corria aos risos. Sentava-se sem dificuldade. Não fazia maldades com os outros. Era gentil. Seus cabelos eram escuros e cacheados, e seus dentes eram brancos como creme chantili. Sabia a letra de todas as canções de caubói e as ensinaria se lhe pedissem. Conhecía os nomes de todas as flores silvestres, sabia quando a lua surgiria e sumiria, e quando as marés subiam e desciam. Na realidade, ele era, no século XX, o único deus que Douglas Spaulding conhecia a morar em toda Green Town, Illinois.

E, naquele momento, ele e Douglas estavam caminhando para além da cidade em outro dia quente e marmóreo, o céu azul e vítreo estendendo-se no alto, as enseadas reluzentes com águas de espelho abrindo-se em leque nas pedras brancas. Era um dia perfeito como a chama de uma vela.

Douglas andou por ali pensando que seguiria esse caminho para sempre. A perfeição, a redondez, o cheiro da relva viajando para longe tão rápido quanto a velocidade da luz. O som de um bom amigo assoviando como um papafigo, jogando a bola, enquanto você trotava, tinha pelas trilhas de terra, e tudo isso era perfeito, tudo podia ser tocado; as coisas estavam próximas, as coisas estavam à mão e assim permaneceriam.

Era, portanto, um lindo dia, e, de repente, uma nuvem atravessou o céu, cobriu o sol e não mais se mexeu.

John Huff estivera falando baixinho por vários minutos. Então, Douglas parou no caminho e olhou para ele.

— John, diga isso de novo.

— Você me ouviu da primeira vez, Doug.

— Você disse que vai... embora?

— Estou com meu bilhete de trem aqui no bolso. Uuuu-uuuu, clang! Shush-shush-shush-shush. Uuuuuuuuu...

Sua voz sumiu.

John pegou solenemente no bolso o bilhete amarelo e verde de trem, e os dois meninos o olharam.

— Hoje à noite! — disse Douglas. — Meu Deus! Hoje à noite vamos brincar de Sinal Vermelho, Sinal Verde e Estátua! Como pode ser, assim, tão de repente? Você morou aqui em Green Town a minha vida toda. Não pode simplesmente ir embora de uma hora para outra!

— É o meu pai — disse John. — Ele conseguiu um emprego em Milwaukee. Somente tivemos certeza disso hoje...

— Meu Deus, vai ter o piquenique batista na semana que vem e a grande festa do Dia do Trabalho e do Halloween... Seu pai não pode esperar até lá?

John sacudiu a cabeça.

— Credo! — disse Douglas. — Preciso me sentar!

Eles se sentaram sob o velho carvalho no lado da colina e ficaram olhando para a cidade, e o sol produziu grandes sombras trêmulas em torno deles; sob a árvore estava frio como uma caverna. Mais além, na luz do sol, a cidade era

tingida de calor, todas as janelas abertas. Douglas queria correr de volta para lá, onde a cidade, com seu próprio peso, suas casas, seu volume, poderia encerrar John e evitar que ele, um dia, se levantasse e fosse embora.

— Mas somos amigos — disse Douglas, desanimado.

— E sempre seremos — disse John.

— Você vai voltar para nos visitar mais ou menos toda *semana*, não vai?

— Papai disse que apenas uma ou duas vezes por ano. São quase 130 quilômetros.

— Cento e trinta quilômetros não são tão longe! — gritou Douglas.

— Não, não é longe mesmo — disse John.

— Minha avó tem telefone. Vou ligar para você. Ou, talvez, a gente vá visitar você também. Seria ótimo!

John nada disse por um longo tempo.

— Bem — disse Douglas —, vamos conversar sobre algo.

— Sobre o quê?

— Meu Deus, se você vai embora, temos 1 milhão de coisas para falar! Todas as coisas de que falaríamos no mês que vem e no outro mês! Louva-a-deus, zepelins, acrobatas, engolidores de espada! Faça como se estivesse de volta, gafanhotos cuspidos tabaco!

— O engraçado é que não estou com vontade de conversar sobre gafanhotos.

— Mas sempre esteve!

— Claro. — John olhou fixamente a cidade. — Mas acho que esse não é o momento.

— John, o que foi? Você está estranho...

John fechou os olhos e franziu o rosto.

— Doug, a casa Terle, lá em cima, sabe?

— Claro.

— As vidraças coloridas nas janelinhas redondas, elas *sempre* estiveram ali?

— Claro.

— Tem *certeza*?

— As malditas velhas janelas já estavam ali antes mesmo de nascermos. Por quê?

— Até hoje, eu nunca as tinha visto — disse John. — Andando pela cidade, eu olhei para cima e lá estavam elas. Doug, o que eu estava *fazendo* nesses anos todos para não as ver?

— Você tinha outras coisas para fazer.

— Eu tinha? — John se virou e olhou para Douglas com uma espécie de pânico. — Meu Deus, Doug, por que essas malditas janelas me assustaram? Quer dizer, não há nada para ter medo, não é? É que... — Ele afundou. — ... É que, se eu não vi essas janelas até hoje, o que *mais* deixei de ver? E quanto a todas as coisas que eu *vi* aqui na cidade? Será que vou poder me lembrar delas quando eu for embora?

— Vai se lembrar de qualquer coisa de que queira se lembrar. Eu fui para um acampamento uns dois verões atrás. Até *lá* eu me lembrava.

— Não, não lembrou! Você me disse. Você acordava à noite e não conseguia se lembrar do rosto de sua mãe.

— *Não!*

— Em algumas noites, isso acontece comigo em minha própria casa e me dá um medo danado. Tenho que ir ao quarto de meus pais e olhar o rosto deles enquanto estão dormindo para ter certeza! Então, volto para meu quarto e esqueço de novo. Meu Deus, Doug, ah, meu Deus! — Ele segurou os joelhos com força. — Prometa apenas uma coisa, Doug. Prometa que vai se lembrar de mim, prometa que vai se lembrar de meu rosto e de tudo. Você promete?

— Tranquilo. Tenho uma máquina de filmar em minha cabeça. Deitado na cama à noite, posso acender uma luz em minha cabeça, e vai tudo para a parede, tudo muito claro, e lá estará você, gritando e acenando para mim.

— Feche os olhos, Doug. Agora me diga: qual é a cor dos meus olhos? Não espie. Qual é a cor dos meus olhos?

Douglas começou a suar. Suas pálpebras se retorceram nervosamente.

— Droga, John, isso não é justo.

— Diga!

— Castanhos!

John virou o rosto.

— Não, senhor.

— Como assim, não?

— Nem chegou perto! — John fechou os olhos.

— Vire para cá — disse Douglas. — Abra, me deixe ver.

— Não adianta — disse John. — Você já se esqueceu. Exatamente como eu disse.

— Vire para cá! — Douglas o agarrou pelo cabelo e o virou lentamente.

— Tudo bem, Doug.

John abriu os olhos.

— Verdes. — Douglas, desanimado, soltou a mão. — Seus olhos são verdes... Bem, fica perto do castanho. Quase cor de avelá!

— Doug, não minta para mim.

— Tudo bem — disse Douglas, baixinho. — Não vou mentir.

Eles ficaram sentados, ouvindo os outros meninos, que corriam morro acima, riam de forma estridente e gritavam para eles.

Eles correram pelos trilhos do trem, abriram o lanche em sacos de papel pardo e cheiraram fundo os sanduíches de presunto condimentado, os picles verde-mar e as hortelãs-pimentas coloridas embrulhados em papel de seda. Eles correram e correram de novo, e Douglas agachou-se para chamoscar a orelha no trilho de aço quente, ouvindo trens tão longe que eram viajantes invisíveis em outras terras, mandando-lhe mensagens em código Morse aqui, sob o sol de matar. Douglas se levantou, atordoado.

— John!

Pois John estava correndo, e isso era terrível. Porque, se você corresse, o tempo corria. Você gritava e berrava e corria e tropeçava e tombava e de repente o sol se fora e o assovio soprava e você estava em seu longo caminho para jantar em casa. Quando você não estivesse olhando, o sol ficaria atrás de você! A única maneira de manter as coisas lentas era observar tudo e não fazer

nada! Você podia esticar um dia em três, sem dúvida nenhuma, apenas olhando!

— John!

Não havia como ajudá-lo naquele momento, a não ser por um truque.

— John, afaste, afaste os outros!

Gritando, Douglas e John dispararam, voando no vento morro abaixo, deixando que a gravidade agisse neles, sobre as campinas, em volta de celeiros, até que, por fim, o som dos perseguidores desapareceu.

John e Douglas subiram num monte de feno que parecia uma grande fogueira crepitante embaixo deles.

— Não vamos fazer nada — disse John.

— Era exatamente o que eu ia dizer — disse Douglas.

Eles ficaram sentados em silêncio, prendendo a respiração.

Houve um pequeno som, como de um inseto no feno.

Os dois o ouviram, mas não olharam para o som. Quando Douglas moveu o pulso, o som tiquetaqueou em outra parte do feno. Quando o menino colocou o braço no colo, o som tiquetaqueou em seu colo. Ele deixou que os olhos caíssem por um breve segundo. O relógio marcava três horas.

Douglas mexeu a mão direita furtivamente para o tiquetaquear, puxou a corda do relógio. Pôs as mãos para trás.

Agora eles tinham todo o tempo de que poderiam precisar para olhar o mundo longamente e de perto, sentir o sol se mover como um vento abrasador no céu.

Mas ao menos John deve ter sentido o peso incorpóreo de suas sombras mudando e se inclinando, e ele falou.

— Doug, que horas são?

— Duas e meia.

John olhou para o céu.

Não!, pensou Douglas.

— Mais parece três e meia, quatro horas — disse John. — Escoteiros. Você aprende essas coisas.

Douglas suspirou e, lentamente, virou o relógio para cima.

John, em silêncio, o observou fazê-lo. Douglas olhou para o alto. John lhe deu um soco, mas não forte, no braço.

\* \* \*

Com um golpe rápido, um mergulho, um trem veio e se foi tão veloz que os meninos pularam para o lado, gritando, agitando os punhos para ele, acompanhados de Douglas e John. O trem rugiu pelos trilhos, duzentas pessoas nele, e se foi. A poeira seguiu o trem um pouco para o sul, depois baixou no silêncio dourado por entre os trilhos azuis.

Os meninos caminhavam para casa.

— Eu vou para Cincinnati quando tiver 17 anos para ser foguista na estrada de ferro — disse Charlie Woodman.

— Eu tenho um tio em Nova York — disse Jim. — Vou para lá ser tipógrafo.

Doug não perguntou aos outros. Os trens já estavam cantando monotonamente, e ele viu seus rostos amontoando-se nas plataformas ou pressionados contra janelas. Um por um, eles foram embora. E, então, os trilhos vazios, o céu de verão, e ele mesmo, em outro trem, correndo em outra direção.

Douglas sentiu a terra se mexer sob seus pés e viu a sombra dos meninos mover-se na relva e colorir o ar.

Ele engoliu em seco, depois deu um enorme grito, recuou o punho, lançou a bola interior assoviando pelo céu.

— O último a chegar em casa é a mulher do padre!

Eles desceram os trilhos, rindo, golpeando o ar. Lá ia John Huff, sem tocar o chão. E aqui vinha Douglas, tocando-o o tempo todo.

Eram sete horas, o jantar acabara, e os meninos se reuniam, um a um, ao som das portas de suas casas batendo e de seus pais gritando para eles não

baterem as portas. Douglas e Tom e Charlie e John se postaram entre meia dúzia de outros, e estava na hora de brincar de esconde-esconde e estátua.

— Somente um jogo — disse John. — Depois tenho que ir para casa. O trem parte às nove. Com quem está?

— Comigo — disse Douglas.

— Essa é a primeira vez que vejo alguém ser voluntário — disse Tom.

Douglas olhou para John por um longo momento.

— Comecem a correr — gritou ele.

Os meninos se espalharam, gritando. John recuou, depois se virou e começou a dar longos passos. Douglas contou devagar. Deixou que corressem para longe, que se dispersassem, se separassem de seu mundinho próprio. Quando eles tomaram impulso e estavam quase fora de vista, ele respirou fundo.

— Estátua!

Todo mundo congelou.

No maior silêncio, Douglas atravessou o gramado na direção de onde John Huff estava parado como um cervo de ferro no crepúsculo.

Longe, os outros meninos estavam de mãos erguidas, fazendo caretas, os olhos brilhantes como esquilos empalhados.

Mas aqui estava John, sozinho e imóvel e sem ninguém apressado ou fazendo alvoroço para estragar esse momento.

Douglas contornou a estátua por um lado, contornou a estátua pelo outro lado. A estátua não se mexeu. Não falou. Fitava o horizonte, a boca em um meio sorriso.

Era como naquela vez, anos antes, em Chicago, quando eles visitaram um lugar grande onde ficavam as esculturas de mármore, e ele as contornou em silêncio. Então ali estava John Huff com manchas de grama nos joelhos e no fundo da calça, e cortes nos dedos e arranhões nos cotovelos. Ali estava John Huff, com os tênis silenciosos, os pés envoltos em silêncio. Havia a boca, que tinha mastigado um monte de torta de damasco no início do verão, e em voz baixa dissera uma ou duas coisas sobre a vida e a posição da terra. E havia os

olhos, não cegos como os olhos das estátuas, mas cheios de um ouro esverdeado derretido. E, ali, o cabelo escuro soprando ora para o norte, ora para o sul, ou em qualquer direção na brisa que havia. E, ali, as mãos trazendo toda a cidade, sujas das estradas e de escorregar no tronco das árvores, os dedos que cheiravam a cânhamo, videiras e maçã verde, moedas antigas ou sapos verdes como picles. Havia as orelhas, com a luz do sol brilhando através delas como cera quente reluzente e, ali, invisível, havia o hálito de hortelã no ar.

— John, agora — disse Douglas —, nem pense em piscar os olhos. Eu decididamente ordeno que você fique aqui e não se mexa pelas próximas três horas!

— Doug...

Os lábios de John se mexeram.

— Parado! — disse Douglas.

John se retorceu para olhar o céu, mas agora não estava sorrindo.

— Tenho que ir — sussurrou ele.

— Nem um músculo, é o jogo!

— É que tenho que ir para casa agora — disse John.

Então a estátua se mexeu, baixou as mãos e virou a cabeça para olhar Douglas. Eles ficaram se olhando. As outras crianças baixaram os braços também.

— Vamos brincar mais uma vez — disse John —, mas, agora, está comigo. Corram!

Os meninos correram.

— Parados!

Os meninos pararam, Douglas com eles.

— Nem um músculo! — gritou John. — Nem um fio de cabelo!

Ele se aproximou de Douglas.

— Cara, esse é o único jeito de fazer isso — disse ele.

Douglas olhava para o céu crepuscular.

— Estátuas paradas, cada um de vocês, pelos próximos três minutos! — disse John.

Douglas sentiu John andando em volta dele como ele andara em volta de John um minuto antes. Ele sentiu John socá-lo no braço uma vez, não muito forte.

— Tchau — disse ele.

Depois, houve o som da correria, e Douglas sabia sem ver que não havia ninguém mais atrás dele.

Ao longe, soou um apito de trem.

Douglas ficou naquela posição por um minuto inteiro, esperando que o som da correria desaparecesse, mas ele não parava. John ainda estava correndo, mas não parecia se afastar, pensou Douglas. Por que ele não parava de correr?

E, então, Douglas percebeu que era só o som do coração em seu corpo.

Pare! Ele levou a mão ao peito. Pare de correr! Eu não *gosto* desse som!

E, então, ele se sentiu atravessando gramados em meio a todas as outras estátuas, e se elas também voltavam à vida ele não sabia. Elas não pareciam estar se mexendo, de jeito algum. Aliás, ele mesmo apenas estava se mexendo dos joelhos para baixo. O restante dele era uma pedra fria e muito pesada.

Subindo a varanda de sua casa, ele se virou, de repente, para olhar os gramados que estavam às suas costas.

Os gramados estavam vazios.

Uma série de tiros de rifle soou. Portas de tela batendo uma após outra, uma partida de vôlei ao pôr do sol pela rua.

Brincar de estátua é melhor, pensou Douglas. Estátuas são as únicas coisas que você pode manter no seu gramado. Nunca deixe que elas se mexam. Depois que você deixa, não pode fazer mais nada com elas.

De repente, seu punho disparou como um pistão da lateral de seu corpo e se sacudiu com força para os gramados e a rua e a penumbra que se adensava. Seu rosto estava entupido de sangue, os olhos em chamas.

— John! — gritou Douglas. — Você, John! John, você é meu inimigo, ouviu? Não é meu amigo! Não volte agora nem nunca mais! Vá embora! Inimigo, ouviu? É o que você é! Está tudo acabado entre nós, você é escória, é isso mesmo, escória! John, você me ouviu, John?

Como se um pavio tivesse sido virado um pouco mais baixo em uma grande e clara lamparina para além da cidade, o céu escureceu ainda mais. Douglas ficou na varanda, a boca arfando e se mexendo. Seu punho ainda estendido diretamente para aquela casa do outro lado da rua e mais abaixo. Ele olhou o punho, e esse se dissolveu, o mundo dissolveu-se para além dele.

Subindo para o segundo andar, no escuro, onde ele podia apenas sentir seu rosto, mas não via a si mesmo, nem sequer os punhos, ele repetiu para si mesmo sem parar: estou chateado, estou com raiva, eu o odeio, estou chateado, estou com raiva, eu o odeio!

Dez minutos depois, lentamente, Douglas chegou ao topo da escada, no escuro...



— TOM — disse Douglas —, apenas me prometa uma coisa, está bem?

— Prometo. O que é?

— Você pode ser meu irmão, e, talvez, eu o odeie às vezes, mas fique por perto, está bem?

— Quer dizer que vai me deixar seguir você e os outros garotos quando forem caminhar?

— Bem... claro... até isso. O que quero dizer é, não vá embora, está bem? Não deixe que nenhum carro passe por cima de você nem caia de um penhasco.

— Mas é claro que não! O que acha que eu *sou*, afinal?

— Porque, se as coisas somente piorarem, e se um dia nós dois ficarmos bem velhos..., digamos, com uns 40 ou 45 anos..., podemos ter uma mina de ouro no oeste e ficar sentados lá fumando palha de milho, deixando a barba crescer.

— A barba crescer! Cara!

— Como eu disse, fique por perto e não deixe que nada aconteça.

— Pode contar comigo — disse Tom.

— Não é com você que me preocupo — disse Douglas. — É com o jeito de Deus governar o mundo.

Tom pensou nisso por um instante.

— Ele está certo, Doug — disse Tom. — Ele *tenta*.



ELA saiu do banheiro colocando iodo no dedo onde quase o decepara ao se servir de uma fatia de bolo de coco. Justo naquela hora, o carteiro apareceu na escada da varanda, abriu a porta e entrou. A porta bateu. Elmira Brown deu um salto.

— Sam! — gritou. Ela agitou o dedo com iodo no ar para esfriá-lo. — Ainda não me acostumei com o fato de meu marido ser carteiro. Toda vez que você simplesmente entra em casa, eu morro de susto!

Sam Brown ficou parado ali, com a bolsa de carteiro meio vazia, coçando a cabeça. Olhou a porta atrás de si como se uma neblina tivesse, de repente, entrado, em uma manhã calma e doce de verão.

— Sam, chegou em casa cedo — disse ela.

— Não posso ficar — disse ele, com uma voz desnorteada.

— Diga logo, qual é o problema? — Ela se aproximou e olhou no rosto do marido.

— Talvez nada, talvez muita coisa. Acabo de entregar uma correspondência a Clara Goodwater, aqui da rua...

— Clara Goodwater!

— Agora, não fique zangada. Eram livros, da Johnson-Smith Company, em Racine, Wisconsin. O título de um livro... Deixe-me ver. — Ele franziu o

rosto, depois voltou ao normal. — *Albertus Magnus...* era isso. *OS SEGREDOS EGÍPCIOS aprovados, verificados, compassivos e naturais ou...* — Ele espiou o teto para citar as palavras. — *A arte branca e negra do homem e da fera, revelando o conhecimento e os mistérios proibidos de filósofos antigos!*

— Você disse Clara Goodwater?

— Enquanto andava, tive uma ótima chance de espiar as primeiras páginas, não há mal nisso. Segredos Ocultos da Vida Revelados pelo Celebrado Estudioso, Filósofo, Químico, Naturalista, Renomado, Astrólogo, Alquimista, Metalúrgico, Feiticeiro, Explicador dos Mistérios dos Magos e das Bruxas, Junto com Visões Ocultas de Várias Artes e Ciências — Obscuras, Simples, Práticas etc. É isso! Por Deus, minha cabeça parece uma câmera Box Brownie. Pego as palavras, mesmo que não encontre sentido nelas.

Elmira ficou olhando o próprio dedo com iodo como se estivesse sendo apontado para ela por um estranho.

— Clara Goodwater — murmurou ela.

— Ela me olhou bem nos olhos enquanto eu entregava o livro e disse: Serei uma bruxa, de primeira linha, sem dúvida. Vou conseguir meu diploma rapidamente. Montar um negócio. Enfeitiçar multidões e indivíduos, velhos e novos, grandes e pequenos. Depois, ela meio que riu, enfiou o nariz no livro e entrou.

Elmira olhou uma ferida no braço, passando com cuidado a língua em um dente mole.

Uma porta bateu. Tom Spaulding, ajoelhando-se no gramado do jardim de Elmira, olhou para cima. Ele estava vagando pela vizinhança, vendo como as formigas estavam passando aqui e ali, e encontrou um montinho particularmente bom, com um grande buraco, no qual todos os tipos de formigas brilhantes e ferozes tombavam, cortando o ar, e carregavam desvairadamente pequenos pacotes de gafanhotos mortos e uma ave infinitesimal para a terra. Ali, naquele momento, havia alguma coisa: a sra. Brown, balançando-se na beira da varanda, como se tivesse acabado de descobrir que o mundo estava caindo no espaço a 100 trilhões de quilômetros

por segundo. Atrás dela, estava o sr. Brown, que não sabia dos quilômetros por segundo e, provavelmente, não ligaria se soubesse.

— Você, Tom! — disse a sra. Brown. — Preciso de apoio moral e de algo parecido com o sangue do Cordeiro. Venha cá!

E ela correu, esmagando formigas e retirando, aos chutes, o topo de dentes-de-leão e abrindo com seus passos grandes buracos em canteiros de flores ao cruzar os jardins.

Tom ficou ajoelhado por mais alguns instantes, analisando as escápulas e a coluna da sra. Brown enquanto ela andava pela rua. Ele leu os ossos, e eles eram eloquentes de melodrama e aventura, algo que ele, em geral, não relacionava às mulheres, embora a sra. Brown tivesse os vestígios de um bigode de pirata. Um minuto depois, ele estava atrás dela.

— Sra. Brown, a senhora parece bem chateada!

— Você não sabe o que é ficar chateado, menino!

— Cuidado! — gritou Tom.

A sra. Elmira Brown caiu sobre um cão de ferro que dormia no gramado verde.

— Sra. Brown!

— Está vendo? — A sra. Brown sentou-se ali. — Clara Goodwater fez isso comigo! Mágico!

— Mágico?

— Deixe para lá, menino. Aqui está a escada. Vá primeiro e tire de seu caminho qualquer corda invisível. Toque aquela campainha, mas tire o dedo rápido, a corrente elétrica vai torrar você até virar carvão!

Tom não tocou a campainha.

— Clara Goodwater! — a sra. Brown tocou de leve, com o dedo cheio de iodo, o botão da campainha.

Longe, nos cômodos vazios, frios e escuros da grande casa antiga, uma campainha de prata tocou e emudeceu.

Tom escutava. Ao longe, havia um agitar como de um camundongo correndo. Uma sombra, talvez uma cortina ao vento, moveu-se em uma sala

distante.

— Olá — disse uma voz calma.

E, de repente, a sra. Goodwater estava ali, fresca como um ramo de hortelã, atrás da tela.

— Ora essa, olá, Tom, Elmira. O quê...

— Não me apresse! Viemos saber de suas práticas para ser uma completa feiticeira!

A sra. Goodwater sorriu.

— Seu marido não apenas é carteiro, mas é também guardião da lei. Não tira o nariz *daqui!*

— Ele não olhou correspondência nenhuma.

— Ele tem dez minutos entre as casas para rir dos postais e experimentar calçados pedidos por encomenda.

— Não foi o que ele viu; foi o que você mesma disse a ele sobre os livros que comprou.

— Foi apenas uma brincadeira. Serei uma bruxa!, eu disse, e bang! Sam galopou daqui como se eu tivesse lançado raios nele. Aposto que não há uma única dobra no cérebro desse homem.

— Você falou sobre sua magia em outros lugares ontem...

— Deve estar se referindo ao Clube do Sanduíche...

— Ao qual eu, a propósito, *não* fui convidada.

— Ora essa, moça, pensamos que era seu dia de ficar com sua avó.

— Sempre posso ficar com a vovó outro dia se as pessoas simplesmente me convidarem para ir aos lugares.

— Tudo que aconteceu no Clube do Sanduíche foi que eu fiquei sentada lá, com um sanduíche de presunto e picles nas mãos, e disse em voz alta: Enfim, vou conseguir meu diploma de bruxa. Estou estudando há anos!

— Foi o que me disseram pelo telefone!

— Os inventos modernos não são maravilhosos? — perguntou a sra. Goodwater.

— Considerando que você é presidente da Loja Maçônica Madressilva para Senhoras desde a Guerra de Secessão, ao que parece, vou jogar isso na sua cara, você usou bruxaria todos esses anos para enfeitiçar as mulheres e ganhar os votos?

— Duvidou disso por algum momento, moça? — perguntou a sra. Goodwater.

— As eleições são novamente amanhã, e tudo que quero saber é: está concorrendo a outro mandato... e não se envergonha disso?

— Sim para a primeira pergunta, e não para a segunda. Moça, olhe aqui, comprei esses livros para meu priminho, Raoul. Ele só tem 10 anos e anda por aí procurando coelhos em cartolas. Eu disse a ele que há tanta chance de achar coelhos em cartolas quanto cérebros em cabeças de certas pessoas que conheço, mas mesmo assim ele procura e, por isso, comprei esses presentes para ele.

— Eu não acreditaria em você nem se jurasse sobre uma pilha de Bíblias.

— A verdade está com Deus, de qualquer forma. Adoro me divertir com essa história de bruxaria. As donas todas gritaram quando expliquei sobre meus poderes das trevas. Queria que você estivesse lá.

— Estarei lá amanhã para lutar contra você com uma cruz de ouro e todos os poderes do bem que eu puder reunir a meu favor — disse Elmira. — Agora, diga-me quantas outras porcarias sobre magia você tem em sua casa.

A sra. Goodwater apontou uma mesinha do lado de dentro da porta.

— Andei comprando todo tipo de ervas mágicas. O cheiro é engraçado e deixa Raoul feliz. Aquele saquinho cheio de coisas se chama arruda de Thisis, isto é raiz de Sabisse, e aquilo ali são ervas Ebon; aqui está enxofre negro, e isto eles chamam de farinha de ossos.

— Farinha de ossos! — Elmira pulou para trás e deu um chute no tornozelo de Tom. Ele ganiu.

— E, aqui, há folhas de absinto e samambaia para congelar projéteis de armas de fogo e voar como um morcego em seus sonhos, pelo que diz o Capítulo X deste livrinho. Acho ótimo que a cabeça dos meninos pense em

coisas assim. Agora, pelo que vejo em seu rosto, você não acredita que Raoul exista. Bem, vou lhe dar o endereço dele em Springfield.

— Sim — disse Elmira —, e, no dia em que eu escrever para ele, você vai tomar o ônibus para Springfield e irá ao correio pegar minha carta e escrever a resposta para mim com letra infantil. Eu a conheço!

— Sra. Brown, fale sério... Quer ser presidente da Loja Maçônica Madressilva para Senhoras, não é? Você concorre todo ano há dez anos. Você mesma se indica. E sempre acaba com *um* voto. O seu. Elmira, se as senhoras a quisessem, lhe dariam uma vitória esmagadora. Mas, de minha posição, olhando para a montanha, não vejo nem um único seixo rolando para sua salvação. Vou lhe dizer: eu mesma vou indicar e votar em você amanhã ao meio-dia. O que me diz disso?

— Será uma maldição, certamente — disse Elmira. — No ano passado, peguei uma gripe mortal bem na época da eleição; não pude sair e fazer campanha de porta em porta. Um ano antes, quebrei a perna. Muito estranho. — Ela semicerrou os olhos sombriamente para a senhora que estava atrás da porta de tela. — E isso não é tudo. No mês passado, cortei os dedos seis vezes, machuquei o joelho dez vezes, caí de minha varanda dos fundos duas vezes, está ouvindo? Duas vezes! Quebrei uma janela, deixei caírem quatro pratos, um vaso que custou 1 dólar e quarenta e nove na Bixby's, e vou lhe cobrar cada prato que cair, de agora em diante, em minha casa e nas redondezas!

— No Natal, estarei falida — disse a sra. Goodwater. Ela abriu a porta de tela e saiu de repente, e deixou a porta bater. — Elmira Brown, quantos anos você tem?

— Você provavelmente escreveu isso em algum de seus livros malignos. Trinta e cinco!

— Bem, quando penso nos 35 anos de sua vida... — A sra. Goodwater franziu os lábios e piscou, contando. — Isso dá cerca de 12.775 dias, ou, contando três por dia, 12 mil e tantas comoções, 12 mil trapalhadas e 12 mil calamidades. É uma vida rica a sua, Elmira Brown. Deixe-me cumprimentá-la!

— Fique longe de mim! — Elmira a enxotou.

— Por quê, moça? Você é simplesmente a segunda mulher mais desajeitada de Green Town, Illinois. Não pode sentar-se sem tocar a cadeira como se fosse um acordeão. Não pode ficar de pé sem chutar o gato. Não pode andar por uma campina aberta sem cair em um poço. Sua vida é um imenso tombo, Elmira Alice Brown, então por que você não admite isso?

— Não foi falta de jeito que provocou minhas calamidades. Era você, a cerca de 1 quilômetro de mim, todas as vezes em que deixei cair uma panela de feijão ou levei um choque no dedo no bocal da lâmpada em casa.

— Dona, em uma cidade desse tamanho, *todo mundo* está a cerca de 1 quilômetro de alguém em algum momento do dia.

— Você admite que fica por perto, então?

— Admito que nasci aqui, sim, mas daria qualquer coisa agora mesmo para ter nascido em Kenosha ou no Sião. Elmira, vá ao dentista e veja o que ele consegue fazer pela língua de cascavel que você tem aí.

— Oh! — disse Elmira. — Oh, oh, oh!

— Você me pressionou demais. Eu não estava interessada em bruxaria, mas acho que vou entrar nesse negócio. Ouça aqui! Você ficou invisível agora. Enquanto estive aqui, coloquei um feitiço em você. Ninguém pode enxergar você.

— Você não fez isso!

— Claro que não — admitiu a bruxa —, eu nunca *pude* enxergar você, dona.

Elmira pegou seu espelho de bolso.

— Aqui estou eu! — Ela olhou mais de perto e ofegou. Estendeu a mão, como alguém tocando harpa, e puxou um fio de cabelo. Ergueu-o, a prova número um. — Nunca tive um fio de cabelo branco na vida até este momento!

A bruxa sorriu, encantadoramente.

— Coloque-o em um jarro de água parada. Será uma minhoca pela manhã. Ah, Elmira, poderia pelo menos se enxergar? Todos esses anos culpando os outros por seus próprios pés de marreta e seu jeito avoadado! Você já leu Shakespeare? Há umas marcações de palco aqui: ALARMES E DIVAGAÇÕES.

Essa é você, Elmira. Alarmes e Divagações! Agora saia de minha casa antes que eu bata em sua cabeça e preveja gases para você à noite! Xô!

Ela agitou as mãos como se Elmira fosse algum tipo de enxame.

— Meu Deus, esse verão está infestado de moscas! — disse ela.

Entrou em casa e trancou a porta.

— Agora basta, sra. Goodwater — disse Elmira, cruzando os braços. — Vou lhe dar uma última chance. Retire sua candidatura da Loja Maçônica Madressilva ou me enfrente cara a cara amanhã, quando eu concorrer ao cargo e arrancar você de lá com uma briga justa. Vou levar comigo o Tom aqui. Um menino bom e inocente. E a inocência e a bondade triunfarão.

— Eu não me consideraria inocente, sra. Brown — disse o menino. — Minha mãe diz...

— Cale-se, Tom, o bem é o bem! Você estará à minha direita, menino.

— Sim, senhora — disse Tom.

— Isto é, se — disse Elmira — eu conseguir sobreviver à noite com essa mulher fazendo bonecas de cera de mim... Enfiando agulhas enferrujadas bem no coração e na alma delas. Se você encontrar um figo bem grande em minha cama todo despedaçado quando o sol nascer, Tom, vai saber quem colheu a fruta no pomar. E verá a sra. Goodwater presidente até ter 195 anos.

— Por quê, moça? — disse a sra. Goodwater —. Tenho 305 *agora*. Nos velhos tempos, chamavam-me de ELA. — A sra. Goodwater apontou para a rua. — Abracadabra-zimiti-ZAM! Que tal *isso*?

Elmira correu da varanda.

— Amanhã! — gritou ela.

— Até lá, dona! — disse a sra. Goodwater.

Tom seguiu Elmira, dando de ombros e chutando formigas na calçada enquanto caminhava.

Ao passar por uma entrada de carros, Elmira berrou.

— Sra. Brown! — gritou Tom.

Um carro que saía de ré de uma garagem passou por cima do dedão do pé direito de Elmira.

\* \* \*

O pé da sra. Elmira Brown lhe doía no meio da noite, então, ela se levantou e desceu à cozinha e comeu um pouco de frango frio e fez uma lista organizada e penosamente precisa. Em primeiro lugar, as doenças do ano passado. Três resfriados, quatro ataques leves de indigestão, um acesso de inchaço, artrite, lumbago, algo que ela imaginou ser gota, uma severa tosse brônquica, uma asma incipiente e manchas nos braços, além de um canal semicircular com abscesso que a fez girar feito uma mariposa bêbada por alguns dias, dor nas costas, dores de cabeça e náusea. Custo dos remédios: *98 dólares e 78 centavos*.

Em segundo lugar, coisas que quebraram na casa nos últimos doze meses: dois abajures, seis vasos, dez pratos, uma sopeira, duas janelas, uma cadeira, uma almofada de sofá, seis copos e um prisma de candelabro de cristal. Custo total: *12 dólares e 10 centavos*.

Em terceiro lugar, suas dores naquela noite. O dedão doía por causa do carro que passara sobre ele. O estômago estava revirado. As costas estavam rígidas, as pernas latejavam com agonia. Os globos oculares pareciam chumaços de algodão em brasa. A língua tinha gosto de esfregão sujo. Os ouvidos tiniam e ribombavam. Custo? Ela se debateu, voltando à cama.

Dez mil dólares de sofrimento pessoal.

— Tente não levar isso em consideração — disse ela quase em voz alta.

— Hein? — disse o marido, acordado.

Ela se deitou na cama.

— Eu simplesmente me recuso a morrer.

— Como? — disse ele.

— Não vou morrer! — disse ela, encarando o teto.

— É o que eu sempre digo — disse o marido e virou-se para roncar.

Pela manhã, a sra. Elmira Brown acordou cedo e foi à biblioteca e depois à farmácia e depois voltou para casa, onde ficou ocupada misturando todos os

tipos de substâncias químicas quando o marido, Sam, retornou com uma bolsa de correio vazia ao meio-dia.

— O almoço está na geladeira. — Elmira mexia, em um vidro grande, um mingau de aparência verde.

— Santo Deus, o que é isso? — perguntou o marido. — Parece um milkshake que ficou no sol por quarenta anos. Parece que tem fungo nele.

— Enfrente magia com magia.

— Você vai *beber* isso?

— Pouco antes de ir para a Loja Maçônica Madressilva para Senhoras para a grande reunião.

Samuel Brown cheirou a mistura.

— Aceite meu conselho. Vá à reunião primeiro, *depois* beba isso. O que tem aí?

— Neve de asas de anjo, bem, na verdade, mentol, para esfriar os fogos do inferno que queimam você, diz neste livro que peguei na biblioteca. Suco de uma uva fresca do vinhedo, para ter pensamentos puros e agradáveis diante de visões sombrias, é o que diz. Tem também ruibarbo vermelho, creme de tártaro, açúcar branco, clara de ovos, água de nascente e brotos de trevo com a força da boa terra neles. Ah, eu poderia continuar o dia todo. A lista está aqui, o bem contra o mal. Não tenho como perder!

— Ah, você vai vencer, com toda a certeza — disse o marido. — Mas será que vai *saber* disso?

— Tenha bons pensamentos. Estou indo buscar Tom para meu feitiço.

— Coitado — disse o marido. — Inocente, como diz você, e prestes a ser dilacerado membro por membro em um pacto no porão da Loja Maçônica Madressilva.

— Tom vai sobreviver — disse Elmira e, levando consigo o preparado borbulhante, escondeu-o dentro de uma caixa de aveia Quaker com a tampa, passou pela porta sem ajeitar o vestido ou puxar as meias novas de 98 centavos. Percebendo isso, ela seguiu presunçosa ao longo do caminho até a casa de Tom,

onde ele esperava por ela com sua roupa de verão, como Elmira havia instruído.

— Puxa! — disse Tom. — O que tem nessa caixa?

— O destino — disse Elmira.

— Espero que sim — disse Tom, andando cerca de dois passos à frente dela.

A Loja Maçônica Madressilva para Senhoras estava cheia de mulheres se observando nos espelhos umas das outras e puxando as saias e perguntando se as ligas não estavam aparecendo.

À uma da tarde, a sra. Elmira Brown subiu a escada com um menino de roupa branca. Ele apertava o nariz e fechava um dos olhos, pelo que podia ver apenas a metade do lugar aonde ia. A sra. Brown olhou a multidão de senhoras e depois a caixa de aveia Quaker e abriu a tampa e olhou dentro dela e ofegou e colocou a tampa de volta sem beber nada do que continha. Elmira entrou no hall e, com ela, houve um farfalhar de tafetá, todas as mulheres cochichando em uma maré atrás dela.

Ela se sentou nos fundos com Tom, e Tom parecia mais infeliz que nunca. O único olho que ele mantinha aberto olhou para a multidão de mulheres e se fechou de uma vez. Sentada ali, Elmira retirou a poção da lata e a bebeu lentamente.

À uma e meia, a presidente, sra. Goodwater, bateu o martelo e todas, exceto duas dúzias de senhoras, pararam de falar.

— Senhoras — disse ela por sobre o mar de verão de sedas e rendas, encimados aqui e ali de branco ou cinza —, é hora da eleição. Mas, antes de começarmos, acredito que a sra. Elmira Brown, esposa de nosso eminente grafologista...

Uma risadinha correu pela sala.

— O que é grafologista? — Elmira cotovelou Tom duas vezes.

— Não sei — cochichou Tom, com ferocidade, os olhos fechados, sentindo que o cotovelo lhe vinha da escuridão.

— ... a esposa, como eu dizia, de nosso eminente especialista em caligrafia, Samuel Brown... (mais risos)... do Serviço Postal dos Estados Unidos — continuou a sra. Goodwater —, a sra. Brown quer nos dar algumas opiniões. Sra. Brown?

Elmira se levantou. Sua cadeira dobrável caiu para trás e se fechou como uma armadilha de ursos. Ela pulou 1 centímetro do chão e oscilou nos calcanhares, que estalavam como se fossem virar pó a qualquer momento.

— Tenho muito a dizer — disse ela, segurando a caixa vazia de aveia Quaker em uma das mãos com uma Bíblia. Ela pegou Tom com a outra mão e avançou, batendo nos cotovelos de várias pessoas e murmurando para elas: Olhe o que está fazendo! Você, cuidado!, até chegar ao tablado, virar-se e derrubar um copo d'água sobre a mesa. Ela fechou outra horrenda carranca para a sra. Goodwater quando isso aconteceu e deixou que ela enxugasse o tablado com um lençinho. Depois, com um olhar secreto de triunfo, Elmira pegou o vidro vazio e o ergueu, exibindo-o para a sra. Goodwater e cochichando: Sabe o que tinha aqui? Agora está dentro de mim, dona. O círculo encantado me cerca. Nenhuma faca pode cortar, nenhuma machadinha pode abrir caminho.

As senhoras, todas conversando, não ouviram.

A sra. Goodwater assentiu, ergueu as mãos, e fez-se silêncio.

Elmira segurava firme a mão de Tom. Tom mantinha os olhos fechados, estremecidos.

— Senhoras — disse Elmira —, eu me solidarizo com vocês. Sei pelo que passaram nesses últimos dez anos. Sei por que votaram na sra. Goodwater aqui. Vocês têm meninos, meninas e maridos para alimentar. Têm orçamentos para seguir. Não podem ter seu leite azedado, seu pão minguido ou seus bolos achatados como rodas. Não querem caxumba, varíola e coqueluche em suas casas por três semanas. Não querem que seus maridos batam o carro ou se electrocutem nos fios de alta-tensão nos arredores da cidade. Mas, agora, tudo isso acabou. Agora, vocês podem pôr as cartas na mesa. Não terão mais azias ou

dores nas costas, porque eu trouxe a boa-nova e vamos exorcizar esta bruxa que temos aqui!

Todas olharam em volta, mas não viram bruxa alguma.

— Eu quis dizer sua *presidente!* — gritou Elmira.

— *Eu!* — a sra. Goodwater acenou para todas.

— Hoje — proferiu Elmira, segurando-se na mesa para se apoiar —, fui à biblioteca. Procurei por antídotos. Por maneiras de me livrar de pessoas que tiram vantagem dos outros, de fazer com que bruxas vão embora para sempre. E descobri uma forma de lutar por todos os nossos direitos. Posso sentir o poder crescendo. Tenho a magia de todo tipo de raízes e substâncias químicas boas em mim. Tenho... — Ela parou e oscilou. Piscou uma vez. — Tenho creme de tártaro e... tenho... pilosela branca e leite azedado à luz da lua e... — Ela parou e pensou por um momento. Fechou a boca, e um som minúsculo saiu de suas entranhas, abrindo caminho para sair pelos cantos dos lábios. Ela fechou os olhos por um momento para ver onde a força estava.

— Sra. Brown, está se sentindo bem? — perguntou a sra. Goodwater.

— Ótima! — disse a sra. Brown lentamente. — Coloquei um pouco de cenoura pulverizada e raiz de salsa, bem-cortada; baga de junípero...

Novamente, ela parou, como se uma voz lhe tivesse dito PARE, e olhou todos aqueles rostos.

A sala, ela percebeu, começava a girar lentamente, primeiro da esquerda para a direita, depois da direita para a esquerda.

— Raízes de alecrim e flor de ranúnculo... — disse ela, com a voz fraca. Soltou a mão de Tom. Tom abriu um olho e a fitou.

— Folhas de louro, pétalas de capuchinha... — disse ela.

— Talvez seja melhor se sentar — disse a sra. Goodwater.

Uma senhora ao lado levantou-se e abriu uma janela.

— Nozes-de-areca secas, lavanda e semente de maçã silvestre ácida — disse a sra. Brown e parou. — Agora, rápido, vamos fazer a eleição. Precisamos dar os votos. Eu farei a contagem.

— Não é preciso pressa, Elmira — disse a sra. Goodwater.

— Sim, é. — Elmira respirou fundo, trêmula. — Lembrem-se, senhoras, basta de medo. Façam como sempre quiseram fazer. Votem em mim, e... — A sala estava se movendo novamente, para cima e para baixo — ... na honestidade na presidência. Todas a favor da sra. Goodwater para presidente digam Sim.

— Sim — disse toda a sala.

— Todas a favor de Elmira Brown? — perguntou Elmira, com uma voz fraca.

Ela engoliu em seco.

Depois de um momento, ela falou, sozinha.

— Sim — disse ela.

Ela ficou pasmada na tribuna.

Um silêncio encheu a sala, de uma parede à outra. Nesse silêncio, a sra. Elmira Brown soltou um som agourento. Pôs a mão no pescoço. Virou-se e olhou vagamente para a sra. Goodwater, que agora, muito casualmente, retirava de sua bolsa uma bonequinha de cera em que havia várias tachinhas enferrujadas.

— Tom — disse Elmira —, mostre-me o caminho para o toalete das senhoras.

— Sim, senhora.

Eles começaram a andar e depois a se apressar e depois a correr. Elmira corria na frente, através da multidão, ao longo das filas de cadeiras... Ela chegou à porta e rumou para a esquerda.

— Não, Elmira, à direita, à direita! — gritou a sra. Goodwater.

Elmira virou à esquerda e desapareceu.

Houve um barulho como o de carvão descendo por uma calha.

— Elmira!

As senhoras correram feito um time de basquete feminino, chocando-se umas contra as outras.

Apenas a sra. Goodwater andou em linha reta.

Ela encontrou Tom olhando o poço da escada, as mãos agarradas no corrimão.

— Quarenta degraus! — lamentou ele. — Quarenta degraus até o chão!

\* \* \*

Mais tarde, e por meses e anos depois disso, contou-se como uma inebriada Elmira Brown passou por aqueles degraus tocando cada um deles em sua longa descida. Afirmou-se que, quando ela começou a cair, estava desmaiando, e que isso transformou seu esqueleto em borracha, pelo que ela meio que rolou em vez de quicar. Ela pousou ao pé da escada, piscando e sentindo-se melhor, tendo largado ao longo do caminho o que quer que a tivesse incomodado. Na verdade, ela ficou com tantos hematomas que parecia uma mulher tatuada. Mas não, nem um pulso fora deslocado ou tornozelo torcido. Ela sentiu a cabeça estranha por três dias, como que olhando com os cantos dos olhos em vez de se virar para ver. Mas o importante foi a sra. Goodwater ao pé da escada, aninhando a cabeça de Elmira no colo e vertendo lágrimas por ela, enquanto as outras mulheres se reuniam ali histericamente.

— Elmira, eu prometo, Elmira, eu juro, se você viver, se não morrer, escute-me, Elmira, ouça! Vou apenas usar minha magia para nada além de fazer o bem a partir de agora. Chega de magia negra, nada além de magia branca. Pelo restante de sua vida, no que depender de mim, não terá mais quedas em cães de ferro de jardins, tropeções nas soleiras das portas, dedos cortados ou quedas de escada para você! Será o paraíso, Elmira, o paraíso, eu prometo! Se você viver! Olhe, estou retirando as tachas da boneca! Elmira, fale comigo! Fale agora, sente-se! E suba para outra votação. Presidente, eu prometo, presidente da Loja Maçônica Madressilva para Senhoras, por aclamação, não é, senhoras?

Nesse momento, todas as mulheres gritaram com tanta força que tiveram de se curvar umas sobre as outras.

Tom, no alto, pensou que estavam se matando lá embaixo.

Ele estava no meio do caminho da descida quando encontrou as senhoras subindo de volta, dando a impressão de que tinham acabado de passar por uma explosão de dinamite.

— Saia do caminho, menino!

Primeiro, veio a sra. Goodwater, rindo e chorando.

Em seguida, veio a sra. Elmira Brown, fazendo o mesmo.

E, depois das duas, vieram todas as cento e vinte e três membros da Loja Maçônica, sem saber se tinham voltado de um funeral ou se estavam a caminho de um baile.

Ele as viu passar e sacudiu a cabeça.

— Não precisam mais de mim — disse ele. — Não mesmo.

Então, ele desceu a escada na ponta dos pés antes que elas dessem pela falta dele, segurando bem o corrimão durante a descida.



— NÃO sei se vale alguma coisa — disse Tom. — Aqui está um resumo de tudo. As mulheres se comportando como loucas. Todo mundo parado em volta, assoando o nariz. Elmira Brown sentada lá, ao pé da escada, sem nada quebrado, os ossos dela feitos de gelatina, imagino, e a bruxa soluçando no ombro dela, e depois todas elas subiram a escada de repente, rindo. Rindo, dá para imaginar? Eu saí dali rapidinho!

Tom afrouxou a camisa e tirou a gravata.

— Magia, foi o que você disse? — perguntou Douglas.

— A mais pura magia.

— Acredita nisso?

— Sim, acredito, e não, não acredito.

— Rapaz, essa cidade é cheia de histórias! — Douglas olhou o horizonte, onde as nuvens enchiam o céu com formas imensas de deuses e guerreiros antigos. — Feitiços e bonecas de cera e agulhas e elixires, foi o que você disse?

— Não era bem um elixir, era sim medonho feito vômito. Argh! Ui! — Tom segurou a barriga e botou a língua para fora.

— Bruxas... — disse Douglas. Ele semicerrou os olhos misteriosamente.



E, ENTÃO, há aquele dia em que tudo, tudo em torno de você ouve a queda das maçãs, uma por uma, das árvores. No início, uma aqui e outra ali, e depois são três e depois quatro e depois nove e vinte, até as maçãs despencarem como a chuva, caírem como cascos de cavalo na grama escura e macia, e você é a última maçã na árvore; e você espera que o vento liberte você devagar de sua prisão no céu e faça você cair mais e mais. Muito antes de bater na grama, você terá se esquecido de que havia uma árvore, ou outras maçãs, ou um verão, ou uma grama verde abaixo. Você cairá na escuridão...

— Não!

O coronel Freeleigh abriu os olhos rapidamente, sentou-se ereto na cadeira de rodas. Ele estendeu repentinamente a mão fria para encontrar o telefone. Ainda estava ali! Ele o esmagou contra o peito por um momento, pestanejando.

— Não gosto deste sonho — disse ele ao quarto vazio.

Por fim, com os dedos trêmulos, ergueu o fone e discou para a telefonista de interurbano e lhe deu um número e esperou, vendo a porta do quarto como se a qualquer momento uma peste de filhos, filhas, netos, enfermeiras, médicos pudesse entrar em forma de enxame para lhe arrebatá-lo esse último luxo essencial que ele permitia aos sentidos enfraquecidos. Muitos dias, ou talvez

anos, atrás, quando seu coração penetrara como uma adaga suas costelas e carne, ele ouviu os meninos lá embaixo... Os nomes deles, quais eram mesmo? Charles, Charlie, Chuck, isso! E Douglas! E Tom! Ele se lembrou! Gritando seu nome no final do corredor, mas a porta sendo trancada na cara deles, os meninos indo embora. O senhor não pode ficar emocionado, disse o médico. Nada de visitas, nada de visitas, nada de visitas. E ele ouviu os meninos atravessando a rua, ele os viu, ele acenou. E eles retribuíram o aceno. Coronel... Coronel... E agora ele estava sentado, sozinho, com o pequeno sapo acinzentado em forma de um coração baqueando, aqui e ali, em seu peito, de tempos em tempos.

— Coronel Freeleigh — disse a telefonista. — Aqui está seu telefonema. Cidade do México. Erickson 3899.

E, então, a voz distante, mas infinitamente clara.

— *Bueno.*

— Jorge! — gritou o velho.

— *Señor* Freeleigh! De novo? Isso custa dinheiro.

— Que custe! Você sabe o que fazer.

— *Sí.* A janela?

— A janela, Jorge, por favor.

— Um momento — disse a voz.

E, a milhares de quilômetros de distância, em uma terra do sul, em um escritório de um prédio daquela terra, houve o som de passos afastando-se do telefone. O velho inclinou-se para a frente, apertando o fone na orelha enrugada, que doía de esperar pelo som seguinte.

O levantar de uma janela.

Ah, suspirou o velho.

Os sons da Cidade do México ao meio-dia amarelo e quente entraram pela janela aberta até o telefone que esperava. O coronel era capaz de ver Jorge, parado ali, segurando o bocal para fora, para o dia luminoso.

— *Señor...*

— Não, não, por favor. Deixe-me *ouvir.*

Ele ouviu o tocar de muitas buzinas metálicas, o guinchar de freios, os gritos dos vendedores negociando bananas roxas e laranjas silvestres em suas barracas. Os pés do coronel Freeleigh começaram a se mexer, balançando na borda de sua cadeira de rodas e fazendo os movimentos de um homem a caminhar. Seus olhos se estreitaram. Ele deu uma série de imensas fungadas, como que para alcançar os odores de carnes penduradas em ganchos de ferro ao sol, cobertas de moscas como um manto de passas; o cheiro das vielas de pedra molhadas pela chuva da manhã. Ele podia sentir o sol queimar seu rosto de barba espigada. Tinha 25 anos de novo, caminhando, caminhando, olhando, cheirando, feliz por estar vivo, muito atento, sorvendo as cores e os cheiros.

Uma batida na porta. Rapidamente, ele escondeu o fone sob a manta.

A enfermeira entrou.

— Olá — disse ela. — Tem se sentido bem?

— Sim. — A voz do velho era mecânica. Ele mal conseguia enxergar. O choque de uma simples batida na porta foi tamanho, que parte dele ainda estava em outra cidade, distante. Esperou que sua mente voltasse correndo para casa: ela deveria estar aqui para responder a perguntas, agir sensatamente, ser educada.

— Vim verificar seu pulso.

— Agora não! — disse o velho.

— Não vai a lugar nenhum, vai? — Ela sorriu.

Ele olhou fixamente a enfermeira. Ele não ia a lugar nenhum havia dez anos.

— Dê seu pulso para mim.

Os dedos dela, firmes e precisos, procuraram algum sinal de irregularidade no pulso dele, como faria um par de calibradores.

— O que andou fazendo de *emocionante*? — perguntou ela.

— Nada.

O olhar dela mudou e parou na mesa vazia do telefone. Naquele instante, uma buzina soou fraca, a cerca de 3 mil quilômetros de distância.

Ela retirou o fone de baixo da manta e o segurou diante do rosto dele.

— Por que o senhor faz isso a si mesmo? Prometeu que não faria. É assim que se prejudica, antes de tudo, não é? Tendo emoções, falando demais. Aqueles meninos aqui, pulando em toda parte...

— Eles ficam sentados em silêncio e ouvem — disse o coronel. — E eu lhes conto coisas que nunca ouviram. O búfalo, eu digo a eles, o bisão. Vale a pena. Não me importo. Eu estava em pura febre e estava vivo. Não importa se estar tão vivo mata um homem. É melhor ter a febre rápida de vez em quando. Agora me dê o fone. Já que não deixa os meninos subirem e se sentarem educadamente, posso pelo menos falar com alguém fora do quarto.

— Desculpe, coronel. Seu neto terá que saber disso. Eu impedi que ele tirasse este telefone na semana passada. Agora, parece que terei que o deixar fazer isso.

— Esta é a *minha* casa, o *meu* telefone. Eu pago o seu salário! — disse ele.

— Para que o senhor fique bem, não para ter emoções fortes. — Ela empurrou a cadeira dele ao longo do quarto. — Agora, para a cama, jovenzinho!

Da cama, ele olhou o telefone, ficou olhando.

— Vou à loja por alguns minutos — disse a enfermeira. — Só para ter certeza de que não usará o telefone de novo, vou esconder sua cadeira de rodas no corredor.

Ela empurrou a cadeira vazia pela porta. Lá embaixo, na entrada principal, ele a ouviu parar e discar pela extensão.

Estaria ela telefonando para a Cidade do México?, perguntou-se ele. Ela não se atreveria!

A porta da frente se fechou.

Ele pensou na última semana ali, sozinho, no quarto, e as ligações secretas e narcotizantes através de continentes, um istmo, regiões selvagens inteiras de florestas tropicais, planaltos de orquídeas azuis, lagos e colinas... Conversando... Conversando... Com Buenos Aires... e... Lima... Rio de Janeiro...

Ele se ergueu na cama fria. Amanhã, o telefone não estará mais aqui! Que tolo ganancioso ele tem sido! Ele deslizou as frágeis pernas de marfim para baixo da cama, maravilhando-se com sua dessecação. Elas pareciam coisas coladas em seu corpo enquanto ele dormia em alguma noite, enquanto suas pernas mais jovens eram retiradas e queimadas na fornalha do porão. Com o passar dos anos, destruíram tudo dele, removendo mãos, braços e pernas e o deixando com substitutos tão delicados e inúteis como peças de xadrez. E agora eles estavam se intrometendo em algo mais intangível: a memória. Eles estavam tentando cortar os fios que levavam a outro ano do passado.

Ele atravessou o quarto em uma correria vacilante. Agarrando o telefone, ele o manteve consigo enquanto deslizava pela parede para se sentar no chão. Ligou para a telefonista de interurbano, o coração explodindo no peito, cada vez mais rápido, uma escuridão nos olhos.

— Rápido, rápido!

Ele esperou.

— *Bueno?*

— Jorge, fomos interrompidos.

— Não deve me telefonar novamente, *señor* — disse a voz distante. — Sua enfermeira me ligou. Ela disse que o *señor* está muito doente. Preciso desligar.

— Não, Jorge! Por favor! — implorou o velho. — Uma última vez, escute-me. Vão retirar o telefone amanhã. Pode ser que eu nunca mais ligue para você.

Jorge nada disse.

O velho continuou.

— Pelo amor de Deus, Jorge! Pela amizade, então, pelos velhos tempos! Não sabe o que isso significa. Você tem a minha idade, mas pode *se movimentar*! Eu não me movimento para lugar nenhum há dez anos.

Ele deixou cair o fone e teve problemas para pegá-lo, o peito tão comprimido pela dor.

— Jorge! Você *ainda* está aí, não está?

— Esta será a última vez? — perguntou Jorge.

— Eu prometo!

O fone foi posto em uma mesa a milhares de quilômetros dali. Mais uma vez, com aquela inconfundível familiaridade, os passos, a pausa e, por fim, o levantar da janela.

— *Ouça* — sussurrou o velho para si mesmo.

E ele ouviu mil pessoas sob outra luz de sol, e a música fraca e tilintante de um realejo tocando “La Marimba”... Ah, uma melodia dançante e adorável.

De olhos bem fechados, o velho ergueu a mão como quem tira fotografias de uma velha catedral, e seu corpo era mais farto de carne, mais jovem, e ele sentiu a calçada quente sob os pés.

Ele queria dizer: Vocês ainda estão aí, não é? Todas as pessoas desta cidade na hora do início da *siesta*, as lojas fechando-se, os garotinhos gritando loteria nacional para hoy!, a fim de vender bilhetes de loteria. Nem acredito que um dia estive entre vocês. Quando você se afasta de uma cidade, ela se torna uma fantasia. Qualquer cidade, Nova York, Chicago, com seu povo, torna-se improvável a distância. Assim como sou improvável aqui, em Illinois, uma cidadezinha perto de um lago tranquilo. Todos nós improváveis uns aos outros, porque não estamos na presença uns dos outros. É bom ouvir os sons e saber que a Cidade do México ainda está aí, as pessoas estão se movimentando e vivendo...

Ele se sentou com o fone apertado na orelha.

E, por fim, o som mais claro e mais improvável de todos — o som de um bonde verde virando uma esquina —, um bonde carregado de pessoas morenas e estranhas e lindas, e o som de outras pessoas correndo e gritando em triunfo ao pular para cima e se balançar a bordo, desaparecendo por uma esquina nos trilhos estridentes, levados embora na distância banhada de sol, deixando somente o som de *tortillas* fritando nos fogões do mercado, ou era meramente o zumbido e o estalido sempre crescentes e decrescentes de estática trepidando ao longo de cerca de 3 mil quilômetros de fio de cobre...

O velho ficou sentado no chão.

O tempo passou.

Uma porta no primeiro andar foi aberta lentamente. Passos leves entraram, hesitaram, depois se aventuraram escada acima. Vozes murmuraram.

— Não devíamos estar aqui!

— Ele me telefonou, eu lhe disse. Ele precisa muito de visitas. Não podemos decepcioná-lo.

— Ele está doente!

— Claro! Mas ele disse para vir quando a enfermeira saísse. Só vamos ficar um segundo, dar um alô e...

A porta do quarto se abriu completamente. Os três meninos ficaram parados, olhando o velho sentado ali no chão.

— Coronel Freeleigh? — disse Douglas, delicadamente.

Havia algo no silêncio dele que fez todos eles se calarem.

Eles se aproximaram, quase na ponta dos pés.

Douglas, curvando-se, retirou o fone dos dedos agora muito frios do velho. Ergueu o fone até a própria orelha e escutou. Por sobre a estática, ouviu um som estranho, distante e derradeiro.

A cerca de 3 mil quilômetros de distância, uma janela se fechou.



— BUM! — disse Tom. — Bum! Bum! Bum!

Estava sentado no canhão da Guerra de Secessão na praça do tribunal. Douglas, diante do canhão, pôs a mão no coração e caiu na grama. Mas não se levantou. Ficou deitado ali, com uma expressão pensativa.

— Você parece que vai sacar aquele lápis velho a qualquer momento — disse Tom.

— Deixe-me pensar! — disse Douglas, olhando o canhão. Ele rolou e fitou o céu e as árvores acima dele. — Tom, acaba de me ocorrer.

— O quê?

— Ontem, Ching Ling Soo morreu. Ontem, a Guerra de Secessão terminou bem aqui, nesta cidade, para sempre. Ontem, o sr. Lincoln morreu aqui e também o general Lee e o general Grant e outros 100 mil enfrentando norte e sul. E ontem à tarde, na casa do coronel Freeleigh, uma horda de búfalos-bisões grandes como toda Green Town, Illinois, pulou do penhasco para o nada. Ontem, todo um monte de poeira baixou para sempre. E eu nem percebi isso no momento. É horrível, Tom, é horrível! O que vamos fazer sem todos aqueles soldados e os generais Lee e Grant e Honest Abe? O que vamos fazer sem Ching Ling Soo? Nunca imaginei que tantas pessoas pudessem morrer tão rápido, Tom. Mas elas morreram. Elas realmente morreram!

Tom se posicionou com uma perna a cada lado do canhão, olhando o irmão enquanto sua voz falhava.

— Está com seu bloco aí?

Douglas sacudiu a cabeça.

— É melhor ir para casa e colocar tudo isso no papel antes que você se esqueça. Não é todo dia que você tem metade da população do mundo tombando em cima de você.

Douglas se sentou e depois ficou de pé. Atravessou o gramado do tribunal lentamente, mordendo o lábio inferior.

— Bum! — disse Tom, baixinho. — Bum! Bum!

Depois, elevou a voz:

— Doug! Eu matei você três vezes, atravessando o gramado! Doug, você me ouviu? Ei, Doug! Tudo bem. Não tem problema. — Ele se deitou no canhão e observou o cano encrostado. Semicerrou um dos olhos. — Bum! — sussurrou ele para aquela figura que sumia. — Bum!



— LÁ VAI!

— Vinte e nove!

— Lá vai!

— Trinta!

— Lá vai!

— Trinta e um!

A alavanca mergulhou. As tampas de folha de flandres, comprimidas acima das garrafas cheias, cintilavam um amarelo vivo. O avô passou a última garrafa a Douglas.

— Segunda colheita do verão. Junho está na prateleira. Aqui está julho. Agora, agosto acaba de subir.

Douglas ergueu a garrafa de licor de dente-de-leão quente, mas não a colocou na prateleira. Ele viu as outras garrafas numeradas esperando ali, uma igual à outra, nada diferentes, todas brilhantes, todas iguais, todas autossuficientes.

Este é o dia em que descobri que estou vivo, pensou ele, e por que ele não brilha mais que os outros?

Este é o dia em que John Huff caiu da beira do mundo e se foi. Por que ele não é mais escuro que os outros?

Onde, onde estão todos os cães do verão pulando como golfinhos nas marés trançadas e destrançadas de trigo ao vento? Onde está o cheiro de relâmpago da Máquina Verde ou do bonde? Será que o licor se lembra? Não se lembra! Ou parece que não, de qualquer forma.

Em algum lugar, disse um livro, toda a conversa já dita, todas as músicas já cantadas ainda viviam, vibravam pelo espaço e, se você pudesse viajar para Alfa Centauro, podia ouvir George Washington falando durante o sono ou César surpreso com a faca nas costas. Tantos sons. E quanto à luz? Todas as coisas, depois de vistas, não morrem simplesmente; *não pode* ser assim. Devem estar lá, naquele mesmo lugar, procurando o mundo, talvez nos favos de mel gotejantes, onde a luz era uma seiva âmbar guardada por abelhas de pólen de fogo, ou nas 30 mil lentes do crânio cravejado de joias da libélula do meio-dia, onde você pode encontrar todas as cores e visões do mundo em qualquer ano. Ou coloque uma única gota desse licor de dente-de-leão sob um microscópio e talvez o mundo todo de 4 de julho estoure em fogos de artifício como chuvas do Vesúvio. Nisso, ele teria acreditado.

E, no entanto... Olhando aquela garrafa, que, pelo número, indicava o dia em que o coronel Freeleigh cambaleou e caiu sete palmos para dentro da terra, Douglas não podia encontrar nem um grama de sedimento escuro, nem uma partícula da grande e polvilhante poeira de búfalo, nem uma fagulha de enxofre das armas em Shiloh...

— Agosto já subiu — disse Douglas. — Muito bem. Mas, pelo modo como vão as coisas, não haverá máquinas, nem amigos, e poucos malditos dentes-de-leão para a última colheita.

— Dor. Dor. Você parece o dobre de um sino de funeral — disse o avô. — Falar assim é pior que blasfemar. Mas eu não lavaria sua boca com sabão. Um golinho de licor de dente-de-leão é o mais indicado para isso. Venha cá, beba isto agora. Tem gosto de quê?

— Sou um engolidor de fogo! Uaaaau!

— Agora suba, corra três vezes em volta do quarteirão, dê cinco saltos mortais, faça seis flexões, suba em duas árvores e será o primeiro violinista de

uma orquestra em vez de músico de enterro. Ande!

A caminho, correndo, Douglas pensou: *quatro* flexões, *uma* árvore e *dois* saltos mortais *farão* isso!



LÁ FORA, no meio do primeiro dia de agosto, entrando no carro naquele momento estava Bill Forrester, que gritou que ia ao centro da cidade para um sorvete extraordinário, e quem queria ir com ele? Assim, menos de cinco minutos depois, agitado e com um humor melhor, Douglas se viu andando nas calçadas ardentes, passando pela gruta de ar com cheiro de refrigerante, com o frescor de baunilha da lanchonete, e sentando-se ao balcão de mármore alvíssimo com Bill Forrester. Eles, então, pediram uma enumeração dos sorvetes mais incomuns, e, quando o atendente disse: Sorvete de baunilha e lima à moda antiga...

— É esse! — disse Bill Forrester.

— Sim, senhor! — disse Douglas.

E, enquanto esperavam, eles rodaram devagar nos bancos giratórios. As torneiras de prata, os espelhos cintilantes, os ventiladores de teto rodando em silêncio, os tons de verde sobre as pequenas janelas, as cadeiras de ferro feito harpas passaram sob seu olhar em movimento. Eles pararam de rodar. Seus olhos se detiveram na face e na forma da srta. Helen Loomis, 95, a colher de sorvete na mão, o sorvete na boca.

— Jovem — disse ela a Bill Forrester —, você é uma pessoa de gosto e imaginação. Além disso, tem a força de vontade de dez homens. Caso

contrário, não se atreveria a deixar de lado os sabores comuns listados no cardápio e não pediria, diretamente, sem discussão ou reservas, uma coisa tão fora do comum como sorvete de baunilha e lima.

Ele baixou a cabeça em sinal de reverência para ela.

— Venham se sentar comigo, os dois — disse ela. — Vamos conversar sobre sorvetes estranhos e coisas desse tipo, pelas quais parecemos ter predileção. Não tenham medo. Eu pagarei a conta.

Sorrindo, eles levaram seus pratos para a mesa dela e se sentaram.

— Você parece um Spaulding — disse ela ao menino. — Tem a cabeça de seu avô. E você, você é William Forrester. Escreve para o *Chronicle*... Uma coluna bem boa. Ouvei falar mais de você do que poderia contar.

— Eu a conheço — disse Bill Forrester. — A senhora é Helen Loomis. — Ele hesitou, depois continuou. — Antigamente, eu era apaixonado pela senhora.

— Mas é assim que eu gosto que uma conversa comece. — Ela cavou em silêncio o sorvete. — Cria as bases para outro encontro. Não... Não me diga onde, quando ou como esteve apaixonado por mim. Vamos poupar para a próxima vez. Você tira meu apetite com sua conversa. Olhe só! Bem, tenho que ir para casa mesmo. Como você é um repórter, venha tomar um chá amanhã entre as três e as quatro horas. É possível que eu possa lhe esboçar a história desta cidade desde que era um posto comercial. E, como nós dois temos algo para alimentar nossa curiosidade, sr. Forrester, você me lembra um cavalheiro com quem saí setenta, sim, setenta anos atrás.

Ela estava sentada de frente para eles, e era como falar com uma mariposa trêmula, cinza e perdida. A voz vinha de longe, de dentro do encanecimento e da velhice, envolvida em pós de flores pressionadas e borboletas antigas.

— Bem. — Ela se levantou. — Você irá amanhã?

— Certamente irei — disse Bill Forrester.

E ela partiu para a cidade a negócios, deixando o jovem e o menino ali, olhando para ela, terminando devagar seus sorvetes.

William Forrester passou a manhã seguinte verificando algumas notícias locais para o jornal, teve tempo depois do almoço para pescar um pouco no rio nos arredores da cidade, pegou só um peixinho, que atirou de volta, feliz, e, sem pensar nisso, ou pelo menos sem perceber que tinha pensado nisso, às três horas se deu conta de que seu carro o levava por certa rua. Ele observou com interesse suas mãos virarem o volante e o conduzirem a um amplo caminho circular para veículos, onde parou sob uma entrada coberta de hera. Deixando-se sair, ele ficou ciente do fato de que seu carro era como seu cachimbo — velho, mastigado, desleixado neste imenso jardim verde junto à recém-pintada casa vitoriana de três andares. Ele viu um leve movimento como que de um fantasma no outro extremo do jardim, ouviu um grito abafado e viu que a sra. Loomis estava ali, retirada no tempo e na distância, sentada sozinha, o serviço de chá cintilando sua superfície de prata suave, esperando por ele.

— Esta é a primeira vez que uma mulher está pronta a me esperar — disse ele, aproximando-se. — Também é — admitiu ele — a primeira vez na minha vida que cheguei no horário de um compromisso.

— Por que é assim? — perguntou ela, recostando-se na cadeira de vime.

— Não sei — admitiu ele.

— Bem. — Ela começou a servir o chá. — Para começar, o que você pensa do mundo?

— Não sei nada.

— O princípio da sabedoria, como dizem. Quando você tem 17 anos, sabe tudo. Quando tem 27, se *ainda* souber tudo, ainda tem 17.

— Parece ter aprendido muito com o passar dos anos.

— É privilégio dos velhos dar a impressão de saberem de tudo. Mas é uma encenação, uma máscara, como todas as outras encenações e máscaras. Entre nós, os velhos, piscamos para o outro e sorrimos, dizendo: Você gosta de *minha* máscara, *minha* encenação, *minha* certeza? A vida não é uma peça? Eu não a interpreto bem?

Os dois riram baixinho. Ele se recostou e deixou que o riso saísse naturalmente de sua boca pela primeira vez em muitos meses. Quando eles se

silenciaram, ela segurou a xícara de chá com as duas mãos e olhou dentro dela.

— Sabe de uma coisa... É uma sorte nos conhecermos tão tarde. Eu não ia querer que me conhecesse quando eu tinha 21 anos e era cheia de tolices.

— Existem leis especiais para mulheres bonitas de 21 anos.

— Então, você acha que eu era bonita?

Ele assentiu, de bom humor.

— Mas como pode dizer isso? — perguntou ela. — Quando você conhece o dragão que devorou um cisne, tira conclusões pelas poucas penas que lhe restam na boca? É bem assim... Um corpo como este é um dragão, todo escamas e dobras. Então, o dragão devorou o cisne branco. Eu não o vejo há anos. Nem consigo me lembrar de como era. Mas eu o *sinto*. Ele está seguro lá dentro, ainda vivo. O cisne de minha essência não mudou nem sequer uma pena. Sabe, existem algumas manhãs na primavera ou no outono em que acordo e penso: Vou correr através dos campos, para os bosques e colher morangos silvestres! Ou vou nadar no lago, ou vou dançar a noite toda até o amanhecer! E, então, furiosa, descubro que estou neste dragão velho e arruinado. Sou a princesa na torre em ruínas, sem saída, esperando pelo Príncipe Encantado.

— A senhora deveria ter escrito livros.

— Meu caro rapaz, eu *escrevi*. O que mais há para uma velha solteirona? Até os 30 anos, eu era uma criatura louca, com a cabeça cheia de lantejoulas de carnaval. Depois, o único homem de quem realmente gostei parou de esperar e se casou com outra. Então, apesar disso, com raiva de mim, eu disse comigo mesma que merecia meu destino por não ter me casado quando houve a melhor oportunidade. Comecei a viajar. Minha bagagem foi coberta por nevascas de adesivos de turismo. Estive sozinha em Paris, sozinha no Vietnã, sozinha em Londres, o que, no fim, é muito parecido com ficar sozinha em Green Town, Illinois. É, em essência, estar sozinha. Ah, você tem muito tempo para pensar, melhorar suas maneiras, estimular suas conversas. Mas, às vezes, penso que podia muito bem trocar um tempo verbal ou uma medida por uma companhia que fique para um fim de semana de trinta anos.

Eles tomaram o chá.

— Ah, mas que profusão de autopiedade — disse ela, de bom humor. — Agora, falemos de você. Você tem 31 anos e ainda não se casou?

— Deixe-me colocar desta forma — disse ele. — As mulheres que agem e pensam e falam como a senhora são raras.

— Meu Deus! — disse ela, séria. — Não deve esperar que uma jovem fale como eu. Isso vem com o tempo. Elas são jovens demais, em primeiro lugar. E, em segundo lugar, o homem mediano cria caso no momento em que descobre um cérebro em uma mulher. Você deve ter conhecido muitas inteligentes que lhe esconderam isso com muito sucesso. Terá que vasculhar por aí um pouco para encontrar uma excêntrica. Terá que cavar mais fundo.

Eles riram de novo.

— Devo ser um solteirão meticuloso — disse ele.

— Não, não, não deve fazer isso. Não seria correto. Não devia sequer estar aqui nesta tarde. Esta é uma rua que termina apenas em uma pirâmide egípcia. As pirâmides são muito bonitas, mas as múmias são péssimas companhias. Aonde gostaria de ir, o que realmente gostaria de fazer de sua vida?

— Conhecer Istambul, Port Said, Nairobi, Budapeste. Escrever um livro. Fumar muitos cigarros. Cair de um penhasco, mas ser salvo por uma árvore no meio do caminho. Ser baleado algumas vezes em um beco escuro em uma meia-noite marroquina. Amar uma bela mulher.

— Bem, não acho que eu possa lhe dar tudo isso — disse ela. — Mas sou viajada e posso lhe contar sobre muitos desses lugares. E, se você se interessar por atravessar meu gramado da frente esta noite, lá pelas onze, e se eu ainda estiver acordada, vou disparar um mosquete da Guerra de Secessão em você. Isso satisfará seu impulso masculino por aventura?

— Seria muito bom.

— Aonde você gostaria de ir primeiro? Posso levá-lo até lá, você sabe. Posso fazer um feitiço. É só falar. Londres? Cairo? O Cairo faz seu semblante se acender como um farol. Então, vamos ao Cairo. Agora apenas relaxe. Coloque um pouco desse ótimo tabaco em seu cachimbo e se recoste na cadeira.

Ele se recostou, acendeu o cachimbo, meio que sorrindo, relaxando, e ouviu o que ela começou a falar.

— O Cairo... — disse ela.

A hora passou em joias e becos e ventos do deserto egípcio. O sol era dourado, e o Nilo estava lodoso onde batia nos deltas, e havia alguém muito jovem e muito vivaz no alto da pirâmide, rindo, chamando por ele, para que subisse o lado indistinto voltado para o sol, e ele estava subindo, ela estendendo a mão para baixo, querendo ajudá-lo no último degrau, e depois eles estavam rindo em cima de um camelo, a galope para a forma extensa e volumosa da Esfinge, e, de madrugada, no bairro nativo, houve o tinir de martelinhos no bronze e na prata, e música vindo de alguns instrumentos de corda desaparecendo cada vez mais longe e mais longe e mais longe...

William Forrester abriu os olhos. A srta. Helen Loomis terminara a aventura, e eles estavam em casa novamente, muito familiarizados um com o outro, entendendo-se perfeitamente no jardim, o chá frio no bule de prata, os biscoitos secos no sol de fim de tarde. Ele suspirou, espreguiçou-se e suspirou novamente.

— Nunca fiquei tão à vontade em toda a minha vida.

— Nem eu.

— Eu a estou atrasando. Devia ter ido embora uma hora atrás.

— Fique sabendo que estou adorando cada minuto. Mas o que você deveria ver em uma velha tola...

Ele se recostou na cadeira e semicerrou os olhos e a fitou. Ele apertou os olhos para que entrasse o mínimo filamento de luz. William Forrester tombou a cabeça um pouquinho para um lado, depois para o outro.

— O que está fazendo? — perguntou ela, constrangida.

Ele nada disse, mas continuou olhando.

— Se fizer isso da maneira certa — murmurou ele —, poderá ajustar, compensar... — Consigo mesmo, ele pensava que dá para apagar as rugas,

ajustar o fator tempo, fazer voltarem os anos.

De repente, ele se sobressaltou.

— O que há de errado? — perguntou ela.

Mas, então, havia passado. Ele abriu os olhos para apreender aquilo. Aquilo foi um erro. Devia ter ficado recostado, espreguiçando, apagando, os olhos tenuemente meio fechados.

— Só por um momento — disse ele —, eu vi.

— Viu o quê?

— O cisne, é claro — pensou ele. Sua boca deve ter feito a pantomima das palavras.

No instante seguinte, ela estava sentada muito empertigada na cadeira. Suas mãos estavam no colo, rígidas. Seus olhos estavam fixos nele e, enquanto ele observava, sentindo-se desamparado, cada um dos olhos dela transformou-se em uma taça e se encheu até a borda.

— Desculpe — disse ele —, eu peço mil desculpas.

— Não, não peça. — Ela se mantinha empertigada e não tocou o rosto nem os olhos; suas mãos continuavam, uma por cima da outra, sem ceder. — Agora é melhor que vá. Sim, você pode vir amanhã, mas vá agora, por favor, e não diga mais nada.

Ele caminhou pelo jardim, deixando-a junto à mesa, na sombra. Não conseguiu criar coragem para olhar para trás.

Quatro dias, oito dias, doze dias se passaram, e ele foi convidado para chás, jantares, almoços. Eles se sentavam para conversar pelas longas tardes verdejantes. Falavam de arte, de literatura, da vida, da sociedade e de política. Tomavam sorvetes e comiam carne de pombo e bebiam bons vinhos.

— Não me importo com o que alguém diga — disse ela. — E as pessoas estão dizendo coisas, não estão?

Ele se remexeu, inquieto.

— Eu sabia. Uma mulher, mesmo aos 95 anos, jamais está livre da fofoca.

— Eu poderia parar de visitá-la.

— Ah, não — suplicou ela e recuperou-se. Com uma voz mais baixa, disse: — Você sabe que não pode fazer isso. Sabe que não se importa com o que pensam, não sabe? Desde que saibamos que está tudo bem.

— Eu não me importo — disse ele.

— Agora — ela se acomodou novamente —, vamos fazer nosso jogo. Onde será desta vez? Paris? Eu penso em Paris.

— Paris — disse ele, assentindo em silêncio.

— Bem — começou ela —, é o ano de 1885 e estamos embarcando em um navio no porto de Nova York. Ali está nossa bagagem; aqui, nossas passagens; lá, o horizonte. Agora, estamos no mar. Agora, estamos chegando a Marselha...

Lá estava ela em uma ponte, olhando as águas claras do Sena, e ali estava ele, de repente, um momento depois, ao lado dela, olhando o fluxo das marés de verão. Lá estava ela, com um aperitivo nos dedos brancos como talco, e ali estava ele, com uma rapidez surpreendente, curvando-se para ela e brindando. O rosto dele apareceu nas paredes espelhadas de Versalhes, junto a *smörgasbörds* fumegantes em Estocolmo, e eles contaram os postes que indicavam barbearias nos canais de Veneza. As coisas que ela fizera sozinha, agora faziam juntos.

Em meados de agosto, eles estavam sentados, olhando-se, em um final de tarde.

— Você percebe — disse ele — que eu a tenho visto quase todos os dias há duas semanas e meia?

— Impossível!

— Desfrutei imensamente isso.

— Sim, mas há tantas jovens...

— Você é tudo que elas não são... Gentil, inteligente, espirituosa.

— Que absurdo! A gentileza e a inteligência são prerrogativas da velhice. Ser cruel e irrefletido é muito mais fascinante quando se tem 20 anos. — Ela parou e respirou fundo. — Agora, vou deixá-lo constrangido. Lembra-se daquela primeira tarde em que nos conhecemos na lanchonete e você disse que

tinha certo grau de... Devemos dizer de afeto por mim, em certa época? Você deliberadamente escapou com evasivas, sem jamais mencionar isso de novo. Agora, sou obrigada a lhe pedir para explicar toda essa coisa desconfortável.

Ele parecia não saber o que dizer.

— Isso é mesmo constrangedor — protestou ele.

— Desabafe!

— Eu vi sua foto uma vez, anos atrás.

— Nunca deixei que tirassem uma foto minha.

— Era antiga, tirada quando você tinha 20 anos.

— Ah, essa. É uma brincadeira. Toda vez que faço uma doação para caridade ou compareço a um baile, eles desencavam essa foto e a publicam. Todo mundo na cidade ri. Até *eu*.

— É crueldade do jornal.

— Não. Eu disse a eles: se quiserem uma foto minha, usem aquela tirada em 1853. Que se lembrem de mim dessa forma. Deixem a tampa do caixão fechada, em nome do bom Deus, durante o funeral.

— Vou lhe contar tudo. — Ele cruzou as mãos, olhou-as e parou por um momento. Agora, lembrava-se da foto, que estava muito clara em sua mente. Havia tempo, ali no jardim, para pensar em cada aspecto da fotografia e de Helen Loomis, muito jovem, posando para a foto pela primeira vez, sozinha e linda. Ele pensou em sua face sorridente, tímida e tranquila.

Era a face da primavera, era a face do verão, era o calor do hálito do trevo. Romãs cintilavam em seus lábios; e o céu de meio-dia, em seus olhos. tocar sua face era sempre a nova experiência de abrir a janela em uma manhã de dezembro, cedo, e colocar a mão para fora, para o primeiro e frio pó de neve que tinha vindo, em silêncio, sem se fazer anunciar, à noite. E, tudo aquilo, aquele hálito quente e a maciez de ameixa, estava para sempre em um milagre de química fotográfica que nenhum bater de relógio poderia alterar em uma hora ou em um segundo. Aquela primeira neve branca e fria jamais derreteria, viveria mil verões.

Aquela era a fotografia. Era assim que ele a conhecia. Agora, ele estava falando novamente, depois de se lembrar e de pensar e de manter a imagem na mente.

— Quando vi aquela foto pela primeira vez... Era uma foto simples, com um penteado simples... Eu não sabia que tinha sido tirada havia muito tempo. A legenda no jornal dizia alguma coisa sobre Helen Loomis organizando o Baile da Cidade naquela noite. Recortei a foto do jornal. Eu a mantive comigo o dia todo. Pretendia ir ao baile. Depois, no final da tarde, alguém me viu olhando a foto e me falou dela. Que a foto da linda moça fora tirada havia muito tempo e era usada todo ano pelo jornal desde então. E me disseram que eu não deveria ir ao Baile da Cidade naquela noite, levando aquela foto, e olhar para você.

Eles ficaram sentados no jardim por um longo minuto. Ele olhou de relance o rosto dela. Ela fitava o muro mais distante do jardim e as rosas em cima do muro. Não havia como dizer o que ela estava pensando. O rosto não revelava nada. Ela se balançou por um tempo na cadeira e, depois, disse delicadamente:

— Vamos tomar mais um chá? Aqui está o seu.

Eles ficaram sentados, bebericando chá. Depois, ela estendeu a mão e afagou o braço dele.

— Obrigada.

— Pelo quê?

— Por querer me encontrar no baile, por recortar minha foto, por tudo. Muito obrigada.

Eles andaram pelos caminhos do jardim.

— E agora — disse ela — é a minha vez. Lembra-se de que mencionei certo jovem que um dia me cortejou, há setenta anos? Ah, ele agora está morto há pelo menos cinquenta, mas, quando era muito novo e muito bonito, ele montava um cavalo veloz durante dias, ou nas noites de verão, pelas campinas que cercam a cidade. Tinha um rosto saudável e brávio, sempre queimado de sol. Suas mãos sempre estavam cortadas. Ele fumava como uma chaminé e

andava como se fosse voar. Não ficava em emprego nenhum, deixava-os quando tinha vontade; e, um dia, ele meio que fugiu de mim, porque eu era ainda mais desvairada que ele e não me assentaria, e foi assim. Nunca pensei que um dia o veria vivo de novo. Mas você está muito vivo, você espalha as cinzas como ele fazia, você é, ao mesmo tempo, desajeitado e elegante. Sei de tudo que você vai fazer antes que faça, mas, depois de você fazer, sempre me surpreendo. Para mim, a reencarnação é uma bobagem, mas, outro dia, pensei: Se eu gritasse Robert, Robert, para você na rua, será que William Forrester se viraria?

— Não sei — disse ele.

— Nem eu. É isso que torna a vida interessante.

Agosto estava quase no fim. O primeiro toque frio do outono aproximava-se aos poucos da cidade. Havia uma suavidade e a primeira agitação abrasadora e gradual de cor em cada árvore, um rubor fraco e colorido nas colinas e a cor de leões nos campos de trigo. Agora, o padrão dos dias era familiar e se repetia como um escrivão rabiscando belamente, sem parar, uma série de *l's* e *w's* e *m's*, dia após dia, a linha se repetindo em córregos delicados.

William Forrester andava pelo jardim no início de uma tarde de agosto e encontrou Helen Loomis escrevendo com muito cuidado à mesa do chá.

Ela deixou de lado a pena e a tinta.

— Estava lhe escrevendo uma carta — disse ela.

— Bem, minha presença aqui a poupa do trabalho.

— Não, esta é uma carta especial. Olhe. — Mostrou-lhe o envelope azul, que ela agora selava e apertava. — Lembre-se de como ela é. Quando receber isso pelo correio, saberá que estou morta.

— Isso não é jeito de falar, é?

— Sente-se e me escute.

Ele se sentou.

— Meu querido William — disse ela, à sombra do guarda-sol —, daqui a alguns dias estarei morta. Não. — Ela ergueu a mão. — Não quero que diga

nada. Não tenho medo. Quando se vive tanto quanto eu vivi, perde-se isso também. Jamais gostei de lagosta em minha vida, principalmente porque nunca experimentei. Em meu aniversário de 80 anos, eu provei. Não posso dizer que sou uma grande entusiasta de lagosta, mas agora não tenho dúvida quanto ao sabor e não tenho medo dela. Atrevo-me a dizer que a morte será também uma lagosta e posso me entender com ela. — Ela fez um gesto com as mãos. — Mas chega disso. O importante é que não devo ver você novamente. Não haverá funeral. Acredito que uma mulher que passou por essa porta em particular tem o direito à privacidade como uma mulher que se recolheu durante a noite.

— Não pode prever a morte — disse ele, por fim.

— Por cinquenta anos, eu vi o relógio de meu avô no corredor, William. Depois de tudo isso, posso prever a hora em que ele vai parar. Os velhos não são diferentes. Eles podem sentir a maquinaria reduzindo o ritmo e os pesos restantes mudando. Ah, por favor, não me olhe assim... Por favor, não.

— Não posso evitar — disse ele.

— Tivemos ótimos momentos, não tivemos? Foi muito especial estar aqui, conversando todo dia. Foi como aquela expressão batida e sobrecarregada que se refere a um encontro de espíritos. — Ela virou o envelope azul nas mãos. — Sempre soube que a faculdade de amar estava no espírito, embora o corpo às vezes se recuse a acreditar nisso. O corpo vive para si mesmo. Vive apenas para se alimentar e esperar pela noite. É essencialmente noturno. Mas, e o espírito que nasce do sol, William, e deve passar milhares de horas de toda uma vida desperto e desperto? Você pode contrabalançar o corpo, essa coisa lamentável e egoísta da noite, contra toda uma vida de sol e intelecto? Não sei. Só sei que havia seu espírito e meu espírito aqui, e as tardes não foram como nenhuma outra de que me lembro. Ainda há muito a falar, mas devemos poupar para outro momento.

— Agora não parece que temos muito tempo.

— Não, mas talvez haja outro tempo *no futuro*. O tempo é tão estranho, e a vida é duas vezes mais estranha. As engrenagens falham, as rodas giram, e as

vidas se entrelaçam cedo demais ou tarde demais. Eu vivi tempo demais para ter certeza. E você nasceu cedo demais ou tarde demais. Foi um senso de oportunidade terrível. Mas talvez eu esteja sendo punida por ser uma mulher tola. De qualquer modo, no próximo giro, a roda pode voltar a funcionar corretamente. Enquanto isso, você deve encontrar uma boa moça, casar-se e ser feliz. Mas deve me prometer uma coisa.

— Qualquer coisa.

— Deve me prometer que não viverá para ser velho demais, William. Se for conveniente, morra antes dos 50. Pode ser necessário um bocado de ação. Mas o conselho a isso simplesmente porque não há como saber quando nascerá outra Helen Loomis. Seria pavoroso, não seria?, se você vivesse até ficar muito, muito velho e, numa tarde de 1999, estivesse andando pela rua principal e me visse parada ali, aos 21 anos, e a coisa toda se desequilibrasse novamente? Não acho que possamos passar por mais tardes como essas que tivemos, por mais agradáveis que tenham sido, não acha? Cerca de 4 mil litros de chá e quinhentos biscoitos são o bastante para uma amizade. Portanto, você deve ter uma crise de pneumonia em algum momento daqui a uns vinte anos. Porque não sei quanto tempo vão deixá-lo permanecer no outro lado. Talvez o mandem de volta imediatamente. Mas preciso fazer o melhor que posso, William, realmente preciso. E, se tudo estiver certo e equilibrado, sabe o que pode acontecer?

— Conte-me.

— Em uma tarde de 1985 ou 1990, um jovem chamado Tom Smith ou John Green, ou seja lá que nome for, estará andando para o centro da cidade, irá parar na lanchonete e pedirá, apropriadamente, um sorvete inusitado. Uma jovem da mesma idade estará sentada ali, e, quando ela ouvir o nome do tal sorvete, algo vai acontecer. Não posso dizer o que ou como. *Ela* não vai saber por que ou como, sem dúvida. Nem o jovem saberá. Simplesmente, o nome do sorvete será uma coisa muito boa para os dois. Eles vão conversar. E, mais tarde, quando souberem seus nomes, sairão da lanchonete juntos.

Ela sorriu para ele.

— Tudo isso é muito bonito, mas perdoe uma idosa por embrulhar as coisas em pacotes primorosos. Isso é uma tola ninharia para deixar para você. Agora vamos falar de outra coisa. Do que vamos conversar? Há algum lugar no mundo a que ainda não tenhamos ido? Já fomos a Estocolmo?

— Sim, uma ótima cidade.

— Glasgow? Sim? Onde, então?

— Por que não Green Town, Illinois? — disse ele. — Aqui. Não visitamos nossa própria cidade juntos.

Ela se recostou, ele também, e ela falou.

— Vou lhe contar como era, então, quando eu tinha apenas 19 anos, nesta cidade, muito tempo atrás...

Era uma noite de inverno, e ela estava patinando levemente em um lago de gelo branco e enluzado, sua imagem deslizando e sussurrando abaixo dela. Era uma noite de verão na cidade, de fogo no ar, nas bochechas, no coração, em seus olhos cheios da cor brilhante e piscante de vaga-lumes. Era uma noite sussurrante de outubro, e lá estava ela, esticando puxa-puxa de um gancho na cozinha, cantando, e lá estava ela, correndo no musgo à margem do rio, e nadando no poço de granito nos arredores da cidade em uma noite de primavera, nas águas suaves, tépidas e profundas, e agora era o 4 de julho com fogos de artifício estourando no céu e cada varanda cheia de rostos ora vermelho-fogo, ora azul-fogo, ora branco-fogo, o rosto dela deslumbrante em meio aos demais, enquanto o último fogo de artifício se apagava.

— Pode ver todas essas coisas? — perguntou Helen Loomis. — Pode me ver fazendo-as e estando nelas?

— Sim — disse William Forrester, de olhos fechados. — Posso ver você.

— E então — disse ela —, e então...

Sua voz continuava enquanto a tarde caía e o crepúsculo se intensificava rapidamente, mas sua voz movia-se pelo jardim, e qualquer um que passasse na rua, a uma boa distância, poderia ouvir seu som de mariposa, fraquinho, fraquinho...

Dois dias depois, William Forrester estava à escrivaninha, em seu quarto, quando a carta chegou. Douglas a levou ao segundo andar e a entregou a Bill, olhando-o como se soubesse o que havia nela.

William Forrester reconheceu o envelope azul, mas não o abriu. Simplesmente, colocou-o no bolso da camisa, fitou o menino por um momento e disse:

— Vamos, Doug. É por minha conta.

Eles desceram a escada, falando muito pouco, Douglas preservando o silêncio que sentira ser necessário. O outono, que ameaçara por algum tempo, se fora. O verão estava a todo o vapor, fervendo as nuvens e polindo o céu de metal. Eles entraram na lanchonete e se sentaram ao balcão de mármore. William Forrester tirou a carta e a colocou diante de si, mas não a abriu ainda.

Ele olhou para fora, para a luz solar amarela no concreto e para os toldos verdes e cintilantes das letras douradas das placas do outro lado da rua. Olhou o calendário na parede. Vinte e sete de agosto de 1928. Ele olhou o relógio de pulso e sentiu o coração bater devagar, viu o ponteiro dos segundos do relógio movendo-se e movendo-se sem pressa nenhuma, viu o calendário congelado ali, com seu único dia parecendo eterno, o sol cravado no céu, imóvel, para um poente qualquer. O ar quente se espalhava sob os ventiladores, que suspiravam acima de sua cabeça. Várias mulheres riam junto à porta aberta e desapareciam em sua visão, que estava focalizada além delas, na cidade e no relógio alto do tribunal. Ele abriu a carta e começou a ler.

Ele rodava lentamente na cadeira giratória. Ensaiou as palavras repetidas vezes, em silêncio, em sua língua, e, por fim, as pronunciou em voz alta e as repetiu.

— Um sorvete de baunilha e lima — disse ele. — Um sorvete de baunilha e lima.



DOUGLAS e Tom e Charlie vinham ofegando ao longo da rua sem sombras.

— Tom, diga a verdade.

— Que verdade?

— O que aconteceu com os finais felizes?

— Eles os colocam nos programas das matinês de sábado.

— Claro, mas e na vida?

— Tudo o que eu sei é que me sinto bem por ir dormir à noite, Doug. Este é um final feliz uma vez por dia. Na manhã seguinte, eu me levanto, e talvez as coisas corram mal. Mas tudo o que faço é me lembrar de que vou para cama à noite, e só ficar deitado ali, por um tempo, faz com que tudo fique bem.

— Estou falando do sr. Forrester e da velha srta. Loomis.

— Não há nada que possamos fazer. Ela morreu.

— Eu sei! Mas você não imagina que alguém fracassou ali?

— Você está falando sobre ele pensar que a srta. Loomis tinha a mesma idade da foto e ela ter 1 trilhão de anos? Não, senhor, acho isso ótimo!

— Ótimo? Pelo amor de Deus!

— Nos últimos dias, quando o sr. Forrester me contou um pouco aqui e ali e eu finalmente juntei as peças... Rapaz, eu quase gritei como um doido. Nem

sei por quê. Eu não mudaria nem um tiquinho disso. Se você mudasse isso, sobre o que conversaríamos? Sobre nada.

— Você simplesmente não ia admitir que gosta de chorar também. Você simplesmente chora por um tempão, e tudo fica bem. E aí está seu final feliz. E você está pronto para voltar e sair com seu pessoal de novo. Esse é o *começo* de Deus-sabe-o-quê. A qualquer momento, o sr. Forrester vai pensar bem e verá que só tem um jeito e vai chorar bastante e depois olhar em volta e ver que é de manhã de novo, embora sejam cinco horas da tarde.

— Isso não me parece um final feliz.

— Uma boa noite de sono, ou uma choradeira de dez minutos, ou um pouco de sorvete de chocolate, ou as três coisas juntas são um bom remédio, Doug. Você está ouvindo o doutor Tom Spaulding.

— Calem a boca, vocês dois — disse Charlie. — Estamos quase lá!

Eles viraram uma esquina.

No meio do inverno, eles procuraram por pedaços do verão e os encontraram nos sótãos de fornalha e nas fogueiras na beira de pequenos lagos de patinação congelados à noite. Agora, no verão, eles foram procurar por um pedaço esquecido do inverno.

Virando a esquina, eles sentiram um borriфо leve e contínuo de chuva caindo de um grande prédio de tijolos aparentes para refrescá-los enquanto liam a placa que sabiam de cor, a placa que lhes mostrava o que estiveram procurando:

#### SORVETERIA DO VERÃO

A Sorveteria do Verão em um dia de verão! Eles disseram as palavras, rindo, e foram espiar o interior da imensa caverna onde, em nacos de 25, 50 e 100 quilos, as geleiras, os icebergs, a neve caída, mas não esquecida, de janeiro dormiam nos vapores de amoníaco e gotas de cristal.

— Sinta só isso — suspirou Charlie Woodman. — O que mais você pode querer?

Porque o hálito do inverno era exalado sem parar em volta deles enquanto ficavam parados ali, no dia reluzente, cheirando a plataforma de madeira

molhada com a perpétua névoa que brilhava em arco-íris descendo das máquinas de sorvete no alto.

Eles mastigaram pingentes de gelo que congelaram seus dedos, de modo que tiveram que pegar o gelo em lenços e chupar o tecido.

— Todo esse vapor, toda essa neblina — sussurrou Tom. — A Rainha da Neve. Lembra a história? Agora, ninguém acredita nessas coisas, em Rainhas da Neve. Então, não é de surpreender que ela tenha vindo se esconder aí, porque ninguém mais acredita nela.

Eles olharam e viram os vapores subindo e pairando em longos feixes de fumaça fria.

— Não — disse Charlie. — Sabe quem mora aí? Só um sujeito. Um sujeito que lhe dá arrepios só de pensar. — Charlie baixou muito a voz. — O Solitário.

— O Solitário?

— Nascido, criado e *morando* aí! Todo esse inverno, Tom, todo esse frio, Doug! De onde mais ele viria para nos fazer tremer nas noites mais quentes do ano? Não sente o *cheiro* dele? Vocês sabem muito bem disso. O Solitário... O Solitário...

As névoas e os vapores se entreteçaram na escuridão.

Tom gritou.

— Tudo bem, Doug — Charlie deu um largo sorriso. — Fui eu que larguei um pedaço de gelo que escorregou pelas costas de Tom, é só isso.



O RELÓGIO do tribunal bateu sete vezes. Os ecos das batidas desapareceram aos poucos.

O crepúsculo quente de verão, lá, no interior de Illinois, naquela cidadezinha distante de tudo, guardada por um rio, um bosque, uma campina e um lago. As calçadas ainda chamuscavam. As lojas fechando-se e as ruas escurecendo. E havia duas luas: a lua do relógio de quatro faces nas quatro direções da noite, no alto do tribunal, solene e sombria, e a lua verdadeira, subindo na brancura de baunilha do leste escuro.

Na lanchonete, ventiladores sussurravam no teto alto. Na tonalidade rococó das varandas, algumas pessoas invisíveis estavam sentadas. Cigarros brilhavam em cor-de-rosa de vez em quando. Portas de tela gemiam em suas molas e batiam. Nos paralelepípedos roxos das ruas na noite de verão, Douglas Spaulding corria. Cachorros e meninos o seguiam.

— Oi, srta. Lavinia!

Os meninos se distanciaram a passos largos. Acenando atrás deles, em silêncio, Lavinia Nebbs estava sentada, completamente só, com uma limonada farta e gelada entre dedos brancos, levando-a aos lábios, bebericando, esperando.

— Aqui estou eu, Lavinia.

Ela se virou e lá estava Francine, toda de branco, da cor da neve, nos degraus inferiores da varanda, no cheiro de zínias e hibiscos.

Lavinia Nebbs trancou a porta da frente e, deixando o copo de limonada meio vazio na varanda, disse:

— A noite está ótima para um cinema.

Elas caminharam pela rua.

— Aonde vão, meninas? — gritaram a srta. Fern e a srta. Roberta de sua varanda, no caminho.

Lavinia respondeu pelo suave mar de escuridão:

— Ao Cinema Elite ver CHARLIE CHAPLIN!

— Nada nos faria sair em uma noite como esta — lamentou a srta. Fern.

— Não com o Solitário estrangulando mulheres. Vamos nos trancar no armário com uma arma.

— Ah, bobagem! — Lavinia ouviu a porta da idosa bater e ser trancada, então prosseguiu, sentindo o hálito quente da noite de verão luzindo longe das calçadas. Era como andar em uma crosta dura de pão recém-assado. O calor pulsava sob seu vestido, por suas pernas, com uma sensação furtiva e nada desagradável de invasão.

— Lavinia, você não acredita nessas histórias do Solitário, não é?

— Aquelas mulheres gostam de ver o circo pegar fogo.

— Mesmo assim, Hattie McDollis foi assassinada há dois meses, Roberta Ferry um mês antes, e, agora, Elizabeth Ramsell desapareceu...

— Hattie McDollis era uma garota tola, andava com um forasteiro, posso apostar.

— Mas as outras, todas elas, estranguladas, com a língua para fora, pelo que dizem.

Elas pararam na margem da ravina que dividia a cidade em duas. Atrás delas, ficavam as casas iluminadas e a música. À frente, havia a profundidade, a umidade, os vaga-lumes e a escuridão.

— Talvez a gente não deva ir ao cinema hoje — disse Francine. — O Solitário pode nos seguir e nos matar. Não gosto dessa ravina. Olhe para ela,

olhe!

Lavinia olhou. A ravina era um dínamo que nunca parava de girar, dia ou noite. Havia um grande zumbido em movimento, um sussurro e um murmúrio de criaturas, insetos ou vida vegetal. Cheirava a uma estufa de vapores secretos, xistos antigos e lavados e areias movediças. Sempre o dínamo negro zumbindo, com centelhas como uma intensa eletricidade onde os vagalumes moviam-se no ar.

— Não serei *eu* quem vai voltar por esta velha ravina tarde da noite, tão tarde. Será você, Lavinia, você descendo a escada e atravessando a ponte, e, talvez, o Solitário esteja lá.

— Bobagem! — disse Lavinia Nebbs.

— Será você sozinha no caminho, ouvindo seus calçados, não eu. Você estará completamente sozinha no caminho de volta para casa. Lavinia, você não se sente sozinha morando naquela casa?

— As solteironas adoram viver sozinhas. — Lavinia apontou o caminho quente e sombreado que levava à escuridão. — Vamos pegar o atalho.

— Estou com medo!

— É cedo. O Solitário só sai tarde. — Lavinia pegou o braço da outra e a levou ao longo e cada vez mais ao longo do caminho sinuoso, para o calor de grilos, o som de sapos e o silêncio delicado de mosquitos. Elas roçavam no mato abrasado pelo verão, que pinicava seus tornozelos nus.

— Vamos correr! — disse Francine, ofegando.

— Não!

Elas viraram uma curva no caminho... e ali estava.

Na noite que se aprofundava, na sombra de árvores quentes, como se tivesse se deitado para desfrutar as estrelas suaves e o vento tranquilo, as mãos ao lado do corpo como os remos de uma embarcação frágil, estava Elizabeth Ramsell!

Francine gritou.

— Não grite! — Lavinia estendeu as mãos para impedir Francine, que choramingava e sufocava. — Não! Não!

A mulher estava deitada como se tivesse planado ali, o rosto banhado pela lua, os olhos arregalados feito sílex, a língua para fora.

— Ela está morta! — disse Francine. — Ah, ela está morta, morta! Ela está morta!

Lavinia ficou no meio de mil sombras quentes com os grilos cricrilando alto e os sapos ruidosos.

— É melhor chamarmos a polícia — disse ela, por fim.

— Você me abraça, Lavinia? Abraça? Estou com frio, oh, nunca senti tanto frio em toda a minha vida!

Lavinia abraçou Francine, e os policiais estavam roçando o mato crepitante, as lanternas baixas, as vozes entrosadas, e a noite avançou para as oito e meia.

— Parece dezembro. Preciso de um suéter — disse Francine, os olhos fechados, encostada em Lavinia.

O policial disse:

— Acho que agora podem ir, senhoras. Devem passar na delegacia amanhã para mais algumas perguntas.

Lavinia e Francine afastaram-se da polícia e do lençol que cobria a coisa delicada sobre o mato da ravina.

Lavinia sentiu o coração bater alto e também sentiu frio, um frio de fevereiro. Havia pedaços de neve repentina em toda a sua carne, e a lua deixava seus dedos frágeis mais brancos, e ela se lembrou de falar o tempo todo enquanto Francine apenas chorava a seu lado.

Uma voz chamou de longe: Querem companhia, senhoras?

— Não, iremos sozinhas — disse Lavinia a ninguém, e elas andaram. Elas atravessaram o fosso da ravina rumorejante, a ravina de sussurros e estalos, os diálogos da investigação diminuindo atrás delas com suas luzes e vozes.

— Nunca na vida eu havia visto uma pessoa morta — disse Francine.

Lavinia examinou o relógio como se ele estivesse em um braço a mil quilômetros de distância e o pulso ficasse incrivelmente longe.

— São só oito e meia. Vamos pegar Helen e ir ao cinema.

— Ao cinema?!? — disse Francine bruscamente.

— É disso que precisamos. Temos que esquecer isso. Não é bom lembrar. Se formos para casa agora, vamos nos lembrar. Vamos ao cinema como se nada tivesse acontecido.

— Lavinia, não pode estar falando *sério!*

— Nunca falei tão sério em toda a minha vida. Agora, precisamos rir e esquecer.

— Mas Elizabeth está lá atrás... Sua amiga, minha amiga...

— Não podemos fazer nada por ela. Só podemos ajudar a nós mesmas. Vamos.

Elas partiram pela lateral da ravina, no caminho de pedra, no escuro. E, de repente, ali, barrando o caminho, parado, muito imóvel em um lugar, sem as ver, mas olhando para baixo, para as luzes que se moviam, para o corpo, ouvindo as vozes dos policiais, estava Douglas Spaulding.

Ele estava parado ali, branco feito um cogumelo, com as mãos nos lados do corpo, encarando a ravina.

— Vá para casa! — gritou Francine.

Ele não ouviu.

— Você! — gritou Francine. — Vá para casa, saia desse lugar, ouviu? Vá para casa, vá para casa, para *casa!*

Douglas virou a cabeça, encarando-as como se não estivessem ali. Sua boca se mexeu. Ele soltou um berro. Depois, em silêncio, virou o corpo e correu. Correu silenciosamente para as colinas distantes na escuridão quente.

Francine chorava e gritava novamente e, ao mesmo tempo, andava com Lavinia Nebbs.

— Aí estão! Pensei que as senhoras nunca chegariam! — Helen Greer batia o pé no alto da escada da varanda. — Estão uma hora atrasadas, é isso mesmo. O que aconteceu?

— Nós... — começou Francine.

Lavinia apertou seu braço com força.

— Houve um tumulto. Alguém encontrou Elizabeth Ramsell na ravina.

— Morta? Ela estava... morta?

Lavinia assentiu. Helen ofegou e pôs a mão no pescoço.

— Quem a encontrou?

Lavinia segurou o pulso de Francine com firmeza.

— Não sabemos.

As três jovens ficaram paradas, olhando-se, na noite de verão.

— Eu tive vontade de entrar na casa e trancar as portas — disse Helen, por fim.

Mas, finalmente, ela foi pegar um suéter, porque, embora ainda estivesse quente, ela também reclamou da súbita noite de inverno. Enquanto Helen estava ausente, Francine sussurrou freneticamente:

— Por que não *contou* a ela?

— Por que a aborrecer? — disse Lavinia. — Amanhã. Amanhã haverá muito tempo.

As três mulheres andavam pela rua sob as árvores escuras e passaram de repente por casas trancadas. A novidade se espalhou rapidamente, de casa em casa, de varanda em varanda, de telefone em telefone. Agora, andando, as três mulheres sentiram olhos fitando-as de janelas acortinadas enquanto as fechaduras das portas eram ouvidas. Que estranho o picolé, a noite de baunilha, a noite de sorvete embalado, de pulsos com loção repelente, a noite das crianças que corriam de repente, abandonando as brincadeiras e colocando-se atrás de vidros, atrás de madeiras, os picolés em poças de lima e morango derretendo-se onde caíam quando as crianças eram levadas para dentro. Estranhas as salas quentes com as pessoas suadas espremendo-se nelas atrás de maçanetas e aldravas de bronze. Bastões e bolas de beisebol caídos nos gramados sem pegadas. Um jogo de amarelinha desenhado pela metade com giz branco na calçada abrasadora e fumegante. Era como se alguém tivesse previsto o clima enregelante um minuto antes.

— Somos loucas de sair em uma noite como esta — disse Helen.

— O Solitário não vai matar três mulheres — disse Lavinia. — Estamos seguras em grupo. E, além disso, é cedo demais. As mortes sempre acontecem com um intervalo de um mês.

Uma sombra caiu em seus rostos apavorados. Uma figura assomou atrás de uma árvore. Como se alguém tivesse tocado um órgão com um golpe terrível do punho, as três mulheres soltaram um grito, em três notas agudas diferentes.

— Peguei vocês! — rugiu uma voz. O homem saltou para cima delas. Veio para a luz, rindo. Encostou-se em uma árvore, apontando de leve para as mulheres, rindo de novo.

— Ei! Eu sou o Solitário! — disse Frank Dillon.

— Frank Dillon!

— Frank!

— Frank — disse Lavinia —, se fizer uma infantilidade dessas novamente, alguém pode furar você a bala!

— Isso é coisa que se faça?!

Francine começou a chorar histericamente.

Frank Dillon parou de sorrir.

— Desculpem-me.

— Vá embora! — disse Lavinia. — Não ouviu falar de Elizabeth Ramsell... encontrada morta na ravina? Fica por aí, assustando mulheres! Não fale conosco de novo!

— Ora...

Elas andaram. Ele as seguiu.

— Fique longe, sr. Solitário, e assuste a si mesmo. Vá dar uma olhada na cara de Elizabeth Ramsell e veja se é engraçado. Boa-noite! — Lavinia levou as outras duas pela rua de árvores e estrelas. Francine segurava um lenço no rosto.

— Francine, foi só uma brincadeira. — Helen se virou para Lavinia. — Por que ela está chorando tanto?

— Vamos contar quando chegarmos ao centro da cidade. Vamos ao cinema, não importa como! Já basta. Agora vamos, peguem dinheiro, estamos quase chegando!

A lanchonete era um pequeno reservatório de ar preguiçoso que os grandes ventiladores de madeira agitavam em marés de cheiro de arnica e tônica e refrigerante para as ruas de paralelepípedos.

— Preciso de 5 centavos de chiclete de hortelã-pimenta — disse Lavinia ao balconista. O rosto dele era rígido e pálido, como todos os rostos que elas estavam vendo nas ruas desertas. — Para comer no cinema — disse Lavinia, enquanto o balconista pesava 5 centavos de chiclete com uma pazinha de prata.

— Estão muito bonitas esta noite, senhoras. Estava elegante esta tarde, srta. Lavinia, quando veio tomar um sorvete de chocolate, tão impecável e elegante que alguém perguntou pela senhorita.

— Hein?

— O homem sentado ao balcão... Viu a senhorita sair. Disse para mim: Quem é ela? Ora, essa é Lavinia Nebbs, a solteira mais bonita da cidade, disse eu. Ela é bonita, disse ele. Onde ela mora? — Naquele ponto, o atendente parou, pouco à vontade.

— Você não contou! — disse Francine. — Não lhe deu o endereço dela, deu? Não fez isso!

— Acho que não pensei direito. Eu disse: Oh, na rua Park, sabe, perto da ravina. Uma observação casual. Mas esta noite encontraram o corpo, pelo que soube há um minuto, então pensei Meu Deus, o que foi que eu fiz?! — Ele entregou o pacote, cheio demais.

— Seu tolo! — gritou Francine, e as lágrimas lhe chegaram aos olhos.

— Desculpe. É claro que talvez não seja nada.

Lavinia ficou parada ali, com as três pessoas olhando para ela. Não sentia nada. A não ser, talvez, a mais leve ferroadada de excitação na garganta. Ela estendeu o dinheiro automaticamente.

— Não há troco para esses chicletes — disse o balconista, virando-se para remexer em alguns papéis.

— Bem, sei o que vou fazer agora mesmo! — Helen saiu da lanchonete. — Vou chamar um táxi para nos levar para casa. Não vou participar de uma

caçada por você, Lavinia. Esse homem não está querendo boa coisa. Perguntando por você. Quer ser a próxima a morrer na ravina?

— Era só um homem — disse Lavinia, virando-se em um círculo lento para olhar a cidade.

— Frank Dillon é um homem, mas talvez ele seja o Solitário.

Francine não as acompanhara, pelo que perceberam, e, virando-se, elas a viram se aproximar.

— Pedi a ele uma descrição... Ao balconista. Pedi que me dissesse como era o homem. Um estranho — disse ela — de terno escuro. Meio pálido e magro.

— Estamos todas exauridas — disse Lavinia. — Eu simplesmente não vou pegar o táxi, mesmo que você consiga um. Se eu for a próxima vítima, então que *seja*. Há muito pouca agitação na vida, em especial para uma mulher solteira de 33 anos. Então não se importe se eu desfrutar isso. De qualquer modo, é tolice. Eu não sou bonita.

— Ah, mas você é, Lavinia. Você é a mulher mais bonita da cidade, agora que Elizabeth está... — Francine parou. — Você afugenta os homens. Se simplesmente relaxasse, já estaria casada há anos!

— Pare de choramingar, Francine! Aqui está a bilheteria do cinema, e vou pagar 41 centavos para ver Charlie Chaplin. Se vocês duas querem um táxi, podem ir. Vou ficar sozinha aqui e vou para casa sozinha.

— Lavinia, você é louca. Não podemos deixar você fazer isso...

Elas entraram no cinema.

O primeiro filme já havia acabado, estava no intervalo, e a sala escura estava pouco povoada. As três mulheres sentaram-se no meio, no cheiro de polidor de bronze antigo, e viram o gerente passar pelas surradas cortinas de veludo vermelho para fazer um anúncio.

— A polícia nos pediu para fechar cedo esta noite para que todos possam sair em uma hora apropriada. Portanto, vamos interromper a projeção dos curtas e exibir de novo nosso filme principal imediatamente. O cinema fechará às onze. Todos estão aconselhados a ir direto para casa. Não demorem nas ruas.

— Ou seja, nós, Lavinia! — sussurrou Francine.

As luzes se apagaram. A tela saltou para a vida.

— Lavinia — sussurrou Helen.

— O que foi?

— Enquanto entrávamos, um homem de terno escuro atravessou a rua. Ele acabou de passar pelo corredor e está se sentando na fila atrás da nossa.

— Oh, Helen!

— Bem atrás de nós?

Uma por uma, as três mulheres se viraram para olhar.

Elas viram um rosto branco ali, bruxuleando com a luz ruim da tela prateada. Parecia que só havia rostos masculinos pairando ali, no escuro.

— Vou chamar o gerente! — Helen já estava de pé no corredor. — Parem o filme! Luzes!

— Helen, volte aqui! — gritou Lavinia, levantando-se.

Elas baixaram as taças de sorvete, cada uma das três com um bigode de baunilha no lábio superior, que elas retiraram com a língua, rindo.

— Viu como você foi boba? — disse Lavinia. — E todo aquele tumulto para nada. Que coisa constrangedora.

— Desculpe — disse Helen, com uma voz fraca.

O relógio marcava onze e meia. Elas saíram do cinema escuro, para longe do fluxo palpitante de homens e mulheres caminhando apressados para todo lado na rua, para lado nenhum. As três riam de Helen, que tentava rir de si mesma.

— Helen, quando você disparou pelo corredor gritando Luzes!, eu achei que ia *morrer!* Aquele *pobre* homem!

— O irmão do gerente do cinema, de Racine!

— Eu pedi desculpas — disse Helen, olhando o grande ventilador ainda zumbindo, circulando o ar quente do final da noite, agitando novamente os cheiros de baunilha, framboesa, hortelã e desinfetante.

— Não devíamos ter parado para tomar sorvete. A polícia avisou...

— Ah, bobagem, a polícia — disse Lavinia, rindo. — Não tenho medo de nada. O Solitário está agora a 1 milhão de quilômetros de distância. Só vai voltar daqui a semanas, e a polícia vai pegá-lo, espere só. O filme não foi maravilhoso?

— Estamos fechando, senhoras. — O balconista apagou as luzes no silêncio de azulejos brancos e frios.

Do lado de fora, as ruas estavam desertas, sem carros ou caminhões ou pessoas. Luzes fortes ainda ardiam nas vitrines da lojinha onde os manequins de cera levantavam mãos de cera rosa que faiscavam com anéis de diamante branco-azulado ou pernas floridas de cera laranja que revelavam meias. Os olhos de vidro azul vivo dos manequins observavam as mulheres vagarem pela rua deserta como o fundo de um rio seco, suas imagens bruxuleando em vitrines como se fossem flores vistas sob águas escuras e móveis.

— Acha que, se gritássemos, eles fariam algo?

— Quem?

— Os manequins, as pessoas da vitrine.

— Ah, Francine.

— Bem...

Havia mil pessoas nas vitrines, rígidas e silenciosas, e três pessoas na rua, os ecos seguindo como disparos da frente das lojas do outro lado quando elas batiam os saltos na calçada quente.

Uma placa de néon vermelho cintilou vagamente, zumbindo como um inseto moribundo quando elas passaram.

Quentes e puras, as longas avenidas se estendiam à frente. Balançando-se com um vento que só tocava suas copas folhosas, as altas árvores se postavam dos dois lados das três pequenas mulheres. Vistas do alto do tribunal, pareciam três cardos ao longe.

— Primeiro, vamos levar você para casa, Francine.

— Não, eu vou levar *você* para casa.

— Não seja boba. Você mora fora de meu trajeto, em Electric Park. Se você me levasse para casa, teria que voltar sozinha pela ravina. E, se uma

simples folha caísse em você, você morreria de susto.

Francine disse:

— Posso passar a noite em sua casa. Você é a *bonita!*

E, assim, elas andaram e vagaram como três formas elegantemente vestidas sobre um mar enluarado de gramados e concreto, Lavinia olhando as árvores escuras flutuando a seus lados, ouvindo as vozes murmurantes das amigas, tentando rir. E a noite parecia se acelerar, elas pareciam correr mesmo andando devagar, tudo parecia rápido e da cor de neve quente.

— Vamos cantar — disse Lavinia. — “Shine On, Shine On, Harvest Moon...”

Elas cantaram, doce e serenamente, de braços dados, sem olhar para trás. Sentiram a calçada quente esfriar-se sob os pés, movendo-se, movendo-se.

— Ouçam! — disse Lavinia.

Elas ouviram a noite de verão. Os grilos da noite de verão, o tom distante do relógio do tribunal marcando as onze e quarenta e cinco.

— *Ouçam!*

Lavinia ouviu. Um balanço de varanda rangeu no escuro, e lá estava o sr. Terle, sem dizer nada, sozinho no balanço, fumando um último charuto. Elas viram a cinza rosada balançando-se delicadamente de um lado para outro.

Agora, as luzes estavam sumindo, sumindo, e sumiram. As luzes das casas pequenas e as luzes das casas grandes e luzes amarelas e luzes verdes de furacão, as velas e lamparinas e luzes de varanda, e tudo parecia trancado em bronze e ferro e aço, tudo, pensou Lavinia, está encaixotado e trancado e embrulhado e acortinado. Ela imaginou as pessoas em suas camas à luz da lua. E a respiração delas nos quartos da noite de verão, seguras e unidas. E aqui estamos nós, pensou Lavinia, nossos passos percorrendo a calçada quente da noite de verão. E, acima de nós, as luzes solitárias dos postes brilhando, produzindo uma sombra embriagada.

— Chegamos à sua casa, Francine. Boa-noite.

— Lavinia, Helen, passem a noite aqui. É tarde, já é quase meia-noite. Podem dormir na sala. Vou fazer chocolate quente... Vai ser tão divertido! —

Agora Francine segurava as duas junto de si.

— Não, obrigada — disse Lavinia.

E Francine começou a chorar.

— Ah, de novo não, Francine — disse Lavinia.

— Não quero que vocês morram — disse Francine, soluçando, as lágrimas escorrendo por seu rosto. — Vocês são tão delicadas e boas. Quero que vivam. Por favor, oh, por favor!

— Francine, eu não sabia quanto isso havia afetado você. Prometo que vou telefonar quando chegar em casa.

— Ah, você vai?

— E direi que estou segura, sim. E, amanhã, vamos fazer um piquenique em Electric Park. Com sanduíches de presunto que eu mesma vou preparar, o que acha? Você vai ver, vou viver para sempre!

— Vai telefonar, então?

— Eu prometi, não foi?

— Boa-noite, boa-noite! — Correndo escada acima, Francine se escondeu rapidamente atrás de uma porta, que bateu e logo foi aferrolhada.

— Agora — disse Lavinia a Helen —, vou levar *ocê* para casa.

O relógio do tribunal deu as horas. O som se propagou ao longo de uma cidade vazia, mais vazia que jamais esteve. Pelas ruas vazias e terrenos vazios e gramados vazios, o som desapareceu.

— Nove, dez, onze, doze — contou Lavinia, com Helen enlaçada em seu braço.

— Não está se sentindo estranha? — perguntou Helen.

— Como assim?

— Quando você pensa em nós aqui fora na calçada, sob as árvores, e todas aquelas pessoas seguras atrás de portas trancadas, deitadas em suas camas. Somos praticamente as únicas pessoas caminhando ao ar livre em mais de mil quilômetros, posso apostar.

O som da ravina escura, quente e profunda se aproximou.

Em um curto instante, as duas estavam diante da casa de Helen, olhando-se por um longo tempo. O vento soprava entre elas o cheiro de grama aparada. A lua estava afundando em um céu que começava a nublar.

— Não acho que adiante alguma coisa eu lhe pedir para ficar, não é, Lavinia?

— Eu vou andando.

— Às vezes...

— Às vezes o quê?

— Às vezes, acho que as pessoas *querem* morrer. Você agiu de uma forma estranha a noite toda.

— Eu apenas não estou com medo — disse Lavinia. — E estou curiosa, eu acho. E estou usando a cabeça. Pela lógica, o Solitário não pode estar por aqui. A polícia e tudo o mais.

— A polícia está em casa com as cobertas por cima das orelhas.

— Digamos que eu esteja gostando, perigosamente, mas com segurança. Se houvesse alguma possibilidade real de me acontecer alguma coisa, eu ficaria aqui com você. Pode ter certeza disso.

— Talvez parte de você não queira mais viver.

— Você e Francine, francamente!

— Eu me sinto tão culpada. Estarei tomando um chocolate quente quando você estiver chegando ao fundo da ravina e atravessando a ponte.

— Beba uma xícara por mim. Boa-noite.

Lavinia Nebbs andou sozinha pela rua à meia-noite, no silêncio do fim de noite de verão. Viu casas com as janelas escuras e, ao longe, ouviu um cachorro latir. Em cinco minutos, pensou ela, estarei segura em casa. Em cinco minutos, vou telefonar para a bobona da Francine. Eu vou...

Ela ouviu uma voz de homem.

Uma voz de homem cantando longe, entre as árvores.

Ah, dê-me uma noite de junho, o luar e você...

Ela caminhou um pouco mais rápido.

A voz cantava:

Em meus braços... com todo o seu charme...

Ao longo da rua, no luar fraco, um homem caminhava lenta e despreocupadamente.

Posso correr e bater em uma dessas portas, pensou Lavinia, se for preciso.

— Ah, dê-me uma noite de junho — cantava o homem, e ele levava um longo porrete na mão. — O luar e você. Ora, olha quem está *aqui*! Isso não é hora de estar na rua, srta. Nebbs!

— Policial Kennedy!

Ele mesmo, claro.

— É melhor ir para casa!

— Obrigada, vou fazer isso.

— Mas a senhorita mora do outro lado da ravina...

Sim, pensou ela, mas não vou atravessar a ravina com homem nenhum, nem mesmo um policial. Como vou saber quem é o Solitário?

— Não — disse ela —, vou me apressar.

— Vou esperar bem aqui — disse ele. — Se precisar de ajuda, dê um grito. As vozes chegam facilmente aqui. Eu irei correndo.

— Obrigada.

Ela caminhou, deixando-o sozinho, a cantarolar consigo mesmo sob uma luz.

Aqui estou, pensou ela.

A ravina.

Ela parou na beira dos 113 degraus que desciam a colina íngreme e depois atravessavam a ponte de 65 metros e subiam a colina levando à Park Street. E só uma lanterna para enxergar. Daqui a três minutos, pensou ela, estarei colocando minha chave na porta de casa. Nada pode acontecer em apenas cento e oitenta segundos.

Ela começou a descer a longa escada verde-escura e entrou na ravina profunda.

— Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez degraus — contou ela em um sussurro.

Sentiu que estava correndo, mas não estava.

— Quinze, dezesseis, dezessete, dezoito, dezenove, vinte degraus — murmurou ela. — Um quinto do caminho! — anunciou ela para si mesma.

A ravina era profunda, negra e negra, negra! E o mundo ficara para trás, o mundo de pessoas seguras na cama, as portas trancadas, a cidade, a lanchonete, o cinema, as luzes, tudo ficara para trás. Só a ravina existia e vivia, negra e imensa, em volta dela.

— Não aconteceu nada, não é? Ninguém por perto, não é? Vinte e quatro, 25 degraus. Lembra-se daquela velha história de fantasmas que vocês contavam quando eram crianças?

Ela ouviu seus sapatos nos degraus.

— A história do homem sombrio que chegava à sua casa, e você estava lá em cima, na cama. E, agora, ele está no primeiro degrau, subindo para seu quarto. E, agora, ele está no segundo degrau. E, agora, ele está no terceiro degrau e no quarto degrau e no quinto! Oh, como você costumava rir e gritar com essa história! E, agora, o homem sombrio e horrível está no décimo segundo degrau e, agora, está abrindo a porta de seu quarto e, agora, está parado ao lado de sua cama. PEGUEI VOCÊ!

Ela gritou. Não era nada que já tivesse ouvido, aquele grito. Jamais gritara tão alto na vida. Ela parou, ela congelou, ela se agarrou ao corrimão de madeira. Seu coração explodiu no peito. O som da batida apavorada encheu o universo.

— Lá, lá! — gritou ela para si mesma. — No final da escada. Um homem, sob a luz! Não, agora ele se foi! Ele estava *esperando* lá!

Ela escutou.

Silêncio.

A ponte estava vazia.

Nada, pensou ela, com a mão no peito. Nada. Tola! Aquela história que contei a mim mesma. Que coisa boba. O que devo fazer?

As batidas de seu coração foram diminuindo.

Devo chamar o policial? Será que ele me ouviu gritar?

Ela escutou. Nada. Nada.

Vou percorrer o resto do caminho. Aquela história boba.

Ela recomeçou, contando os degraus.

— Trinta e cinco, 36, cuidado, não caia. Ah, eu sou uma idiota. Trinta e sete degraus, 38, 39 e quarenta, e mais dois fazem 42... Quase a metade do caminho.

Ela congelou novamente.

Espere, disse ela a si mesma.

Ela deu um passo. Houve um eco.

Ela deu outro passo.

Outro eco. Outro passo, apenas uma fração de segundo depois.

— Alguém está me seguindo — sussurrou ela para a ravina, para os grilos pretos e os sapos verde-escuros escondidos e a névoa negra. — Alguém está na escada atrás de mim. Não me atrevo a me virar.

Outro passo, outro eco.

— Toda vez que dou um passo, ele também dá.

Um passo e um eco.

Fraquinho, ela perguntou para a ravina:

— Policial Kennedy, é o *senhor*?

Os grilos estavam em silêncio.

Os grilos estavam *escutando*. A noite estava escutando *Lavinia*. Para variar, tudo nas campinas distantes da noite de verão e as árvores próximas da noite de verão estavam com os movimentos suspensos. Folha, arbusto, estrela e relva da campina cessaram seus tremores particulares e escutavam o coração de Lavinia Nebbs. E talvez a mil quilômetros de distância, do outro lado da região da locomotiva solitária, em uma estação vazia, um único viajante, lendo um jornal indistinto sob uma lâmpada solitária e sem cobertura, erga a cabeça, ouça e pense: O que é isso?, e conclua: Só uma marmota, é claro, batendo em um tronco oco. Mas era Lavinia Nebbs, era, sem dúvida, o coração de Lavinia Nebbs.

Silêncio. Um silêncio de noite de verão que se estendia por mil quilômetros, que cobria a terra como um mar branco e sombreado.

Mais rápido, mais rápido! Ela desceu a escada.

Corra!

Ela ouviu música. De uma forma louca, de uma forma tola, ela ouviu o surto intenso de música que batia nela, e ela percebeu, ao correr, enquanto corria em pânico e pavor, que parte de sua mente estava dramatizando, tomando emprestada a trilha sonora turbulenta de algum drama particular, e a música corria e a empurrava, mais alta e mais alta, mais rápida, mais rápida, mergulhando e correndo, descendo, descendo na boca da ravina.

Só mais um pouco, rezou ela. Cento e oito, 109, 110 degraus! O fundo! Agora, corra! Atravesse a ponte!

Ela disse às próprias pernas o que fazer, aos braços, ao corpo, ao pavor que sentia. Aconselhou todas as partes de si naquele momento delicado e terrível, sobre as águas do regato que rugiam, nas tábuas da ponte vazia, retumbante, oscilante, quase viva e resistente em que corria, seguida pelos passos loucos atrás, atrás, com a música também a segui-la, a música aos guinchos e balbucios.

Ele está seguindo, não se vire, não olhe. Se você o vir, não conseguirá se mexer, ficará com medo demais. Apenas corra, corra!

Ela correu pela ponte.

Oh! Deus, Deus, por favor, por favor, deixe-me subir a colina! Agora para cima, o caminho, agora entre os morros, oh, Deus, está escuro, e tudo está tão longe. Se eu gritasse agora, não adiantaria nada. Não posso gritar de jeito nenhum. Aqui está o alto da trilha, aqui está a rua, oh, Deus, por favor, que eu fique segura. Se eu chegar em casa segura, nunca mais sairei sozinha. Fui uma tola, admito, fui uma tola, não sabia o que era o pavor, mas, se me permitir chegar em casa, nunca mais sairei sem Helen ou Francine! Aqui está a rua. Atravesse a rua!

Ela atravessou a rua e disparou calçada acima.

Oh, Deus, a varanda! Minha casa! Oh, Deus, por favor, dê-me tempo para entrar e trancar a porta e estarei segura!

E, ali... Que coisa boba de se perceber... Por que ela percebeu, instantaneamente, de imediato, sem perda de tempo... Mas estava ali mesmo, faiscando... Ali, na grade da varanda, o copo pela metade de limonada que ela abandonara havia muito tempo, havia um ano, no início da noite! O copo de limonada piscando calmamente, imperturbável, ali na grade... e...

Ela ouviu seus pés desajeitados na varanda, escutou e sentiu as mãos arranhando de forma violenta a fechadura com a chave. Ela ouviu seu coração. Ela ouviu a voz interior aos gritos.

A chave entrou.

Destranque a porta, rápido, rápido!

A porta abriu.

Agora, para dentro. Bata a porta!

Ela bateu a porta.

— Agora, tranque-a, passe o ferrolho, tranque! — Ela ofegava miseravelmente. — Tranque a porta, firme, *firme!*

A porta foi trancada, e o ferrolho foi passado.

A música parou. Ela ouviu seu coração novamente, o som diminuindo no silêncio.

Em casa! Oh, Deus, segura em casa! Segura, segura e segura em casa! Ela se deixou cair apoiada na porta. Segura, segura. Escute. Nem um som. Segura, segura, oh, graças a Deus, segura em casa. Nunca mais vou sair à noite. Vou ficar em casa. Nunca mais vou passar por aquela ravina de novo. Segura, oh, segura, segura em casa, tão bom, tão bom, segura! Segura aqui dentro, a porta trancada. Espere.

Olhe pela janela.

Ela olhou.

Ora, não havia ninguém ali! Ninguém. Não havia ninguém me seguindo. Ninguém correndo atrás de mim. Ela prendeu a respiração e quase riu de si mesma. É *lógico*. Se um homem *estivesse* me seguindo, teria me *apanhado!* Eu

não corro muito... Não há ninguém na varanda, nem no jardim. Que tolice a minha. Estava correndo de nada. A ravina é segura como qualquer lugar. Mesmo assim, é bom estar em casa. A casa é mesmo um lugar aquecido e bom, o único lugar a se estar.

Ela pôs a mão no interruptor da luz e parou.

— O quê? — perguntou ela. — O quê, o *quê?*

Atrás dela, na sala de estar, alguém tossiu.



— CREDO, eles estragam tudo!

— Não leve isso tão a mal, Charlie.

— Ora, e do que vamos falar agora? Não tem sentido falar do Solitário se ele nem está mais vivo! Não mete mais medo em ninguém!

— Eu não sei quanto a você, Charlie — disse Tom. — Mas eu vou voltar à Sorveteria do Verão, sentar à porta e fingir que ele está vivo e sentir arrepios de frio por minha espinha.

— Isso é trapaça.

— A gente consegue arrepios onde pode, Charlie.

Douglas não ouvia Tom e Charlie. Olhava a casa de Lavinia Nebbs e falou, quase consigo mesmo.

— Eu estava lá, na ravina, ontem à noite. Eu vi. Eu vi tudo. Indo para casa, passei por ali. Eu vi esse copo de limonada bem ali na grade da varanda, meio vazio. Pensei que gostaria de beber. Queria beber limonada, pensei. Eu estava na ravina e aqui, bem no meio de tudo.

Tom e Charlie, por sua vez, ignoraram Douglas.

— A propósito — disse Tom. — Não acho realmente que o Solitário esteja morto.

— Você estava aqui hoje de manhã quando a ambulância veio levar aquele homem na maca, não estava?

— Claro — disse Tom.

— Bem, *aquele* era o Solitário, seu burro! Leia os jornais! Depois de dez longos anos fugindo, a velha Lavinia Nebbs o esfaqueou com uma tesoura de costura. Eu queria que ela cuidasse da própria vida.

— Queria que ela ficasse deitada e o deixasse apertar o pescoço dela?

— Não, mas, pelo menos, ela podia ter fugido de casa, correndo pela rua e gritando: Solitário! Solitário!, bem alto, para dar a ele a chance de escapar. Esta cidade, antigamente, tinha umas coisas boas, até a meia-noite de ontem. A partir de agora, estamos todos em uma festa chata.

— Vou dizer pela última vez, Charlie; acho que o Solitário não está morto. Eu vi a cara dele, você viu a cara dele, Doug viu a cara dele, não foi, Doug?

— O quê? Sim. Acho que sim. Sim.

— Todo mundo viu a cara dele. Responda a uma coisa, então: para você, *parecia* o Solitário?

— Eu... — disse Douglas e parou.

O sol zumbiu no céu por uns cinco segundos.

— Meu Deus... — sussurrou Charlie por fim.

Tom esperou, sorrindo.

— Não parecia em nada o Solitário — disse Charlie, arfando. — Parecia só um *homem*.

— Pois é, sim, senhor, um simples homem comum, que não colocaria as asinhas de fora nem com uma mosca, Charlie, uma mosca! O mínimo que o Solitário faria, se fosse o Solitário, seria parecer o Solitário, não é? Bem, ele parece o vendedor de balas que fica à noite na frente do Cinema Elite.

— O que acha que ele era? Um vagabundo que passava pela cidade, chegou ao que pensou ser uma casa vazia e foi morto pela srta. Nebbs?

— Claro!

— Mas espere aí. Nenhum de nós sabe como devia ser o Solitário. Não existem fotos. As únicas pessoas que o viram acabaram mortas.

— Você sabe, e Doug sabe, e eu sei como ele é. Ele deve ser alto, não é?

— Claro...

— E ele deve ser pálido, não é?

— Pálido, isso mesmo.

— E magro feito um esqueleto e com cabelo preto e comprido, não é?

— Foi o que eu sempre disse.

— E olhos grandes e esbugalhados, olhos verdes como de um gato?

— É ele mesmo.

— Bem, então. — Tom bufou. — Você viu aquele coitado que eles retiraram da casa da srta. Nebbs algumas horas atrás. Como ele era?

— Baixo, de cara vermelha e meio gordo, e não tinha muito cabelo, e o que tinha era ruivo. Tom, você entendeu tudo! Vamos! Chame os homens! Vá dizer a eles o que você me disse! O Solitário não está morto. Ele ainda estará aí fora, de tocaia, hoje à noite.

— É — disse Tom e parou, pensativo, de repente.

— Tom, você é um amigão, você tem miolos. Nenhum de nós teria salvado o dia desse jeito. O verão estava indo mal até este exato minuto. Você salvou a pátria. Agosto não vai ser uma perda *total*. Ei, molecada!

E Charlie estava longe, agitando os braços, gritando.

Tom ficou na calçada, em frente à casa de Lavinia Nebbs, a face lívida.

— Meu Deus — sussurrou ele. — O que eu fiz *agora*?

Ele se virou para Douglas.

— Quer dizer, Doug, o que eu fiz?

Douglas fitava a casa. Seus lábios se mexeram.

— Eu estava lá, ontem à noite, na ravina. Eu vi Elizabeth Ramsell. Vim aqui ontem à noite a caminho de casa. Vi o copo de limonada na grade. Ontem à noite mesmo. Eu podia bebê-la, pensei... Eu podia bebê-la...



ELA era uma mulher com uma vassoura, ou um espanador, ou um esfregão, ou uma colher de pau na mão. Era vista cortando crosta de torta de manhã, cantarolando para ela, ou era vista retirando as tortas assadas ao meio-dia ou pegando-as, frias, ao anoitecer. Ela tocava xícaras de porcelana como um tocador de sino suíço, no lugar delas. Deslizava pelos corredores com a constância de um aspirador de pó, procurando, encontrando e arrumando. Ela andava duas vezes por qualquer jardim, de espátula na mão, e as flores erguiam suas chamas vibrantes sob o ar quente de seu andar. Dormia sossegadamente e não se virava mais de três vezes em uma noite, relaxada como uma luva branca para a qual, ao amanhecer, voltaria a mão ativa. Acordando, ela tocava as pessoas como se faz com fotografias quando se quer endireitar as molduras.

Mas, agora...?

— Vovó — disse alguém. — Bisavó.

Agora, era como se uma imensa soma em aritmética finalmente estivesse chegando a um fim. Ela recheara perus, galinhas, pombos, cavalheiros e meninos. Lavara tetos, paredes, inválidos e crianças. Ela dispusera o linóleo, consertara bicicletas, dera corda em relógios, alimentara fornalhas, passara iodo em 10 mil ferimentos lastimáveis. Suas mãos fluíram por toda parte, suavizando isso, segurando aquilo, atirando bolas de beisebol, balançando

bastões brilhantes de croqué, semeando a terra preta ou ajeitando coberturas sobre bolinhos, ragus e crianças desajeitadamente esparramadas de sono. Ela puxara cortinas, apagara velas, ligara interruptores e... ficara velha. Vendo, agora, 30 bilhões de coisas iniciadas, realizadas, concluídas e feitas, tudo somado, totalizado. O último decimal fora colocado, o zero final balançou lentamente na linha. Agora, de giz na mão, ela se afastou da vida uma hora de silêncio antes de estender a mão para o apagador.

— Agora, deixe-me ver... — disse a bisavó. — Deixe-me ver...

Sem estardalhaço ou barulho, ela percorreu a casa em um inventário circular, chegou, por fim, à escada e, sem fazer nenhum anúncio em especial, subiu três lanços até seu quarto, onde, silenciosamente, deitou-se como uma impressão fóssil sob os lençóis frios de neve de sua cama e começou a morrer.

De novo, as vozes:

— Vovó! Bisavó!

O rumor do que ela estava fazendo caiu pelo poço da escada, bateu e espalhou ondas pelos cômodos, portas e janelas afora e pela rua de olmos até a margem da ravina verde.

— Agora aqui, aqui!

A família cercava a cama dela.

— Deixe-me ficar deitada — sussurrou ela.

Sua indisposição não podia ser vista em nenhum microscópio. Era um cansaço brando, mas que não cessava de se aprofundar, um peso vago de seu corpo de pardal. Sonolenta, mais sonolenta, sonolentíssima.

Para seus filhos e os filhos de seus filhos... Parecia impossível que, com um ato tão simples, o ato mais vagaroso do mundo, pudesse causar tanta apreensão.

— Bisavó, agora escute... O que está fazendo não passa de quebra de contrato de aluguel. Esta casa irá desmoronar sem a senhora. Deve nos dar pelo menos um aviso antecipado de um ano!

A bisavó abriu um olho. Noventa anos fitaram calmamente seus médicos como um fantasma poeirento de uma janela alta em uma casa que se esvaziava

rápido.

— Tom...?

O menino foi mandado, sozinho, à sua cama sussurrante.

— Tom — disse ela, fraquinho, longe —, nos mares do sul há um dia, na vida de cada homem, em que ele sabe que está na hora de apertar a mão de todos os seus amigos, dizer adeus e velejar para longe, e ele faz isso, e é natural... Simplesmente, é chegada a hora dele. É assim hoje. Às vezes, sou muito parecida com você, sentado nas matinês de sábado até as nove da noite, quando mandamos seu pai trazer você para casa. Tom, quando chega a hora em que os mesmos caubóis estão atirando nos mesmos índios, no mesmo topo de montanha, então é melhor fechar a cadeira e ir para a porta, sem arrependimentos, sem voltar pelo corredor. Estou partindo enquanto ainda estou feliz e ainda me divirto.

Douglas foi chamado para ficar ao lado dela.

— Vovó, quem vai consertar o telhado na primavera que vem?

Todo mês de abril, desde que havia calendários, dava para achar que se ouviam pica-paus batendo no telhado da casa. Mas não. Era a bisavó, de algum modo transportada, cantando, fixando pregos, substituindo as telhas, alta no céu!

— Douglas — sussurrou ela —, não deixe que ninguém conserte as telhas, a não ser que seja divertido para a pessoa.

— Sim, senhora.

— Olhe em volta, em abril, e diga: Quem quer consertar o telhado?, e o rosto que se iluminar será o rosto que você quer, Douglas. Porque, lá em cima, naquele telhado, você pode ver toda a cidade indo para o campo e o campo indo para a beira da terra e o rio cintilando, e o lago de manhã, e passarinhos nas árvores embaixo de você. E o melhor vento, no alto. Qualquer uma dessas coisas deve ser suficiente para convencer uma pessoa a subir até o cata-vento em um amanhecer de primavera. É uma hora poderosa, se você lhe der uma chance...

A voz dela afundou em uma leve agitação.

Douglas chorava.

Ela se ergueu novamente.

— Ora, por que você está fazendo isso?

— Porque — disse ele — a senhora não estará aqui amanhã.

Ela virou um pequeno espelho de mão de si mesma para o menino. Ele olhou o rosto dela e o seu próprio no espelho e depois de novo o rosto da bisavó, enquanto ela dizia:

— Amanhã de manhã, estarei de pé às sete e limparei atrás de minhas orelhas. Vou correr à igreja com Charlie Woodman. Vou fazer um piquenique em Electric Park. Vou nadar, correr descalça, cair de árvores, mascar chiclete de hortelã... Douglas, Douglas, tenha vergonha! Você corta as unhas, não corta?

— Sim, senhora.

— E não grita quando seu corpo refaz, a cada mais ou menos sete anos, as velhas células mortas e acrescenta novas a seus dedos e a seu coração. Você não se importa com isso, não é?

— Não, senhora.

— Bem, pense então, rapaz. Qualquer homem que guarda unhas cortadas é um tolo. Já viu uma cobra se incomodar em guardar a pele que trocou? Só o que você tem hoje, aqui nesta cama, são unhas e pele de cobra. Uma boa respirada me deixaria em farrapos. O importante não é que eu esteja deitada aqui, mas que eu esteja sentada na beira da cama olhando para mim e que eu esteja lá embaixo fazendo o jantar, ou na garagem debaixo do carro, ou lendo na biblioteca. Todas as partes novas, elas contam. Não estou realmente morrendo hoje. Jamais morreu uma pessoa que tenha tido uma família. Estarei aqui por muito tempo. Daqui a mil anos, todo um município de minha descendência estará mordendo maçãs verdes na sombra das árvores. Essa é minha resposta a qualquer um que faça grandes perguntas! Agora, rápido, mande entrar o restante!

Por fim, todos estavam ali, como quem vê alguém partir na estação de trem, esperando no quarto.

— Bem — disse a bisavó —, lá vou eu. Não sou humilde. Portanto, é ótimo ver vocês em volta de minha cama. Agora, na semana que vem, haverá o fim da jardinagem e da limpeza de armário e da compra de roupas para as crianças. E, uma vez que a parte de mim que, por conveniência, é chamada de bisavó não estará aqui para andar, aquelas outras partes de mim chamadas tio Bert e Leo e Tom e Douglas, e todos os outros nomes, terão que assumir, cada um em sua vez.

— Sim, vovó.

— Não quero nenhuma festa de Halloween aqui amanhã. Não quero ninguém dizendo coisas amáveis sobre mim. Eu disse tudo isso em minha época, em meu apogeu. Saboreei cada comida e dancei cada dança. Agora, há uma última torta que não mordi, uma música que não assoviei. Mas não estou com medo. Na verdade, estou curiosa. A morte não vai tirar de minha boca um farelo que nela não pus, que não saboreei. Então, não se preocupem comigo. Agora, vão, todos vocês, e me deixem encontrar meu sono...

Em algum lugar, uma porta se fechou em silêncio.

— Assim está melhor. — Sozinha, ela se aconchegou luxuosamente no banco de neve quente de linho e lã, lençol e cobertor, e as cores da colcha de retalhos eram vivas como os cartazes de circo dos velhos tempos. Deitada ali, ela se sentia tão pequena e secreta como naquelas manhãs de oitenta e poucos anos antes, quando, acordando, aliviava seus ossos delicados na cama.

Há muito tempo, pensou ela, eu tive um sonho e estava gostando tanto dele quando alguém me acordou, e esse foi o dia em que nasci. E agora? Agora, deixe-me ver... Ela se lançou ao passado. Onde eu estava?, pensou ela. Noventa anos... Como recuperar o fio e o padrão desse sonho perdido? Ela estendeu a mãozinha. *Lá...* Sim, foi isso. Ela sorriu. Imersa na colina de neve quente, ela virou a cabeça no travesseiro. Assim era melhor. Agora, sim, agora ela o via tomando forma em sua mente de modo silencioso e com a serenidade de um mar que se move por uma praia interminável e refrescante. Ela deixou que o velho sonho a tocasse e a erguesse da neve e a fizesse flutuar sobre a cama de que mal se lembrava.

No primeiro andar, pensou ela, eles estão polindo a prataria, e revirando o porão, e tirando a poeira dos corredores. Ela podia ouvi-los vivendo por toda a casa.

— Está tudo bem — sussurrou a bisavó, enquanto o sonho a fazia flutuar.  
— Como tudo nesta vida, está perfeito.

E o mar a levou de volta à praia.



— UM FANTASMA! — gritou Tom.

— Não — disse uma voz. — Sou eu.

A luz fluiu horrivelmente no quarto escuro com cheiro de maçã. Um vidro de um litro de tampa de rosca, aparentemente suspenso no espaço, bruxuleou muitos flocos cor de crepúsculo de luz, acendendo e apagando. Naquela iluminação pálida, os olhos de Douglas brilharam, claros e solenes. Ele estava tão bronzeado que seu rosto e suas mãos se dissolveram no escuro, e seu pijama parecia um espírito desencarnado.

— Meu Deus! — exclamou Tom. — Duas dúzias, três dúzias de vaga-lumes!

— Psiu, pelo amor de Deus!

— Por que você os pegou?

— Andamos lendo à noite com lanternas sob os lençóis, não é? Então, ninguém vai desconfiar de um vidro velho com vaga-lumes. Vão pensar que é só um abajur.

— Doug, você é um gênio!

Douglas não respondeu. Com muita gravidade, colocou na mesa de cabeceira a fonte intermitente de luz e pegou seu lápis e começou a escrever longamente no bloco. Com os vaga-lumes ardendo, morrendo, ardendo,

morrendo, e olhos cintilando com três dúzias de fragmentos fugidios de cor verde-clara, escreveu no bloco por dez, vinte minutos, alinhando e realinhando, escrevendo e reescrevendo os fatos que ele reunira rapidamente durante a estação. Tom olhava, hipnotizado pela pequena fogueira de insetos saltando e se enrolando dentro do vidro, até que ficou paralisado, dormindo, apoiado no cotovelo, enquanto Douglas escrevia. Ele resumiu tudo na última página:

VOCÊ NÃO PODE DEPENDER DAS COISAS  
PORQUE...

*... como as máquinas, por exemplo, elas se quebram ou enferrujam ou apodrecem, ou talvez jamais tenham sido terminadas... ou acabam em garagens...*

*... como os tênis, você só pode correr até certa distância, até certa velocidade, e, depois, a terra o pega de novo...*

*... como os bondes, apesar de grandes, sempre chegam ao fim da linha...*

VOCÊ NÃO PODE DEPENDER DAS PESSOAS  
PORQUE...

*... elas vão embora.*

*... estranhos morrem.*

*... as pessoas que você conhece muito bem morrem.*

*... os amigos morrem.*

*... pessoas assassinam pessoas, como nos livros.*

*... sua própria família pode morrer.*

Então...!

Ele respirou bem fundo, expirou devagar, com um silvo, tomou mais ar e o soltou, com um sussurro entre os dentes trincados.

ENTÃO. Ele terminou em letras maiúsculas imensas e pesadas.

ENTÃO, SE OS BONDES E AS BARATINHAS E OS AMIGOS E OS QUASE AMIGOS PODEM SUMIR POR UM TEMPO OU PODEM IR EMBORA PARA SEMPRE, OU ENFERRUJAR, OU SE QUEBRAR OU MORRER, E SE AS PESSOAS PODEM SER ASSASSINADAS, E SE ALGUÉM COMO A BISAVÓ, QUE IA VIVER PARA SEMPRE, PODE MORRER... SE TUDO ISSO É VERDADE... ENTÃO... EU, DOUGLAS SPAULDING, UM DIA... DEVO...

Os vaga-lumes, como que extintos por seus pensamentos sombrios, apagaram-se delicadamente.

Não posso mais escrever, de qualquer modo, pensou Douglas. Não vou escrever mais. Não vou, não vou terminar isso esta noite.

Ele olhou para Tom, que dormia apoiado no cotovelo e na mão. Ele tocou o pulso de Tom, e Tom desabou em uma ruína de suspiros, de costas para a cama.

Douglas pegou o vidro com as protuberâncias escuras e frias, e as luzes delicadas bruxulearam novamente, como se sua mão lhes desse vida. Ele ergueu o vidro para que brilhasse intermitentemente sobre o resumo. As últimas palavras esperavam para ser escritas. Mas ele foi à janela e empurrou a tela. Abriu a tampa do vidro e soltou os vaga-lumes em uma chuva clara de centelhas pela noite sem vento. Eles averiguaram suas asas e voaram para longe.

Douglas os observou ir. Eles partiram como fragmentos pálidos de um último crepúsculo na história de um mundo agonizando. Eram como os poucos fiapos remanescentes de uma esperança sincera em sua mão. Eles deixaram escurecer seu rosto e seu corpo e o espaço dentro de seu corpo. Eles o deixaram vazio como o vidro que, agora, sem saber o que fazia, Douglas levou para a cama, quando tentou dormir...



LÁ ESTAVA ela, sentada em seu caixão de vidro, noite após noite, o corpo derretido pela orgia de calor do verão, congelado nos ventos espectrais do inverno, esperando com o sorriso doentio e o nariz esculpido em gancho, com poros de cera, pairando acima das claras e enrugadas mãos cor-de-rosa, postadas para sempre sobre o antigo baralho em leque. A Bruxa do Tarô. Um nome delicioso. A Bruxa do Tarô. Você colocava 1 centavo na ranhura prateada e, lá embaixo, por trás, lá dentro, a maquinaria gemia e rodava, alavancas golpeavam, rodas giravam. E ela, a bruxa, erguia seu rosto reluzente para cegar você com um único olhar penetrante. Sua implacável mão esquerda descia para golpear e picar enigmáticas cartas de tarô com crânios, demônios, homens enforcados, eremitas, cardeais e palhaços, enquanto sua cabeça pendia para investigar sua infelicidade ou assassinato, esperança ou saúde, seus renascimentos a cada manhã e as renovações da morte à noite. Depois, ela rabiscava uma caneta de calígrafo nas costas de uma única carta e, com uma risada, deixava-a deslizar pelo tubo até suas mãos. Depois disso, a bruxa, com um último brilho velado nos olhos, congelava-se de volta em sua coifa eterna por semanas, meses, anos, esperando a próxima moeda de 1 centavo para revivê-la do esquecimento. Agora, em sua inércia de cera, sofria a abordagem dos dois meninos.

Douglas deixou suas digitais no vidro.

— Aqui está ela.

— É uma boneca de cera — disse Tom. — Por que você quer que eu a veja?

— O tempo todo perguntando por quê! — gritou Douglas. — Porque sim, é *por isso*, porque sim!

Porque... As luzes da casa de jogos diminuíaam... porque...

Um dia, você descobre que está vivo.

Explosão! Abalo! Iluminação! Deleite!

Você ri, você dança, você grita.

Mas, pouco tempo depois, o sol vai embora. A neve cai, mas ninguém vê, em um meio-dia de agosto.

Na matinê de caubói no sábado passado, um homem caiu morto na tela branca e quente. Douglas gritou. Durante anos, ele vira bilhões de caubóis baleados, enforcados, queimados, destruídos. Mas, agora, aquele homem em particular...

Ele nunca vai andar, nem correr, nem se sentar, nem rir, nem chorar, não vai fazer nada nunca, pensou Douglas. Agora, ele está ficando frio. Os dentes de Douglas bateram, o coração bombeou lodo no peito. Ele fechou os olhos e deixou que a convulsão o sacudisse.

Ele precisava se afastar desses outros meninos, porque eles não estavam pensando na morte, só riam, gritavam para o morto como se ele ainda estivesse vivo. Douglas e o morto estavam em um barco que se afastava, todos os outros para trás na praia iluminada, correndo, pulando, alegres com o movimento, sem saber que o barco, o morto e Douglas estavam indo, indo, e, agora, entravam na escuridão. Chorando, Douglas correu para o banheiro masculino, que cheirava a limão, onde, passando mal, um hidrante de incêndio parecia agitar-se três vezes em sua garganta.

E, esperando que o enjoo passasse, ele pensou: Todas as pessoas que eu conheço que morreram neste verão! O coronel Freeleigh, morto! Não sabia disso antes. Por quê? A bisavó, morta, também. De verdade mesmo. Não só

isso, mas... Ele parou. Eu! Não, eles não podem me matar! Sim, disse uma voz, sim, a hora que quiserem, eles podem, não importa quanto você chute ou grite, eles simplesmente colocam a mãozona em você, e você fica imóvel... Não quero morrer!, gritou Douglas, sem emitir som algum. Você terá que morrer de qualquer jeito, disse a voz, você terá que morrer de qualquer jeito...

A luz do sol do lado de fora do cinema ardeu na rua irreal, nos prédios irreais e nas pessoas se movimentando lentamente, como sob um oceano brilhante e pesado de puro gás em chamas, e ele, pensando nisso agora, agora enfim ele deveria ir para casa terminar a última linha de seu caderno de 5 centavos: UM DIA, EU, DOUGLAS SPAULDING, DEVO MORRER...

Ele precisou de dez minutos para tomar coragem e atravessar a rua, o coração reduzindo o ritmo, e havia a casa de jogos, e ele viu a estranha bruxa de cera onde sempre se escondia na sombra fria e empoeirada, com as Parcas e as Fúrias enfiadas sob suas unhas. Um carro passando lampejou uma explosão de luz pela loja, fazendo saltarem as sombras, dando a impressão de que a mulher de cera assentia rapidamente para que ele entrasse.

E ele entrou sob a convocação da bruxa e saiu cinco minutos depois, certo da sobrevivência. Agora, precisava mostrar a Tom...

— Ela parece quase viva — disse Tom.

— Ela *está* viva. Vou mostrar a você.

Ele enfiou 1 centavo na ranhura.

Nada aconteceu.

Douglas gritou na casa de jogos para o sr. Black, o proprietário, sentado em um engradado de refrigerante, desarrolhando e tomando um gole de uma garrafa com um quarto de um líquido amarelo meio marrom.

— Ei, tem alguma coisa errada com a bruxa!

O sr. Black se remexeu, os olhos meio fechados, a respiração brusca e forte.

— Alguma coisa está errada com o pinball, errada com o cineminha, errada com a máquina de ELETROCUTE-SE POR 1 CENTAVO. — Ele bateu na caixa. — Ei, você aí! Trate de viver! — A bruxa continuou imperturbável. — Sai mais caro consertá-la todo mês que o lucro que ela me dá. — O sr. Black

estendeu a mão por trás da caixa e pendurou uma placa de COM DEFEITO na cara dela. — Ela não é a única coisa com defeito. Eu, você, esta cidade, este país, o mundo todo! Para o inferno! — Ele agitou o punho para a mulher. — Seu monte de lixo, está ouvindo, seu monte de lixo! — Ele se afastou e afundou no engradado de refrigerante para sentir as moedas no bolso do avental de novo, como se seu estômago lhe provocasse dor.

— Ela não pode... Ah, ela não pode estar com defeito — disse Douglas, magoado.

— Ela é velha — disse Tom. — O vovô disse que ela estava aqui quando ele era menino e até antes disso. Então, é lógico que um dia ela ia pifar e...

— Agora vamos — sussurrou Douglas. — Ah, por favor, por favor, escreva para Tom poder ver!

Ele enfiou outra moeda furtivamente na máquina.

— Por favor...

Os meninos comprimiram-se no vidro, seu hálito formando nuvens no painel.

E, então, bem no fundo da caixa, um sussurro, um chiado.

E, lentamente, a cabeça da bruxa se levantou e olhou os meninos, e havia algo em seus olhos que os deixou paralisados enquanto sua mão começava a rabiscar quase freneticamente de um lado para outro nas cartas de tarô, parava, se apressava, voltava. Sua cabeça tombou, uma das mãos descansou, e um abalo agitou a máquina enquanto a outra mão escrevia, parava, escrevia e, por fim, parou com um paroxismo tão violento que o vidro da caixa repicou. A cara da bruxa curvou-se com uma infelicidade mecânica e rígida, quase fechada em uma bola. Depois, a maquinaria arfou, uma única engrenagem se moveu lentamente, e diminuta carta de tarô desceu pelo tubo nas mãos em concha de Douglas, deixando-o imensamente satisfeito.

— Ela está viva! Ela está funcionando de novo!

— O que a carta diz, Doug?

— É a mesma que ela escreveu para mim no sábado passado! Escute...

E Douglas leu:

*Ei!*

*Nananinaninanão!*

*Só um tolo quer morrer!*

*Vamos dançar e viver*

*até a morte chegar.*

*Em vinho vamos nadar*

*enquanto o vento soprar*

*Cantar, no mar de verão!*

*que é a vida aproveitar:*

*“Nananinaninanão!”*

— É só isso que ela diz? — perguntou Tom.

— Embaixo tem a mensagem: PREVISÃO: uma longa vida e animada.

— Gosto mais disso! Agora, e uma para mim?

Tom pôs a moeda. A bruxa estremeceu. Uma carta caiu na mão dele.

— O último a sair daqui é a mulher do padre — disse Tom, calmamente.

Eles correram para fora dali tão rápido que o proprietário arfou e fechou 45 moedas de 1 centavo em uma das mãos e 36 na outra.

Do lado de fora, no brilho das luzes da rua intranquila, Douglas e Tom fizeram uma descoberta terrível.

A carta de tarô estava vazia. Não havia mensagem nenhuma.

— Não pode ser!

— Não fique agitado, Doug. É só uma simples e velha carta. Só perdemos 1 centavo.

— Não é só uma carta velha, é mais que 1 centavo, é vida e morte.

Sob a luz tremeluzente na rua, o rosto de Douglas estava opaco ao encarar a carta e virá-la, sussurrando, tentando, de algum modo, colocar palavras nela.

— Ela ficou sem tinta.

— Ela *nunca* fica sem tinta!

Ele olhou o sr. Black sentado ali, terminando sua garrafa e praguejando, sem saber a sorte que tinha vivendo na casa de jogos. Por favor, pensou ele, não

deixe que a casa de jogos desmorone também. Já é bem ruim que os amigos desapareçam, que as pessoas sejam mortas e enterradas no mundo real, mas deixe que a casa de jogos funcione como sempre funcionou, por favor, por favor...

Agora, Douglas sabia por que a casa de jogos o atraía tão constantemente naquela semana e o atraía ainda naquela noite. Porque havia um mundo perfeitamente em seu lugar, previsível, certo, seguro, com suas ranhuras prateadas e brilhantes, seu gorila terrível por trás do vidro, para sempre apunhalado por um herói de cera para salvar uma heroína feita de ainda mais cera, e então a agitação de queda d'água dos pequeninos Keystone Kops nos eternos fusos fotográficos espiralando no escuro por moedas de 1 centavo sob a lâmpada desprotegida. Os Kops, para sempre em choque ou quase em choque com o trem, o caminhão, o bonde, para sempre caindo de cais em oceanos que não afogavam, porque dali eles corriam para se chocar de novo com trem, caminhão, bonde, mergulhar do velho e lindamente familiar cais. Mundo dentro de mundos, o centavo mostra o que você aciona para repetir velhos ritos e fórmulas. Ali, quando você desejasse, os Irmãos Wright navegavam por ventos arenosos em Kittyhawk, Teddy Roosevelt expunha seus dentes deslumbrantes, San Francisco era construída e queimada, queimada e construída, desde que moedas suadas alimentassem as máquinas vaidosas.

Douglas olhou a cidade à noite, onde qualquer coisa podia acontecer dali a um minuto. Aqui, dia ou noite, quão poucas são as ranhuras para se colocarem moedas, quão poucas as cartas de baralho entregues em sua mão para serem lidas, e, se você ler, quão poucas fazem sentido. Aqui, no mundo das pessoas, você pode dar tempo, dinheiro e orações com pouco ou nenhum retorno.

Mas, ali, na casa de jogos, você podia segurar relâmpagos com a máquina elétrica CONSEGUE PEGAR ISSO? quando você separava suas alavancas cromadas, enquanto o poder de ferrão de vespa, chiando, cosia seus dedos vibrantes. Você socava um saco e via quantas centenas de quilos de nervos havia em seu braço para golpear o mundo se ele precisasse de uns golpes. Ali se agarrava uma robótica mão para lutar com sua fúria de índio e acender as lâmpadas quase no

alto de um gráfico numerado, onde fogos de artifício provavam sua violência suprema.

Na casa de jogos, então, você fazia isso e isso, e aquilo e aquilo aconteciam. Você saía em paz como de uma igreja que não conhecia.

E agora? Agora?

A bruxa em movimento, mas silenciosa, e talvez em breve morta em seu caixão de cristal. Douglas olhou o sr. Black cochilando ali, desafiando todos os mundos, até o dele. Um dia, a maquinaria enferrujaria por falta de amor, os Keystone Kops parariam para sempre meio para dentro, meio para fora do lago, meio apanhados, meio atingidos pela locomotiva, os Irmãos Wright jamais tirariam sua máquina de voar do chão...

— Tom — disse Douglas —, temos que sentar na biblioteca e pensar nas coisas.

Eles andaram pela rua, a carta branca sem nada escrito passando entre eles.

Eles se sentaram dentro da biblioteca na luz verde e depois sentaram-se do lado de fora, no leão de pedra entalhada, balançando os pés sobre seu dorso, o cenho franzido.

— O velho Black, o tempo todo gritando com ela, ameaçando matá-la.

— Ele trata a bruxa como se ela estivesse viva ou como se um dia ela tivesse vivido, ou coisa assim. Gritando com ela. Então talvez ela finalmente tenha desistido. Ou talvez ela, afinal, não tenha desistido, mas arrumado um jeito secreto de nos avisar de que a vida dela está correndo perigo. Tinta invisível. Suco de limão, talvez! Há uma mensagem aqui que ela não quer que o sr. Black veja, e veria se olhasse enquanto estávamos na casa de jogos. Espere aí! Tenho fósforos.

— Por que ela escreveria para nós, Doug?

— Segure a carta. Tome! — Douglas riscou um fósforo e o passou sob a carta.

— Ai! As palavras não estão em meus dedos, Doug, então coloque esse fósforo para lá.

— Olha! — gritou Douglas. E lá estava: um rabisco ténue e fino que começava a tomar forma em uma espiral de inacreditáveis letras ziguezagueantes de calígrafo, escuras na luz... Uma palavra, duas, três...

— A carta está pegando fogo!

Tom gritou e a largou.

— Pise nela!

Mas, quando eles pularam para esmagar os pés no espinhaço de pedra do antigo leão, a carta era uma ruína negra.

— Doug! Agora, nunca vamos saber o que ela dizia!

Douglas segurou as cinzas quentes em flocos na palma da mão.

— Não, eu vi. Eu me lembro das palavras.

As cinzas sopraram de seus dedos, sussurrando.

— Lembra aquela comédia de Charlie Chase, na primavera passada, em que o francês estava se afogando e gritava alguma coisa em francês que Charlie Chase não entendia? *Secours, secours!* E alguém disse a Charlie o que significava, e ele pulou e salvou o homem. Bem, nessa carta, com meus próprios olhos, eu vi. *Secours!*

— Por que ela escreveria em francês?

— Para o sr. Black não entender, seu burro!

— Doug, só tinha uma marca d'água velha aparecendo quando você torrou a carta... — Tom viu o rosto de Douglas e parou. — Tudo bem, não fique chateado. Era sugar ou coisa assim. Mas havia outras palavras...

— Dizia: Mme. Tarô. Tom, agora eu entendi! Mme. Tarô é real, viveu há muito tempo, dizia a sorte das pessoas. Eu vi a foto dela uma vez na enciclopédia. As pessoas vinham de toda a Europa para vê-la. Bem, não entendeu agora? Pense, Tom, pense!

Tom voltou a se sentar no dorso do leão, olhando a rua, para onde bruxuleavam as luzes da casa de jogos.

— Não é a sra. Tarô *de verdade*?

— Dentro da caixa de vidro, sob toda aquela seda azul e vermelha e toda a cera meio derretida, claro que é! Talvez, muito tempo atrás, alguém tenha

ficado com inveja ou ódio dela, e despejado cera em cima dela, e a mantido prisioneira para sempre, e então ela passou de vilão em vilão e terminou aqui, séculos depois, em Green Town, Illinois... Trabalhando por moedas de 1 centavo, em vez das cabeças coroadas da Europa!

— Vilões? O sr. Black?

— O nome é Black, preto, a camisa é preta, a calça é preta, a gravata é preta. Os vilões dos filmes vestem preto, não é?

— Mas por que ela não reclamou no ano passado, e no ano retrasado?

— Talvez, toda noite, por uns cem anos, ela venha escrevendo com suco de limão mensagens nas cartas, mas todo mundo leia só sua mensagem comum, ninguém pense, como nós, em passar um fósforo nas costas para revelar a mensagem *real*. Por sorte, eu sei o que significa *secours*.

— Tudo bem, ela disse Socorro! E agora?

— Vamos salvá-la, é claro.

— Roubá-la debaixo do nariz do sr. Black, hein? E vamos terminar nós mesmos como uma bruxa em caixas de vidro com cera despejada em nossas caras pelos próximos 10 mil anos.

— Tom, a biblioteca fica aqui. Vamos nos armar de feitiços e poções mágicas para combater o sr. Black.

— Só existe uma poção mágica que vai dar jeito no sr. Black — disse Tom. — Logo ele terá moedas de 1 centavo suficientes em uma noite destas, e... Bem, vamos ver. — Tom retirou algumas moedas do bolso. — Isto pode dar certo. Doug, vá ler os livros. Eu vou voltar e olhar os Keystone Kops quinze vezes. Nunca me canso disso. Quando você me encontrar na casa de jogos, a velha poção mágica poderá estar funcionando para nós.

— Tom, espero que saiba o que está fazendo.

— Doug, quer resgatar a princesa ou não?

Douglas girou e pulou.

Tom viu as portas da biblioteca se fecharem de forma barulhenta e se ajustarem. Depois, pulou do dorso do leão e entrou na noite. Na escada da biblioteca, as cinzas da carta de tarô tremulavam, sopradas para longe.

A casa de jogos estava escura. Lá dentro, as máquinas de pinball estavam escuras e enigmáticas como rabiscos em uma caverna de gigante. Os cineminhas traziam Teddy Roosevelt e os Irmãos Wright sorrindo de leve ou só acionando uma hélice de madeira. A bruxa estava sentada em sua caixa, os olhos de cera fundos. E, então, de repente, um olho cintilou. Uma lanterna subiu e desceu do lado de fora através das vidraças empoeiradas da loja. Uma figura pesada atirou-se na porta trancada, uma chave raspou na fechadura. A porta se escancarou repentinamente. Houve um suspiro pesado.

— Sou eu, minha velha — disse o sr. Black, balançando.

Na rua, aproximando-se com o nariz em um livro, Douglas encontrou Tom escondido em uma porta próxima.

— Xiii! — disse Tom. — Deu certo. Os Keystone Kops, quinze vezes. E, quando o sr. Black me ouviu largar todo aquele dinheiro lá dentro, seus olhos esbugalharam, ele abriu a máquina, pegou as moedas, me expulsou dali e atravessou a rua para tomar a poção mágica no bar.

Douglas se esticou de mansinho, espiou a loja escura e viu as duas figuras de gorila, uma sem se mexer, a heroína de cera em seus braços, a outra atordoada no meio da sala, oscilando de leve de um lado para outro.

— Ah, Tom — sussurrou Douglas —, você é um gênio. Ele está simplesmente *cheio* de poção mágica, não é?

— Pode apostar que *sim*. O que *você* descobriu?

Douglas deu um tapinha no livro e falou com a voz baixa.

— Mme. Tarô, como eu disse, contou a todos sobre a morte e o destino e essas coisas em salões dos ricos, mas cometeu um erro. Ela previu a derrota de Napoleão e a morte na *cara* dele! Então...

A voz de Douglas diminuiu enquanto ele olhava novamente, pela vidraça empoeirada, a figura distante, sentada silenciosamente em sua caixa de cristal.

— *Secours* — murmurou Douglas. — O velho Napoleão apelou para as obras de cera de Mme. Tussaud e largou a Bruxa do Tarô viva na cera fervente, e agora..., agora...

— Cuidado, Doug, o sr. Black está lá dentro! Ele pegou um porrete ou coisa assim!

Era verdade. Dentro da loja, xingando terrivelmente, a imensa figura do sr. Black balançou. Em sua mão, uma faca de acampamento agitou-se no ar a 15 centímetros do rosto da bruxa.

— Ele está implicando, porque ela é a única coisa que parece humana em toda esta espelunca — disse Tom. — Ele não vai machucá-la. Ele vai desabar a qualquer momento e dormir.

— Não, senhor — disse Douglas. — Ele sabe que ela nos avisou e que vamos resgatá-la. Ele não quer que a gente revele seu segredo criminoso. Então, talvez hoje à noite ele vá destruí-la de uma vez por todas.

— Como ele poderia saber que ela nos avisou? Nem nós sabíamos antes de sairmos de lá.

— Ele a fez dizer, colocou moedas na máquina. É uma coisa sobre o que ela não pode mentir, as cartas, todos os crânios e ossos do tarô. Ela simplesmente não conseguiu deixar de dizer a verdade e lhe deu uma carta, claro, com dois cavaleiros nela, do tamanho de crianças, entendeu? Somos nós, com porretes em nossas mãos, andando pela rua.

— Pela última vez! — gritou o sr. Black de dentro da caverna. — Estou colocando a moeda. Agora, pela última vez, maldição, me diga! Esta porcaria de casa de jogos vai me dar lucro ou vou declarar falência? Como todas as mulheres. Fica sentada aí, com cara de peixe morto, enquanto um homem passa fome! Dê a minha carta. Isso! Agora, vamos ver. — Ele segurou a carta na luz.

— Ah, meu Deus! — sussurrou Douglas. — Prepare-se.

— Não! — gritou o sr. Black. — Mentirosa! Mentirosa! Tome isso! — Ele esmurrou a caixa. O vidro explodiu em uma grande chuva de luz estelar, era o que parecia, e caiu na escuridão. A bruxa ficou sentada, desprotegida, ao ar livre, reservada e calma, esperando pelo segundo golpe.

— Não! — Douglas passou rapidamente pela porta. — Sr. Black!

— Doug! — gritou Tom.

O sr. Black girou ao grito de Tom. Ergueu a faca às cegas no ar como que para golpear. Douglas ficou paralisado. Depois, de olhos arregalados, as pálpebras piscando uma vez, o sr. Black virou-se perfeitamente, de modo que caiu de costas e levou o que pareceram mil anos para atingir o chão, a lanterna balançando na mão direita, a faca lhe escapando como um peixe prateado da mão esquerda.

Tom andou devagar para olhar a figura estirada no escuro.

— Doug, ele está morto?

— Não, só o choque das previsões de Mme. Tarô. Rapaz, ele está com um olhar escaldado. Horríveis, isso é o que as cartas devem ter sido.

O homem dormia ruidosamente no chão.

Douglas pegou as cartas de tarô espalhadas, colocando-as, trêmulo, no bolso.

— Vamos, Tom, vamos tirá-la daqui antes que seja tarde demais.

— Raptá-la? Ficou maluco?!?

— Quer ser culpado por ser cúmplice em um crime ainda pior? Assassinato, por exemplo?

— Pelo amor de Deus, você não pode matar uma maldita boneca velha!

Mas Doug não estava ouvindo. Tinha estendido a mão pela caixa aberta e, agora, como se ela tivesse esperado por isso havia muitos anos, a Bruxa do Tarô de cera, com um suspiro sussurrante, inclinou-se para a frente e caiu lentamente nos braços dele.

O relógio da cidade bateu nove e quarenta e cinco. A lua estava alta e enchia o céu com um uma luz quente, mas invernal. A calçada era de prata sólida em que sombras escuras se mexiam. Douglas se movimentava com a coisa de veludo e cera encantada nos braços, parando para se esconder em poças de sombra sob árvores trêmulas, sozinho. Ele escutava, olhando para trás. Um som de camundongo correndo. Tom irrompeu pela esquina e se postou ao lado dele.

— Doug, eu fiquei para trás. Tive medo de que o sr. Black estivesse, bem... Depois, ele começou a ressuscitar... xingando... Ah, Doug, se ele pegasse você com a boneca! O que nossa família ia pensar? Roubando!

— Silêncio!

Eles escutaram o rio enluarado da rua atrás deles.

— Agora, Tom, pode vir me ajudar a resgatá-la, mas não pode ficar dizendo boneca ou falando alto ou se arrastando feito um peso morto.

— Vou ajudar! — Tom assumiu metade do peso. — Nossa, ela é leve!

— Ela era bem jovem quando Napoleão... — Douglas parou. — Os velhos são pesados. É assim que a gente sabe.

— Mas por quê? Diga por que toda essa correria por ela, Doug. Por quê?

Por quê? Douglas piscou e parou. As coisas tinham corrido rápido demais, ele tinha chegado longe demais, e seu sangue estava tão quente que ele havia muito se esquecido do porquê. Só naquele momento, enquanto eles andavam novamente pela calçada, as sombras como borboletas negras em suas pálpebras, o cheiro intenso de cera empoeirada nas mãos deles, ele teve tempo de raciocinar por que e, lentamente, ao falar disso, sua voz estava estranha como o luar.

— Tom, há algumas semanas, descobri que eu estava vivo. Rapaz, eu pulei de alegria. E, depois, na semana passada, no cinema, descobri que um dia vou morrer. Nunca pensei nisso, de verdade. E, de repente, era como saber que a Associação Cristã de Moços ia ser fechada para sempre... Ou que a escola, o que não é tão ruim, se a gente pensar bem, vai acabar para sempre. Todas as pereiras nos arredores da cidade murchando, e a ravina sendo aterrada, nenhum lugar para brincar de novo, e eu doente na cama pelo maior tempo que eu possa imaginar, e tudo escuro, e eu fico com medo. Então, não sei. O que quero fazer é isso: ajudar Mme. Tarô. Vou escondê-la por algumas semanas ou meses enquanto pesquiso nos livros de magia negra da biblioteca como desfazer feitiços e retirá-la da cera para que viaje pelo mundo de novo depois de todo esse tempo. E ela vai ficar tão agradecida que vai pôr as cartas com todos aqueles demônios e taças e espadas e ossos, e vai me dizer de que buracos

desviar e quando ficar na cama em algumas tardes de quinta-feira. Vou viver para sempre, ou quase isso.

— Você não acredita nisso.

— Sim, eu acredito. Na maior parte disso. Olhe agora, aqui está a ravina. Vamos cortar caminho pelo monturo e...

Tom parou. Douglas o havia parado. Os meninos não se viraram, mas ouviram golpes pesados de pés atrás deles, cada um como um tiro de espingarda disparado no leito de um lago seco não muito distante. Alguém gritava e praguejava.

— Tom, você deixou que ele o seguisse!

Enquanto eles corriam, a mão de um gigante os ergueu e atirou-os para o lado, e o sr. Black estava ali, pendendo para a esquerda e a direita, e os meninos, gritando, no mato, viram o homem delirante, a saliva jorrando no ar, saída de seus dentes cortantes e de seus lábios escancarados. Ele segurou a bruxa pelo pescoço e pelo braço, e fuzilou os meninos com os olhos ardentes.

— Isso é meu! Para fazer com ela o que eu quero! O que vocês queriam fazer, levando-a? Ela provocou todos os meus problemas... Dinheiro, negócios, tudo. Aqui está o que eu penso dela!

— Não! — gritou Douglas.

Mas, como uma grande catapulta de ferro, os braços enormes ergueram a figura contra a lua, e brandiram e giraram seu frágil corpo sob as estrelas, e deixaram-na voar com uma imprecisão e um vento sussurrante pelo ar na ravina, tombando, e criando com isso avalanches de lixo na poeira e nas cinzas brancas.

— Não! — disse Douglas, sentando-se ali, olhando para baixo — NÃO!

O homenzarrão ameaçou cair na beira da colina, ofegando.

— Agradeçam a Deus por não ter sido com vocês que fiz isso! — Ele se afastou desequilibrado, caindo uma vez, levantando-se, falando consigo mesmo, rindo, xingando, e indo-se depois.

Douglas sentou-se na beira da ravina e chorou. Depois de um bom tempo, assoou o nariz. Olhou para Tom.

— Tom, está tarde, papai vai sair procurando por nós. Devíamos ter chegado em casa há uma hora. Corra pela rua Washington, pegue papai e o traga aqui.

— Você não vai atravessar esta ravina, não é?

— A bruxa, agora, é propriedade da prefeitura, na lixeira pública, e ninguém vai ligar para o que acontecer, nem mesmo o sr. Black. Diga ao papai por que ele precisa vir aqui e que ele não pode ser visto indo para casa comigo e com ela. Vou tirá-la dali, e ninguém jamais vai saber.

— Ela não vai fazer nenhum bem a você agora. A maquinaria foi toda quebrada.

— Não podemos deixá-la aí fora, na chuva. Não vê, Tom?

— Claro.

Tom afastou-se lentamente.

Douglas desceu a colina, pisando em pilhas de cinza e papel velho e latas de estanho. No meio da descida, ele parou e escutou. Olhou a obscuridade multicolor, o grande deslizamento de terra abaixo.

— Mme. Tarô? — Ele quase sussurrou. — Mme. Tarô?

No pé da colina, ao luar, ele pensou ter visto sua mão de cera se mexer. Era um pedaço de papel branco, soprando. Mas ele foi para lá assim mesmo...

O relógio da cidade bateu meia-noite. Quase todas as luzes da casa estavam acesas. Na garagem que servia de oficina, os dois meninos e o homem afastaram-se da bruxa, que agora estava sentada, arrumada novamente e em paz em uma velha cadeira de vime diante de uma mesa de cartas coberta por uma toalha, sobre a qual se espalhavam, em leques fantásticos de papas, palhaços e cardeais e mortes, sóis e cometas, as cartas de tarô que uma das mãos de cera tocava.

O pai estava falando.

— ... sabe como é. Quando eu era menino, quando o circo saía da cidade, eu corria por aí recolhendo 1 milhão de cartazes. Mais tarde, foram coelhos procriando e mágica. Eu fazia ilusões no sótão e não conseguia me livrar delas.

— Ele balançou a cabeça para a bruxa. — Ah, eu lembro que ela disse minha sorte uma vez, há trinta anos. Bem, vocês a limpem adequadamente e depois vão para a cama. Vamos construir uma caixa especial para ela no sábado. — Ele saiu pela porta da garagem, mas parou quando Douglas falou suavemente.

— Pai. Obrigado. Obrigado pela caminhada para casa. Obrigado.

— Ora essa! — disse o pai e se foi.

Os dois meninos ficaram sozinhos com a bruxa e se olharam.

— Meu Deus, andamos pela rua principal, nós quatro, você, eu, papai e a bruxa! Papai é um sujeito raro!

— Amanhã — disse Douglas —, vou descer e comprar o restante da máquina do sr. Black, por dez pratas, ou ele vai jogar fora.

— Claro. — Tom olhou a velha ali, na cadeira de vime. — Rapaz, ela parece mesmo viva. Eu gostaria de saber como ela é por dentro.

— Ossos pequenininhos de passarinho. Só o que sobrou de Mme. Tarô depois que Napoleão...

— Não tem maquinaria nenhuma? Por que simplesmente não a cortamos e abrimos para ver?

— Temos muito tempo para isso, Tom.

— Quando?

— Bem, daqui a um ano, dois anos, quando eu tiver 14 ou 15, vai ser a hora de fazer isso. Agora, não quero saber de nada, a não ser de que ela está aqui. E, amanhã, vou trabalhar nos feitiços para deixá-la escapar para sempre. Em uma noite destas, você vai ouvir que uma italiana bonita e estranha foi vista no centro da cidade com um vestido de verão, comprando uma passagem para o leste, e todo mundo a viu na estação e no trem enquanto ele partia, e todo mundo disse que ela era a mulher mais bonita que já haviam visto na vida, e quando você ouvir isso, Tom... E, pode acreditar, a novidade vai se espalhar rápido! Ninguém vai saber de *onde* ela veio ou *aonde* ela foi... Então, você vai saber que fiz o feitiço e a libertei. E, depois, como eu disse, daqui a um ano, dois anos, nessa noite em que o trem partir, será a hora de cortarmos a

cera. Com ela tendo ido embora, é possível que você encontre apenas engrenagens, rodas e essas coisas dentro dela. É assim que é.

Douglas pegou a mão da bruxa e a moveu para a dança da vida, o divertimento da morte de ossos brancos, as datas e os julgamentos adversos, os destinos e as loucuras, batendo, tocando, roçando suas unhas gastas. O rosto dela se inclinou com um equilíbrio secreto, ela olhou os meninos, e os olhos reluziram com intensidade à luz da lâmpada, sem piscar.

— Digo sua sorte, Tom? — perguntou Douglas, com a voz baixa.

— Claro.

Uma carta caiu da manga volumosa da bruxa.

— Tom, viu isso? Uma carta escondida, e, agora, ela a joga para nós! — Douglas segurou a carta na luz. — Está em branco. Vou colocar em uma caixa de fósforos cheia de produtos químicos durante a noite. Amanhã, vamos abrir a caixa, e a mensagem estará lá!

— O que ela vai dizer?

Douglas fechou os olhos para ver melhor as palavras.

— Vai dizer: Obrigada, de sua humilde serva e amiga agradecida, Mme. Floristan Mariani Tarô, a Quiromante, Curadora de Almas e Adivinhadora Profunda das Parcas e das Fúrias.

Tom riu e sacudiu o braço do irmão.

— Vamos, Doug, o que mais, o que mais?

— Vejamos... E vai dizer: Ei, Nananinaninã!... Vamos dançar e viver... até a morte chegar... a vida aproveitar... Nananinaninã! E vai dizer: Tom e Douglas Spaulding, tudo o que quiserem, por toda a sua vida, vocês conseguirão... E vai dizer que vamos viver para sempre, você e eu, Tom, vamos viver para sempre...

— Tudo isso em uma única carta?

— Tudo isso, cada pedaço disso, Tom.

Na luz da lâmpada elétrica, eles se curvaram, as cabeças dos dois meninos abaixadas, a cabeça da bruxa abaixada, fitando sem parar a carta em branco,

linda e promissora, seus olhos brilhantes sentindo cada palavra incrivelmente oculta que logo surgiria do t nue esquecimento.

— Ei — disse Tom na mais suave das vozes.

E Douglas repetiu com um sussurro glorioso:

— Ei...



FRACA, a voz entoava sob as árvores verdes e ardentes ao meio-dia.

— ... nove, dez, onze, doze...

Douglas andou lentamente pelo gramado.

— Tom, o que está contando?

— ... treze, quatorze, cala a boca, dezesseis, dezessete, cigarras, dezoito, dezenove...!

— Cigarras?

— Ah, que inferno! — Tom descerrou os olhos. — Inferno, inferno, inferno!

— É melhor que as pessoas não ouçam você xingando.

— Inferno, inferno, o inferno é um lugar! — gritou Tom. — Agora, tenho que começar tudo de novo. Eu estava contando as vezes em que as cigarras cantam a cada quinze segundos. — Ele ergueu o relógio de 2 dólares. — Você conta o tempo, depois soma 39 e consegue a temperatura em Fahrenheit naquele exato momento. — Ele olhou com um olho fechado o relógio, inclinou a cabeça e sussurrou de novo: — Um, dois, três...!

Douglas virou a cabeça devagar, ouvindo. Em algum lugar no céu de cor ardente, um grande fio de cobre era dedilhado e vibrado. Repetidas vezes, as

vibrações metálicas penetrantes, como cargas de eletricidade bruta, caíam em choques paralisantes das árvores atordoadas.

— Sete! — contou Tom. — Oito.

Douglas subiu lentamente a escada da varanda. Penosamente, espiou o corredor. Ficou ali por um momento, depois, devagar, desceu da varanda e falou baixinho para Tom:

— Faz exatamente 87 graus Fahrenheit.

— ... 27, 28...

— Ei, Tom, você me ouviu?

— Eu ouvi... Trinta, 31! Saia daqui! Trinta e dois, 33, 34!

— Pode parar de contar agora. Lá dentro, naquele velho termômetro, faz 87 graus e está subindo, sem a ajuda de nenhum gafanhoto.

— Cigarras! Trinta e nove, quarenta! Não são gafanhotos! Quarenta e dois!

— Oitenta e sete graus Fahrenheit, achei que gostaria de saber.

— Quarenta e cinco, isso é lá dentro, não aqui fora! Quarenta e nove, cinquenta, 51! Cinquenta e dois, 53! Cinquenta e três mais 39 dá... Noventa e dois graus!

— Quem disse isso?

— Eu digo! Não são 87 graus Fahrenheit! São 92 graus Spaulding!

— Você e quem mais?

Tom pulou e parou de cara vermelha, olhando para o sol.

— Eu e as cigarras, é isso! Eu e as cigarras! Você é minoria! Noventa e dois, 92 Spaulding, por Deus!

Os dois ficaram olhando o céu impiedoso e sem nuvens como uma câmera quebrada que encarava, com o obturador aberto, a cidade imóvel e ferida, morrendo em um suor abrasador.

Douglas fechou os olhos e viu dois sóis idiotas dançando no lado inverso das pálpebras rosadas e translúcidas.

— Um... dois... três...

Douglas sentiu seus lábios se mexerem.

— ... quatro... cinco... seis...

Desta vez, as cigarras cantavam ainda mais rápido.



DO MEIO-DIA ao pôr do sol, da meia-noite ao amanhecer, um homem, um cavalo e uma carroça eram conhecidos de todos os 26.349 habitantes de Green Town, Illinois.

No meio do dia, por nenhum motivo claro, as crianças paravam e diziam:

— Lá vem o sr. Jonas!

— Lá vem o Ned!

— Lá vem a carroça!

Os mais velhos podiam olhar para o norte e o sul ou para o leste e o oeste e não viam nenhum sinal do homem chamado Jonas, do cavalo chamado Ned ou da carroça que era uma Conestoga do tipo que pinoteava pelas marés das pradarias até desaguar na vastidão do campo.

Mas, então, se você pegasse emprestada a orelha de um cão, sintonizasse bem e a esticasse com intensidade, podia ouvir, a quilômetros e quilômetros do outro lado da cidade, um canto como o de um rabino nas terras perdidas, um muçulmano em uma torre. A voz do sr. Jonas era sempre perceptível antes dele para que as pessoas tivessem meia hora, uma hora, para se preparar para sua chegada. E, quando sua carroça aparecia, os meios-fios estavam cheios de crianças enfileiradas, como que para um desfile.

E lá vinha a carroça e, em seu assento alto, sob um guarda-sol cáqui, as rédeas como um fluxo de água em suas mãos gentis, o sr. Jonas, cantando.

*Lixo, lixo!*

*Não, senhor, lixo não!*

*Lixo, lixo!*

*Não, madame, lixo não!*

*Bijuteria que já enferrujou.*

*Quinquilharia; agulha de tricô.*

*Raros badulaques!*

*Camisolas, bricabraques!*

*Mas... Lixo!*

*Lixo!*

*Não, senhor, lixo... não!*

Como podia dizer qualquer um que tivesse ouvido as músicas do sr. Jonas, compostas enquanto ele passava, ele não era um sucateiro comum. Aparentemente, sim, pelo modo como se vestia com farrapos de veludo e pelo boné caído na cabeça, coberto de broches de antigas campanhas presidenciais que remontavam a antes da batalha de Manila Bay. Mas ele era incomum daquele modo: não apenas seguia a luz do sol, mas também podia ser visto frequentemente com seu cavalo cruzando as ruas enluaradas, circulando durante a noite pelas ilhas, pelos quarteirões onde todas as pessoas moravam e que ele conhecia a vida toda. E, naquela carroça, ele carregava coisas que recolhera aqui e ali, e as carregava por um dia ou uma semana ou um ano até que alguém as quisesse ou precisasse delas. E, então, todos tinham que dizer: Eu quero esse relógio ou E quanto ao colchão? E Jonas lhes entregaria, não aceitaria dinheiro, e se afastaria, pensando na letra de outra música.

Então, acontecia que ele costumava ser o único homem vivo em toda Green Town às três da manhã, e, frequentemente, as pessoas com dor de cabeça, vendo-o se mover lentamente com seu cavalo, que brilhava ao luar,

corriam para ver se, por acaso, ele tinha aspirina, e ele tinha mesmo. Mais de uma vez ele fez partos às quatro da manhã, e, só então, as pessoas perceberam que suas mãos e unhas eram incrivelmente limpas — as mãos de um homem rico que tinha outra vida em algum lugar, a qual ninguém podia adivinhar. Às vezes, ele levava pessoas a seus trabalhos, no centro da cidade, e, às vezes, quando os homens não conseguiam dormir, ele subia nas varandas, levava charutos, e sentava-se com eles e fumava e conversava até o amanhecer.

Quem ou o que quer que ele fosse — não importando que parecesse diferente e louco — não era. Ele costumava explicar, delicadamente, que se cansara dos negócios em Chicago, muitos anos antes, e procurara por uma forma de passar o restante de sua vida. Não suportava as igrejas, embora apreciasse suas ideias, e, tendendo a pregar e despejar conhecimento, ele comprou o cavalo e a carroça e partiu para passar o restante da vida vendo se uma parte da cidade poderia pegar o que outra parte da cidade descartara. Via-se como uma espécie de processo, uma osmose que tornava as várias culturas dentro dos limites da cidade disponíveis umas às outras. Ele não suportava o desperdício, porque sabia que o lixo de um homem é o luxo de outro homem.

Assim, os adultos e, em especial, as crianças trepavam na carroça para olhar a vasta horda de tesouros em seu fundo.

— Agora, lembrem-se — dizia o sr. Jonas —, podem pegar o que quiserem se realmente quiserem. O teste é perguntarem a si mesmos: Será que eu quero isso de todo o coração? Posso viver o dia todo sem isso? Se vocês concluírem que estarão mortos ao poente, peguem a bendita coisa e corram. Ficarei feliz em deixar que tenham o que quer que seja.

E as crianças procuravam nas vastas pilhas de pergaminhos e brocados e rolos de papel de parede e cinzeiros de mármore e coletes e patins e cadeiras grandes e estofadas e mesas de canto e candelabros de cristal. Por um tempo, você só ouvia sussurros e agitação e tinido. O sr. Jonas observava, fumando confortavelmente seu cachimbo, e as crianças sabiam que ele estava observando. Às vezes, suas mãos se estendiam para um jogo de xadrez ou um colar de contas ou uma cadeira velha, e, exatamente quando tocavam o objeto,

as crianças olhavam para cima, e lá estavam os olhos do sr. Jonas, questionando gentilmente. E elas retiravam a mão e procuravam outra coisa. Até que, por fim, cada uma delas colocava a mão em um único item e o deixava ali. Seus rostos se elevavam e, dessa vez, estavam tão iluminados que o sr. Jonas tinha que rir. Ele erguia a mão como para proteger os olhos da luz em suas faces. Ele cobria os olhos por um momento. Quando fazia isso, as crianças gritavam seus agradecimentos, pegavam seus patins ou telhas de barro ou guarda-chuvas e, descendo da carroça, saíam correndo.

E as crianças voltavam um momento depois, com algo delas nas mãos, uma boneca ou um jogo de que haviam se cansado, cuja diversão desaparecera como o sabor de um chiclete, e, agora, era a vez de passar à outra parte da cidade, onde, vistos pela primeira vez, eles seriam revividos e reviveriam outras pessoas. Essas moedas de troca eram timidamente colocadas na beira da carroça, caindo em tesouros invisíveis, e, depois, a carroça estava rodando, chamejando luz em suas grandes rodas, como talos de girassol, e o sr. Jonas cantava novamente...

*Lixo!*

*Não, senhor, lixo não!*

*Não, madame, lixo não!*

até que ele estava fora de vista, e somente os cães, nas poças de sombra sob as árvores, ouviam o rabino na vastidão e abanavam o rabo...

— ... lixo...

Sumindo.

— ... lixo...

Um sussurro.

— ... *lixo*... — E ele se fora.

E os cães dormiram.



AS CALÇADAS eram assombradas por fantasmas de pó toda a noite, à medida que o vento de fornalha os convocava, girava-os e gentilmente os baixava com um resquício quente nos gramados. As árvores, trêmulas pelos passos de caminhantes da madrugada, peneiravam avalanches de poeira. A partir da meia-noite, parecia que um vulcão, para além da cidade, lançava cinzas quentes e vermelhas por toda parte, crestando vigilantes insones da noite e cães irritadiços. Cada casa era um sótão amarelo ardendo em combustão espontânea às três da manhã.

O amanhecer, então, era uma hora em que as coisas mudavam de elemento para elemento. O ar corria como águas de uma nascente vinda de lugar nenhum, sem som algum. O lago era um vapor muito parado e fundo sobre vales de peixes e areia que assavam sob seus vapores serenos. O asfalto era alcaçuz despejado nas ruas, tijolos vermelhos eram cobre e ouro, os topos dos telhados eram pavimentos de bronze. Os fios de alta tensão eram raios que pendiam para sempre, ardentes, uma ameaça sobre as casas adormecidas.

As cigarras cantavam mais e mais alto.

O sol não nascia, transbordava.

No quarto, com o rosto em uma massa borbulhante de transpiração, Douglas derretia na cama.

— Puxa vida! — disse Tom, entrando. — Vamos, Doug. Vamos nadar no rio o dia todo.

Douglas expirou. Douglas inspirou. O suor escorreu pelo pescoço.

— Doug, está acordado?

O mais leve assentir da cabeça.

— Não se sente bem, hein? Rapaz, esta casa vai pegar fogo hoje. — Ele pôs a mão na testa de Douglas. Era como tocar uma tampa de forno quente. Ele retirou os dedos, sobressaltado. Virou-se e desceu a escada.

— Mamãe — disse ele —, o Doug está doente de verdade.

A mãe, tirando ovos da geladeira, parou, deixou que um longo olhar de preocupação atravessasse seu rosto, pôs os ovos de volta e seguiu Tom ao segundo andar.

Douglas não tinha movido nem um dedo.

As cigarras começaram a cantar.

Ao meio-dia, correndo como se o sol o perseguisse para esmagá-lo no chão, o médico subiu a varanda da frente, ofegando, os olhos já fatigados, e deu sua maleta a Tom.

À uma hora, o médico saiu da casa, sacudindo a cabeça. Tom e a mãe ficaram parados atrás da porta de tela, enquanto o médico falava com a voz baixa, dizendo sem parar que não sabia, não sabia. Ele pôs o chapéu-panamá na cabeça, olhou o sol devastando e murchando a copa das árvores, hesitou como um homem mergulhando na beira do inferno e correu novamente para o carro. O escapamento do automóvel deixou uma grande nuvem de fumaça azulada no ar palpitante por cinco minutos depois que ele se foi.

Tom pegou o cortador de gelo na cozinha e lascou alguns prismas, que levou para o andar de cima. A mãe estava sentada na cama, e o único som no quarto era o de Douglas inspirando vapor e exalando fogo. Eles puseram o gelo com lenços no rosto e no corpo do menino. Puxaram as cortinas e deixaram o quarto feito uma caverna. Ficaram sentados até as duas horas, levando mais gelo. Depois, tocaram a testa de Douglas novamente, e era como uma

lâmpada que tinha ardido a noite toda. Depois de tocá-lo, você olhava seus próprios dedos para ter certeza de não estarem chamuscados até os ossos.

A mãe abriu a boca para dizer alguma coisa, mas, agora, as cigarras cantavam tão alto que faziam a poeira do teto cair.

Por dentro da vermelhidão, por dentro da cegueira, Douglas ficou deitado, ouvindo o vago pistão de seu coração, o fluxo e o refluxo turbos de sangue em seus braços e pernas.

Seus lábios estavam pesados, não se mexiam. Seus pensamentos eram pesados, mal palpitavam. Grãos de areia caindo em uma ampulheta, lentamente, um por um. *Tique.*

Virando uma esquina de trilho de aço brilhante, um bonde balançou, lançando uma onda de faíscas crepitantes, seu sino clamoroso batendo 10 mil vezes até se misturar às cigarras. O sr. Tridden acenou. O bonde irrompeu em uma esquina, como um canhoneio, e se dissolveu. Sr. Tridden!

*Tique.* Um grão caiu. *Tique.*

— Chug-a-chug-ding! Uuu-uuuuu!

No alto do telhado, um menino brincava de locomotiva, puxando uma corda de apito invisível, e, depois, ficou paralisado feito uma estátua.

— John! John Huff, você aí! Eu odeio você, John! John, somos amigos! Não odeio você, não.

John desceu o corredor de olmos como alguém que caía em um poço interminável de verão, encolhendo.

*Tique.* John Huff. *Tique.* Grãos de areia caindo. *Tique.* John...

Douglas moveu a cabeça, batendo no travesseiro branco, branco, terrivelmente branco.

As senhoras na Máquina Verde navegavam em um som de foca escura latindo, erguendo mãos brancas como pombas. Elas afundaram nas águas do gramado, as luvas ainda acenando para ele enquanto a grama se fechava...

Srta. Fern! Srta. Roberta!

*Tique...* *Tique...*

E, rapidamente, de uma janela do outro lado da rua, o coronel Freeleigh inclinou-se para fora com cara de relógio, e uma poeira de búfalo subiu na rua. O coronel Freeleigh cintilava e balançava, o queixo caído, uma mola atirada para fora e pendurada no lugar de sua língua. Ele desabou no peitoril feito um boneco, um braço ainda acenando...

O sr. Auffmann guiava algo brilhante, parecido com o bonde e a baratinha elétrica verde. Trilhou nuvens gloriosas e expeliu os olhos como o sol.

— Sr. Auffmann, o senhor inventou isso? — gritou ele. — Finalmente construiu a Máquina da Felicidade?

Mas, então, Douglas viu que não havia fundo na máquina. O sr. Auffmann corria no chão, carregando toda a incrível estrutura em seus ombros.

— A felicidade, Doug, aqui vai a felicidade! — Ele seguiu o caminho do bonde, de John Huff e das senhoras de dedos de pomba.

Acima, no telhado, um som de batida. Tap-rap-bang. Pausa. Tap-rap-bang. Pregos e martelo. Martelo e prego. Um coro de passarinhos. E uma velha cantando com uma voz frágil, mas entusiasmada:

*Vamos nos reunir no rio... no rio... no rio...*

...

*Sim, vamos nos reunir no rio...*

*Que corre junto ao trono de Deus...*

— Vovó! Bisavó!

Tap, suavemente, tap. Tap, suavemente, tap.

— ... no rio... no rio...

E, agora, eram só os passarinhos erguendo seus pezinhos e descendo-os novamente no telhado. Chacoalha, chacoalha. Arranha. Pia. Pia. Suave. Suave.

— ... no rio...

Douglas respirou e soltou o ar todo de uma vez, gemendo.

Ele não ouviu a mãe entrar correndo no quarto.

Uma mosca, como a cinza ardente de um cigarro, caiu em sua mão insensível, chiou e voou para longe.

Quatro da tarde. As moscas mortas na calçada. Os cães como esfregões molhados em seus canis. Sombras agrupadas sob as árvores. As lojas do centro da cidade fechadas e trancadas. A margem do lago vazia. O lago cheio de milhares de pessoas até o pescoço na água quente, mas reconfortante.

Quatro e quinze. Pelas ruas de tijolos da cidade, a carroça de sucata se movimentava, com o sr. Jonas cantando.

Tom, levado para fora de casa pela aparência abrasada do rosto de Douglas, caminhou lentamente para o meio-fio enquanto a carroça parava.

— Oi, sr. Jonas.

— Olá, Tom.

Tom e o sr. Jonas ficaram sozinhos na rua, com toda a linda sucata na carroça para olhar, e nenhum deles a olhava. O sr. Jonas não disse nada de princípio. Acendeu o cachimbo e o fumou, assentindo como se soubesse, antes de perguntar, que alguma coisa estava errada.

— Tom? — disse ele.

— É meu irmão — disse Tom. — Doug.

O sr. Jonas olhou a casa.

— Ele está doente — disse Tom. — Está morrendo!

— Ah, ora essa, não pode ser isso — disse o sr. Jonas, fazendo uma carranca para o mundo muito real, onde nada vagamente parecido com a morte podia ser encontrado naquele dia tranquilo.

— Ele está morrendo — disse Tom. — E o médico não sabe qual é o problema. O calor, disse ele, nada além do calor. Pode ser isso, sr. Jonas? O calor pode matar as pessoas, mesmo em um quarto escuro?

— Bem — disse o sr. Jonas e parou.

Tom começara a chorar.

— Eu sempre achei que o odiasse... Era o que eu achava... Nós brigamos a metade do tempo... Acho que eu o odiei... Às vezes... Mas, agora... Agora. Ah,

sr. Jonas, se ao menos...

— Se ao menos o quê, rapaz?

— Se ao menos o senhor tivesse alguma coisa nessa carroça que ajudasse. Alguma coisa que eu pudesse pegar e levar lá para cima, para o deixar bem.

Tom chorou novamente.

O sr. Jonas retirou seu grande lenço vermelho e o passou a Tom. Tom limpou os olhos e o nariz no lenço.

— Tem sido um verão difícil — disse Tom. — Muitas coisas aconteceram com o Doug.

— Fale-me sobre elas — disse o sucateiro.

— Bem — disse Tom, abrindo a boca em busca de ar, ainda sem ter parado de chorar —, primeiro, ele perdeu a melhor bola de gude de ágata, uma beleza mesmo. E, depois disso, alguém roubou a luva de apanhador, que custa 1 dólar e 99. Depois, foi a troca ruim que ele fez das pedras fósseis e da coleção de conchas com Charlie Woodman por uma estátua de argila de Tarzan que dá para conseguir guardando as tampas das caixas de macarrão. A estátua de Tarzan caiu na calçada no segundo dia que estava com ele.

— Isso é uma lástima — disse o sucateiro e conseguiu imaginar todos os pedaços no cimento.

— Depois, ele não conseguiu o livro de truques de mágica que queria de aniversário. Ganhou um par de calças e uma camisa. Foi o bastante para estragar o verão.

— Os pais, às vezes, se esquecem de como as coisas são — disse o sr. Jonas.

— Claro. — Tom continuou, com voz baixa. — Depois, o conjunto autêntico de grilhões da Torre de Londres de Doug ficou do lado de fora a noite toda e enferrujou. E o pior de tudo: eu fiquei 2 centímetros e meio mais alto e quase o alcanço.

— É só isso? — perguntou o sucateiro, com voz baixa.

— Posso pensar em umas dez dúzias de coisas, todas tão ruins ou piores. Em alguns verões, a gente tem uma falta de sorte dessas. Foi a traça entrando

na coleção de quadrinhos ou o mofo nos tênis novos desde que Doug saiu da escola.

— Eu me lembro de anos assim — disse o sucateiro.

Ele olhou o céu, e lá estavam todos os anos.

— Então é isso, sr. Jonas. É isso. É por isso que ele está morrendo...

Tom parou e virou o rosto.

— Deixe-me pensar — disse o sr. Jonas.

— Pode ajudar, sr. Jonas? O senhor *pode*?

O sr. Jonas olhou no fundo da carroça grande e velha e balançou a cabeça. Agora, à luz do sol, seu rosto parecia cansado, e ele começava a transpirar. Depois, ele espiou os montes de vasos e cúpulas de abajur e ninfas de mármore e sátiros feitos de cobre esverdeado. Ele suspirou. Virou-se e pegou as rédeas e lhes deu uma sacudidela suave.

— Tom — disse ele, olhando o dorso do cavalo —, verei você mais tarde. Tenho que planejar. Tenho que procurar e voltar depois do jantar. Até lá, quem sabe? Até lá... — Ele estendeu a mão e pegou um pequeno sino dos ventos japonês. — Pendure isto na janela do segundo andar. Eles fazem uma música linda!

Tom ficou parado com o sino dos ventos nas mãos enquanto a carroça se distanciava. Ele o segurou no alto, mas não havia vento. O sino não se mexeu. E não tocou nenhuma música.

Sete horas. A cidade parecia um vasto forno sob o qual os tremores de calor vinham do oeste sem parar. Sombras cor de carvão tremiam de cada casa, de cada árvore. Um homem ruivo andava embaixo delas. Tom, vendo-o iluminado pelo sol moribundo, mas abrasador, viu uma tocha orgulhosamente carregando a si mesma, viu uma raposa feroz, viu o demônio marchando em seu próprio território.

Às sete e meia, a sra. Spaulding saiu pela porta dos fundos da casa para colocar alguns restos de melancia na lata de lixo e viu o sr. Jonas parado ali.

— Como está o menino? — perguntou o sr. Jonas.

A sra. Spaulding parou por um momento, uma resposta tremendo nos lábios.

— Posso vê-lo, por favor? — pediu o sr. Jonas.

Ela ainda não conseguia dizer nada.

— Eu conheço bem o menino — disse ele. — Eu o vi quase todos os dias de sua vida, desde que ele começou a andar por aí. Tenho uma coisa para ele na carroça.

— Ele não está... — Ela ia dizer consciente, mas disse: — ... acordado. Não está acordado, sr. Jonas. O médico disse que ele não deve ser perturbado. Ah, não sabemos *qual é* o problema!

— Mesmo que ele não esteja acordado — disse o sr. Jonas —, gostaria de falar com ele. Às vezes, as coisas que você ouve durante o sono são mais importantes, você ouve melhor, elas penetram bem.

— Desculpe, sr. Jonas, não posso correr esse risco. — A sra. Spaulding segurou a maçaneta da porta de tela e passou rapidamente por ela. — Obrigada. Obrigada, de qualquer modo, por vir.

— Sim, senhora — disse o sr. Jonas.

Ele não se mexeu. Ficou olhando a janela no alto. A sra. Spaulding entrou na casa e fechou a porta de tela.

No segundo andar, na cama, Douglas respirava.

O som era como o de uma faca afiada entrando e saindo, entrando e saindo da bainha.

Às oito horas, o médico chegou e se foi, novamente, balançando a cabeça, sem o paletó, a gravata desfeita, parecendo ter perdido quinze quilos naquele dia. Às nove horas, Tom e a mãe e o pai carregaram uma cama para fora e levaram Douglas para dormir no jardim, sob a macieira, onde o vento, se aparecesse, encontraria o menino mais rápido que se ele estivesse nos quartos terríveis no segundo andar. Depois, ficaram andando de um lado para outro até as onze horas, quando colocaram o despertador para acordá-los às três e cortaram mais gelo para repor nas compressas.

Enfim, a casa ficou escura e silenciosa, e eles dormiram.

À meia-noite e trinta e cinco, os olhos de Douglas se encolheram.

A lua começara a se elevar.

E, longe, uma voz começou a cantar.

Era uma voz aguda e triste aumentando e diminuindo. Era uma voz clara e afinada. Não dava para distinguir as palavras.

A lua ficou sobre a beira do lago e olhou para Green Town, Illinois, e viu tudo e banhou tudo, cada casa, cada árvore, cada cachorro que parecia pré-histórico, contorcendo-se em seu sonho simples.

E parecia que, quanto mais alto a lua subia, mais próxima, mais alta e mais clara a voz cantava.

Douglas se virou em sua febre e suspirou.

Talvez fosse uma hora antes de a lua derramar toda a sua luz pelo mundo, talvez menos. Mas, agora, a voz estava mais próxima, e um som, como um batimento cardíaco, que era, na verdade, o movimento dos cascos de um cavalo nas ruas de tijolos, era abafado pela folhagem espessa e quente das árvores.

E havia outro som, como uma porta lentamente se abrindo ou se fechando, guinchando, guinchando suavemente de tempos em tempos. O som de uma carroça.

E, pela rua, no luar que subia, vinha o cavalo puxando a carroça, e a carroça trazia o corpo magro do sr. Jonas, tranquilo e despreocupado no assento alto. Ele usava chapéu, como se ainda estivesse sob o sol de verão, e movia as mãos de vez em quando, para ondular as rédeas como água no ar acima do dorso do cavalo. Muito lentamente, a carroça se moveu pela rua, com o sr. Jonas cantando, e, em seu sono, Douglas pareceu, por um momento, parar de respirar para ouvir.

— Ar, ar... Quem vai comprar?... Quem vai comprar ar tão frio... quanto a água fria de um rio?... Compre já, na promoção,... ar de outono no verão... Ar fresquinho, engarrafado... colhido por todo lado... Bem geladinho, de fato... Ar bom, bonito e barato!

Ao fim, a carroça estava no meio-fio. E alguém estava parado no jardim, pisando em sua sombra, carregando duas garrafas verdes como um escaravelho, que cintilavam como olhos de gato. O sr. Jonas olhou a cama ali e chamou o nome do menino uma, duas, três vezes, delicadamente. O sr. Jonas vacilou em sinal de indecisão, olhou as garrafas que carregava, tomou sua decisão e avançou furtivamente para se sentar na grama e olhar o menino esmagado pelo grande peso do verão.

— Doug — disse ele —, fique deitado aí, quietinho. Você não tem que dizer nada, nem abrir os olhos. Não precisa nem fingir que está me ouvindo. Mas, aí dentro, sei que você me ouve, eu sou o velho Jonas, seu amigo. Seu amigo — repetiu e assentiu.

Ele levantou a mão e retirou uma maçã da árvore, virou-a, deu uma mordida, mastigou e continuou.

— Algumas pessoas ficam tristes incrivelmente jovens — disse ele. — Por nenhum motivo, ao que parece, parecem quase nascer assim. Elas se machucam mais fácil, se cansam mais rápido, choram mais prontamente, se lembram por mais tempo e, como eu digo, ficam mais tristes mais jovens que qualquer outra pessoa no mundo. Sei disso porque sou uma delas.

Ele deu outra mordida na maçã e a mastigou.

— Bem, agora, onde estávamos mesmo? — perguntou ele.

— Em uma noite quente, nenhuma brisa soprando, em agosto — respondeu ele a si mesmo. — Um calor de matar. Foi um longo verão com acontecimentos demais, hein? Demais. Está se aproximando a uma hora da manhã e nenhum sinal de vento ou chuva. Daqui a um minuto, vou me levantar e ir embora. Mas, quando eu for, e lembre-se claramente disso, vou deixar estas duas garrafas aqui, debaixo de sua cama. Quando eu for embora, quero que você espere um pouco e depois abra os olhos, lentamente, sente-se, pegue e beba o conteúdo destas garrafas. Não com a boca, não. Beba com o nariz. Incline as garrafas, retire as rolhas e deixe o que tem dentro delas entrar e ir direto para sua cabeça. Leia os rótulos primeiro, é claro. Mas, olhe, eu vou lê-los para você.

Ele ergueu uma das garrafas na luz.

— “CREPÚSCULO VERDE DE PURO AR DE SONHO DO NORTE” — leu. — “Derivado da atmosfera do Ártico branco na primavera de 1900 e misturado com o vento da parte superior do vale do Hudson no mês de abril de 1910, contendo partículas de poeira vistas brilhando no pôr do sol de um dia nas campinas perto de Grinnell, Iowa, quando um ar frio se elevou e foi capturado de um lago e de um pequeno regato e de uma fonte natural.” Agora, as letras miúdas — disse ele. O sr. Jonas semicerrou os olhos. — “Contém também moléculas de vapor de mentol, lima, papaia e melancia e todas as outras frutas que cheiram a água e têm sabor frio e de árvores, como cânfora, e ervas, como gaultéria, e o sopro de um vento crescente do próprio rio Des Plaines. Garantidamente mais refrescante e frio. Para ser tomado nas noites de verão, quando o calor passar de 32 graus.”

Ele pegou a outra garrafa.

— Esta é a mesma coisa, só que recolhi um vento das ilhas Aran e um da baía de Dublin, com sal, e uma tira de uma flanela de neblina da costa da Islândia.

Ele pôs as duas garrafas na cama.

— Uma última instrução. — Ele ficou ao lado da cama e se inclinou e falou o conteúdo voz baixa. — Quando o estiver bebendo, lembre-se: foi engarrafado por um amigo. A Companhia de Engarrafamento S. J. Jonas, Green Town, Illinois... Agosto de 1928. Um ano de boa safra, rapaz... Um ano de boa safra.

Um momento depois, houve o som de rédeas batendo no dorso do cavalo ao luar e o estrondo da carroça descendo a rua e afastando-se.

Depois de um momento, os olhos de Douglas tremeram e, muito lentamente, abriram-se.

— Mãe! — sussurrou Tom. — Pai! Doug, é o Doug! Ele vai ficar bem. Eu desci para dar uma olhada e... *Venham!*

Tom correu para fora da casa. Os pais o seguiram.

Douglas estava dormindo quando eles se aproximaram. Tom sinalizou para os pais, sorrindo loucamente. Eles se curvaram sobre a cama.

Uma única exalação, uma pausa, uma exalação, uma pausa, enquanto os três ficaram curvados ali.

A boca de Douglas estava levemente aberta e de seus lábios e das aberturas finas de suas narinas subia delicadamente um aroma de noite fria e água gelada e neve branca e gélida e musgo verde frio, e luar frio nos seixos prateados no fundo de um rio tranquilo e água clara e fria no fundo de um poço de pedra branca.

Era como baixar a cabeça por um breve momento para a pulsação de uma fonte com aroma de maçã fluindo fria para o ar e banhando seus rostos.

Eles não conseguiram se mexer por um bom tempo.



A MANHÃ seguinte foi a manhã sem lagartas. O mundo que estivera cheio delas, explodindo com montinhos de pelos pretos e marrons girando para folhas verdes e grama trêmula, de repente estava vazio. O som que não era som, os bilhões de passos das lagartas parando em seu próprio universo morreram. Tom, que dizia poder ouvir aquele som, precioso como era, olhou pasmado uma cidade onde nem um único bico de pássaro se mexia. As cigarras também haviam cessado.

E, então, no silêncio, começou um grande suspiro, e eles souberam o porquê da ausência de lagartas e do silêncio abrupto da cidade.

A chuva de verão.

A chuva começou leve, um toque. A chuva aumentou e caiu pesada. Tocava as calçadas e os telhados como grandes pianos.

E, no segundo andar, Douglas, dentro de casa novamente, como uma queda de neve em sua cama, virou a cabeça e abriu os olhos para ver o céu desabando fresco, e devagar, devagar mexeu os dedos para seu bloco amarelo de 5 centavos e para o lápis Ticonderoga amarelo...



HOUVE uma grande agitação na chegada. Em algum lugar, cornetas bradavam. Em algum lugar, cômodos estavam apinhados de pensionistas e vizinhos tomando o chá da tarde. Uma tia tinha chegado, seu nome era Rose, e podia-se ouvir sua voz clara, aguda e estridente acima das outras, podia-se imaginá-la quente e imensa como uma rosa de estufa, exatamente como seu nome, enchendo cada cômodo onde ficava. Mas, agora, para Douglas, a voz e a comoção não eram absolutamente nada. Ele tinha vindo de casa e agora estava postado do lado de fora da cozinha da avó enquanto ela, tendo se desculpado pelo cacarejar da sala de visitas, escapuliu para seus próprios domínios e começou a preparar o jantar. Ela o viu parado ali, abriu a porta de tela para ele, beijou sua testa, tirou seu cabelo claro dos olhos, olhou para seu rosto para ver se a febre havia se reduzido a cinzas e, vendo que realmente havia, continuou, cantando, seu trabalho.

Vovó, ele sempre quis perguntar, é aí que o mundo começa? Porque certamente ele começou em um lugar igual a esse. A cozinha, sem dúvida, era o centro da criação, todas as coisas giravam em torno dela. Era o frontão que sustentava o templo.

De olhos fechados para deixar o nariz vagar, ele cheirou profundamente. Moveu-se nos vapores de chamas do inferno, e, de repente, a farinha de trigo

agitou-se como neve naquele clima milagroso onde a avó, com a expressão dos índios nos olhos e a pele de duas galinhas firmes e quentes em seu corpete, a avó de mil braços, sacudiu, regou, bateu, picou, fatiou, descascou, embrulhou, salgou, mexeu.

Cego, ele tateou o caminho para a porta da despensa. Um guincho de riso soou da sala, xícaras de chá tilintaram. Mas ele andou para a terra verde, subaquática e fria de caqui silvestre onde atingiu sua cabeça o cheiro pendente de banana cremosa e amadurecida em silêncio. Mosquitos assoviavam raivosos em galhetas de vinagre e em suas orelhas.

Douglas abriu os olhos. Viu o pão esperando para ser cortado em fatias quentes de nuvem de verão, rosquinhas espalhadas como aros de palhaço de um jogo comestível. As torneiras abriram e fecharam em suas bochechas. Ali, no lado sombreado da casa, com folhas de bordo fazendo um córrego que rolava no vento quente na janela, ele leu os nomes no armário de temperos.

Como agradecer ao sr. Jonas, perguntou-se, pelo que ele fizera? Como agradecer a ele, como retribuir? Não há como, de forma alguma. Simplesmente não se pode retribuir. O quê, então? O quê? Passe adiante, pensou ele, passe a outra pessoa. Mantenha a corrente em movimento. Olhe em volta, encontre alguém e passe adiante. É a única maneira...

— Pimenta-de-caiena, manjerona, canela.

Os nomes de cidades perdidas e fabulosas por meio das quais tempestades de especiarias floresciam e viravam pó.

Douglas atirou os cravos que tinham viajado de um continente escuro, onde antigamente tinham se derramado em mármore leitoso, pedrinhas de cinco-marias para crianças com mãos de alcaçuz.

E, olhando uma única etiqueta em um pote de vidro, ele se sentiu rodando o calendário para um dia em particular daquele verão, quando ele olhara o mundo girar e se vira em seu centro.

A palavra no vidro era SABOR.

SABOR! Que nome especial para o pickles picadinho esmagado docemente no pote de tampa branca. O homem que o batizou, que homem ele deve ter

sido. Rugindo, pisando, ele deve ter arrebanhado as alegrias do mundo e as espremido naquele vidro e escrito com a mão grande, gritando: SABOR! Porque aquele som significava rolar em campos doces com mares ruidosos de castanhas, bocas barbadas de grama, mergulhando sua cabeça bem fundo na água, de modo que o mar passasse cavernosamente através de sua cabeça. SABOR!

Ele estendeu a mão. E lá estava... SEGURELHA.

— O que a vovó está preparando para o jantar hoje? — disse a voz de tia Rose, vinda do mundo real, da tarde na sala de visitas.

— Ninguém sabe o que a vovó cozinha — disse o avô, em casa depois de sair do trabalho cedo para receber aquela flor imensa —, até nos sentarmos à mesa. Sempre há um mistério, sempre o suspense.

— Bem, eu sempre gosto de saber o que vou comer — lamentou tia Rose e riu. Os prismas do candelabro na sala de jantar soaram em sinal de dor.

Douglas entrou mais fundo na escuridão da despensa.

— Sabor... É uma ótima palavra. E Manjerição e Noz-de-areca. Cápsico. Caril. Todas ótimas. Mas Sabor, ora essa. Sabor com S maiúsculo. Não se discute, é a melhor.

Arrastando véus de vapor, a avó entrava e saía e entrava novamente, com pratos cobertos da cozinha para a mesa, enquanto as pessoas reunidas esperavam em silêncio. Ninguém levantou as tampas para espiar as comidas ocultas. Por fim, a avó se sentou, o avô deu as graças, e, de imediato, os talheres voaram como uma praga de gafanhotos no ar.

Quando a boca de todos estava absolutamente cheia de maravilhas, a avó se recostou na cadeira e disse:

— Bem, o que acharam disso?

E os parentes, inclusive tia Rose, e os pensionistas, naquele momento com os dentes deliciosamente cimentados, enfrentaram um dilema terrível. Falar e quebrar o encanto, ou continuar deixando que aquela comida deliciosa como um xarope de mel dos deuses se dissolvesse e dissipasse para a glória em suas

bocas? Eles olharam como se pudessem rir ou chorar para o dilema cruel. Olharam como se pudessem ficar sentados ali para sempre, indiferentes a incêndios ou terremotos, um tiro na rua, um massacre de inocentes no quintal, dominados por eflúvios e promessas de imortalidade. Todos os vilões eram inocentes naquele momento de ervas delicadas, aipos doces, raízes deliciosas. O olho vagava por um campo de neve onde havia fricassês, salpicões, quiabos, feijão cozido com milho verde recém-inventado, consomês, ragus. Os únicos sons eram um borbulhar primitivo da cozinha e o bater de relógio do garfo no prato anunciando os segundos em vez das horas.

E, então, tia Rose reuniu seu rosto rosado indomável, saúde e força com um respirar fundo e, de garfo postado no ar, olhou o mistério ali empalado, falando alto demais.

— Ah, é uma comida magnífica, sem dúvida. Mas *o que é* esta coisa que estamos comendo?

A limonada parou de tilintar nos copos congelados, os garfos pararam de faiscar no ar e vieram repousar na mesa.

Douglas olhou tia Rose do jeito que um cervo baleado olha o caçador antes de cair morto. A surpresa ferida apareceu em cada rosto na fila. A comida explicava a si mesma, não era assim? Era sua própria filosofia, ela perguntava e respondia às suas próprias perguntas. Não bastava que seu sangue e seu corpo não pedissem mais do que esse momento de ritual, de raro incenso?

— Acho que — disse tia Rose — ninguém ouviu minha pergunta.

Por fim, a avó deixou os lábios entreabertos para permitir que a resposta saísse.

— Chamo este de Especial da Quinta-Feira. Nós o comemos com frequência.

Era mentira.

Em todos os anos, nem um único prato se pareceu com outro. Viria este do mar verde e profundo? Teria este sido lançado do ar azul do verão? Seria uma comida a nadar ou a voar, teria bombeado sangue ou clorofila, caminhado ou

se curvado ao sol? Ninguém sabia. Ninguém perguntava. Ninguém se importava.

O que a maioria das pessoas fazia era ficar parada na porta da cozinha e espiar as explosões de farinha de trigo, desfrutar os tinidos e chocalhos e bangues como uma fábrica enlouquecida, enquanto a avó ficava por ali, um tanto às cegas, deixando que seus dedos encontrassem o caminho em meio a latas e tigelas.

Seria tal talento dela consciente? Difícil dizer. Se indagada sobre sua culinária, a avó olhava as mãos que um instinto glorioso enviara para ser enluvadas em farinha de trigo, ou para mergulhar em perus sem seus miúdos, com os pulsos imersos em busca de suas almas animais. Os olhos cinzentos da avó piscavam e se cegavam com borrifos de pimenta e sálvia e então ela às vezes atirava amido de milho sobre bifês, bifês incrivelmente macios e suculentos! E, às vezes, colocava damascos em bolos de carne, polinizava carnes com ervas, frutas, vegetais sem nenhum preconceito, nenhuma tolerância por receitas ou fórmulas, salvo que, no momento final de entrega, as bocas cheias de água, o sangue trovejava em resposta. As mãos da avó, então, como as mãos da bisavó antes dela, eram seu mistério, seu deleite e sua vida. Ela as olhava atordoada, mas deixava que vivessem como devia ser.

Mas, agora, pela primeira vez em anos infundáveis, ali estava uma arrogante inquisidora, quase uma cientista de laboratório, falando onde o silêncio poderia ser uma virtude.

— Sim, sim, mas o que a senhora colocou *neste* Especial da Quinta-Feira?

— Ora essa — disse a avó, evasivamente —, para você, tem *gosto* de quê?

Tia Rose cheirou o bocado no garfo.

— Carne de vaca, ou é carneiro? Gengibre, ou é canela? Pernil ao molho? Uva-do-monte? Um biscoito colocado aqui? Cebolinhas? Amêndoas?

— *Exatamente isso* — disse a avó. — Todos querem mais comida?

Sucedeu-se um grande alvoroço, um bater de pratos, um enxamear de braços, uma lufada de vozes que esperavam afogar para sempre a inquirição blasfema, Douglas falando mais alto e fazendo mais movimentos que os

demais. Mas, em seus rostos, você podia ver seu mundo, sua felicidade em perigo. Porque eles eram os membros privilegiados de um lar que fugia do trabalho ou das brincadeiras quando o primeiro sino do jantar era tocado no corredor. Sua chegada à sala de jantar tem sido, por incontáveis anos, uma espécie de cadeiras musicais frenéticas, enquanto eles sacudiam os guardanapos em uma leve palpitação e agarravam-se aos talheres como se tivessem passado fome confinados em uma solitária, esperando pela convocação para disparar escada abaixo, uma massa de cotovelos retorcendo-se, e inundar a mesa. Agora, eles clamavam nervosamente, fazendo piadas óbvias, disparando olhares para tia Rose como se ela escondesse uma bomba no peito amplo, uma bomba que tiquetaqueava constantemente para a perdição de todos.

Tia Rose, sentindo que o silêncio era uma bênção, dedicou-se aos três pratos do que quer que fosse e subiu para afrouxar o espartilho.

— Vovó — disse tia Rose, novamente baixo. — Ah, que cozinha a sua. É mesmo uma bagunça, ora essa, deve admitir. Garrafas e pratos e caixas em toda parte, e a maioria das coisas sem rótulo, e, então, como vai saber o que está usando? Eu me sentiria culpada se não me deixasse ajudá-la a arrumar as coisas enquanto estou de visita aqui. Vou arregaçar as mangas.

— Não, muito obrigada — disse a avó.

Douglas as ouviu pelas paredes da biblioteca, e seu coração martelou.

— Isso aqui parece um banho turco — disse tia Rose. — Vamos abrir umas janelas, levantar essas cortinas para vermos o que estamos fazendo.

— Meus olhos doem com a luz — disse a avó.

— Eu pego a vassoura, vou lavar os pratos e os empilhar de forma adequada. Tenho que ajudar. Não diga uma palavra.

— Vá se sentar — disse a avó.

— Ora essa, vovó, pense em como minha ajuda seria útil para a senhora cozinhar. A senhora é uma cozinheira maravilhosa, é verdade, mas, se é tão boa assim em todo este caos... O mais puro caos... Ora essa, pense em como seria

ótimo para a senhora depois que as coisas estivessem arrumadas onde a senhora pudesse pegá-las.

— Nunca pensei nisso... — disse a avó.

— Pense nisso, então. Digamos, por exemplo, que os métodos da cozinha moderna ajudariam a senhora a melhorar sua culinária simplesmente em dez ou quinze por cento. Os homens desta casa já são verdadeiros animais à mesa. A esta hora, na semana que vem, eles estarão morrendo feito moscas, de tanto comer. Com a comida tão atraente e boa, eles não conseguirão parar com a faca e o garfo.

— Você realmente pensa assim? — perguntou a avó, começando a se interessar.

— Vovó, não ceda! — sussurrou Douglas pela parede da biblioteca.

Mas, para seu pavor, ele as ouviu varrendo e tirando o pó, jogando fora sacos meio vazios, colando rótulos novos em latas, colocando pratos, panelas e potes em gavetas que ficaram vazias por anos. Até as facas, que ficavam deitadas como peixes de prata nas mesas da cozinha, foram mergulhadas em caixas.

O avô andou ouvindo atrás de Douglas por uns bons cinco minutos. Um tanto inquieto, ele coçou o queixo.

— O que penso disso é o seguinte: essa cozinha tem estado uma completa bagunça mesmo, as coisas precisam de uma organização, sem dúvida. E, se o que tia Rose afirma for verdade, Doug, meu rapaz, o jantar de amanhã à noite será uma experiência rara.

— Sim, senhor — disse Douglas. — Uma experiência rara.

— O que é isso? — perguntou a avó.

Tia Rose tirou um presente embrulhado de trás das costas.

A avó o abriu.

— Um livro de culinária! — exclamou ela. A avó o largou na mesa. — Não preciso de uma coisa dessas! Um punhado disso, um tanto daquilo, uma pitada daquilo outro é só o que sempre uso...

— Vai ajudá-la nas compras — disse tia Rose. — E, já que estamos falando nisso, andei observando seus óculos, vovó. Quer dizer que anda por aí, esses anos todos, enxergando com óculos como estes, com lentes lascadas, meio tortos? Como consegue ver por onde anda sem cair estatelada na caixa de farinha? A senhora tem que comprar óculos novos agora mesmo.

E elas andaram, a avó confusa ao lado de Rose, na tarde de verão.

Voltaram com mantimentos, óculos novos e um penteado na avó. A avó dava a impressão de ter sido perseguida pela cidade. Ofegava enquanto Rose a ajudava a entrar na casa.

— Chegamos, vovó. Agora, a senhora tem tudo colocado onde pode encontrar. Agora, a senhora pode *enxergar!*

— Vamos, Doug — disse o avô. — Vamos dar uma caminhada pelo quarteirão e estimular nosso apetite. Esta noite ficará na história. Um dos melhores jantares que já foram servidos, ou vou comer o meu bolero.

Hora do jantar.

As pessoas sorridentes pararam de sorrir. Douglas mastigou um pedacinho de comida por três minutos e, então, fingindo limpar a boca, embolou-o no guardanapo. Ele viu Tom e o pai fazerem o mesmo, as pessoas mexiam na comida, fazendo estradas e motivos, desenhando imagens de castelos com o molho e construindo-os com batatas, passando nacos de carne em segredo para o cachorro.

O avô pediu licença cedo.

— Estou satisfeito — disse ele.

Todos os pensionistas estavam pálidos e silenciosos.

A avó empurrava o próprio prato, nervosa.

— Não é uma *ótima* refeição? — perguntou tia Rose a todos. — E, além disso, veio à mesa meia hora antes!

Mas os outros estavam pensando que, depois do domingo, vinha a segunda-feira e, depois da segunda-feira, vinha a terça, e assim por diante, em uma semana inteira de cafés da manhã tristes, almoços melancólicos e jantares

de funeral. Em alguns minutos, a sala de jantar ficou vazia. No segundo andar, os pensionistas remoíam em seus quartos.

A avó entrou lentamente, pasmada, na cozinha.

— Isso — disse o avô — já foi o bastante! — Ele foi ao pé da escada e gritou na luz do sol empoeirada: — Desçam todos!

Os pensionistas murmuraram, todos eles, trancados na biblioteca escura e confortável. O avô passou, em silêncio, um chapéu-coco.

— Para a vaquinha — disse ele. Depois, ele pôs as mãos pesadamente no ombro de Douglas. — Douglas, temos uma grande missão para você, filho. Agora, escute... — E ele sussurrou seu hálito quente e amistoso na orelha do menino.

Douglas encontrou tia Rose, sozinha, cortando flores no jardim naquela tarde.

— Tia Rose — disse ele, gravemente —, por que não vamos dar um passeio agora? Vou lhe mostrar a ravina das borboletas, que fica bem *naquele* caminho.

Eles andaram juntos por toda a cidade. Douglas falava rapidamente, nervoso, sem olhar para ela, ouvindo somente o relógio do tribunal bater as horas da tarde.

Voltando sob os olmos quentes do verão para a casa, tia Rose, de repente, arfou e pôs a mão no pescoço.

Ali, ao pé da escada da varanda, estava sua bagagem, muito bem arrumada. Em cima de uma das malas, palpitando na brisa de verão, estava um bilhete cor-de-rosa de trem.

Os pensionistas, todos os dez, estavam sentados na varanda, formalmente. O avô, como um condutor de trem, um prefeito, um bom amigo, desceu a escada solenemente.

— Rose — disse-lhe ele, pegando sua mão e sacudindo-a para cima e para baixo —, tenho que lhe dizer uma coisa.

— O que é? — disse tia Rose.

— Tia Rose — disse ele. — Adeus.

Eles ouviram o trem soar nas horas do fim de tarde. A varanda estava vazia, a bagagem se fora, o quarto de tia Rose estava desocupado. O avô na biblioteca, procurando às apalpadelas, atrás de E. A. Poe, um frasquinho de remédio, sorrindo.

A avó chegou da solitária expedição de compras na cidade.

— Onde está tia Rose?

— Nós nos despedimos dela na estação — disse o avô. — Todos choramos. Ela detestou ir embora, mas lhe mandou lembranças e disse que voltaria novamente daqui a doze anos. — O avô pegou seu relógio de ouro maciço. — E, agora, sugiro que todos se dirijam à biblioteca para uma taça de xerez enquanto esperamos que a vovó prepare um de seus maravilhosos banquetes.

A avó saiu para os fundos da casa.

Todos conversaram, riram e escutaram... Os pensionistas, o avô e Douglas, e eles ouviram os sons tranquilos na cozinha. Quando a avó tocou o sino, eles partiram como um rebanho para a sala de jantar, acotovelando-se pelo caminho.

Todos se serviram com vontade.

A avó observou os rostos dos pensionistas. Em silêncio, eles fitaram os pratos, as mãos no colo, a comida esfriando, sem ser mastigada, em suas bochechas.

— Eu perdi! — disse a avó. — Perdi a mão...

E ela começou a chorar.

Ela se levantou e foi para a cozinha meticulosamente organizada e rotulada, as mãos movendo-se inutilmente diante de si.

Os pensionistas foram para a cama com fome.

Douglas ouviu o relógio do tribunal soar dez e meia, onze, depois meia-noite, ouviu os pensionistas agitando-se em suas camas, como uma maré movendo-se sob o teto enluzado da grande casa. Ele sabia que todos estavam

acordados, pensando, e tristes. Depois de um longo tempo, ele se sentou na cama. Começou a sorrir para a parede e para o espelho. Viu a si mesmo sorrindo de orelha a orelha enquanto abria a porta e descia a escada de mansinho. A sala de visitas estava escura e cheirava a velhice e solidão. Ele prendeu a respiração.

Ele entrou na cozinha tateando e ficou parado, esperando um momento.

Depois começou a agir.

Retirou a farinha de trigo de sua lata nova e bonita e a colocou no velho saco de farinha, como sempre fora. Espalhou o pó branco em todo o velho pote de biscoito. Retirou o açúcar da lata de metal marcada com a palavra açúcar e o despejou em uma série conhecida de latas menores marcadas com as palavras temperos, facas, barbante. Pôs os cravos onde ficaram por anos, cobrindo o fundo de meia dúzia de gavetas. Trouxe os pratos e as facas e garfos e colheres de volta à cabeceira das mesas.

Encontrou os novos óculos da avó no consolo da lareira da sala de visitas e os escondeu no porão. Ele acendeu o fogo no velho fogão a lenha, usando páginas do novo livro de receitas. À uma hora de uma manhã silenciosa, um imenso rugido rouco subiu pela chaminé preta, como um bramido selvagem que acordaria a casa se estivesse toda dormindo. Ele ouviu o roçar dos chinelos da avó descendo a escada para o corredor. Ela parou na cozinha, pestanejando para o caos. Douglas estava escondido atrás da porta da despensa.

À uma e meia de uma manhã de verão muito escura, os odores de comida sopraram pelos corredores ventosos da casa. Descendo a escada, um por um, vieram mulheres de rolinho na cabeça, homens de roupão de banho, na ponta dos pés, para espiar a cozinha — iluminada somente por algumas rajadas da chama vermelha do fogão que sibilava. E, ali, na cozinha escura, às duas da manhã de um verão quente, a avó flutuava como uma aparição, em meio às pancadas e ruídos, mais uma vez meio cega, os dedos tateando por instinto na pouca luz, sacudindo nuvens de temperos sobre panelas borbulhantes e caldeirões ferventes, o rosto de um vermelho de fogo, mágica e encantada à medida que segurava e mexia e vertia as comidas sublimes.

Quietos, quietos, os pensionistas dispuseram a melhor toalha de mesa e a prataria cintilante, acendendo velas, em vez de ligar as luzes elétricas, para não romperem o encantamento.

O avô, chegando em casa de um trabalho noturno na gráfica, ficou sobressaltado ao ouvir as graças sendo ditas em uma sala de jantar à luz de velas.

E a comida? As carnes estavam condimentadas, os molhos com caril, as verduras cobertas de manteiga fresca, os biscoitos com borrifos de joias de mel. Tudo gostoso, suculento e tão milagrosamente refrescante que um leve mugido irrompeu de um pasto de animais enlouquecidos no luxo e no conforto. Um por um, todos agradeciam aos gritos por suas roupas noturnas frouxas.

Às três e meia de uma manhã de domingo, com a casa aquecida de comida consumida e espíritos amistosos, o avô puxou a cadeira para trás e gesticulou suntuosamente. Na biblioteca, ele pegou um exemplar de Shakespeare. Abriu-o em uma bandeja e o apresentou à esposa.

— Vovó — disse ele —, só peço que amanhã à noite, para o jantar, cozinhe para nós este volume muito requintado. Tenho certeza de que todos concordam que, quando ele chegar à mesa, amanhã ao crepúsculo, estará delicado, suculento, dourado e macio como o peito de um faisão de outono.

A avó segurou o livro nas mãos e chorou de felicidade.

Eles se demoraram até o amanhecer com sobremesas breves, licor daquelas flores silvestres que cresciam no jardim, e, então, à medida que os primeiros passarinhos, abrindo e fechando os olhos, sinalizavam para a vida e o sol ameaçava o céu a leste, todos subiram a escada. Douglas escutou o fogão esfriando na cozinha distante. Ele ouviu a avó ir para a cama.

O sucateiro, pensou ele, sr. Jonas, onde quer que esteja, aí está minha gratidão, aí está minha retribuição. Eu passei adiante, tenho certeza disso, acredito que passei adiante...

Ele dormiu e sonhou.

No sonho, o sino estava tocando, e todos eles gritavam e corriam para o café da manhã.



E, ENTÃO, muito de repente, o verão acabou.

Douglas logo soube quando andava para o centro da cidade. Tom pegou seu braço e apontou, arfando, a janela da loja. Eles ficaram ali, incapazes de se mexer, por causa das coisas de outro mundo exibidas tão organizadas, tão elegantes, tão assustadoramente ali.

— Lápis, Doug, 10 mil lápis!

— Ah, meu Deus!

— Blocos de 5 centavos, blocos de 10 centavos, cadernos, borrachas, aquarelas, réguas, compassos, uns 100 mil deles!

— Não olhe. Talvez seja só uma miragem.

— Não — gemeu Tom, desesperado. — Escola. Escola bem à frente! Por quê, por que as lojas mostram coisas como essas na vitrine antes que o verão tenha terminado?!? Estragam metade da estação!

Eles foram para casa e encontraram o avô sozinho no gramado ressequido e com trechos carecas, arrancando os últimos e poucos dentes-de-leão. Eles trabalharam com o avô em silêncio por algum tempo, e então Douglas, curvado em sua própria sombra, disse:

— Tom, se este ano passou desse jeito, como será o ano que vem: melhor ou pior?

— Não pergunte a mim. — Tom soprou uma melodia em um caule de dente-de-leão. — Não fui eu quem fez o mundo. — Ele pensou no assunto. — Mas alguns dias eu *sinto* que fui. — Ele cuspiu com felicidade.

— Tenho um pressentimento — disse Douglas.

— O quê?

— O ano que vem vai ser ainda maior, os dias serão mais luminosos, as noites mais longas e escuras, mais gente morrendo, mais bebês nascendo, e eu no meio de tudo isso.

— Você e 2 zilhões de outras pessoas, Doug, lembre-se.

— Em um dia como o de hoje — murmurou Douglas —, sinto que serei... só eu!

— Se precisar de ajuda — disse Tom —, é só gritar.

— O que um irmão de 10 anos pode fazer?

— Um irmão de 10 anos terá 11 no verão que vem. Vou desenrolar o mundo como o elástico dentro de uma bola de golfe toda manhã e colocá-lo de volta toda noite. Eu mostro a você como se faz, se você pedir.

— Louco.

— Sempre fui. — Tom ficou vesgo e colocou a língua para fora. — Sempre serei.

Douglas riu. Eles desceram ao porão com o avô e, enquanto ele decapitava as flores, olharam todo o verão nas prateleiras e, cintilando ali, nos vapores imóveis, as garrafas de licor de dente-de-leão. Numeradas de um a noventa e tanto, as garrafas de ketchup, a maioria delas agora cheia, postavam-se ardendo no crepúsculo do porão, uma para cada dia vivo do verão.

— Rapaz — disse Tom —, que ótima maneira de guardar junho, julho e agosto. Muito prático.

O avô olhou para cima, pensou naquilo e sorriu.

— Melhor que colocar no sótão coisas que você nunca mais vai usar. Assim, você pode viver o verão de novo por um ou dois minutos aqui ou ali, ao longo do inverno, e, quando as garrafas estiverem vazias, o verão se foi para sempre. Não vão ficar por aí nenhum remorso, nenhuma porcaria sentimental

em que tropeçar daqui a quarenta anos. Limpo, sem fumaça, eficiente. Assim é o licor de dente-de-leão.

Os dois meninos apontaram as fileiras de garrafas.

— Esta garrafa é o primeiro dia do verão.

— Esta é o dia do tênis novo.

— Claro! E esta é a Máquina Verde!

— Poeira de búfalo e Ching Ling Soo!

— A Bruxa do Tarô! O Solitário!

— Não acabou de verdade — disse Tom. — Não vai acabar nunca. Vou me lembrar do que aconteceu em cada dia deste ano, para sempre.

— Acabou antes de começar — disse o avô, desatarraxando o lagar. — Não me lembro de nada que aconteceu, a não ser de um novo tipo de grama que não precisava ser aparada.

— Está brincando!

— Não, senhor. Doug, Tom, quando ficarem mais velhos, vocês vão descobrir que os dias viram um borrão... Não se pode distinguir um do outro...

— Mas que diabos — disse Tom. — Essa semana, na segunda, eu patinei em Electric Park, na terça, comi bolo de chocolate, na quarta, caí de mau jeito, na quinta, caí de uma videira que balançava, a semana foi *cheia* de coisas! E, hoje, vou me lembrar de hoje, porque as folhas lá fora estão começando a ficar todas vermelhas e amarelas. Não vai demorar muito e todas vão cair no gramado, e vamos pular em montes delas e queimá-las. Nunca vou me esquecer do dia de hoje! Sempre vou me lembrar, eu sei!

O avô olhou para cima, pela janela do porão, para as árvores de fim de verão, que se agitavam em um vento frio.

— É claro que vai, Tom — disse ele. — É claro que vai.

E eles deixaram a luz suave do licor de dente-de-leão e subiram para realizar os últimos rituais do verão, porque sentiam que o último dia, a última noite haviam chegado. À medida que o dia terminava, eles percebiam que, dali a duas ou três noites, as varandas se esvaziariam mais cedo de seus habitantes. O ar teria um cheiro diferente e mais seco, e a avó estaria falando em café

quente em vez de chá gelado. As janelas abertas com cortinas brancas e trêmulas iam se fechar nas grandes sacadas. Os frios dariam lugar a carnes fumegantes. Os mosquitos teriam ido embora da varanda, e, com certeza, quando eles abandonassem o conflito, a guerra com o Tempo realmente acabaria, não haveria nada para o Tempo, a não ser os seres humanos que também teriam abandonado o campo de batalha.

Agora, Tom e Douglas e o avô estavam parados, como ficaram parados por três meses, ou por três séculos, naquela varanda da frente que estalava como um barco dormitando à noite, em marolas crescentes, e eles cheiraram o ar. Por dentro, os ossos dos meninos pareciam giz e marfim, em vez de palitos de menta verde e doces de alcaçuz, como anteriormente naquele ano. Mas o novo frio tocou primeiro o esqueleto do avô, como a mão rude premindo as teclas graves amareladas do piano na sala de jantar.

Como aponta a bússola, também apontou o avô, para o norte.

— Parece-me — disse ele, deliberando — que não vamos mais vir para fora.

E os três retiraram ruidosamente as correntes das argolas do teto da varanda e levaram o balanço, feito um ataúde carcomido, para a garagem, seguidos por um sopro das primeiras folhas secas. Dentro de casa, ouviram a avó acendendo a lareira na biblioteca. As janelas tremeram com uma súbita lufada de vento.

Douglas, passando uma última noite na torre em forma de cúpula no alto da casa dos avós, escreveu em seu bloco:

Tudo, agora, corre para trás. Como nos filmes da matinê às vezes, quando as pessoas pulam para fora da água, em direção às pranchas de mergulho. Entra setembro, e você baixa as janelas que subiu, tira os tênis que calçou, coloca os sapatos pesados que deixou de lado em junho. As pessoas correm para dentro de casa como cucos pulando de volta para dentro dos relógios. Em um minuto, as varandas lotadas, todos tagarelando sem parar. No minuto seguinte, as portas batem, a conversa para, e as folhas caem das árvores como loucas.

Ele olhou da janela alta para a terra, onde os grilos estavam espalhados como figos secos nos leitos do riacho, para um céu onde os pássaros agora virariam para o sul através do grito de mergulhões de outono e onde as árvores subiriam em uma grande e bela chama de cor para as nuvens de aço. Lá fora, no campo, ele podia sentir, naquela noite, o cheiro das abóboras amadurecendo para a faca, e os dois olhos em forma de triângulo, e a vela acesa no interior delas. Ali, na cidade, os primeiros cachecóis de fumaça saindo de chaminés e o fraco e distante tremor de ferro eram o correr de rios negros e rígidos de carvão descendo pelas calhas, formando montes altos e escuros em grandes caixas nos porões.

Mas era tarde, e ficava cada vez mais tarde.

Douglas, na cúpula alta acima da cidade, mexeu a mão.

— Todo mundo tirando a roupa!

Ele esperou. O vento soprou, gelando a vidraça.

— Escovando os dentes.

Ele esperou novamente.

— Agora — disse ele, por fim —, apaguem as luzes!

Ele piscou. E a cidade piscou suas luzes, sonolenta, aqui, ali, à medida que o relógio do tribunal batia dez, dez e meia, onze e a meia-noite sonolenta.

— Agora os últimos... Ali... Ali...

Ele se deitou na cama, e a cidade dormiu em volta dele, a ravina estava escura e o lago se movia silencioso em sua margem, e todos, sua família, seus amigos, os idosos e os jovens, dormiam em uma rua ou outra, em uma casa ou outra, ou dormiam nos cemitérios distantes da região.

Ele fechou os olhos.

As alvoradas de junho, os meios-dias de julho, os finais de tarde de agosto terminaram, acabaram, foram-se, e se foram para sempre, com a sensação de que tudo ficara em sua cabeça. Agora, todo um outono, um inverno branco, uma primavera fresca e verdejante para calcular somas e totais do verão passado. E, se Douglas se esquecesse, o licor de dente-de-leão estava no porão, em grande número, para cada dia. Ele iria lá com frequência, olharia direto

para o sol até não poder mais, depois fecharia os olhos e pensaria nas manchas que ardiavam, nas cicatrizes fugazes que ficaram dançando em suas pálpebras quentes. Arrumando, rearrumando cada chama, cada reflexo, até que o padrão estivesse claro...

E, assim pensando, ele dormiu.

E, dormindo, pôs fim ao verão de 1928.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

## Licor de dente-de-leão, Ray Bradbury

- **Página sobre o livro no Skoob:**

<http://www.skoob.com.br/livro/2966-o-licor-de-dente-de-leao>

- **Matéria sobre a morte do autor:**

<http://revistaogrito.ne10.uol.com.br/page/blog/2012/06/06/ray-bradbury-autor-de-fahrenheit-451-morre-aos-91-anos/>

- **Resenha do livro:**

<http://www.vortexcultural.com.br/literatura/bertrand-brasil-publica-novo-livro-de-ray-bradbury-autor-de-fahrenheit-451/>

- **Artigo sobre o autor na Wikipédia:**

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ray\\_Bradbury](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ray_Bradbury)

- **Site oficial do autor:**

<http://www.raybradbury.com/>

- **Biografia do autor:**

<http://www.infoescola.com/biografias/ray-bradbury/>

- **Página sobre o autor no Good Readers:**

[http://www.goodreads.com/author/show/1630.Ray\\_Bradbury](http://www.goodreads.com/author/show/1630.Ray_Bradbury)

- **Entrevista com o autor:**

<http://www.theparisreview.org/interviews/6012/the-art-of-fiction-no-203-ray-bradbury>

Capa

Do autor

Rosto

Créditos

Dedicatória

Deste lado de Bizâncio | Uma Introdução

Licor de dente-de-leão

Colofão

Saiba mais